

ITAYTERA

—≡ ÓRGÃO DO ≡—
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI



ANO VI

Nº VI

1961

Tipografia de "A AÇÃO"
Crato

Banco de Crédito Comercial S. A.

MATRIZ:

FORTALEZA

FILIAIS:

Crateus

Crato

Iguatu

Juazeiro do Norte

Senador Pompeu

Sobral

Expediente Ininterrupto de
8 às 11 e de 13 às 16 hs.

ITAYTERA

—≡ ÓRGÃO DO ≡—
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI



ANO VI

Nº VI

1961

Tipografia de «A AÇÃO»
Crato

ITAYTERA

Órgão do Instituto
Cultural do Cariri

DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

(Entre Outubro de 1960 a Outubro de 1961)

Presidente	— <i>José Alves de Figueiredo Filho</i>
Vice-Presidente	— <i>Pe. Antônio Gomes de Araújo</i>
Secretário Geral	— <i>João Lindemberg de Aquino</i>
Primeiro Secretário	— <i>José de Paula Bantim</i>
Tesoureiro	— <i>Antônio Correia Coelho</i>

Comissão Organizadora de «ITAYTERA»:

J. de Figueiredo Filho
Pe. Antônio Gomes de Araújo
João Lindemberg de Aquino

Comissão de Sindicância:

Kleber Cabral
José de Figueiredo Brito
Celso Gomes de Matos

Comissão de Ciências, Letras e Artes:

Prof. José Newton Alves de Sousa
Aduogado Duarte Júnior
Dr. Givaldo Peixoto de Carvalho





CAPA - Açude Condado, de PIS MONO, autoria de Zuleica P. de Figueiredo
Foto de desenho ao natural.





Foram Múltiplas as Atividades do Instituto Cultural do Cariri, nos Últimos Mêses

Dos períodos mais fecundos de atividades do I.C.C. foi justamente o compreendido entre o quinto número de «ITAYTERA», em 1959 e o sexto, cuja saída transpôs os umbrais de 1961, por fatores alheios à vontade de seus dirigentes.

O Museu enriqueceu-se com dádivas diversas e marcha para instalar-se em salão condigno da Faculdade de Filosofia de Crato, conforme convênio por esta firmada com a entidade cultural que orienta esta revista. Incentivámos conferências de intelectuais ilustres e patrocinámos o lançamento de várias publicações, tornando Crato dos centros mais ativos, no ponto de vista cultural, do interior nordestino. Cooperámos, na medida do possível, com a Faculdade de Filosofia de Crato, cuja direção confiada aos professores — José Newton Alves de Sousa e Antonio Rubens, respectivamente diretor e vice-diretor, vem fazendo obra de pesquisas regionais e de alevantamento do nível cultural da zona, digna dos maiores aplausos.

A sede do Instituto constitui-se em ponto de visitas obrigatórias de literatos, artistas e cientistas de fora, procedentes até do estrangeiro, destacando-se entre estes o escritor, musicista e desenhista — Jean Pierre Chablotz, filho da Suíça e agora das pessoas mais ligadas à intelectualidade de Crato e do Ceará.

A obra máxima do instituto, a que exigiu maior emprego de trabalho e iniciativa, foi a promoção do

PRIMEIRO CONGRESSO DE JORNALISTAS DO INTERIOR CEARENSE, ocorrido entre os dias 13 a 15 de Janeiro. Congregámos, nesta cidade, cerca de 70 periodistas, procedentes de todos os recantos do Ceará, promovendo debates sérios, que não fariam desdouro até em conclaves de carater nacional. Foi vitória total e a prova de capacidade realizadora do Instituto Cultural do Cariri que, de dia a dia, mais adquire notoriedade nos meios cultos do país.

Realizámos programa cheio, predominando as sessões de estudos sem o desprezo da parte social, que foi igualmente ativa. Peço vênica para publicar, logo em seguida, o discurso que pronunciei, na sessão de abertura a 13 de Janeiro do corrente ano, na Rádio Educadora do Cariri, na qualidade de presidente daquêlê Congresso:

É intenso prazer de espírito, quando colhemos os frutos de mil canseiras e preocupações. Confesso um pecado, bem de público: não recebemos, no Instituto Cultural do Cariri, a notícia de que fomos honrados com o patrocínio do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, com a alma cheia de júbilo e de justo orgulho. Temíamos a responsabilidade que os periodistas interioranos nos ofereciam tão confiadamente. Achávamos, no entanto, que a escolha de Crato não fôra descabida, pelo lugar de pioneirismo que, incontestavelmente, temos na imprensa indígena. Foi, nesta cidade, três anos depois de ter deixado a categoria de vila, que, em 1856, João Brigido dos Santos, Patrono deste conclave, fundou o primeiro jornal da interlandia cearense, o qual haveria de projetar-lhe o nome como dos maiores vultos do jornalismo do setentrião brasileiro e o de Crato como localidade pioneira da imprensa. Dali para cá, nunca ensarilharam armas os jornalistas locais, escrevendo em semarários ou projetando-se nos diários fortalezeses e derramando-se pelo Brasil inteiro.

Uma figura, porém, dentro de todos, quero des-

tacar na abertura do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense.

Esta um tanto apagada, pelo seus últimos anos de vida, fora das lides jornalistas, mas tende a emergir da quase penumbra e ocupar o lugar na história, como dos grandes luminares da imprensa coestadana e até nacional. Trata-se do cratense Manuel Rodrigues Monteiro, falecido há dois anos, em Fortaleza. Fato singular deu-se com êle. Surgiu na arena, em plena Cidade-Luz-Paris e no conhecido jornal «Paris-Soir». Passou depois a militar nos opulentos diários do Rio, até que voltou ao Ceará, trabalhando em sua imprensa, notadamente no «Correio do Ceará», quando pertencia ao velho batlhador—A. C. Mendes.

Nenhum jornalista, nascido em plagas alencarinas, escreveu com mais espírito e clareza de estilo do que Manoel Monteiro e nem tão pouco foi servido por mais sólida cultura, tôda bebida na literatura francesa, italiana, inglesa e luso-brasileira. Prova de que o Cariri é rico em inteligencias, em todos os setores de atividade humanas.

O Congresso de Jornalistas do Interior Cearense é acima de tudo, festa de congraçamento de todo o Ceará. Em nosso meio, é preciso que se frize bem, não há idéia de separatismo. Há apenas regionalismo construtor que trabalha intransigentemente pelo engrandecimento da terra cearense e do todo nacional. O Cariri, com suas lutas épicas da independência e seus mananciais a jorrarem do Araripe, é tão visceralmente do Ceará, quanto Fortaleza, com a epopeia da libertação dos escravos e seu impressionante progresso. Sente-se irmanado com Sobral que soube realizar o milagre de implantar civilização requintada em plena caatinga, requemada pelo sol do Nordeste.

E com o Jaguaribe onde florecem cidades que avançam. E Iguatu que se industrializou de dia a dia. E o Inhamuns que ainda conserva as virtudes do cea-

rense criador ou essa Serra Grande, viveiro perene de inteligências?

Tudo isso forma um Ceará indivisível, que se orgulha de ser o mais brasileiro dos estados.

Nessa atmosfera acolhedora fica aberto ao estudo de multiplos e palpitantes problemas, o Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, que por uma predestinação, vinda do alto, tem por sede a antiga e sempre atualizada Cidade do Crato.



ALBUNS DOCUMENTARIOS — O Instituto Cultural do Cariri, pelo seu secretário geral — João Lindemberg de Aquino, está organizando coleção de albuns documentários, com recortes de jornais, fotografias, cartas, autógrafos, tudo relacionado com a evolução do Cariri, nestes últimos tempos. Dez desses albuns já foram organizados e constaram da Exposição de Pinturas e Jornais, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, durante o Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense.



CENTENARIO DE MARTINS JUNIOR — O Brasil e principalmente Pernambuco, seu torrão natal, celebrou con dignamente, em Novembro o centenário de Martins Júnior. Foi grande poeta, orador, escritor, abolicionista e propagandista da República. Nasceu a 24 de Novembro de 1860. Poeta dos mais apreciados, colocou o seu estro a serviço dos ideais que professava, com entusiasmo. Até com as sêcas do Nordeste se preocupou, como prova este pequeno trecho de sua imensa obra literária:

«Horror! A Natureza, às vêzes, é madrastra.
Quando a raiva lhe vem, agarra uma vergasta,
Um elemento seu e vai matar o pária
Em vertigem febril, em furia incendiária...»



O General Tristão enaltece livro cratense

Agradece ao prezado parente e amigo Antonio A. Araújo a gentil oferta de «Cidade do Crato», repositário valioso de dados históricos e indice do carinho com que os cratenses cuidam e presam sua terra.

General Tristão de Alencar Araújo
6—7—55.

MITOS E REALIDADES

Padre Antônio Gomes de Araújo

*Do Instituto Cultural do Cariri, sócio correspondente
do Instituto do Ceará e da Academia
Cearense de Letras.*

(Ao Martins Filho)

O MITO DE FREI FIDELIS...

A crônica desta cidade, a crônica séria, religiosa ou civil, aquela que se apoia no documentário autêntico e veraz, nunca registrou, desde os primórdios, um *Frei Fidelis* em carne e osso, seja sacerdote secular ou religioso, irmão leigo de ordem religiosa, ou mesmo um simples leigo com aquêlê apelido. Em carne e osso, existiu um *Frei Fidelis* fantástico, lenda, que se vincula ao fato seguinte:

Nascido no ano de 1577 em Sigmaringa; laureado em filosofia e Direito Canônico em Brisgau; advogado, depois, em Colmar, Fidelis fêz-se religioso capuchinho com o nome de Fidelis de Sigmaringa. Nomeado superior do convento de sua ordem em Fildkirch, a propaganda da Fé o encarregou da conversão dos calvinistas, em cujas mãos veio a morrer assassinado em 1622.

Venerável, depois Frei Fidelis de Sigmatinga integrou-se no número dos santos, em 1749.

Os capuchinhos difundiram a devoção de seu mártir, sobretudo a intensificaram na fase anterior à canonização.

Em janeiro de 1745, Frei Carlos Maria de Ferrara dedicou à S. S. Trindade, à N. S. da Penha e a Frei Fidelis da Sigmaringa, a Igreja da Missão do Miranda (1), embrião desta cidade.

Desta maneira, *Frei Fidelis* passou a co-patrono da Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Brejo do Miranda, denominação, esta última, que compreendia todo recôncavo com que a Serra do Araripe parece abraçar esta cidade, território doado em 1743 aos índios da citada Missão pelo capitão Domingos Álvares de Matos, (2).

1) Antônio Bezerra «Algumas Origens do Ceará»

2) Idem

A Igreja e a Missão se converteram na Matriz e na cidade do Crato, respectivamente.

Frei Carlos Maria de Ferrara e seus companheiros da Missão difundiram, com a devoção de N. S. da Penha, a de Frei Fidelis, desaparecida lentamente com a ausência de seus promotores. Criou-se, entretanto, à base do fato em questão, o mito de que *Frei Fidelis* estivera em carne e osso sob estes céus. Talvez nesta lenda se tenha inspirado a inteligência cultivada de ilustre consócio do Instituto do Ceará, quando escreveu: «Frei Fidelis em 1704 construiu uma capela de N. S. da Penha, núcleo originário da atual Matriz de Crato (3).

Importa considerar que as primeiras sesmarias concedidas neste Vale, datam de 1703, uma delas a de Manuel Rodrigues Ariososa, a se estender ao território hoje compreendido nos municípios de Crato e Juazeiro do Norte. Então, a indiada não estava domada.

Temos à vista, o arquivo paroquial do Icó, freguesia a cuja jurisdição pertenceu esta zona até 1748. O arquivo começa de 1729. Até 1740, referindo-se, sempre, à igreja de Santo Antônio de Missão Nova, guarda, entretanto, silêncio absoluto sobre qualquer núcleo religioso existente em terras atualmente pertencentes aos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Só a partir de agosto de 1741, o arquivo começa a mencionar a Igreja da Missão do Miranda e seu respectivo Cura-Missionário—Frei Carlos Maria de Ferrara (4).

Pelo arquivo em tela, e mais os da capela de Missão Nova (1743—47) e da freguesia de Missão Velha, criada em 1748, vê-se que o dito Frei Carlos esteve à frente da Missão e sua Igreja, de 1741 a 1749.

Eis as fontes que merecem fé no caso, confirmadas pelas consultadas por Antônio Bezerra, nas quais hauriu as referências que fez à Missão do Miranda, à sua Igreja e a Frei Carlos, o citado, sem nenhuma dúvida o fundador desta cidade (5).

Aquém de 1741, é, pois, o vácuo histórico, substituído pela lenda de um Frei Fidelis, fundador de templo neste socavão de antanho, povoado de tacapes, flechas e *muquéns* bravios. Tal mito assemelha-se àquêle de capuchinhos da província francesa de Borgonha, a catequizarem índios enxus em 1705, ao sopê da

3) Revista do Instituto do Ceará pg. 57, edição de 1957.

4) Livro de reg. de Batizados e Casamentos da Freguesia do Icó 1729—1783, in Cúria Diocesana do Crato.

5) Antônio Bezerra «Algumas Origens do Ceará».

serra do Araripe, em terras atualmente do município do Exu, quando se sabe que êstes religiosos, há quatro anos antes, já tinham embarcado para a Europa por ordem do govêrno português, então em complicações com a França, êles, que não mais voltaram ao Brasil (6).

Esta lenda se encontra em «Capuchinhos em Terras de Santa Cruz», P. Frei Fidelis, Livraria Martins, S. Paulo, 1948, p. 151, 152 e 169. Idêntica às duas lendas citadas é outra segunda a qual os jesuítas teriam missionado índios em Missão Velha, mito tão repetido por cronistas cearenses, como verdade histórica, mas não menos desmentido indiretamente por Serafim Leite S. J. (7)

Frei Fidelis, fundador de igreja no Cariri, capuchinhos franceses na «Missão de Gameleira», do Exu, em 1705, jesuítas, missionários nesta região no século XVIII—mitos!

MITO DA PENHA NA PEDRA

Nos primórdios ameríndios da Missão do Miranda, ou sejam da cidade do Crato, outras lendas ou mitos enriqueceram a paisagem folclórica, da terra.

Em seu animismo e fetichismo, os índios cariris, como outros da América, supunham as coisas mortas e vivas animadas de energias imanes e preternaturais e imaginavam o mundo povoado de espíritos e gênios, capazes aquêles de sediarem e animarem expressões da natureza morta ou viva. Curioso é que, no Egito, hoje ainda acredita-se que, esculpurada ou pintada a imagem, o espírito vem habitá-la. E, do mesmo modo, entre os negros da África, feitas previamente fórmulas orais e passes pelo feiticeiro sôbre estatuetas chamadas mandingas. Quando as vendem, desconsagram-se.

Os índios catecúmenos misturavam sua crendice ao culto católico das imagens e julgavam-nas habitáveis pelas almas dos respectivos santos, senão moradas dêstes e suscetíveis de automovimento e autodeslocação. Daí a versão mítica de a imagem de N. S. da Penha da Missão do Miranda, mudar-se do altar de sua igreja e postar-se sôbre uma pedra vizinha da sede da Missão.

A mentalidade simplória dos sucessores dos carius locais alimentou a lenda, tempo em fora. Pois, seus congêneres mentais marginais do Gave, em Pau, não tinham fantasiado um jacaré

6) Pereira da Costa. Anais Pernambucano, V. III p 179 e 417, 1957 publicação do Arquivo Estadual, Recife—Pernambuco.

7) História da Companhia de Jesus, V. III, Rio 1943.

sanhudo, frente a um Simão dorminhoco a despertar aos gritos de socorro endereçado à Virgem Maria, que acudira pressurosa, compondo a situação? N. S. da Penha, de Pau...E a penha da Missão do Miranda...

MITO DA SUBMERSÃO

Os europeus acreditavam na fantástica beldade marinha misto de peixe e mulher—a sereia de que Iemanjá dos africanos é a réplica. Nossos índios tinham a sua lara, jovem dos cabelos verdes, senhora dos rios e das fontes, e que, às vezes, se dava ao luxo de atrair os remeiros às corredeiras. O mito achou guarida no espírito do povo rude.

Na Missão do Miranda, os índios localizavam a morada da lara—Mãe d'Água, para o vulto—num lago subterrâneo correspondente ao altar de N. S. da Penha. Acompanhavam a lenda com outros: um dia a lara subverteria a povoação submergindo-a no lago. Os brancos simplórios herdaram a lenda-mito.

MITO DA INUNDAÇÃO

Descontente com a invasão dos brancos, a lara resolvera destruir a povoação do Miranda, retirando a pedra que controlaria o escape das águas da nascente Batateira. Deveu-se o adiamento do cataclisma, primeiro, à intervenção de S. Fidelis, depois, à alma de Frei Carlos, o dito, o qual, às vezes, é vizível aos olhos dos mortais, rondando a fonte.

Coincidência: no inverno dêste ano, a erosão descobriu uma grande pedra na citada fonte, certamente coberta outrora pelo mesmo processo erosivo.

Enfim, tudo, muitos, que se não resistem ao mínimo teste da ciências histórica, valem para a literatura folclórica local, sobretudo pelo sabor das origens.

MITO DA DESCENDÊNCIA

De 1703 a 1800, século XVIII, o número setenta talvez arredonde os nomes daqueles que requereram e obtiveram em datas e sesmarias, terras no Vale do Cariri. Joaquim Alves, o saudosos consócio do Instituto do Ceará, arrolou-os (8).

Tais titulares não se fixaram e radicaram em seus sesmos. Neles não constituíram família nem pessoalmente valorizaram a terra.

Aqiram à distância, de seus domínios longínquos. Alguns por meio de prepostos temporários. Todos venderam suas terras

sesmeiras a retalho, a prepostos, a rendeiros, a colonos espontâneos que iam chegando ao Vale.

Estas categorias de compradores é que foram os povoadores efetivos do Vale.

Esta foi a lei, aliás peculiar ao interior do Nordeste na sentença lapidar de Barbosa Lima Sobrinho, que magistralmente estudou o assunto no caso particular do Piauí, onde, no fim do século XVII, de 129 fazendas, apenas duas eram exploradas por escravos dos titulares das sesmarias, os quais viviam nas suas mansões convizinhas da cidade do Salvador na Bahia. Os rendeiros ocupavam as demais fazendas, êles, os povoadores efetivos do sertão piauiense. Os casos da Casa da Torre, da Bahia, e dos Guedes de Brito, também da Bahia, são ilustrativos (9).

Não foi diferente no Vale do Cariri. Os que, de 1714 a 1725, requereram e obtiveram terras, residiam nos vales do Jaguaribe, do São Francisco e nas Alagoas (10). Os membros da família Lobato, dez ao todo, que obtiveram por sesmaria e compra, setenta léguas de terra em quadro, residiam em Penedo, na vila das Alagoas e no rio São Francisco. Vinham ao Cariri por temporadas no interesse de suas sesmarias nas quais tinham demorado apenas onze anos (11). Dos dez, permaneceram no Vale, Maria Ferreira da Silva, casada com o capitão Domingos Álvares de Matos, e não tiveram família; Ana Lobato, que morreu inupta, e o coronel João Mendes Lobato, como procurador dos irmãos distantes para venda de suas terras na região. Nesta condição, ainda em outubro de 1734, firmava escritura de compra e venda a favor de Bartolomeu Pereira Dantas, dos sítios Buritizinho e Buriti Grande (atualmente integrados no território do município de Mauriti), que os Lobatos haviam comprado ao célebre coronel João de Barros Braga, um dos magnatas de sesmarias nos primórdios desta zona, e que as vendeu em rateio.

Na verdade, os açambarcadores de sesmarias no Vale, ao longo do século XVIII, não as povoaram e sim os que as compraram a pedaços. A arquivia eclesiástica referente à zona—1729—1783—não menciona os seus nomes. Nem a arquivia civil. Excetua-se os citados irmãos Lobatos, João Lourenço, José de Moura; os irmãos Antônio e João de Sousa Gulart; e Bento Correia de Lima. Os ditos arquivos estão cheios dos nomes daqueles a quem coube as sesmarias retalhadas pelo processo citado.

Onde se encontram, nos séculos XVIII, XIX e neste,

9) Devassamento do Piauí, *Brasiliana*, 5ª série V. 255.

10) Antonio Bezerra, *Algumas Origens do Ceará*.

11) Antonio Bezerra, *Algumas Origens do Ceará*

as famílias descendentes daqueles sesmeiros? A Crônica do Vale não as refere. Mas não ignora as descendências dos povoadores efetivos, a partir de 1730: os Landins; os Pinheiros; os Gomes de Melo; os Ferreira Lima; os Batistas; os Sobreira; os Macedo; os Vitoriano Maciel; os Correia de Oliveira os Bezerra de Menezes; os Sampaio; os Filgueiras; os Cardoso; os Pinto Madeira; os Coelho; os Cruz Neves; os Ribeiro da Silva (Esmeraldo); os Sá Barreto; os Martins de Moraes; os Oliveira Rocha; os Furtado Leite; os Araújo Lima; os Moreiras; os Arnaud; os Adornos, os Tavares Muniz; os Leite Rabelo; Jesus; os Pereira Pinto Calô; os Godinhos; os Álvares de Matos; os Gonçalves Parente; os Figueiredo; os Duarte; os Sousa Prêsa; os Mascarenhas; os Pitas; os Castão; os Dantas; os Pereira Lima; os Maia; os Quental. São um exemplo, respigado ao acaso. Todos, proprietários rurais nos seus troncos formadores, que se disseminavam, a espaços, de Crato a Ribeira do Rio dos Percos, inclusive, e eram pernambucanos, sergipanos, baianos e até alagoanos—nos idos do século XVIII.

Quanto à descendentes dos sesmeiros do século XVIII, existe apenas o vácuo, exceção feita de parte dos Alencares descendentes de Leonel de Alencar Rego, o português, cuja esposa era filha do mencionado sesmeiro Antônio de Sousa Gulart, em 1718 sediado, no Salamanca (Barbalha).

Em 1955, dei-me à tarefa exaustiva de identificar os baianos sediados no Vale entre 1733 e 1800. Topiei 467 (12). Sesmeiros: dois, os citados Antônio e João de Sousa Gulart. Do mesmo modo, precedi quanto aos colonos sergipanos. Topiei 160. Sesmeiros: um, o dito coronel João Mendes Lobato (13).

Não encontramos, no mesmo documentário pesquisado, descendentes dos sesmeiros pernambucanos do século XVIII, e eles foram muitos no Vale. Há a exceção para o ajudante João Gonçalves Sobreira, sediado na aludida Ribeira, bem como Bento Correia de Lima.

ÍNDICE TÍPICO

Tome-se o Livro das atas dos Trabalhos da Construção da Matriz de São José dos Cariris Novos (Missão Velha), e aí encontramos os nomes dos maiorais do Vale. São três atas: 2.5.1762; 2.5.1763; 1.1.1791. Nelas, estão os nomes de sessenta principais. Nem um, descendente dos pefalados sesmeiros. Cite-

12) Itaytera «Revista do Instituto Cultural do Cariri ano 1, nº 1, Crato, 1955—Título do trabalho; Concurso da Bahia na Formação da Gens Cariense.

13) Idem, 1957—Título do trabalho: «Raizes Sergipanas...»

mos alguns dos aludidos principais ou patriarcas do Cariri de antanho, os quais firmaram suas assinaturas nos ditos documentos: capitão Francisco de Magalhães Barreto e Sá, (sediado no Cariri em 1744), (14) capitão José Paes Landim (sediado no Vale em 1731) (15); capitão José de Sá Souto Maior (situado no Vale em 1744) (16) capitão Francisco Ferreira da Silva (sediado no Vale em 1736) (17); capitão Inácio de Figueiredo Adorno (sediado no Vale em 1735) (18; ajudante José dos Montes e Silva (situado no Vale em 1739) (19); capitão Antônio Pinheiro Lobo (situado no Vale em 1743) (20); alferes Gonçalo Coelho de Sampaio (sediado no Vale em 1748) (21); alferes Simão Cabral de Melo (fixado no Vale em 1743) (22); capitão João Correia Arnaud; capitão Luis da Rocha Pita; capitão Francisco Gomes de Melo; coronel Antônio Lopes de Andrade; capitão Antônio Gonçalves Dantas; capitão Francisco Pinto da Cruz; sargento-Mor Arnaud de Holanda Correia; capitão João Gomes Leitão; capitão Antônio Pereira de Brito; capitão Antônio Manuel de Jesus; tenente Antônio da Cruz Neves; capitão Francisco Xavier das Chagas; alferes Caitano Gonçalves de Sousa; capitão Silvestre Ribeiro da Silva; capitão Domingos Paes Landim; sargento-Mor Francisco Roberto de Menezes; capitão Bartolomeu Martins de Moraes; tenentes João de Oliveira Rocha e Gregório Pereira Pinto; capitão José Pereira Mascarenhas; doutor Manuel de São João Madeira; alferes João Fernandes de Moraes; capitão Alexandre Correia Arnaud; capitão-Mor Domingos Álvares de Matos; tenente José Quesado Filgueiras Lima; José de Caldas Costa; Manuel Gonçalves Parente; capitão Manuel Cardoso Viana; João Machado Jorge; tenente Manuel Prudente do Espírito Santo; capitão João Tavares Muniz.

Extra-atas, podem-se citar: tenente-coronel Luis Furtado Leite e Almeida; tenente Gonçalo de Oliveira Rocha; capitão José Dávila de Figueiredo; capitão Domingos Gonçalves Sobreira; tenente-coronel Antônio José Batista e Melo; capitão Antônio Moreira dos Santos; Antônio Pereira Gonçalves Martins Parente; Antônio Macedo Pimentel.

14) Caderno de reg. de Cas. e Bat. Capela de M. Nova, 1742-47.

15) Liv. de reg. de Bat. Cas., Icó, 1729-83.

16) Liv. de reg. de Cas. e Bat. Capela de M. Nova, 1742-47.

17) Idem.

18) Antônio Bezerra, «Algumas Origens do Ceará».

19) Liv. de reg. de Cas. e Bat., Icó 1729-83.

20) Liv. de reg. de Cas. e Bat. capela de M. Nova, 1742-47.

21) Liv. de reg. Bat. M. Velha, 1748-64.

22) Caderno de reg. de Cas. e Bat. M. Nova, 1742-47.

Em verdade não descendemos dos sesmeiros octocentistas, e sim, dos que lhes adquiriram as terras sesmeiras — os povoadores efetivos do Cariri.

PRESENÇA do FUNDADOR - VILA BRASILINDIA

O documentário histórico, de fonte escrita ou não, ignora, como se disse, qualquer homem público ou seus atos públicos, anteriores a julho de 1741, *vinculados à cidade do Crato*. Nêste particular, surge, o primeiro na ordem cronológica, Frei Carlos Maria Ferrera à frente de sua Missão Miranda de índios carius, a que se vieram juntar quixereus, curianeses, jucás, icós e calabaças (Informação Geral da capitania de Pernambuco. 1749.—Rio, 1908, Arquivo Nacional).

(Nascida de missão indígena, um século depois, Crato, então vila, continuava etnicamente indígena. George Gardner, que aqui permaneceu seis meses em 1838, o diz em seu «Viagens No Brasil», série 5ª, Brasiliana, vol. 223, p. 152: «A população da Vila orça por dois mil habitantes, quase todos índios, puros ou mestiçados»).

Pela transcrição de documentos de autenticidade e veracidade inconcussas, quase todos copiados do original, deixarei provado, sem sombra de dúvida, que a presença do citado capuchinho à frente da referida Missão se prolongou desde sua fundação até 1749, ou seja, de 1741 a 1749.

- 1741 -

«Aos trinta dias do mês de julho de mil setecentos e quarenta e um, de licença do reverendo Cura, Diogo Freire de Magalhães, batizou, o padre Mestre Frei Carlos Maria de Ferrera, na Igreja da Missão do Miranda, a Apolinário, filho de Matias Lopes, foram padrinhos: Manuel Moreira e sua irmã Lúcia de Sousa, filhos de Antonio Moreira, todos moradores nesta freguesia, e lhe pôs os Santos Oleos — João Saraiva de Araujo, Cura do Icó (Livro do Registro de batizado e Casamento, 1741 — 1783, fls 2, Freguesia do Icó).

- 1742 -

«Aos vinte de novembro de mil setecentos e quarenta e dois, na Missão do Miranda dos Cariris, termo desta freguesia, e de licença minha, batisou, o padre Frei Carlos Maria de Ferrera, a Marcos, filho de Francisco do Rêgo e Melo e de sua mulher Inês Bezerra. Foram padrinhos: o coronel Antonio Lopes de Andrade e sua mulher Isabel Ferreira, todos moradores nesta freguesia — O Cura João Saraiva de Araújo (Livro cit. fls. cit.)

— 1743 —

3.12.1743 — Na qualidade de superior da Missão de Miranda, Missionario e tutor dos catecumenos dela, os indios Carius, Frei Carlos Maria de Ferrara, tomou posse das terras, que o capitão-Mor Domingo Tavares de Matos e sua mulher, d. Maria Ferreira da Silva, doaram à padroeira da mesma Missão..." (Antonio Bezerra "Algumas Origens do Ceará" p. 179 e 180)

— 1745 —

"Em janeiro de 1745, Frei Carlos Maria de Ferrara e seus companheiros auxiliares dedicam a Igreja da Missão do Miranda à S. S. Trindade, à Nossa Senhora da Penha e Frei Fidelis de Sigmaringa, capuchinho e protomartir da Propagação da Fé (op. cit. p. 117)

— 1746 —

"Aos dezeseis de outubro de mil setecentos e quarenta e seis, na Missão do Miranda, de licença minha, batisou, o padre Frei Carlos Maria de Ferrara, a Francisco, filho de Francisco do Rêgo e de sua mulher, Inês Maria Bezerra. Foram padrinhos Anacleto Lins e Antonia da Rocha, mulher de Diogenes Botão, todos desta freguesia — João Saraiva de Araujo, cura de Icó," (Livro do Icó, cit. fls. 44).

— 1747 —

"Aos treze de fevereiro de mil setecentos e quarenta e sete, na Missão do Miranda, de licença minha, batizou, o padre Frei Carlos Maria de Ferrara, a José, filho de Custodio Gonçalves e Luiza Ribeiro. Foram padrinhos José Martins e Maria dos Santos, de que fiz este assento — João Saraiva de Araujo, Cura de Icó" (Liv. cit. fls. 46).

— 1748 —

"No primeiro de abril de mil setecentos e quarenta e oito anos, na Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda, batizou, o padre Frei Carlos Maria de Ferrara, a Antonio, branco, filho de João Gonçalves Diniz e de sua mulher Desidéria de Andrade. Foram padrinhos Francisco Ferreira Luna, solteiro, e Angelica de Oliveira, de que fiz este assento. — José Bezerra da Costa. Cura dos Cariris Novos" (Liv. de reg. de batizado, 1748 — 64, fls. 2, paróquia de Missão Velha)

- 1749 -

“Aos vinte e cinco dias do mês de dezembro de mil setecentos e quarenta e nove, na Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda, desta freguesia de Nossa Senhora da Luz dos Cariris Novos, batizou, o padre Frei Carlos Maria de Ferrara, a Luiz, filho de Gertrudes, escrava do capitão Francisco de Andrade, de que fiz este assento que por verdade assinarei — José Ferreira da Costa, Cura dos Cariris Novos) (Liv. cit. fls. 9).

NOTA—Na Praça da Sé, desta cidade, no local em que funcionou a Missão do Miranda (antes instalada a três quilômetros a sudeste da cidade, segundo Antônio Bezerra, op. cit.), há uma placa com a seguinte legenda: JARDIM FREI CARLOS FERRARA; Equívoco. Na ordem dos Capuchinhos não houve e não há um só frade com aquêlê apelativo de família. *De Ferrara* — é que estaria certo.

CRATO, fevereiro, 1960.

NOTA LITERÁRIA

ABDIAS LIMA

—José Alves de Figueiredo publica um livro valioso para a história do Crato e conseqüentemente do Ceará: «Ana Mulata», crônicas e contos. Relembra acontecimentos do Cariri, rememora coisas de seu passado, de sua vida de jornalista, de poeta. O livro revela um cronista de fôlego, um contista de recursos ilimitados. Eis um trecho de prosa poética (não esqueçamos que o autor é também poeta, com bons sonetos): «Fecho os olhos e vejo (o Crato) no rosto dos entes queridos que são pedaços de minha alma; no ouro de suas manhãs cheias de sol criador e fecundo, que enche de luz o céu formoso, e as suas amplidões abertas; na asa aveludada das sombras que envolvem suas atuais noites, sem a carícia morna da luz elétrica; nas árvores frutíferas dos quintalejos, agigantando-se aos beijos do vento e saturando de perfumes todo o ambiente; nos topos videntes das colinas que o cercam, entrançados de ninhos onde as rolinhas vivem com os biquinhos em noivado; no cristal das águas do Grangeiro que, de tanto limpar, se tingem de negro e que de tanto dessedentar chegam às plantas da cidade, adelgacando-se, tremendo, reduzindo-se e morrendo nas areias sequiosas, como num holocausto».

(Extr.)

Nossa Senhora da Penha de França

PADROEIRA DO CRATO

Introdução

I — NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

ORIGENS DA INVOCACÃO

Penha de França, em terras de Espanha

Outra versão: nos confins de França

DIFUSÃO DA DEVOÇÃO

Prodígios multiplicados

Milagre de Guimarães

Milagre de Lisboa

Rio de milagres

Nossa Senhora da Penha em Lisboa

DEVOÇÃO NA TERRA DE SANTA CRUZ

A fé dos conquistadores

Vila Velha, no Espírito Santo

Irajá, no Rio de Janeiro

Recife, em Pernambuco

Sobre o mapa do Brasil

II — A PADROEIRA DO CRATO

Nos domínios da lenda

A luz da verdade histórica

As três imagens—Uma relíquia histórica

A comunidade religiosa: Paróquia e Diocese

O Templo—a Casa de Maria

A devoção do povo do Crato

A Festa da Padroeira

Fenômenos prodigiosos

Conclusão

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

PADROEIRA DO CRATO

Padre Rubens Lóssio

CURA DA CATEDRAL

E

SÓCIO EFETIVO DO INSTITUTO

CULTURAL DO CARIRI.

INTRODUÇÃO

Não raro, o patrimônio histórico transmitido, de geração em geração, tem como fonte primeira a tradição oral, somente depois documentada por escrito. Até episódios importantes na vida dos povos, por vêzes, não conheceram historiadores contemporâneos e a sua crônica nos chega recomposta posteriormente por quem se louvou em documentos remanescentes ou no testemunho da tradição popular.

Não é, pois, de estranhar a quase inexistência de literatura sobre a devoção a Nossa Senhora da Penha de França. Disto já nos dá notícia, em Sermão pregado em Lisboa, no ano de 1652, o celebrado Orador que foi Padre Antonio Vieira, cujas palavras não se resumem, repetem-se: «como a matéria para todos é tão grande e para mim, sobre tão grande, era tão nova; para ter mais que por fama as notícias e documentos do que havia de dizer deste famosíssimo santuário, pedi o livro de sua história e dos seus milagres. E que vos parece que me responderiam? Esperava eu que me dissessem que eram tantos os volumes, que faziam uma livraria inteira. Responderam que não há livro. Não há livro da história e milagres de Nossa Senhora da Penha de França? Pois seja essa matéria do sermão, já que me não dão outra» (O Crisóstomo Português, pag. 171).

Assim, à falta de informações precisas, escapa-nos a possibilidade de recompôr algumas passagens e nos falecem os meios de dirimir as controvérsias sobre a verdade histórica. Por isto, não nos propomos um estudo profundo, mas apenas a divulgação da matéria por ventura respigada e coligida de algumas fontes.

O roteiro que nos traçamos abordará inicialmente as origens da invocação na Europa e, a seguir, a propagação da devoção em rincões do Brasil, para focalizar, enfim, a presença de Nossa Senhora da Penha de França nesta sempre católica e devotadamente mariana terra do Crato.

ORIGENS DA INVOCAÇÃO PENHA DE FRANÇA, EM TERRAS DE ESPANHA

No início do século oitavo, as ordas muçulmanas de Arabes, partindo da África, invadiram a Península Ibérica (711) e aí desencadearam uma onda de perseguição religiosa que investia contra os costumes cristãos. Se alguns se acomodavam a uma vida mozarábica, contrariados em sua liberdade civil e religiosa, muitos outros, levados pelo sôpro da fé e do patriotismo, fugiram para as montanhas, de armas na mão. Sob o comando de um grande herói que foi Pelágio, Duque de Cantábria, ofereceram vigorosa resistência, na região das Astúrias, e, estimulados pela miraculosa vitória conseguida numa gruta consagrada à Virgem Maria, prosseguiram na luta libertadora, que se alongou pela Idade Média até que da Província fosse expulso o último muçulmano.

Antes, porém, que os cristãos retomassem, com a vitória de Granada (1492), o domínio político peninsular, os Mouros vindos da África, no século doze, haviam recrudescido a perseguição aos cristãos, impondo-lhes o rigor de um duplo imposto e a provação do fanatismo muçulmano. E, em sua fúria inconoclausta, não poupavam nem templos nem imagens.

Pessoas piedosas, por isto, como quem defendia um tesouro valioso, procuravam esconder em lugares seguros e ocultos as imagens queridas e veneradas em seus lares e santuários.

Tal o que aconteceu na vizinhança de Ciudad Rodrigo, situada na Província espanhola de Salamanca. Aí, nessa região de Castela Velha, existe um alcantilado monte, isolado e muito semelhante a uma penha, onde umas famílias francêsas se refugiaram, ao tempo de terríveis devastações. Por causa disto, sem dúvida, passou a ser conhecida por *Penha de França* este monte, no qual ficou escondida a antiga imagem trazida pelos refugiados.

Reza a tradição popular que Simão Rochão, recolhido a um mosteiro da Ordem Franciscana, na aldeia francêsa de Le Puy, no Alto Loire, repetidas vêzes, foi avisado em sonhos de que uma imagem de Nossa Senhora estava perdida numa inhospita serra da Espanha. Em sua visão celestial, também uma voz se ouvia a segredar: «Simão, vela: não durmas»... E, por isto passando a atender por Simão Vela, segundo o testemunho do Padre Colunga, em «Nuestra Señora de la Peña de Francia», fez-se peregrino e pervagou por longos cinco anos até que, no dia 19 de maio de 1434, teve a graça de encontrar a mila-

grosa imagem. Escavando bem no cume da escarpada montanha, descobriu o sonhado tesouro, representado num vulto da Virgem com a figura do Menino Jesus no braço esquerdo e empunhando com a dextra o cetro real. De logo, a imagem se tornou conhecida por *Nossa Senhora da Penha de França*.

Em transportes de júbilo e reconhecimento, o Monge devoto construiu, nesse mesmo local, uma ermida tosca e pequena, mas, a própria Senhora «se encarregou de torná-la célebre e grande pelos muitos milagres que logo principiou a fazer em favor dos fiéis de diferentes nações». (Mês de Maria, de M.R.) Dentre os inúmeros milagres e prodígios, operados pela Mãe de Deus, nestas paragens, conta-se o da nevada. Fugindo à perseguição de perigosos inimigos, umas famílias aflitas avizinharam-se do local onde fôra encontrada a Imagem, quando deram pela aproximação surpreendente dos seus perseguidores. Então recorreram com viva fé e confiança a Nossa Senhora da Penha de França, impetrando a sua proteção com a veemência e o ardor de quem não vê outro meio para escapar à morte. Um movimento forte e unissono de oração comoveu a Mãe de Deus e eis que Nossa Senhora da Penha os acode, numa evidente e miraculosa intervenção, que faz dispersar os bandoleiros entre as brumas da densa nevada e cobre de venturas o coração dos seus devotos, aparecendo radiante e luminosa, numa visão tranquilizadora.

A noticia se propalou celeremente, correndo mundo com a velocidade de um relâmpago, e de toda parte afluíam os fiéis para visitar o lugar abençoado dos céus e aí impetrar a valiosa proteção da Mãe de Deus.

Confiada a ermida aos cuidados dos Religiosos de S. Domingos, estes empreenderam uma obra gigantesca e erigiram um dos mais suntuosos e ricos santuários da Espanha, no qual mantêm religiosamente um magnífico e respeitoso culto. Dominando o panorama pitoresco do vale formado pelas serras da Gata, em cujo seio os Carmelitas ergueram, em 1599, o Santuário de las Batuecas, a Penha de França recebe uma incomputável multidão de devotos que, mesmo no rigor do inverno, afrontando o excesso de frio, visitam a milagrosa Imagem. As esmolas em cera, dinheiro e ornamentos bem testemunham a grandeza da fé e devoção do povo, superadas apenas pela cópia de prodígios aí multiplicados pela Senhora da Penha.



OUTRA VERSÃO: NOS CONFINES DE FRANÇA

Corre, entretanto, outra versão sobre a origem da devoção a N. S. da Penha, cuja aparição se teria feito nos confins da França com a Espanha, não pela invenção de uma imagem enterrada, mas com a visão mesma da Mãe de Deus. Eis como o Diário de Pernambuco, no seu número de 3 de setembro de 1910, descreve o fato:

«Foi precisamente nas fraldas dos Pirineus, nas vizinhanças de Páu, às margens do Gave, sobre uma branca e escarpada montanha, coberta de vegetação, que se deu a aparição milagrosa, de que vamos falar.

Em época assás remota e desconhecida, encostado a uma pedra, pastoreava seu rebanho o inocente peregrino Simão Pedro, devotíssimo de Maria, o qual se deixou inadvertidamente vencer pelo sono importuno.

Um faminto crocodilo, saindo das margens verdejantes, avançava rapidamente, de fauces abertas, em direção do pobre pastor e estava prestes a tragá-lo, quando num instante aparece, librada nos ares, por entre miríades de Anjos, resplandecente como a Aurora, Maria Santíssima, que sustentando com a mão esquerda o Menino Deus, empunhava com a direita o centro do seu poder formidável, em ato de intimar o feroz anfíbio a recuar imediatamente deixando incólume o seu devoto Simão.»

De várias maneiras, esta crônica é retratada e confirmada em Recife e nas regiões para as quais a devoção foi levada pelos Capuchinhos pernambucanos. Assim, a própria imagem venerada na atual Igreja da Penha, como aliás a grande Imagem, recentemente colocada no Altar-Mor da Catedral do Crato, afugenta o jacaré que ameaça o pastor Simão. Igualmente, um mosaico precioso colocado acima da porta principal da Basilica, historia da mesma maneira a aparição, que, também, está reproduzida em artística e valiosa tela, muito bem conservada no Hospício dos Capuchinhos, em Recife.

A intervenção da Virgem contra o crocodilo agressor, como era natural, está presente nos devocionários destas zonas. O Colóquio que se reza na tradicional Novena de N. S. da Penha, divulgada pelos Missionários pernambucanos, põe nos lábios do devoto as seguintes palavras:

«Amabilíssima e sempre Virgem Maria, Vós que das alturas no Monte Eterno vos dignastes descer sobre os limites da França, aparecendo qual refulgente Aurora nessa como sem-

pre memoravel Penha, onde o inocente Simão pastoreava seus rebanhos e descuidado adormecera, para livrá-lo das garras do feroz crocodilo que imminente o ia tragar... acordai do sono do pecado aos adormecidos pecadores e livrai-os das astúcias do infernal crocodilo»... O «Novo Mês de Maria» publicado pelo Missionário apostólico Fr. Serafim de Catania, em edição que não acusa a data mas se denuncia antiga, pois que o Autor aportou em Olinda a 11 de setembro de 1841, traz à página 321, entre os versos do Colóquio da Novena, esta invocação:

«Ó Mãe de Deus, ó inclita Senhora,
Que libertastes o fiel Simão
Das fúrias do famélico dragão,
Mostrando ser dos homens defensora;
Dos males defendei-nos, sem demora».

Poder-se-ia ainda trazer à baila uma passagem do supra-citado Sermão do Padre Vieira, que talvez advogasse a veracidade desta segunda versão. À certa altura, exclama o celebrado Orador Sacro: «naquele altar, está a Penha transplantada de França a Castela, de Castela a Portugal»...(Ibidem, pag. 173).

Todavia, esta palavra também se comporia muito bem com a narração espanhola, pois que a Imagem encontrada miraculosamente, no alcantilado monte de Castela, teria sido levada para aí por francêses fugitivos. Ademais, seria de estranhar o silêncio do genial Pregador, que poderia ter encontrado o melhor argumento para o seu Sermão na admiravel história de tão prodigiosa e arrebatadora intervenção da Mãe de Deus. Ora, nem alusão ao fato, que, se fôra contemporâneo da aparição, de certo, correria parêlhas com a sua difusão, uma vez que serviria de ótimo veículo para a propaganda.

Vale, outrossim, ponderar o desconhecimento de circunstância tão distacada e que tanto colorido empresta ao acontecimento. Divulgou-se a devoção e, em várias regiões, a Imagem venerada, que invariavelmente, aparece com a sua majestática, porém meiga, expressão de Rainha, trazendo sempre o Filho à esquerda e o cetro à direita, esta querida Imagem não se acompanha do devoto Simão nem do traiçoeiro crocodilo. Isto, pelo menos, é o que nos testemunham os documentos sobre os Templos e Santuários da Penha de França, perto de Ciudad Rodrigo, de Vila Velha, no Espírito Santo, de Irajá, no Rio de Janeiro, de Itapagipe, em Salvador. O próprio «O Santuário de N. S. da Penha em Lisbôa» também reporta a noticia histórica da aparição em Castela, em concordância com a descrição que levamos resumida.

As informações contraditórias, como se vê, levam-nos a uma séria controvérsia. Seria possível dirimi-la? Infelizmente, a nós nos faltam documentos que autorizem a firmar uma conclusão certa. Ou que nos forneçam argumento firme para a explicação desta divergência.

E mais ainda cresce a dificuldade para depurar a verdade histórica, bateando-a do meio dessa ganga de crônicas discordantes, quando nos deparamos ante a narração do milagre que se terá realizado, junto ao Rio de Janeiro, no sítio Irajá. Ai, a intervenção de Nossa Senhora da Penha, ardentemente invocada num momento de perigo, provocou o aparecimento misterioso de um lagarto para livrar o devoto dos assaltos de uma serpente. Assim, narram as crônicas e a Imagem de Nossa Senhora da Penha o confirma no altaneiro Templo de Irajá.

Diante disto, quê hipótese seria razoável aventar no sentido de explicar a versão familiar à Província pernambucana e, provavelmente, oriunda de Portugal? Poderia, efetivamente, um prodígio ter-se dado nos Pirineus, em favor de um devoto que já costumasse invocar a Senhora da Penha, antes encontrada em terras de Castela. Este fenômeno extraordinário, com as côres vivas de sua descrição, valeria eloquentemente para angariar a simpatia do povo e inspirar confiança na proteção de Nossa Senhora da Penha. Tal, o argumento que os franciscanos tomariam para a difusão de tão salutar devoção, introduzida em nossa terra, como em outras regiões de missão.

Noutra suposição que desse a explicação desta crença, pareceria plausível admitir qualquer influência da noticia do prodígio de Irajá? Esta, naturalmente alterada, haveria sido enxertada na crônica da aparição, propalada na zona de missão dos Capuchinhos de Olinda—Recife. Claro que o título de Penha de França, facilmente, induz a pensar que o fenomeno teve lugar precisamente na pátria de Simão Vela. Mas, seria de mister muito esforço de acomodação a fim de aceitar a transformação do peregrino franciscano em simples pastorinho. E mais ainda para, suprimindo a presença da serpente, transmutar o crocodilo, de oportuno defensor, em feroz salteador. Mesmo admitidas as condições daquele tempo, em que não havia meios de divulgação e tudo quanto atravessasse o Atlântico surgia na Europa envolvido numa aura de mistério e fantasia, mesmo concedendo-se que a recomposição histórica da aparição se tenha feito bastante tempo depois, continúa inverossímil que o milagre de Irajá haja influido na versão em pauta.

Por outro lado, não deixa de parecer enigmático silenciassem os Capuchinhos a circunstancia de que o peregrino Simão era terceiro franciscano, para apegar-se à figura de um

pastor gaulês. Como justificar essa atitude exquisita? Teria sido por inteiro desconhecimento dos prodígios da Penha de França, na Salamanca, onde o herói que colheu a glória da predileção celeste, sobre o ser da França, também era filho de S. Francisco?

Frei Pedro Palacios, igualmente Irmão leigo da Ordem Franciscana, foi o apóstolo primeiro de Nossa Senhora da Penha, no Brasil, sem contudo dar sinais de esposar a opinião que apresenta por protagonista o pegureiro adormecido. Não sabemos aliás, quando teve início a circulação desta segunda crônica, a qual teria chegado até nós, desde a primeira hora, com os Capuchinhos francêses, ou também poderia ter sido importada ao depois, num esforço de afervoramento da devoção. Desconhecemos se subsistem comprovantes de que os Missionários aprisionados, sob o Dominio Holandês, propagavam esta notícia. Ao que tudo indica e comprova, a vetusta Imagem cultuada na Missão do Miranda e hoje ainda querida do povo do Crato, veio de Recife como sendo a primitiva trazida pelos Capuchinhos. Ora, ela não apresenta o menor sinal que lembre a proteção contra o crocodilo.

Remetemos, por isto, esta questão aos estudiosos, a ver se projetam alguma luz sobre a gênese desta crônica e sua possível composição com a anterior. A favor desta, por certo, continuam falando bem alto os testemunhos comprobatórios da invenção da Imagem da Penha de França, na Província de Salamanca. O suntuoso e soberbo Santuário, dirigido pelos dominicanos, é um marco expressivo, realçado pelos ex-votos e pela devoção popular. Também, militam por esta causa os dados preciosos, que nos transmitem a data exata e o local. Tudo isto, numa convergência de informações que nos autorizam a dar fé. Pelo menos, até que se prove o contrário, esta se oferece como a posição mais segura e mais prudente.



DIFUSÃO DA DEVOÇÃO

PRODIGIOS MULTIPLICADOS

A notícia dos prodígios multiplicados em Penha de França propalou-se rapidamente, difundindo-se principalmente pela Península Ibérica. Espanha e Portugal tornaram-se, naturalmente, devotos de N. S. da Penha de França. Em muitas partes, recorria-se com fervor à excelsa Protetora e, à força de tantas súplicas, graças repetidas e extraordinárias se foram alcançando. Assim, com a admiração e gratidão por novos prodígios, maior entusiasmo se criava e crescia, suscitando conseqüentemente a construção de ermidas, templos e santuários em honra da soberana Rainha dos Céus, sob a grata invocação de Nossa Senhora da Penha de França.

MILAGRE DE GUIMARÃES

Dentre os testemunhos eloquentes de que a Virgem abençoava esta devoção, transmite-nos a tradição popular o *milagre de Guimarães*, cidade antiga da Província do Minho, que pode colher a glória de ser o berço de Afonso Henrique, primeiro Rei de Portugal. Por volta do ano de 1470, um estremoso pai de família saíra com a esposa a trabalhar no campo, deixando sozinhas em casa as crianças pequeninas. Tomado de apreensões invencíveis, assaltado pelo medo de algum desastre para os filhinhos, rezou ardente e comovidamente a Nossa Senhora da Penha, suplicando-lhe protegesse o seu Lar e trouxesse ao coração aflito o conforto da tranquilidade. Nesse instante, respondendo à sua fervente oração, diz a lenda, apareceu a Senhora da Penha, assegurando uma proteção para os filhos e concedendo-lhes uma benção carinhosa.

MILAGRE DE LISBÔA

Mais impressionante, teria sido o *milagre de Lisboa*. Nas cercanias da Cidade, caçavam dois amigos, dos quais um chegara à iminência de um naufrágio, escapando apenas por lhe ter o outro acodido, arrastando-o para fóra. Ao atingir a margem, entretanto, viu o naufrago que uma matilha de lobos vorazes se precipitava sobre o seu benfeitor. Um momento de *suspense* os dominou a ambos, quando surpreendentemente surge o cão, fiel companheiro da caça, e trava luta mortal com as feras enfaimadas. Mas, vendo que logo sucumbiria o cão amigo nas garras de tantos e terríveis inimigos, dobraram o joelho em terra e, num grito confiante de socorro, clamaram por Nossa Senhora da Penha. Pois, nesta hora angustiante, narra a crônica lendá-

ria, o vulto resplandescendo da Virgem Maria sobrepairou à cena, aquietando-se os lobos ferozes que calmamente se retiraram, entretanto que os devotos validos caíam em transportes, ante o terno sorriso de Nossa Senhora da Penha.

RIO DE MILAGRES

Desta sorte, os milagres de Nossa Senhora da Penha se multiplicaram e a sua fama correu de boca em boca, irradiando-se a sua devoção. Se poucos e vagos são os registros históricos de tais maravilhas, nem por isto podemos duvidar de sua existência. Senão, vejamos como de sua grandeza e número nos faz testemunho incontestável o singular Pregador do século dezessete. Nesse curioso e arrebatador Sermão sobre Nossa Senhora da Penha, pregado na Igreja do seu nome, em Lisbôa, o Padre Vieira dá conta não apenas dos muitos prodígios, senão ainda da razão por que se não registravam em documento. «Pois, se não foi indevoção nem descuido, por que razão não há livro da história e milagres da Penha de França, deste nome, deste templo, desta imagem, deste assombro do mundo, a que justamente podemos chamar o maior e o mais público teatro da onipotência? Sabeis por que? Porque do que não cabe em livros não há livros. Nas matérias grandes o atrever-se a escrever é engrandecer a pena: não se atrever a escrever é engrandecer a matéria». (Ibid pag. 171). E pouco adiante, ajunta: «Quem quiser ver os milagres da Penha de França não é necessário que os vá ler no papel, venha ver com os olhos...Os rios sempre estão a passar e nunca passam. Assim são os milagres de Penha de França: um rio de milagres» (Ibidem, pag. 172 e 173).

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA, EM LISBÔA

A propagação do culto de Maria, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha de França, bem cedo ganhou os corações de espanhóis e portugueses, ultrapassando as fronteiras dos Reinos e penetrando em terras d'África e do Novo Mundo. Já no meado do século dezesseis, a devoção se firmava no Brasil, onde se erguia a primeira ermida, em Espírito Santo.

Pouco depois, Portugal, que tão bem acalentara, desde a primeira hora, esta salutar devoção, também plantava a semente de um suntuoso Santuário de Nossa Senhora da Penha de França.

Arrastado pela voragem da luta, o escultor português Antônio Simões se debatia desesperadamente, na fatal batalha de Alcacer-Kibir. Em meio à refrega terrível, vendo bailar nos

olhos a silhueta dantesca da morte, recorreu ele a Santa Maria, Mãe de Deus, firmando a promessa de esculpir-lhe sete imagens, se merecesse a graça de ser reconduzido à Patria.

De regresso a Portugal, passou a cumprir o seu voto, mas, feitas as imagens de seis invocações, hesitou sobre a escolha da última. Um padre jesuíta sugeriu-lhe, então, a escolha de Nossa Senhora da Penha de França, pois que «havia perto de Salamanca outra assim chamada e muito célebre pelos seus milagres». Colocada a Imagem na ermida de N. S. das Vitórias, resolveu o artista edificar uma própria, lançando a 25 de março de 1597 a pedra fundamental, na Cabeça do Alperche, que logo passou a chamar-se de Penha de França.

Já em maio do ano seguinte, a Imagem era venerada em seu Santuário, onde muito cedo operou maravilhas, constituindo-se autêntico refúgio dos aflitos. Voltando a peste a grassar na Cidade, a população em pêsco acorreu, pressurosa, a impetrar a proteção de Nossa Senhora da Penha de França. «Apesar de tantos rogos, o flagelo cedeu apenas quando o Senado fez o voto de alargar a ermida, enriquecendo-a também com boas alfaias, e de organizar anualmente uma procissão, indo no primeiro ano todos descalços». E, realmente, a 5 de agosto de 1599, fazia-se a procissão, em que rendiam graças Governo e povo.

A pequena ermida, em 1604, por diligência da Câmara, se transformava em rico Santuário que recebeu do Papa Clemente VIII, entre outros privilégios, o de não poder se levantar em Portugal outro templo com igual invocação.

Nesta veneranda Casa de Maria, é que se fez ouvir o verbo inflamado e rico do Padre Antonio Vieira, meio século após sua ampliação. Entretanto, a 1 de novembro de 1755, o terremoto, que sacodiu parte da Cidade de Lisboa, fez derruir o Santuário de Nossa Senhora da Penha de França, cuja Imagem, conseguiu escapar quase intacta, sob os muitos escombros. E na atual Igreja do Alperche, reconstruída em 1758, segundo documenta a inscrição latina da balaustrada junto à entrada, no altaneiro Santuário de Lisboa, demora a mesma querida e histórica Imagem de Nossa Senhora da Penha de França, esculpida pelo devoto artista que, na derrota do Alcacer-Kibir, encontrou a vitória na confiança em Maria.



A DEVOÇÃO NO BRASIL

A FÉ DOS CONQUISTADORES

Quando a brava gente lusitana se afoitou aos «mares nunca dantes navegados», o fez tangida pelo sôpro do patriotismo e da fé. E onde quer que drapejava a Bandeira de Portugal, aí era cantado o estandarte da Cruz. A fidelidade a Deus e a seu Rei inspirou e assistiu aos valentes conquistadores e colonizadores portugueses, que, a despeito de alguns defeitos, pontilharam os seus caminhos e as suas estâncias com a luz da Civilização e do Cristianismo.

Natural, por isto, que entre os sentimentos nobres e cristãos, transplantados da Pátria Lusitana às outras paragens, carregassem a devoção cristianíssima à Santa Maria, Mãe de Jesus. Sob as mais diversas invocações, a Santíssima Virgem era cultuada pelos navegadores, sujeitos aos perigos do mar desconhecido, como pelos colonos e nativos, expostos às incertezas de inimigos traiçoeiros. A corografia bem testemunha o aprêço e amor a Nossa Senhora, cujo Nome borda piedosamente a orla do litoral brasileiro.

Ora, a devoção a Nossa Senhora da Penha de França, ao tempo das descobertas, já estava sobejamente e amplamente difundida no Reino. Nas horas de apuros, o grito de socorro que de muitos nascia instintivamente era uma prece dirigida à Protetora dos aflitos: «Valei-me, Nossa Senhora da Penha!» A própria literatura refletiu esta crença e este costume. Razão porque encontramos esta invocação na boca de alguns personagens de Bernado Guimarães, de Joaquim Manoel de Macêdo e de outros escritores. Até o nosso brasileiríssimo José de Alencar arranca este brado do coração de alguns dos seus tipos que, tão vivamente procuravam incarnar a vida.

VILA VELHA, NO ESPÍRITO SANTO

A devoção à Senhora da Penha de França veio para o Brasil com a mesma crença dos conquistadores.

O primeiro templo, contudo, dedicado a Maria, sob esta invocação foi edificado na antiga Capitania do Espírito Santo. No ano de 1558, aportavam em Vila Velha o Irmão leigo da Ordem Franciscana Frei Pedro Palácios. Natural de Medina do Rio Sêco, na Espanha, abandonara as honras da nobreza e os prazeres do mundo e, tomando o burel de São Francisco, abraçou as provações e privações do claustro, onde se devotou edificamente ao culto da Mãe de Deus.

Chegando ao Brasil, o religioso se recolheu às alturas

de um morro, junto à Vila Velha, no Espírito Santo, aí erigindo um pequeno oratório onde expôs à veneração pública uma imagem de Nossa Senhora da Penha, debuxada em painel reduzido, trazida de Portugal.

Devoto fervente, Frei Palácios teria escolhido para habitação uma cavidade do rochedo, de onde podia ver a estampa querida, abrigada no seu pavilhão retangular de 15 palmos de altura, onde a custo cabiam meia dúzia de pessoas.

A fama de santidade de que gozava o Religioso e os admiráveis prodígios em toda parte multiplicados pela Santa, bem cêdo impressionaram os índios e portugueses, que se deram a visitar frequentemente a capelinha de Nossa Senhora da Penha. Com a crescente afluência dos fiéis animou-se Frei Palácios e em 1566 iniciou a construção de «uma ermida, ao redor de duas palmeiras, que eram a única vegetação que havia no local, prossequindo os seus trabalhos até o ano de 1570.»

Quase heróica foi a emprêsa, a despeito da ajuda dos indígenas catequizados, uma vez que todo o material de construção tinha de ser carregado aos ombros até ao sopê do monte, completando-se o transporte à força de braços. Segundo a tradição local, transmitida no Livro do Mês de Maria, de M. R., «para animar os piedosos operários, o céu fez nascer abundante fonte de agua em cima do rochedo todo o tempo que durou a obra; apenas se acabou a ermida, cessou a fonte.»

Então, a devoção já lançara raizes no coração do povo, que nos transeis mais difíceis recortia à Senhora da Penha e d'Ela obtinha valimento.

Este altaneiro Santuário da Penha, que domina as vagas do Atlantico como autêntico farol da fé, penha soberba e natural que ofereceu o primeiro trono de pedra à Virgem Maria, ele tem conhecido prodígios e graças extraordinárias. Uma das páginas mais brilhantes de nossa epopéia na luta contra os invasores holandêses, não se pode escrever sem consignar a presença miraculosa de Nossa Senhora da Penha de França. Numa resistência horóica, que tinha por alma a preservação da fé católica, justo era comparecesse o poder de Deus e resplandecesse a glória de Maria. E ninguém desconhece os chamados milagres de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha.

Fracassada a primeira tentativa de invadir a Vila de Vitória, a 12 de março de 1625, voltaram os holandêses a assaltar o Espírito Santo, no ano de 1640.

As ordens do Coronel Koen, conquistador de Angola, poderosamente armados, investiram os batavos contra Vitória e, repellidos por uma tenaz resistência que fez dos officiais muitos

mortos e feridos, decidiram avançar contra Vila Velha, que não pôde ser defendida pelos Capitães Adão Velho e Gaspar Sarai-va, tamanhos foram os reforços enviados pelos inimigos. Então, dominando por três dias o lugar de onde seriam enxotados, a 2 de novembro, pelo Capitão-mor João Dias Guedes, resolvem os hereges saquear o Convento da Penha. Marcham impulsionados pela cobiça e pela impiedade, mas qualquer coisa de extraordinário os detém e dispersa. Vamos passar a palavra ao renomado historiador Guatavo Barroso: «Neste segundo ataque holandês ao Espírito Santo, segundo a tradição oral e escrita, se deu o Grande Milagre da Penha, que no Majestoso Convento desse nome um grande quadro de Benedito Calixto perpetua. Tendo os hereges tomado Vila Velha, escalaram o íngreme e alto morro em cujo tôpo, como um castelo medieval, se alcançadora o mosteiro de Nossa Senhora da Penha de França, o mais impressionante monumento do Brasil antigo. Seduzia-os a miragem de suas riquezas em obras de ouro e prata. O santuário franciscano estava deserto e a própria imagem da excelsa Padroeira fôra retirada e posta a salvo com todo o cuidado. Subiram os mercenários de Joach Koen as escansas ladeiras do monte e mal atingiram a esplanada que antecede o edificio altaneiro denominada Campinho, em uma de cujas extremidades se ergueram as ruínas da pequena ermida de Frei Pedro Palácios, seus olhos se esbugalharam de assombro: o convento transformara-se como por encanto em ameada e segura fortaleza, coroada de soldados em armas, enquanto pela rampa que dela descia marchavam ao encontro dos invasores esquadões de cavalaria com as lanças faiscando, mangas de arcabuzeiros prontos a disparar suas armas, legiões de infantes brandindo piques, alabardas e partazanas refulgentes e, então, foi uma desabalada até as praias, aos batéis, às chalupas e aos lanchões que os levaram para bordo»... (Revista O Cruzeiro, 15. 2. 58 pag. 65).

Outra vez, se fez notar o valor de Nossa Senhora da Penha. Para não diminuir o peso da autoridade, devolvemos à fala o mesmo historiógrafo em Segredos e Revelações da História do Brasil: «outro foi o milagre, menos espetacular, porém, de maior efeito. Vinham famintos e sequiosos das alfaias, pratarias e jóias do cenóbio. Desembarcaram à surdina dum navio pirata, «subiram o morro da Penha e surpreenderam o irmão Frei Francisco da Madre de Deus orando perante o altar de Nossa Senhora. Invadiram o convento. Alguns religiosos fugiram; Frei Francisco, porém, continuou imóvel, enquanto sibilavam as armas e os inimigos saqueavam tudo. Mas, ao tentarem retirar a corôa e o manto da imagem, o religioso supplicou não o fizessem,—ele mesmo os tiraria, a fim de evitar tanta profanação.

Um dos holandeses tentou arrancar o anel valioso da imagem, e não o conseguiu, nem mesmo cortar a mão e o próprio dedo da Virgem da Penha. Mas o herege se apossou do Menino Jesus e, diante das súplicas do frade, respondeu que levaria o Menino para o Recife, para brincar com outro que lá existia. Disse-lhe então, o religioso:

—Vai-te embora e lá verás os brincos que te hão de custar caros; este será o último atrevimento dos teus companheiros no Brasil. Porque isto só bastava para castigo teu e dos mais!»

Bôca de praga! Os piratas na sua derrota para o Sul, tentando refrêscos em Cabo Frio, viram-se duramente atacados pelos índios. Tiveram de voltar logo ao Recife, onde encontraram em agonia o domínio de seus compatriotas feridos de morte nos Guararapes. Pouco depois, capitulavam e, conforme depõe Machado de Oliveira, alfaias, jóias, paramentos e pratarias do convento da Penha foram retomados, voltando para onde antes se encontravam.

Desta sorte, segundo o antigo e singelo cantar do povo:

Nossa Senhora da Penha
tem soldados a valer,
que lhe deu Nosso Senhor
p'ra seu povo defender.

Sobram razões, pois, às palavras setecentistas do famoso «Santuário Mariano» sobre os ataques holandeses ao Espírito Santo; «... e a Senhora os ajudou, de sorte que os holandeses foram tão destruídos que não se atreveram a tornar lá». (Revista O Cruzeiro de 15. 2. 58. pag. 68)

IRAJÁ, NO RIO DE JANEIRO

Informações seguras dão conta de que a segunda Igreja dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, no Brasil, foi a de Irajá, construída no ano de 1635, na antiga Sesmaria dos Jesuítas pelo Capitão Baltazar de Abreu Cardoso. Da História de Nossa Senhora da Penha, publicada em 1955 pela Editora Brasil-Americana Limitada, transpomos a seguinte citação:

«No Santuário Mariano e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas que se veneram em todo o Bispado do Rio de Janeiro e Minas, e em todas as Ilhas do Oceano, de Frei Agostinho de Santa Maria, Ex-Vigário Geral da Congregação dos Agostinhos descalços de Portugal e natural da Vila de Extremoz, Lisbôa Ocidental, ano 1723» encontramos essa ligeira referência à devoção de Nossa Senhora da Penha, no Tomo 10:«... que o capitão Baltazar de Abreu Cardoso, em um cabeço do rechedo, donde parece lhe

darem o nome de Penha, fundou esta casa e Santuário; que tem um ermitão devoto que cuida muito do altar e da limpeza daquela casa; que a festa se realiza em 8 de setembro e que a ela acorrem, não só moradores daquele contorno, mas também da cidade; que a imagem é de roca e de vestidos e tem o Menino Deus nos braços; que desta devoção e desta Imagem faz memória o Rev. Pe. Frei Miguel de São Francisco na sua relação».

A Igreja, altaneira e majestosa, está edificada no alto de um monte alcantilado, cuja ascensão se completa com cerca de 365 degraus e, segundo a crença popular, foi construída em cumprimento de uma promessa. Regressando da Cidade do Rio de Janeiro, ao cair da noite, o Capitão Baltazar tomou um atalho, pela floresta, quando inopinadamente o seu cavalo empina e retrocede, como diante de um perigo iminente. E qual não foi o seu grande espanto e susto maior, ao ver que enorme serpente armava o bote fatal, a poucos passos. Mas, num grito de fé e confiança, recorreu ele a Nossa Senhora da Penha e, imediatamente, foi socorrido. Surgindo, não se sabe de onde, um crocodilo surpreendeu a gigantesca serpente, enquanto aparecia a figura serena e protetora de Nossa Senhora da Penha. Então, comovido, o feliz devoto de Nossa Senhora prometeu erguer no alto daquela Penha uma ermida para a sua Defensora.

Este prodígio vem retratado em muitas estampas difundidas em todo o Brasil e interessante é observar o papel do crocodilo, que, em vez de ameaçar o devoto da Mãe de Deus, intervém para salvá-lo, agredindo o inimigo salteador.

RECIFE, EM PERNAMBUCO

Como em poucas partes, em Recife se firmou a devoção a Nossa Senhora da Penha, sagrando-se a histórica e valente Capital pernambucana em autêntico santuário da Virgem de onde se irradiou, apostolicamente, o seu calor benéfico e salutar.

Ao tempo do Domínio Holandês em terras do Brasil, aconteceu que piratas batavos aprisionaram nas costas da Guiné, cinco Missionários Capuchinhos da província francesa de Bretanha, então em excursão apostólica, conduzindo uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França. Atirados ao fundo de um navio, em mistura com escravos negros da Etiópia, foram eles entregues à sanha dos protestantes de Pernambuco, tendo-lhes a habilidade política de Maurício de Nassau poupado a eles maiores sofrimentos que a prisão de Olinda. Era no fim do ano de 1641. Frei Colombino de Nantes, Frei Josias, Frei Buonissimo, Frei Cirilo de Mans e Frei Anastásio de Andiené, suportavam os esqualores do cativo, quando em rescrito de 11 de julho

de 1642, a Santa Sé impôs «executarem seu ministério apostólico em prol dos Católicos pernambucanos para estes não ficarem infeccionados da heresia holandesa».

Na luta árdua e gloriosa para a expulsão dos invasores heréticos, os zelosos Capuchinhos, que já vinham distribuindo auxílios valiosos e prodigalizando confortadora assistência aos destemidos e bravos defensores de nossa terra e de nossa gente, empenharam-se resolutamente em ajudar os portugueses e nativos nas refregas mais difíceis, notadamente na restauração dos montes Guararapes e Tabocas. Assim é que, na célebre vitória da Casa Forte, com que se coroou a campanha de êxito e de glórias, no dia 17 de agosto de 1645, se houve «egregiamente um frade leigo capuchinho que, sendo esperto na arte militar, dirigiu esplendidamente o assalto ao último reduto dos hereges entrencheados na casa de vivenda de Ana Paes, ficando os invasores todos destroçados e banida definitivamente a cizania calvinista da Terra de Santa Cruz». (Conf. Ubano Cerri, *Memorie Storiche*, pag. 221).

De tal maneira se portaram os Filhos de São Francisco na defesa dos direitos de Deus e de El Rei, que o Pe. Antônio Beserra, vigário da Igreja de S. Pedro de Olinda, em carta a S. M. D. João IV, recomendava «os capuchinhos francêses Josias e Buonissimo com seus companheiros, como dignos das maiores graças de sua real munificência» (*Bullarium Ordinis*). Também o mestre de campo Francisco de Figueirêdo encomendou-os «como nimamente beneméritos da religião e da pátria».

Por tudo isto, mereceram os Capuchinhos as graças de D. João que lhes deu ampla faculdade de se estabelecerem no Brasil. Igualmente, o povo respondeu com sua cativante generosidade e do casal Belchior Alves e Joana Beserra receberam a doação de 40 braças de terra, no Recife, «no areal que vai desta povoação de S. Antônio para Cinco Pontas, corrente para a estrada que vai para Afogados». O autor do Resumo histórico da Missão dos P. P. Capuchinhos em Pernambuco, publicado em 1910 no Diário de Pernambuco, registra esse terreno «com uma capela anexa, de que se serviam os pescadores, sob a invocação do Espírito Santo» e até mesmo afiança que «em 19 de abril de 1656, os francêses tomaram posse legal e canonicamente do dito terreno, edificando seu hospício junto à mesma capela». Igualmente, o Frei Fidelis M. de Primeiro, O.F.M. Cap., em seu livro *Capuchinhos em Terra de Santa Cruz*, supõe a existência de uma capela anterior à doação, porquanto observa a propósito da Imagem de Nossa Senhora da Penha: «a preciosa imagem de Nossa Senhora, que fôra respeitada pelos próprios hereges, tornou-se, a santa de preferência do povo pernambucano, que

lhe ergueu majestoso templo. O culto da mesma Senhora fez com que se obliterasse o título da capela que a acolheu em 1641, a qual estava dedicada ao Divino Espírito Santo, e que passou a chamar-se «capela» e depois «igreja da Penha». (pag. 51).

Todavia, esta versão não se compõe com os termos da doação do referido terreno, conforme nos transmite este mesmo historiador, às págs. 55-56. Trata-se de uma escritura de doação, feita pelo morgado das Alagôas, sendo Tabelião Domingos Dias Timbó e testemunhas, Gaspar Fagundes, Manoel Gonçalves Barroso e Antonio Ribeiro Vereno. A aceitação foi firmada por Frei Cirilo de Mans, Frei Jorge, Frei Fabiano e Frei Antonio dos Martires (de Nantes?). Eis o teor da mesma:

«Doamos 40 braças de terreno que começam da cerca que hoje (19 de abril de 1656) têm os ditos frades da banda do norte, correndo para a fronteira da rua que vai à Fortaleza da rua das Cinco Pontas, até encherem ditas 40 braças, a qual terra assim lhes damos com todas as árvores e frutas e coqueiros que dentro da dita terra assim confrontada estão, a casa e todas as mais benfeitorias que na dita terra estiverem, e de presente estão; cercando-a os ditos Reverendissimos Frades façam, dentro dela um mosteirinho conforme as suas posses e esmolas que lhes derem para o fazer: do qual mosteiro, ele dito Belchior Alves e a dita sua mulher Joana Beserra se obrigam a fazer a Capela Mor, toda de pedra e cal, que possa durar, e serão também obrigados os ditos Reverendissimos Padres a ajudá-los a fazer, pedindo para isto pedras e o mais que for necessário, aos fiéis cristãos que lhe quiserem dar, e pedindo os ditos Reverendissimos Padres de sua parte quanto poderem; e o dito mosteiro que assim fizerem na dita terra se chamará da invocação do Espírito Santo, e na dita Capela Mor, que eles, ditos Belchior Alves e sua mulher Joana Beserra, fizerem, porão à sua custa um retábulo muito formoso do Espírito Santo, o qual ornarão com toda a decencia que convier ao culto divino»...

Por aí se vê, foram passados três lustros, depois de chegados os Capuchinhos, para que se fizesse a doação na qual se comprometem os benfeitores a edificarem a Capela do Espírito Santo.

—Assim, incontestavelmente estava firmada a devoção a Nossa Senhora da Penha, nas plagas nordestinas, constituindo-se o Recife em centro de irradiação. Daí se propagava o culto à Nossa Senhora da Penha de França tanto pelos inúmeros fiéis que visitavam a maior Capital da Região, como pelos muitos Pregadores que partiam a promover Missões nos Estados vizinhos. Tal a razão por que, só nos três Estados de Pernambuco, Ceará e Paraíba, temos seis Paróquias que A invocam como Padroeira.

O fervor inicial, entretanto, esfriou com os últimos momentos do século dezessete, porquanto em 1699, «devido às fúnebras rivalidades entre a França e Portugal, os capuchinhos, réus só de serem franceses e por uma degradante ingratidão, foram desterrados para Lisboa». (Joaquim Guennes, L. 8, pag. 54). Realmente, com a saída, em 1701, do último missionário que havia permanecido no Rio de Janeiro, com dois irmãos terceiros portugueses, os Capuchinhos franceses abandonaram completamente o Brasil, para onde Portugal, por motivo de estado, só permitiu fossem enviados missionários da mesma Ordem, provenientes das províncias italianas. Enquanto, porém, estes não chegavam, as aldeias dos capuchinhos ficaram confiadas aos cuidados dos Carmelitas Descalços, de Santa Teresa. (Conf. Fr. Fidelis M. de Primeiro, Op. cit pag. 143 e 151).

Com a chegada, em 1710, dos capuchinhos italianos Frei Bernardo de Sarracena, Frei Domingos de Cesane e Frei Angelo de Carpi, tomou novo incentivo o culto à Virgem da Penha, «cujo templo reformaram convenientemente, pois, durante esse interrenho, tinha sido deixado em adiantado estado de ruína». (Resumo Histórico, Rev. Dom Vital, agosto-setembro de 1955, pag. 7).

Em 1733, o Prefeito da Missão Frei Boaventura de Pontremoli ampliou a antiga capela, resolvendo o seu sucessor Frei Carlos José de Spezia, em 1745, substituir a vetusta imagem dos franceses por uma nova estátua, feita em Gênova pelo escultor Maragnone que a modelou artisticamente sobre a primitiva, logo depois enviada para a Missão do Miranda no Crato.

Ainda uma vez, expulsos de sua residência em 1832, «sob o especioso pretexto da necessidade indeclinável de abrigarem nela um bom número de expostos», eis que em 1841, retornam ao seu Convento da Penha, com o advento de Frei Plácido de Messina, prefeito, e os FF. Caetano de Messina, Sebastião de Melia, Caetano de Gratiere e Serafim de Catânia. Graças ao devocionário «Mês de Maria», composto por este último, e ao zelo dos demais, reafervorou-se o culto de Nossa Senhora da Penha de França, para quem o prefeito Frei Venancio M. de Ferrara, coadjuvado pelo habilíssimo arquitecto Frei Francisco de Vicença, edificou a maravilhosa Basílica, iniciada em 1870 e benta em 1892, como um dos mais suntuosos templos do Nordeste. Numa feliz descrição, aqui temos a grandeza e beleza da Igreja que o povo pernambucano soube preparar para Nossa Senhora da Penha: «o templo majestoso, em estilo corintio, mede 65 metros e 90 centímetros de comprimento sobre 26 metros e 40 centímetros de largura, na admirável harmonia das formas, dos mármore, das pinturas a fresco e disposição

metódica dos altares. A Igreja em forma de cruz latina, compreende três amplas naves; central ladeada de colunárias de mármore rosa de 9 metros de altura sobre 1 metro de diâmetro e clareada por 10 janelas nas muralhas, que fecham um semicírculo, do teto decorado com três medalhões a fresco, representantes do trânsito, da ressurreição e da coroação de Maria no Empírio; e as naves dos lados com intercolúnios das paredes abertas em nichos graciosos, ocupados com imagens bellissimas dos Santos. No centro da linha transversal da Cruz, sob o arco interior, que sustenta o zimbório, vê-se a bellissima capela-mor construida por 6 colunas, a cúpola em forma de docel; e ainda o soberbo zimbório em frente à mesma capela, mantido sobre quatro enormes pilastros contendo a elegante clarabóia, que serve de base à imagem de Nossa Senhora da Penha; as torres esbeltas de 40 metros, terminadas com feições de pirâmides. Esse primor arquitetônico só poderia ser descrito pelo gênio do grande artista que o concebeu. Como poderia dar uma simples idéia da capela divinamente atraente da celeste padroeira Nossa Senhora da Penha e dos dois magníficos altares fronteiros, nos quais o artista deixou impressos os raios do seu gênio luminoso?» (Rev. Dom Vital, pag. 8).

SÔBRE O MAPA DO BRASIL

Uma das notas características do sentimento religioso, no Brasil, é, por sem dúvida, a devoção à bendita Mãe de Deus. Ela está presente em todas as manifestações de nossa Fé, acompanhando os fiéis em todas as idades e condições, gerando no coração do povo um devotamento filial que tem resistido a todas as investidas. Nem a ignorância e indiferentismo religioso, nem os desatinos e desvios morais hão conseguido amortecer o amor fervente que o povo brasileiro devota a Maria Santissima. Nas manifestações coletivas como nas atitudes individuais, afirma-se o culto mariano e a confiança na proteção de Nossa Senhora. Se as grandes Cidades conhecem o esplendor das pompas litúrgicas e das festas retumbantes, promovidas em louvor a Ela, os campos humildes oferecem ainda a floração magnifica da piedade marial, que povôa de imagens os santuários e matiza de estampas as paredes, conservando em muita parte a poesia celeste do Ofício cantado pela madrugada ou do terço recitado nas horas calmas da noite. Pode dizer-se que, entre nós, a Virgem Maria tem um santuário em cada lar e em cada coração, um altar.

Natural, portanto, encontrasse éco em várias partes a invocação a Nossa Senhora da Penha. Em todo o território nacional, a Senhora da Penha cativou os seus devotos, não sô-

mente despertando o interesse particular dos fiéis, mas ainda angariando a atenção das comunidades e o beneplácito das Autoridades Eclesiásticas. Assim, é que, além do testemunho de devoção espontânea de cada um, se multiplicaram as Paróquias que tomaram de maneira particular o seu patrocínio. A não falar nas inúmeras igrejas a Ela dedicadas nem tão pouco nos quadros e imagens em toda parte veneradas, conforta-nos verificar de quantas freguesias Nossa Senhora da Penha é a Padroeira. O Padre Manoel Barbosa, autorizado e acatado historiador baiano, assegura que «a Santíssima Virgem é titular de mais de mil paróquias brasileiras com as seguintes invocações: Nossa Senhora da Conceição—217;... Nossa Senhora da Penha—19;... (A Igreja no Brasil, Rio, 1945, pag. 269). Não arrola o autor os nomes das referidas Freguesias, mas, decorridos três lustros, se compulsarmos o Anuário Católico em sua última edição (1957), podemos constatar que 19 são hoje as Dioceses em que se distribuem as Paróquias, cuja Padroeira é Nossa Senhora da Penha.

Vamos apresentar, na página seguinte, um quadro sinótico organizado segundo a distribuição geográfica como aí se vê, em onze Estados da Federação, vive-se oficialmente o culto de Nossa Senhora da Penha, alinhando-se nada menos de vinte e quatro (24) Paróquias. No extremo Sul, com o Rio Grande do Sul e S. Catarina, como no Nordeste, com o Ceará, Pernambuco e Paraíba; no litoral do centro, com Espírito Santo, Rio e São Paulo, como na região central, com Minas Gerais e Goiás; assim como na terra Mater que é a Bahia, em toda a parte está presente a invocação de Nossa Senhora da Penha, que, assim, cobre o território nacional inteiro.

Ao colorido desse quadro, que assinala o culto oficial de Nossa Senhora da Penha em dezenove Circunscrições Eclesiásticas, soma-se naturalmente o matiz de tantos santuários e oratórios, de capelas e ermidas, mantidos por Irmandades e Comunidades Religiosas ou zelados pelo próprio povo. E respondendo a isto, curioso e movimentado se torna o calendário das celebrações litúrgicas e festivas. Não conhecendo uma Festa própria, a invocação de Nossa Senhora da Penha passa a ser comemorada em dias diferentes, de lugar para lugar e até mesmo há mudado na mesma região. Assim, por exemplo, as festas que inicialmente se celebravam, em Irajá, a 8 de setembro, passaram-se para o primeiro domingo de outubro, prolongando-se até o primeiro domingo de novembro. Por razões também não bastante divulgadas, a Festa que, no Crato, se promovia a primeiro de janeiro, foi transferida para primeiro de setembro.

Em vários pontos do mapa e em várias quadras do ano,



Nossa Senhora da Penha
— Padroeira do Crato —

Paróquias cuja Padroeira é Nossa Senhora da Penha

Estado	Diocese	Paróquia	
1 S. Paulo	S. Paulo	Penha	
		Araçariguana	
	Campinas	Itapira	
	Rio Preto	Estrela do Oeste	
	Sorocaba	4 Piedade	5
2 M. Gerais	Diamantina Gov. Valadares	Penha de França	
		Penha do Norte	
		Procane	
	Guaxupé	Passos	
	Mariana	4 Rosende Costa	5
3 Ceará	Crato	N. Senhora da Penha	
		Campos Sales	
	Fortaleza	2 Maranguape	3
4 Esp. Santo	Vitória	Alegre	
		Castelo	
		1 Santa Cruz	3
5 Pernambuco	Olinda—Recife Af. de Ingazeiras	Gameleira	
		2 Serra Talhada	2
6 R. de Janeiro	Campos	1 Morro do Côco	1
7 S. Catarina	Florianópolis	1 Penha	1
8 Goiás	Goiânia	1 Corrimbaá de Goiás	1
9 Paraíba	João Pessoa	1 Taquara	1
10 R. G. do Sul	Pelotas	1 Rio Grande	1
11 Bahia	Salvador	1 Nossa S. da Penha	1
Estados	11 Dioceses	19 Paróquias	24

portanto, occupa-se a piedosa gente brasileira no louvor da valiosa Senhora da Penha.

Verdadeiramente, a salutar devoção se difundiu por todo o Brasil e na alma católica do povo se firmou a confiança em tão poderosa Protetora. Mais que em páginas da literatura, para as quais se transportam os sentimentos vivos de nossa gente, visceja no coração de muitos o amor àquela excelsa Maria, a Quem se acostumaram os devotos a recorrer, confiantes, nas horas de perigo iminente. Nos transes difíceis, quando açoitam as procelas da vida, a Mãe de Jesus, que S. Bernardo aponta por Estrela nas noites de tempestade, é por muitos brasileiros ferventemente invocada sob o título de Nossa Senhora da Penha.



II

A PADROEIRA DO CRATO

A invocação e veneração de Nossa Senhora da Penha, nesta bem histórica e sempre católica Cidade do Crato, nasceu mesmo com ela, assistindo aos seus primeiros passos e guiando-lhe a curva gloriosa na senda do progresso. Se o Crato foi batizado por Frei Carlos Maria de Ferrara, Nossa Senhora da Penha foi a madrinha carinhosa, que não cessou jamais de dispensar a todos a melhor proteção como soberana Rainha.

NOS DOMÍNIOS DA LENDA

O povo, em sua natural propensão para as coisas fantásticas a serviço de uma certa filosofia da história, assina uma origem curiosa para a devoção e o culto de Nossa Senhora da Penha, no Crato. Em linhas gerais, vamos coordenar e transmitir o que de mais interessante podemos colher a respeito, em entrevistas com pessoas idosas e respeitáveis da região, que dão reportagem das crenças populares ainda circulantes, num misto de tradição e lenda. Se não conseguimos louvar-nos em documentos escritos de quem tivesse o mérito de historiador, assiste-nos, entretanto, o direito de invocar a nossa autoridade de Pároco, a viver em meio ao seu rebanho, habilitado assim a julgar da idoneidade moral dos informantes, cuja palavra faz fé. Nem tudo merece ser registrado, pelo ridículo ou absurdo que às vezes implica. Também, é evidente, o valor das informações transmitidas se restringe ao fato de que dizem e nunca á veracidade do que dizem...

Fala-se que os Índios Cariris, que habitavam esta zona ubertosa, imaginavam se alongasse um enorme lençol da água sob a concha do Vale, dominado por uma grande baleia ou *Jara*, com metade em forma de peixe e outra, de mulher. Segundo a crônica lendária, a terrível baleia, cuja «cama» fica no local onde se ergue hoje o Altar-Mor da Sé Catedral, por vezes repetidas, tentou provocar uma inundação fatal, em que submergeria todo o povoado. Tal não aconteceu por ter sido o perverso monstro detido, em Itaytera (água por entre as pedras), caudalosa nascente ao sopé do Araripe, que depois tomou o nome popular Fonte do Batateiras. Em tais emergências, o Crato fôra salvo pela intervenção poderosa do Céu, graças à proteção de Nossa Senhora da Penha, ou de Frei Carlos, santo fundador do lugar. Uma variante atribui o prodígio da providência miraculosa a um Frei Fidelis que teria sido o mesmo S. Fidelis de Sigmarinda a quem também foi dedicada a Capela, mas que,

por equívoco, foi tido por certo missionário capuchinho que, em 1704, dedicara no Miranda uma Capela a Nossa Senhora da Penha.

O perigo da inundação do Crato não foi sepultado no passado. Subsiste no incansável farejamento de castigos futuros, invencivelmente alimentado pela gente inculta. Assim, acreditam uns que a fatalidade foi profetizada por Frei Vidal de Trasca-loro, virtuoso missionário que percorreu estas paragens em 1799, e até adiantam que a baleia, em cuja «cama» se podia ouvir o barulho da água dos mares, continúa ameaçando a Cidade. Por outro lado, a credice sustenta ainda o temor de que venha a rolar a «pedra da Batateira», único obstáculo a suster o ímpeto das águas que afogarão o Crato... Este é um cataclisma, predito em tom quase agourento por muitos fanáticos que, abertos a toda fantasia supersticiosa, sem notar, dão acolhida a todo preságio que envolva castigo para este Crato que não aceitou o messio-nismo herético e se alevantou em guardião da fé verdadeira. Nem se advertem eles que as águas do Batateiras descem afastadas um quilômetro da Cidade, servida que é pelo rio Gran-geiro. Apesar disto, entre o povo simples, que se apavora ante o prenúncio de três dias de escuro ou do fim do mundo, ainda corre, de quando em vez, a onda alarmista que de o Crato vai afundar no dia em que rolar a pedra da baleia ou a pedra da Batateira... Uma pobre velha revelou mesmo que a desgraça está iminente, porquanto a pedra agora está presa apenas por três cabelinhos de Nossa Senhora da Penha...

Outro aspecto curioso é sôbre a origem da invocação. Frei Carlos teria sido inspirado a dedicar a Missão e a Capela a Nossa Senhora da Penha, pelo insistente e maravilhoso prodígio então realizado.

Herdada dos ancestrais indígenas, existia uma pequena Imagem da assim chamada Nossa Senhora do Belo Amor, de todos muito venerada. Ora, com a visível intenção de fundar a Missão no alto onde repousa atualmente o Seminário Diocesa-no, o Missionário conduziu para aí a singular Imagem. Todavia, ao amanhecer do dia seguinte, a Imagem havia desaparecido misteriosamente para encontrar-se sobre uma pedra que se as-sentava sôbre a cama da baleia. Novamente conduzida ao mor-ro, repetia-se o fenômeno admirável, até que Frei Carlos enten-deu que era vontade de Nossa Senhora se levantasse o seu templo no local dessa pedra eleita. E sôbre esta penha natural, só podia invocar-se a Mãe de Deus sôb- o sugestivo título de Nossa Senhora da Penha.

À LUZ DA VERDADE HISTÓRICA

Comemorámos estas versões populares, mais por amor da curiosidade. Podemos, contudo, asseverar que é historicamente certo que o zeloso Missionário Capuchinho, vindo do Recife, realmente dedicou a Capelinha de palha e a Missão do Miranda a Nossa Senhora da Penha de França.

Preliminarmente, valeria levantar a questão se, de fato, esta foi a primeira padroeira verdadeiramente cultuada em terras cratenses. Nem sempre a devoção reinante veio dos primórdios e, não raro, nova invocação substitui a primitiva. Assim em Missão Velha, Nossa Senhora da Luz, após 12 anos, em 1760, cedeu lugar ao glorioso Patriarca São José.

A dar crédito à algumas informações, a obra da catequização dos índios Cariris teria, talvez, sido iniciada, já nos fins do século dezessete pelos Capuchinhos franceses, pois que Silva Lisboa escreve que estes "fizeram no Brasil seus Hóspícios, formando novas aldeias de Índios reduzidos à fé, de que foram exímios propagadores dela (sic) Fr. Cirilo de S. Brioco e Fr. Colombino de Nantes, aos quais se lhe agregaram outros naquele santo ministério. Porém, como o mesmo Rei D. Pedro II em sua política e razões de estado proibiu aquelas missões, e os mandasse despedir, como nos relata o Santuário Mariano..." E logo adiante acrescenta, referindo-se a Pernambuco, que "existia ali um catecismo no idioma dos Cariris impresso em 1722 e dedicado ao Rei". Esta hipótese, que remonta a evangelização dos Cariris ao tempo da missão francesa, cujos derradeiros a-rautos foram banidos precisamente no início do século dezoito, teria outro argumento no testemunho trazido pelo Resumo Histórico das Missões dos PP Capuchinhos em Pernambuco, onde se lê o seguinte: "...em 1710 correu-se um véu sobre a cruel expulsão, pela chegada dos Capuchinhos italianos Frei Bernardo de Sarracena, Frei Domingos de Cesena, e Frei Angelo de Carpi, os quais continuaram a catequese dos índios Cariris e outros..." (Revista Dom Vital, agosto-setembro de 1955, pag. 7).

Ademais, concedendo embora que os Cariris eram grande nação de índios dispersos em vastas regiões desde a Borborema ao Araripe, há quem afirme que, precedendo o advento do fundador do Crato, outros Missionários italianos já haviam evangelizado os indígenas, neste ubertoso vale. Tal, a opinião firmada por Frei Fidelis M. de Primerio, O. Fr. M. Capuc., em seu livro Capuchinhos em Terra de Santa Cruz nos séculos XVII, XVIII e XIX, editado em 1940. Segundo o mesmo, as aldeias dirigidas pelos franceses "passaram por algum tempo ao cuidado dos Carmelitas Descalços de S. Teresa. Em 1705, foram entregues

aos capuchinhos italianos" (pag. 151) que "trabalharam com zelo verdadeiramente apostólico na reconstituição moral do espírito evangélico entre os fiéis, e no cultivo das aldeias dos índios. Couberam-lhes, como campo de trabalho, além do Hospício de Recife com a igreja da Penha, as aldeias de: Taipú (antes Boldrino), dedicada a Nossa Senhora do Pilar; a do Araripe; a de Piancó no Boqueirão; a de Serra Branca, no Rio do Peixe; a de Brejo do Rio Paraíba; a do Miranda, no Ceará; a de Apodi e a de Mepibú, no Rio Grande do Norte" (pag. 170). Por fim, afirma categoricamente "a catequese das tribus indígenas na zona do Cariri, começou a ser efetuada em 1730 pelos Capuchinhos da Penha, nos lugares mais tarde chamados Barbaiha, Crato (Miranda), Missão Velha e Missão Nova" (Ibidem). E ajuntando nova confirmação, registra muito adiante: "1734 — P. Fr. Prospero de Milão (Lombardia) — com o P. Fr. José de Monticelli missionou as aldeias do Enxú, do Miranda, Curema e Apodi" (pag. 369).

Força é, de outra parte, considerar que a região do Cariri, antes de receber as bênçãos de Frei Carlos, era já de certa densidade demográfica. Divididas algumas datas de terras, desde o início do século, o Vale cêdo se tornou palco de lutas que não podiam deixar de «encher de sustos e desolações o Cariri», como refere João Brigido a respeito da intriga entre Feitosas e Montes. Mais ainda agitaram a região as desordens provocadas pelos atritos entre as famílias Ferro e Aço. "Em 1743, o senado de Icó creou um juiz *de vintena*, com um escrivão, o qual viesse residir no Cariri" (João Brigido, Homens e Fatos, pag. 88), o que indica a existência do ponderável número de habitantes. Diversamente, não se explicaria que, duas décadas após, merecesse o lugarejo as graças de El Rei, que se dignou de fazer inaugurar a 21 de junho de 1764 a Vila Real do Crato.

Natural, portanto, passassem periodicamente os Missionários a oferecer os benefícios da fé às populações do ubertoso Vale. Todavia, nenhum aldeamento ou povoado existia, até 1740, onde se cultuasse Santo de qualquer invocação. O que há de verdadeiramente certo é que, precisamente neste ano, veio a trabalhar no Cariri o "Religioso meigo, prudente, virtuoso" (Fr. Fidelis de Primeri, op. cit. pag. 226) que atendia por Frei Carlos Maria de Ferrara (Bolonha). Vindo para Pernambuco em 1736, Frei Carlos "dirigiu desde 1740 até 1750 a catequese dos Cariris Novos, na Missão do Miranda" (Ibidem, pag. 369). A este denodado e apostólico Missionário, são concordes os Autores em afirmar que devemos a fundação do Crato, cuja semente foi o aldeamento dos índios no sitio do Miranda logo transplantado para o local onde hoje floresce.

Qualquer afirmação de agrupamento anterior, dificilmente resistiria à crítica objetiva. Realmente, nenhum testemunho se conhece, na zona, que documente atividades apostólicas de caráter permanente.

De acordo com o Padre Antônio Gomes de Araújo, incontestavelmente a maior autoridade em história do Cariri, o primeiro documento escrito conhecido sobre o Crato é o registro de batismo de Apolinário, filho de Matias Lopes de Souza e sua mulher Maria Lopes, oficiado por Frei Carlos Maria de Ferrara, a 30 de julho de 1741, na igreja da Missão do Miranda e lançado no Livro de Registro de Batizados e Casamentos da Paróquia de Icó, anos de 1741 a 1783, às fls. 2. Ora, se nesse tempo, os assentamentos eram enviados para a Freguezia de Icó, por certo, não existia ainda na região centro religioso organizado. Tanto assim que, já no ano seguinte, o segundo documento da Missão do Miranda é anotado no livro de Registro de Batizados e Óbitos da Capela de S. Antônio de Missão Nova, então centro de administração dos sacramentos no Cariri, conforme o acusa o assento de casamento de Domingos Soares Meireles e Eusébia de Souza, a 29 de agosto de 1742, abençoado por Frei Carlos.

Pois, já neste registro, vem consignado que o ato religioso teve lugar na Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda. Resulta, assim, incontestemente que a Missão do Miranda foi a primeira comunidade de vida religiosa, no Crato, e desde a sua primeira hora foi posta sob a proteção valiosa de Nossa Senhora da Penha de França.

Nenhuma voz se alteia em dissonância a esta verdade. Salta à vista que foi por equívoco, muito justificável pela sinonímia, que Saint'Adolphe, no artigo Crato do seu dicionário geográfico do Brasil, escreveu que nas "nascentes do rio Salgado, entregavam-se ao cultivo das terras e edificaram uma capela a Nossa Senhora da Rocha, que ficou muito tempo dependente da freguezia de Icó". Claro está que se queria ele referir a Nossa Senhora da Penha, primeira e única padroeira do Crato.

Inicialmente, a aldeia ocupava a região que demora ao lado sudeste da Cidade, chamada Miranda, nome pelo qual se batizou a Missão. Segundo repetem várias pessoas, a aldeia se dizia do Miranda, porque assim se chamava o cacique dos índios da taba. Esta explicação popular, entretanto, parece simples demais, denunciando-se pura excogitação semelhante à que nos surpreendeu, ultimamente, pretendendo explicar a origem da palavra Crato pela evidência de uma índia assim cognominada. Melhor razão acode aos que ligam este nome da aldeia e da Missão ao sesmeiro Gil Miranda, a quem tocaram em 1702 al-

gumas terras em sesmaria, de parceria com Antonio Mendes Lobato.

Filha deste último capitão-mor, Dona Maria Ferreira da Silva assinou com seu marido capitão Domingos Alvares de Mattos a doação de terras para o aldeamento dos indígenas. Na qualidade de procurador geral dos índios, recebeu-os judicialmente Frei Carlos, a 3 de dezembro de 1743. Posteriormente, reconheceu o Missionário as vantagens de outro sítio e transplantou a Missão para o local onde atualmente se desenvolve o Crato. Antes de atingir as fraldas do morro do Barro Vermelho, foi de mister atravessar as águas do riacho periódico e para isto improvisaram os índios uma ponte, destendendo uma grande árvore, de barranco a barranco, o que celebrizou o lugar desde então chamado Rio da Ponte. Na concha mais ampla deste outro vale que desce as rampas lentas do Barro Vermelho e para chocantemente ao pé das barreiras abruptas do alto do Seminário, aí o povo pôde encontrar terrenos melhores para construção, sempre à margem da água perene, pois o Grangeiro serpeia continuamente como uma estrada líquida do progresso. Destarte, como uma glândula, de que brota depois o altivo carvalho, edificou-se no lugar agora coberto pela Catedral, uma capelinha humilde e tosca, cercada por um quadro de casebres também de palha. Aí nasceu esta próspera Cidade, tão merecidamente cingida com o diadema de Princesa do Cariri.

A Capelinha, que, em 1742, era dita Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda, somente a 1 de janeiro de 1745, foi oficialmente dedicada à Senhora da Penha. Isto se comprova com a inscrição gravada numa pedra embutida na parede exterior da matriz do Crato. É do teor seguinte :

Uni Deo et Trino

Deiparae Virgine

Vulgo — da Penha

S. Fideli missio. S. P. N. Fran. ci Capucinatorum
Protomartyri de Propaganda Fide

Sacellum hoc

Zelo, humilitate, labore

D. D.

Sup. eiusdem Sancti. Consocj F. F.

Kalendis January

Anno Salutis MDCCXLV.

A propósito deste documento, do maior valor histórico, foidivulgada pelo renomado historiógrafo cearense, Antônio Be-

zerra, uma tradução da autoria do Professor José Marrocos segundo a qual Frei Fidelis teria dedicado a Capela a Deus Uno e Trino e à Virgem Mãe de Deus, Nossa Senhora da Penha, no ano de 1704. O texto de inscrição, sobre que o latinista sul-cearense trabalhou a sua tradição, foi colhido de uma distância de 11 metros, graças à lente de um binóculo, quando a pedra ainda estava colocada na parede da matriz, e resultou substancialmente alterado e deturpado. Destarte, carece de todo valor a tradução em apreço, não merecendo sequer ser citada a a opinião, nele calçada, de que a Capela já existisse em 1704 ou que por aqui houvesse atuado um Frei Fidelis. Aliás, esta confusão influiu para que se difundisse a suposição de que o Crato primeiro se tenha chamado Curado de S. Fidelis.

O próprio Antônio Beserra se penitenciou do erro, esposando o parecer do então Mons. Quintino Rodrigues. Realmente, o primeiro Bispo do Crato, quando ainda Vigário, "fizera descer a mencionada pedra para a guardar como uma preciosidade na sua matriz", apanhando o texto exato, alcançou-lhe o sentido verdadeiro. Em carta ao Autor de *Origens do Ceará*, datada de 13 de junho de 1913, escreve :

"Verá a discordância que há entre a minha cópia e a de José Marrocos, que evidentemente se equivocou.

Não há o pretense Frei Fidelis, dedicador da Capela (em nominativo latino), mas sim Frei Fidelis de Sigmaringa (em dativo), protomartir da Propaganda Fide, e missionário capuchinho, a quem o superior da mesma capela (ejusdem Sancti) e os frades (ou irmãos) seus companheiros de missão (consocii ff) também a dedicaram (DD) em 1745" (Antônio Beserra, *Algumas Origens do Ceará*, 1918, pag. 116-117).

AS IMAGENS — UMA RELÍQUIA HISTÓRICA

A imagem tem desempenhado papel preponderante na afirmação e desenvolvimento do culto sagrado. Composto de corpo e alma, o homem se sente mais facilmente possuído de uma idéia, quando as tendências naturais se associam à sedução irresistível da verdade. Compreende-se muito bem que nos procuremos ajudar da sensibilidade para despertar ou alimentar os mais nobres sentimentos. Por isto, a imagem, que, na expressão do Cardeal Gibbons, é um catecismo para os ignorantes, se torna para os fiéis um autêntico enlevo. A beleza das imagens, com a expressão de sua arte, ou a estima a ela devotada graças à afeição alimentada, incontestavelmente, exerce uma influência por vezes profunda sobre o espírito e o coração do povo, que aprende a remirar na sua figura a grandeza mesmo do original

por ela representada. A presença das imagens evoca a excelência do Santo que se invoca. E por isto tem sido tão útil e salutar à Religião o culto dos Santos de Deus, estimulado pelas imagens.

O próprio Deus abençoa este culto e, frequentemente, comunica a uma imagem determinadas virtudes singulares, elegendo-a para a multiplicação de prodígios admiráveis. Algumas invocações particulares ou algumas imagens privilegiadas como recebem um dom carismático e se consagram numa espécie de sacramento do poder divino, exercido graças a elas em milagres verdadeiros. Quem não conhece a fama de Santuários e imagens célebres, na cristandade, pelos muitos prodígios multiplicados?

E, se existe esta predileção de Deus por certas imagens, também o povo se dedica afeiçoadamente àquelas imagens queridas e veneradas. Vinculado mais por laços morais e afetivos que propriamente pela atração da beleza artística ou espiritual, costuma o povo apegar-se aos Santos da sua tradição. As imagens antigas, mesmo quando pecam horrivelmente pelo exótico ou inestético, são sempre as mais estimadas e veneradas. Em toda parte, grande é a reação quando se trata de substituir as imagens antigas por estátuas novas e bem acabadas. Sobretudo, entre nós, o sentimentalismo religioso ativa essas propensões para o culto das imagens e, conseqüentemente, o apêgo aos vultos que, desde a infância ou desde os avós, recebiam o preito da devoção popular.

Destarte, explicam-se os sentimentos e as atitudes de nossa gente com a relação às imagens da Padroeira.

Sem desprezar a primitiva Imagem, que teria vindo das mãos dos índios, a predileção dos devotos se prende à antiga e preciosa Imagem, que há mais de um século vem cativando o coração de todos. Apesar da perfeição, pelo tamanho grandioso e pelo acabamento maravilhoso, a nova Imagem não conquistou ainda o lugar primeiro no devotamento geral. Ao tempo de sua chegada, houve mesmo fortes e ostensivas reações e a prudência de D. Quintino soube esperar anos a fio, sem impôr a substituição. Por sinal, ficou a Imagem grande e imponente, guardada por nada menos de sete anos antes de falecer o insigne Bispo. E outros sete passou sob o governo de D. Francisco, antes de subir ao trono de onde agora preside a vida religiosa da Catedral.

Como se depreende do exposto, o Crato conhece três imagens de sua Padroeira. Invocando a autoridade de Irineu Pinheiro, "a primeira, dizem, da era da catequese dos índios, sobre a qual correm lendas... Lá alguns anos desapareceu, mas a 29 de abril de 1951 restituiu-a ao culto o velho sacristão Zacarias Luis Arnaud, que a retirara da Igreja durante os anos

de reconstrução e a guardara em casa carinhosamente. Acolheu-a o povo com entusiasmo e devoção, a beijar-lhe os pés, a rogar-lhe felicidades. Chamavam-na, ainda a chamam, Mãe do Belo Amor. Vimo-la na Sé do Crato, de madeira, de uns dois palmos de altura, de olhos azuis, segurando com o braço e a mão direita o Menino Deus, de olhos também azuis, a agarrar com as duas mãos a gola do casaco de Nossa Senhora, puxando-a para si." (Cidade do Crato, pag. 21 e 22).

Sobre o mesmo assunto, vamos transcrever um documento endereçado ao grande cultor de Nossa Senhora da Penha, Mons. Francisco de Assis Feitosa, que por três décadas se consumiu no serviço de tão augusta Senhora. É uma página em manuscrito redigida com data de 24-4-951 pelo respeitável ancião José da Silva Pereira, então secretário do Apostolado da Oração da Catedral. "Há na nossa Catedral três imagens que representam nossa Padroeira, Nossa Senhora da Penha. O que vou narrar nestas linhas se refere somente à primeira, que é a menor das 3, esculpida em madeira, como as duas últimas. Trata-se de uma bela imagem que honra a arte antiga e a habilidade de quem a preparou. Segundo dizem os antigos, ela tem para mais de duzentos anos, mas nada deixa a desejar às que se fazem atualmente. Pertencendo ao número das imagens aparecidas, ela tem também a sua lenda bastante retocada de suave poesia. Conta-se que fôra encontrada em poder dos índios (sem dúvida os Cariris) passando às mãos de pessoa civilizada. Aqui toma vulto a lenda que gira em torno de seu nome, pois se afirmava que, repetidas vezes, ela voltara ao cimo de pedra onde os indíginas a veneravam. Este fato miraculoso deu lugar a fundação da Capela, que hoje é a nossa Catedral, naquele mesmo sítio, tão profundamente respeitado. Quanto à idade que lhe atribuem, provam-na os documentos referentes à fundação da povoação hoje transformada nesta importante Cidade do Crato. Para mais corroborar o misticismo que a tradição empresta à nossa querida santa, ocorre que a mesma desapareceu da nossa Igreja, há mais de cinquenta anos, voltando agora aos seus penates, onde está sendo venerada por grande número de fiéis. Os antigos deram-lhe o título todo original de Nossa Senhora do "Belo Amor", o que prova a piedade filial dos nossos antepassados. Respeitemos o passado, sua história, suas tradições e suas lendas, que nos falam sempre daqueles que abriram caminho à nossa vida."

A autêntica e tradicional imagem da Padroeira, porém, é a que veio do Recife e, com toda certeza, assistiu à vida do Crato desde os seus primórdios até os seus esplendores atuais. Dela podemos gloriar-nos como de um valioso tesouro e ela de-

vemos venerar como piedosa reliquia.

Corroborando a afirmação histórica de que a Senhora da Penha esteve presente à formação da Metrópole cariense, alinham-se alguns dados convergentes sobre a remessa da antiga Imagem do Convento da Penha, de Recife, para a incipiente Missão de Frei Carlos de Ferrara, precisamente no ano de 1745. Assim, Frei Fidelis de Primério, depois de registrar, à pag. 54, da obra citada, que "que a pequena imagem dos francêses foi, em 1745, substituída pela atual, feita em Gênova, modelada pela antiga, refere textualmente à pag. 171 que, "o P. Fr. Carlos de Spezia, que viera em 1716, trocou a antiga imagem de Nossa Senhora da Penha, dos francêses, por uma nova, feita em Gênova; a antiga remeteu para a aldeia do Miranda em Cariris Novos".

Também o Resumo Histórico das Missões dos P. P. Capuchinhos em Pernambuco, supracitado, descreve que "em 1745 frei Carlos José de Spezia, prefeito, vendo que a estátua de Nossa Senhora da Penha, colocada pelos missionários francêses, era em extremo pequena, atentas as proporções da capela, colocou outra bellissima feita em Gênova pelo insigne escultor Maragnone, e é precisamente a que ao presente existe, modelada sobre a antiga imagem" (Rev. Dom Vital, agosto-setembro de 1955, pag. 7). Repetindo e completando este último testemunho, F. A. Pereira da Costa, em Anais Pernambuco, escreve o seguinte: "em 1745, o prefeito fr. Carlos José de Spezia substituiu a imagem de Nossa Senhora da Penha, que se venerava no altar-mor da igreja desde sua primitiva construção, por ser assaz pequena para as proporções que havia dado ao novo santuário, por uma outra, de vulto natural, trabalho primoroso do insigne escultor genovês Maragnone, modelada sobre a antiga imagem. Esta, entretanto, que datava do tempo dos capuchinhos francêses em Pernambuco, foi então transportada para uma capela da mesma invocação, da aldeia do Miranda, nos Cariris Novos", (Vol. V. 1701-1739, Recife, 1953, pag. 129). Porfim, declara Irineu Pinheiro, reportando-se às Imagens da Padroeira do Crato, que "a mais antiga, conforme afirmou o Padre Juvenal Colares Maia, foi levada, há cento e tantos anos, do Recife à Vila Real do Crato por pessoas guiadas por José Ferreira da Conceição, as quais seguiram dessa vila, a pé, até a capital pernambuca, e de lá, ainda a pé, voltaram, trazendo deitada em uma rede a Santa, numa vigorosa demonstração de fé cristã" (O Cariri, Fortaleza, 1950, pag. 229). Noutro passo, confirma o mesmo renomado historiador do Cariri: "Carregaram em uma rede em ombros de homens, guiados por José Ferreira da Conceição, padrinho de batismo de Dona Quinô, mãe de Padre Cícero Romão Batista, a imagem de Nossa Senhora da Penha,

Padroiera do Crato, desde Recife até aqui" (Cidade do Crato, Ministério da Educação e Cultura, Rio, 1955, pag. 21).

Importa, sem dúvida, atentar para certas discrepâncias ou imprecisões históricas, inevitáveis sobretudo quando historiadores preocupados com um assunto principal, tratam 'per accidens' de outras matérias. Não há fugir aos seus, quanto aos "obiter dicta". Desta sorte, respeito às circunstâncias apontadas acima, pareceria insustentável a suposição de que tenha sido o padrinho da progenitora do Padre Cícero o líder da caravana que trouxe a imagem da Padroiera. Ainda que Dona Quinô, que em 1844, deu à luz o Patriarca de Juazeiro, houvesse recebido o batismo no início do século, não seria fácil que o seu padrinho tivesse já vivido nada menos de 65 anos, depois da heróica jornada a Recife. Igualmente não se sustenta a referência, no caso, à Vila Real do Crato, uma vez que a inauguração desta se efetuou a 15 de agosto de 1763, ao passo que a remessa da imagem se fizera em 1745.

Uma coisa, porém, permanece absolutamente certa, apesar de tais restrições, e é que a imagem da Padroiera do Crato é a vetusta Imagem vinda do Convento da Penha, em Recife.

Poder-se-ia, a esta altura, indagar se realmente a Imagem da Sé é a mesma Imagem conduzida pelos Capuchinhos surpreendidos pelos calvinistas holandeses, nas imediações da Guiné. A dar crédito a Frei Fidelis de Primério, o Crato foi agraciado com o precioso presente dessa verdadeira relíquia histórica e piedosa. A fim de não enfraquecer a força do seu testemunho, permitimo-nos de transcrever as suas palavras, em que se apresenta até uma plausível justificativa de como a Imagem escapou à furia dos herejes: "A versão geral acerca dessa prodigiosa imagem, é que ela foi trazida para Pernambuco por cinco missionários capuchinhos, que se dirigiam para a Guiné, e foram, no litoral africano em 1641, atacados e presos pelos corsários holandeses, calvinistas que infestavam aquelas águas. Os missionários foram mui maltratados pelos corsários e e por fim entregues aos holandeses que dominavam em Pernambuco. Esta a tradição geral, que bem desposa com a história dos novos missionários, apresados nos galeões espanhóis, quando rumavam para a Guiné, Explica-se facilmente porque os missionários puderam conservar consigo o precioso tesouro, que intentavam levar às tribus africanas, qual estrela de salvação, e ao envés veio para as terras pernambucanas. Os corsários holandeses apreseavam para levar à sede, Pernambuco: o interesse exigia-lhes respeitassem a presa, ainda que não condissesse com as suas crenças."

A preciosa Imagem de Nossa Senhora da Penha, que

fôra respeitada pelos próprios herejes, tornou-se a santa de preferência do povo pernambucano, que lhe ergueu um majestoso templo. O culto da mesma Senhora, fez com que se obliterasse o título da Capela que a acolheu em 1641, a qual estava dedicada ao Divino Espirito Santo, e que passou a chamar-se "capela" e depois, "igreja da Penha". A pequena imagem dos francêses foi em 1745, por Frei Carlos de Spezia substituída pela atual, feita em Gênova, modelada pela antiga" (Ibidem, pag. 51). Ora, esta substituição, como ficou demonstrado acima, se deu com a remessa da referida imagem para a Missão do Miranda.

Desta sorte, a Catedral do Crato guarda hoje a preciosidade de uma reliquia secular, confortante testemunha dos trabalhos apostólicos e dos martirizantes tormentos dos missionários, bem como confidente amiga de tantos segredos e de tantas lágrimas em três séculos de devoção.

Seria esta a razão secreta da profunda e arraigada dedicação do nosso povo que, mesmo admirando a nova Imagem, grande e artística. se volta de preferência para a querida e veneranda imagem antiga. Esta mede 0,88m de altura sôbre uma penha de 0,14m talhada na mesma madeira e figurando uma rocha. A Senhora se apresenta com o Menino Jesus no braço esquerdo e empunha na dextra um cetro, cingindo-lhe a fronte uma corôa de ouro. O cetro e a corôa, atualmente usados em dias de festas, foram confeccionados, há alguns decênios, pelos fiéis cratenses, mas a imagem traz na posição da mão direita e na perfuração da cabeça a exigência destes símbolos da soberania. A expressão de seu semblante, sereno e serio, dá-lhe um ar majestoso e tranquilo. Sem muita delicadeza de traços, apresenta uma fisionomia de simpatia cativante. Da cabeça, cujos cabelos se vêem no contorno da fronte e a cair sobre os ombros em madeixas bonitas, desce-lhe um manto azul rico de dobras artisticamente configuradas sobre a túnica matizada de cores discretas. O colorido firme, porém terno da túnica enriquecida de uma gola e arrematada com pregas solenes bem comprova que a imagem é obra de mãos habilidosas de fino artista. Se é uma reliquia, vale por uma obra darte.

Quanto à Imagem grande, foi o primeiro Bispo do Crato D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva que adqueriu na Europa. De tamanho bem maior que o natural, em atitude de quem aparece para defender o pastorzinho Simão, prosternado ao lado direito, enquanto o temível crocodilo se arrasta à esquerda, o vulto impressionante tem uma beleza encantadora.

Trazida com dificuldades até esta Cidade Episcopal, teve a Imagem festiva recepção, em 1921, quando o povo acorreu ao seu encontro, na estrada do Buriti, onde se congregaram

cerca de 32 zabumbas. Todavia, continuou ela guardada, até que, preparada a mentalidade do povo e feita a reforma da Capela-Mor por D. Francisco de Assis Fries, colocaram-na no alto e gracioso nicho de onde preside às funções do Culto e aos destinos do Crato. No dia 1 de setembro de 1938, foi-lhe dada a bênção do Ritual e, a partir de então, não tem ela cessado de conceder a todos as maiores graças e as melhores bênçãos.

COMUNIDADE RELIGIOSA : PARÓQUIA E DIOCESE

O culto a Nossa Senhora da Penha, em terras do Cariri, cêdo se difundiu e conquistou a simpatia do povo, firmando-se em todas as camadas sociais a sua devoção. Não se restringiu esta, porém, ao fervor dos fiéis, como acontece nos Santuários célebres em imagens milagrosas. A devoção se consolidou e se tornou oficial com a eleição desse título de Nossa Senhora da Penha de França para Padroeira da nova Paróquia. Se a Capelinha inicial foi dedicada, a um tempo, à Santíssima Trindade, à Nossa Senhora da Penha e a S. Fidelis de Sigmarinda, o Orago da Freguezia passou a ser a poderosa e augusta Senhora da Penha.

Não era ainda absorvida a terceira década de vida religiosa organizada e eis que a Missão do Miranda é constituída em Freguezia de Nossa Senhora da Penha de França. Quanto à data de erecção, não deixa de ser desconcertante a confusão dos documentos, pois que os próprios Autores se contradizem a si mesmos. Podemos, contudo, recensear as principais informações, distribuindo-as em duas opiniões. Segundo a primeira, a Paróquia teria sido criada a 3 de dezembro de 1740, quando uma ordem teria sido baixada de S. Majestade o Rei de Portugal, determinando a provisão da nova Freguezia. Assim, afirma o Cônego Henrique Mourão, criticado por Raimundo Girão em "O Ceará" (pag. 152). Assim, Senador Pompeu, na primeira parte do "Ensaio Estatístico da Província do Ceará" (pag. 283). Assim, o Barão de Studart, em "Ceará Colonia" (pag. 204). E assim também, se lê no "Primeiro Livro de Matrículas de Freguezia", existente no arquivo da Cúria Metropolitana de Fortaleza.

A segunda opinião registra a criação da Paróquia, desmembrada de Missão Velha, como tendo sido erecta em Vigaria amovível em 1762, e freguezia fixa em 1768. Em confirmação, costuma-se arrolar os seguintes textos: "A Freguezia, que era Capela filial de Missão Velha, foi criada Vigaria amovível em 1762, e freguezia fixa em 1768, sob a invocação de Nossa Senhora da Penha" (Senador Pompeu, na terceira parte de

"Ensaio Estatístico da Província do Ceará," (pag. 111). "Março de 1762 — Provisão criando a freguezia de Nossa Senhora da Penha de França, do Crato, na aldeia do Miranda, o que só aconteceu a 4 de janeiro de 1768" (Senador Pompeu, *Ibidem*, pag. 274). "Em Março de 1762, a Missão do Miranda foi separada de Missão Velha e erecta em freguezia, mas a independencia religiosa só se verificou a 4 de Janeiro de 1768" (João Brigido, Ceará—Homens e Fatos, pag. 92). "Março de 1762 — Provisão criando a freguezia de Nossa Senhora da Penha de França, na aldeia do Miranda (Crato). (*Ibidem*, pag. 413), "4 de janeiro de 1668" (Barão de Studart, Geografia do Ceará, pag. 310). . . 4 de janeiro de 1768 (José Pompeu, Corografia do Ceará, pag. 128) "Em 4 de janeiro de 1768, o Visitador José Teixeira de Azevedo, autorizado por Provisão Episcopal de 18 de fevereiro de 1767, separou da de Missão Velha, a freguezia do Crato" (Antonio Bezerra, Algumas Origens do Ceará, pag. 184). "Da freguezia de Missão Velha, foi desmembrada em 1768 a do Crato, criada em março de 1762". (Pedro Theberge, esboço histórico sobre a Província do Ceará", 1a parte, pag. 181). E, porfim, escreve o Prof. Bernardino Gomes de Araújo, em o Araripe, número 134: "em 1762, foi elevada a categoria de Matriz a capela de Nossa Senhora da Penha do Miranda, sem contudo haver independencia de administração parochial, pois até 1767 foram aqueles povos curados pelo Vigário de Missão Velha" (livro de Casamentos até fl. 17).

Uma como terceira opinião ainda se poderia comemorar^f aqui, aumentando a balbúrdia a respeito. Bem que se hajam pronunciado acima, a favor da opinião certa, escritores de valor a si mesmos se contradizem. "A inauguração, porém, só teve lugar a 4 de janeiro de 1778 (sic) (João Brigido, *Ibidem*, pag. 413). "Em 1778 (sic) foi instalada, por desmembração da freguezia de Missão Velha, a de Nossa Senhora da Penha, na aldeia do Miranda, hoje Crato, criada em março de 1762. e 2 anos depois, a 20 de junho foi criado o novo curato da vila de Santa Cruz de Aracati, etc. (Barão de Studart, Notas para a história do Ceará, pag. 256). É de notar — com o abalizado historiógrafo de nossa terra Prof. José Alves de Figueirêdo Filho, em Cidade do Crato — que a data de 1778 não passa por erro tipográfico, pois que é verdadeira a complementar da criação do Curato de Aracati, dois anos após em 1780.

Tenha ou não precedido alguma ordem régia, determinando a criação da Freguezia de Nossa Senhora da Penha, não padece dúvida que a sua instalação realmente se deu em 1768. À luz dos documentos transcritos no Livro de Tombo da Paróquia do Crato, fica completamente dirimida a questão. Efetiva

mente, nele podemos ler que "Lourenço Correia de Sá, Presbítero Secular do hábito de S. Pedro, Vigário da Vara, e interino de Aquiraz, visitador Geral da Província do Ceará pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano", depois de observar que não achou "os Livros em que deveria estar registrado o Decreto da desmembração desta Freguezia da de Missão Velha"... determinou a 18 de novembro de 1838, o seguinte... "Devendo a todo tempo constar a época da criação desta Freguezia desmembrada da de Missão Velha, O Rdo. Parocho diligenciará o Decreto em alguma das Estações publicas donde deve estar registrado, e o registrar tão bem neste Livro" (fol. 3 verso). Pois, em cumprimento a esta determinação, vem exarado o "Edital de divisão, consignação de limites das Paróquias de São José dos Cariris Novos, e de Nossa Senhora da Penha da Villa do Crato". Inicialmente, o Edital faz saber que "foi apresentado um requerimento em forma de petição "feita ao mesmo Exmo. e Rvdmo. Snr. Bispo e assinado por alguns moradores do tempo da mesma Villa e Freguezia", cujo despacho favoravel é textualmente transcrito. Estz, datado de 18 de fevereiro de 1767, autoriza o Visitador, a quem seria "mostrado quando de Visita nesta freguezia... a resolver na materia, o que lhe parecer mais serviço de Deos, e bem dos fregueses". A execução se fez precisamente no dia 4 de janeiro de 1768 subscrita pelo Secretário da Visita, Pe. Manoel Fernandes Lima e firmada pelo Visitador Pe. José Teixeira de Azevedo (fol. 2).

E Nossa Senhora da Penha, que havia recebido expressiva homenagem com a escolha para Titular da igreja primitiva, era objeto de solene consagração ao tornar-se Padroeira da nossa Paróquia. Maior distinção lhe não foi feita, senão quando, em 20 de outubro de 1914, a criação da Diocese do Crato, única no Brasil posta sob a sua proteção valiosa, trouxe para a sua solicitude maternal não somente a consideravel extensão territorial de todo o Sul do Estado como ainda a grande multidão de fiéis que, em tantas Paróquias, lhe cultuam o nome.

Emprestando o seu patrocínio salutar à comunidade religiosa, de âmbito paroquial ou diocesano, Nossa Senhora da Penha presidiu ao desenvolvimento da vida cratense, em todos os seus movimentos ascencionais. O calor irradiante de sua devoção e a irradiação do seu culto, aos reverbêros da luz do Evangelho e ao sôpro da ação civilizadora da Igreja, suscitaram obras e multiplicaram atividades omnimodamente benéficas. Aqui não vamos descrever a espiral luminosa da influência da Paróquia e da Diocese na formação e progresso desta terra, que, a par dos ensinamentos da Religião e da Ciência, mereceu contar com as energias e os esforços de tantos valentes, eficientes e

brilhantes cooperadores, clérigos e leigos, postos todos a serviço do bem espiritual assim que o temporal do Crato. Bastaria contemplar a galeria dos muitos Vigários e Cooperadores, cuja lista organizou-a Leonardo Mota e se pode encontrar em "Cidade do Crato" completada por José Alves de Figueirêdo Filho, bem como a série respeitável de Missionários e Sacerdotes que por aqui atuaram sob a orientação dos Exmos. Snrs. Bispos do Ceará e do Crato, para se sentir que alguns "são nomes que valem uma legenda e assinam sozinhos, o atestado de que a glória do Crato desceu do pé do altar". Este papel preponderante da Igreja na formação histórica e no desenvolvimento cultural da Princesa do Cariri já o decantámos, "oratorio modo", por ocasião do Solene te Deum oficiado no Primeiro Centenário da Cidade, numa oração publicada por esta nossa (Revista Itaytera Ano I, No. 1, pags. 150-153).

E toda a grandeza desta obra evangelizadora e civilizadora, afirmada no acrisolamento das virtudes morais e cívicas, nas lides afanosas do ministério e nas tarefas árduas do magistério, na expressão arquitetônica dos seus Templos e Educandários, na magnitude de suas instituições assistenciais e sociais, toda esta obra magnífica de formação religiosa e cultural, social e patrótica, se operou sob a égide protetora de Nossa Senhora da Penha.

O TEMPLO — A CASA DE MARIA

O culto, em todas as religiões, tem conduzido o homem ao lugar sagrado, para o exercício de suas funções. Da pedra de Betel, à margem da estrada, Israel evoluiu até o suntuoso Templo, onde o povo eleito se encontrava com Javé. A casa de Oração responde, destarte, não apenas ao anseio de privar intimamente com Deus, no segredo do silêncio e da quietude, senão ainda à necessidade inelutável de significar aos Céus a intensidade do afeto humano. O templo se impõe como o santuário augusto onde se tangem os horizontes do Céu, mas se afirma também como tabernáculo precioso que recolhe os tesouros da fé e do amor, cristalizados no óbulo generoso ou no sacrifício heróico.

A devoção aos Santos de Deus tem levado, por isto, os fiéis à edificação dos templos, em cujo recinto armam o cofre dos seus segredos e orações e em cuja magnificência espelham o seu devotamento. Natural, portanto, se descubram alguns acentos de carinhoso amor de Nossa Senhora da Penha na história de sua Casa.

A Capelinha de Nossa Senhora da Penha, na Missão do Miranda, com toda certeza já estava de pé antes do ano de

1745. Levantada esta suspeita por Irineu Pinheiro, o fato se comprovou com o resultado das pesquisas do Pe. Antônio Gomes, que, compulsando os livros antigos da Freguezia de Nossa Senhora da Expectação de Icó e da Capela de S. Antonio de Missão Nova, encontrou o registro de um casamento celebrado a 29 de agosto de 1742, "na Igreja de Nossa Senhora da Penha da Missão do Miranda" (Livros de Registro de Batizados e Óbitos da Capela de Missão Nova, anos de 1741 a 1747). Retrocedendo mais, topa-se o registro de batizado oficiado "na igreja da Missão do Miranda" no dia 30 de julho de 1741 (Livro de Registro de Batizados e Casamentos da Paróquia do Icó, nos anos de 1741 a 1783, fls. 2).

A primitiva Capelinha, a despeito de ser de taipa, bem cedo foi contemplada com uma grande distinção, merecendo já em 1762, segundo escreve o Prof. Bernardino Gomes de Araujo, em o N. 134 de O Araripe, "ser elevada à categoria de Matriz", embora a independência paroquial só se tenha dado em 1768. A construção, no entanto, não resistiu muito tempo, pois mesmo antes de findar o século, dentro da vila não havia nenhum outro templo que nele se pudesse celebrar os divinos officios e o único que havia de servir de matriz, por ser muito antigo ameaçava ruína", justificando-se, assim, o pedido de "uma porção das Rendas de sua Majestade suficiente para erecção da Capela-Mor da nova matriz", dirigido à Junta Real do Erario, em Pernambuco, pelo Pe. Antônio Lopes de Macêdo Junior, vigário da vara e pároco da freguezia de Nossa Senhora da vila do Crato.

Autorizada pela junta, teve início a construção da nova matriz que, ampliada e reformada, resultou neste grandioso edificio da actual Catedral.

No Termo da Visita realizada em 1838, deixou o Pe. Lourenço Corrêa de Sá, entre outras, esta orientação: "Tendo a Matriz desta Freguezia as proporções exigidas na Constituição do Bispado, Livro 4.º Ti. 17 N. 687, e se não ache acabada, antes prometendo ruína que se não atalhar a tempo será difficil o reparar-se, lembro ao Rdo. Parocho: promova entre os seus Fregueses alguma subscrição em beneficio da dita Igreja e dê empenho para que se lhe fação os Torreões, e Frontespicio, antes que as paredes dos lados se dismoronem". . . (Livro do Tombo da Matriz do Crato, fl. 3 verso). Num esforço generoso para pôr em execusão este plano, o então Vigário colado, Pe. Manoel Joaquim Aires do Nascimento, em 1852, construiu a Torre do lado sul. Neste campanário, colocou o primeiro sino da Matriz, fundido em 1848 e batizado com o nome de Manuel. Também, aí se assentou, a 21 de janeiro de 1863, o Relógio fabricado em Estrasburgo, na Alsácia, pela firma Ungerer Frères, para o

qual a Mesa da Confraria das Almas, fundada em 31 de dezembro de 1854, autorizou, a 6 de dezembro de 1868, a aquisição de "um sino de vinte arroubas acima... ficando sujeito ao relógio da matriz". A bênção do sino se deu em 1871, batizando-se o mesmo por Miguel.

A fim de libertar a igreja do "estado de abjeção em que se achava", em 1872, nomeou o Sr. Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará, uma comissão que, todavia, nada realizou de importante. Em 1892, porém, se levantavam os corredores laterais, graças à administração do Monsenhor Alexandrino de Alencar, que também substituiu o piso da matriz por tijolos de barro cozido.

Completando a planta esboçada com o tempo, o Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva levantou a outra torre, no lado norte, concluindo os trabalhos em 1911. Já depois de Bispo da nova Diocese, Dom Quintino reformou a velha Igreja, destruindo as tribunas, feitas por particulares no Paroquiato do Pe. Manuel Joaquim Aires do Nascimento, e, em seu lugar, rasgando amplos arcos que se abrem para as naves laterais. Comunicando maior capacidade ao templo e emprestando-lhe uma nova forma, mais imponente e litúrgica, ergueu-se, no lado norte, um braço que trouxe à Sé o esquema de uma cruz. Em 1926, quando era Vigário de Nossa Senhora da Penha e Cura da Catedral o Pe. Francisco de Assis Feitosa, a Capela do braço esquerdo estava concluída.

D. Francisco de Assis Pires, segundo Bispo, procedeu à nova reforma da Catedral, dando expressão moderna à Capela Mor e à do Santíssimo, bem como à Sacristia. Precisamente a 1 de setembro de 1938, a nova e grande Imagem de Nossa Senhora da Penha, adquirida por D. Quintino, era benta e colocada no seu majestoso nicho.

No ano seguinte, era retirado do patamar da Sé o quase secular cruzeiro, de 26 palmos de altura, todo composto de pedras, verdadeira obra darte, trabalhada nos idos de 1840 e enriquecido pelos vários símbolos da Paixão do Senhor, tais como a escada, a corda, a cana, o martelo, a corôa de espinhos e o galo. Depois de certo tempo, o velho cruzeiro ressurgiu em frente ao portão do Seminário Diocesano.

Em 1952, armava-se o Altar de Nossa Senhora das Graças, compondo-se assim a Capela das Filhas de Maria, ao lado da Capela Mor. E perfazendo a figura da Cruz, o atual Cura da Catedral edificou, em 1954, o braço do lado sul, onde se formou a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Destarte, consumou-se a reforma planejada, restando apenas modificações menores, como, por exemplo, a abertura de arcos comunicando

a Capela Mor com as laterais e dando maior visibilidade para as funções litúrgicas. Simples, porém, não despida de arte e beleza, a Catedral de Nossa Senhora da Penha se impõe como um amplo e majestoso templo. E, no seu bôjo, repousa meiga e cativante a querida e veneranda Padroeira do Crato.

A Casa da Senhora da Penha, não tem conhecido apenas os fenômenos religiosos, mas vários acidentes têm pontilhado de luz ou coberto de sombras a curva de sua história bissecular. A propósito, Irineu Pinheiro faz uma recensão dos fatos históricos que o autorizaram a asseverar que no Quadro da Matriz se cumpriram «os mais notáveis sucessos da vida política, religiosa e social do Crato.»

Entre todos, destacou-se a Proclamação da República, feita em 3 de maio de 1817, quando, com a anuência de velho vigário Miguel Carlos da Silva Saldanha, que bem caro pagou a aventura, o Diácono José Martiniano de Alencar «subiu ao púlpito, de batina e roquete, conforme registra Monsenhor Muniz Tavares em sua História da Revolução de Pernambuco em 1817, e leu o «Preciso de Mendonça», proclamando em seguida a nossa independência política e a república».

O que teve esta efeméride de trágico em suas consequências, porém, de glorioso nos seus rasgos de heroísmo, teve de lúgubre e sacrilego o criminoso atentado perpetrado, dentro da Matriz. Em setembro de 1856, realizavam-se as eleições, quando o delegado de polícia ordenou que atirassem os soldados contra os adversários. «No recinto da Matriz se deram espancamentos, efusão de sangue e homicídio», saindo morto o eleitor José Gonçalves Landim. Logo no dia seguinte, às 5 horas da tarde, usando dos poderes que lhe dava a disposição N. 1282 da Constituição Diocesana, o Vigário fez a reconciliação da Igreja, de sorte que «foi desinviolada a Matriz, como determina o Ritual Romano».

A DEVOÇÃO DO POVO DO CRATO

A imponência arquitetônica e a beleza artística dos templos traduzem, sem dúvida, a grandeza da fé que visceja num povo. As magníficas e suntuosas Catedrais da Europa aí estão como espelho do vigor e da viveza do sentimento religioso que animou a Idade Média, assim como, em todos os templos, a devoção aos Santos multiplicou as Igrejas cristãs que, no esplendor da arte ou na eloquência da simplicidade, refletem menos a cultura e riqueza que a piedade e magnanimidade de um povo.

Se, entretanto, o templo cristaliza na linha ou na cor o carinho e o amor dos fiéis para com Deus e seus Santos, projetando no espaço a idéia sublime da fé, é sobretudo no tempo

que se manifesta, eloquente e arrebatadora, variada e cativante, a força viva da Religião. No recinto do santuário, no recesso do lar ou no sacrário da consciência, o culto religioso realiza as suas onímodas expressões, desde os murmúrios secretos da prece silenciosa até as pompas enlevantes da oração litúrgica. Os atos piedosos, vividos com fervor, eis a linguagem palpitante com que se patenteia a verdadeira devoção.

No altar dos corações, mais que na pedra dos altares, hemos de encontrar o testemunho inequívoco do amor filial que o povo do Crato sempre dedicou a Nossa Senhora da Penha. Transmitido de geração em geração, a devoção à Padroeira faz parte da formação primeira de nossa gente que, desde de criança, aprende a recorrer a esta valiosa Protetora e a vida inteira passa a ouvir as suas glórias e exaltar as suas grandezas. A confiança com que invocam nos momentos de aflição e necessidade e a vibração com que a louvam nos dias de festas, tudo faz incutir na mente e no coração dos fiéis cratenses um vivo respeito e uma forte dedicação à Senhora da Penha.

Aparentemente frio, o devotamento a Nossa Senhora da Penha, no Crato, tem raízes profundas e firme consistência. Sucedem-se dias e meses, sem que se levante um clamor de súplicas ou um rumor de festas e nem sempre se queimam fogos em seu louvor nem se depõem ex-votos em seu altar nem se alardeiam promessas vantajosas. Mas, nada consegue arrefecer o entusiasmo da devoção e o calor das manifestações, nos momentos de angústias e nos dias tradicionais. O seu hino não se canta senão na grande Festa, mas também por nada se consegue a substituição desta música secular que tem embalado a alma cratense através de sua história. Índice do aprêço e amor filial para com a estremecida Padroeira, afirma-se o número considerável de pessoas que recebem na Pia Batismal o nome de Maria da Penha e, realmente, inúmeros são os pais de família que a tomam por Madrinha de filhos seus. Devotos exitem, de quando em vez, que tão aprimorada têm a devoção que, sem respeito humano e até com ufania, só se referem à Padroeira com a doce e terna expressão de minha Mãe da Penha. E, toda vez que faz apelo à dedicação e generosidade geral, dou testemunho de que são legiões os que, sinceramente, respondem com prontidão e magnanimidade impressionantes. Haja vista o sacrifício penoso e humilhante de certas campanhas, em benefício de Nossa Senhora da Penha ou de sua causa, sempre empreendidas com êxito confortador.

A Imagem antiga, oculta na Sacristia e atualmente na Secretaria Paroquial, uma vez que não é permitido expôr ao culto duas imagens da mesma invocação na mesma Igreja, a

inesquecível Imagem dos maiores continua a atrair pessoas que não se cansam nunca de procurá-la e visitar, vindas de longes terras ou de intensos sofrimentos. Quando, então, se expõe à visitação pública ou se desloca em funções litúrgicas e apostólicas, o povo a venera ardentemente e a acompanha incansavelmente. Em 1952, ao inaugurar um programa novo de paróquia, o Cura da Sé traçou o itinerário de uma peregrinação pelas Capelas e os fiéis da zona rural, por onde a Imagem passara havia pouco mais de meio século, deliraram de alegria por rever e receber a querida e veneranda Imagem. Esta mesma estima se patenteou no interesse com que os paroquianos aceitaram os santinhos de Nossa Senhora da Penha, impressos em tamanho pequeno. Cresceu, porém, o entusiasmo quando se fez a distribuição para todas as famílias de estampas grandes, em policromia, com a Imagem da Padroeira acima do retrato da Catedral. Hoje, quase toda a casa ostenta, mesmo entre a pobreza do desconforto, a efigie de Nossa Senhora da Penha.

Para promover concentrações grandiosas, em que a população em pêsso se congregue, nada colhe tanto resultado quanto a presença da Imagem. Memoráveis foram as concentrações monstro provocadas para neutralizar os famigerados comícios que os comunistas intentaram realizar na Cidade. E quem não tem viva lembrança dos inolvidáveis movimentos em preparação à vinda da Imagem Peregrina de Fátima, quando a Padroeira levava para os recantos todos da nossa Urbe uma multidão imcomputável?

Na verdade, Nossa Senhora da Penha exerce um suave império de bondade e amor sobre esta católica e marial Princesa do Cariri.

A FESTA DA PADROEIRA

Sinal inequívoco desta doce vassalagem é a Festa da Padroeira, que marca, no calendário de cada ano, o maior acontecimento socio-religioso da região.

Nela se patenteia a dedicação leal de todas as famílias e a adesão geral de todas as classes. Numa afluência excepcional, acorrem todos os habitantes de todo o município, aos quais se somam muitos outros vindos de perto e de longe. Nenhum acontecimento social ou religioso consegue reunir uma multidão igual à Festa da Padroeira. O Crato tem conhecido ultimamente solenidades máximas, em festividades magníficas, ora apresentando a presença de um Cardeal e uma dezena de Bispos, ora ostentando o luxo de visita de altas Autoridades civis e militares, ora proporcionando atrações e diversões sensacionais como as do Centenário da Cidade ou das Exposições Agro-pecuárias.

Nenhuma Festa, contudo, nem mesmo as Santas Missões pregadas por Missionários consagrados como os Redentoristas ou afamados quanto Frei Damião, nada consegue atrair e arrebanhar tanta gente quanto o Dia da Padroeira. Sempre tem sido o maior público e o auditório mais numeroso. O comércio e a política dão bem definição disto. Muitos por devoção ou tradição, outros por negócio ou interesse, o certo é que de toda parte vêm freguezes para a Novena de Nossa Senhora da Penha. As famílias simples e modestas podem privar-se de muita coisa, mas não falta a preparação para a Festa da Padroeira, quando todos se ufanam de envergar roupas novas. O gosto do povo reveste às vezes aspectos curiosos. Assim, pessoas existiam, há pouco ainda, que nos festejos da Padroeira iam a pé até a Cidade contratar um carro, no qual voltavam para trazer a família para a Festa. . . Por tudo isto, daria um longo capítulo o estudo da influência religiosa e social da Festa na formação e evolução da vida cratense.

Das mais antigas e fortes tradições, a Festa da Padroeira do Crato sempre se celebrou com muito gosto e movimento, revestindo côres características, em que à piedade e à solenidade dos atos litúrgicos se somam notas interessantes de vida folclórica e números atraentes de diversão. Vem a talhe reportar aqui a descrição que, nos meados de segundo quartel do século passado, nos deixou Gardner. Eis como reza a crônica do escritor escocês, transcritas de O Cariri, de Ireneu Pinheiro: "Durante a minha estadia no Crato foi celebrada a Festa de Nossa Senhora da Conceição (sic), precedida de nove dias de divertimentos, cujas despesas corriam por conta de pessoas designadas para conduzi-los; enquanto durou a novena, como é chamada, os poucos soldados que havia na vila não cessaram quase, dia e noite, de dar tiros, e as procissões, illuminações, girandolas de foguetes e salvas, com um pequeno canhão em frente da igreja, trouxeram o lugar em constante alvoroço. Como diziam que a última noite era mais solene, dirigí-me pelas sete horas à igreja, diante da qual havia muitos postes embandeirados e ardiam duas fogueiras; na calçada em frente ao templo aglomerava-se enorme multidão e, de tempos em tempos, meia duzia de soldados descarregavam os seus mosquetes; perto dali tocava uma banda de música, composta de dois pífanos e dois tambores; mas a música que produziam era de arrebear timpanos. A igreja estava interiormente esplendente de luzes e cheia de gente; surpreendeu-me, porém, ver que a quase totalidade dos assistentes eram mulheres; estavam todas vestidas de branco ou, pelo menos, tinham um chale branco sobre a cabeça e os ombros. No dia seguinte, pouco antes de anoitecer, uma grande procissão, composta inteiramente de homens, passou pelas ruas principais, conduzindo

com grande pompa várias imagens da Virgem e do seu Filho; os três padres da vila e bem assim o Visitador ou Delegado do Bispo, que realizava então uma das suas habituais visitas trienais, marchavam sob um pálio escarlate. As festas terminaram no dia seguinte, um Domingo, com exibições no pau-de-sebo, e uma dança de mascarados no patio da igreja» (Op. cit. pag. 227).

De ver está que laborou em equívoco o cronista da Festa de 1839, uma vez que a Padroeira não era Nossa Senhora da Conceição, que sim da Penha Quanto à data, tradicionalmente fixada no dia primeiro do Ano, por razões que não vimos demonstradas, passou a ser primeiro de setembro, graças à intervenção de Dom Quintino. E para maior solenidade e expressão, conseguiu-se uma grande conquista com a decretação de dia santo de guarda. Se não existe um ofício próprio no Breviário nem uma Missa especial de Nossa Senhora da Penha, o seu dia em nossa Diocese, mereceu o privilégio de ser guardado no Côro e no fôro, o que vigorou até o decreto de 19 de fevereiro de 1918, por força do qual nenhuma festa estabelecida por direito particular poderia obrigar os fiéis.

No correr dos tempos, como é natural, conheceu a Festividade maior do Crato os acidentes inevitáveis, descrevendo uma curva de altos e baixos. Quando tomámos posse da Catedral em 1952, guardando embora o esquema sustentado pela tradição, a Festa vinha experimentando o travo de certas decepções, pois que se tornara de menor expressão religiosa e social. A extraordinária afluência de forasteiros exploradores e de frequentadores de diversões provocara um divórcio entre os festejos e a solenidade da igreja. Enquanto o Novenário se fazia na Catedral concentravam-se as diversões na Praça da Estação, onde campeavam os jogos e as orgias, num ambiente viciado, sem ordem nem moral. Muitas pessoas por lá ficavam, não comparecendo aos ofícios religiosos, e a grande maioria, apenas se encerravam as orações oficiais, descolocavam-se apressadamente para lá. De uma vez, conforme informação de Afrodizio Nobre da Cruz, foram contados só na calçada do lado direito, 1.308 pessoas que procediam da Sé e avançavam, pela rua Senador Pompeu, rumo às diversões, enquanto legiões desciam por outras ruas. Com a anuência da Autoridade Diocesana, decidiu-se enfrentar a situação e reduzir todos os movimentos à unidade de um plano, subordinando tudo à ordem. Graças à compreensão e cooperação dos Poderes constituídos, acordou-se em localizar todas as atrações no próprio quadro da Sé, garantindo-se um clima de respeito e moralidade, de sorte que as famílias mais distintas possam comparecer a tudo. Há, por certo, algum inconveniente na aproximação do Parque diversional, mas ganha-se

muito na disciplina e moralidade da Festa. Uma verdadeira lei assinada pelo Governador da Cidade e pelo Delegado de Policia regulamenta o Parque de diversões, de modo a criar um ambiente de ordem, respeito e moralidade. Em obediência às determinações baixadas para Provincia do Ceará em cumprimento às normas traçadas pelo Sr. Bispo Diocesano, com prévia audiência e pleno apoio das Autoridades locais, fixam-se diretrizes por forças das quais, durante a Festa, as diversões não se permitem senão na Praça da Sé, mediante entendimento com o Cura da Sé, impondo-se respeito rigoroso ao horário das funções religiosas e ao sossêgo público e proibindo-se terminantemente a venda de bebidas alcoólicas e a exploração de qualquer jogo ou aparência de jogo. Esta foi uma conquista expressiva alcançada progressivamente nestes últimos anos, assegurando-se com isto uma composição feliz da Festa Religiosa e dos festejos populares.

Apresenta, assim, a Praça da Sé um aspecto pitoresco, grandioso e movimentado. Enquanto nos lados norte, sul e nascente, se alinham os corrocéis, barcas, ondas marinas e roda gigante, no centro alteia-se, gracioso em suas linhas singelas e funcionais, o Palanque de onde a Imagem de Nossa Senhora da Penha preside às festividades. Erguido entre as colunatas da pérgola, remirando-se nas aguas quietas do lago em frente, o Altar da Virgem domina sobranceiramente a histórica e mimosa Praça, transformando-a em vasta Catedral, onde milhares e milhares de devotos se comprimm para o louvor da Padroeira. Continuando as linhas luminosas do Palanque, cordões de lâmpadas se estiram pelo contórno do lago e avançam até o pátio da Sé, onde se ramificam para uma iluminação feérica dos Pavilhões dos Noitários. Aqui, a imponência dos portões embandeirados e o contraste das grades coloridas emolduram, atraentemente, o recinto dos leilões. No centro, irradiando os cordões de luzes, alteia-se o soberbo mastro da Bandeira da Padroeira, ladeado por outros correspondentes às torres, nos quais drapejam gigantestecas Bandeiras do Brasil e da Santa Sé.

A Festa de Nossa Senhora da Penha enche plenamente toda a Cidade e faz da Praça da Sé o centro de toda as atividades religiosas e sociais. De tal maneira, ficam polarizadas as atenções que, neste setênio, se vem conseguindo a homenagem especial de, numa Urbs dessas proporções, não se promovem nos Clubes locais nenhuma festa dançante que venha a fazer competencia com a Festa. A sociedade em peso e o povo todo se deixam empolgar, empenhando-se em campanhas e atividades que têm consagrado a magnanimidade dessa gente. A despeito de não existirem líderes ou pessoas de destaque, sinceramente

devotados à causa da Padroeira, como outrora brilharam devotos do porte e gosto de José Gonçalves e João Evangelista Gonçalves, a organização da Festa vem despertando entusiasmo, logrando atingir, como resultado líquido, um tecto superior a meio milhão de cruzeiros, Entretanto esta falta de inrerêsse dos ricos, traz uma oscilação sensível no nível das apurações, que têm ultrapassado a casa dos seiscentos para logo cair de quase 50%, subindo novamente no ano seguinte. Isto é que está postulando, cada ano, um plano diferente. ora congregando as classes, ora agrupando amigos; agora apelando para o amor aos filhos eleitos Príncipes, depois repousando nos brios das famílias tradicionais ou adventícias. A família cratense, porém, tem gosto em servir a Nossa Senhora da Penha e, de molde a honrar qualquer terra, são a arte e riqueza com que preparam os filhos como Pagens, Príncipes ou Princesas. Assim, como ornamentam os vinte e tantos Andores que compõem a maravilhosa Procissão do Encerramento. Então, o Carro-Andor da Padroeira, cada vez superando-se a si mesmo, tem constituído verdadeiro deslumbramento.

Incorporando novamente aos festejos tudo aquilo que a tradição nos legara como patrimônio do nosso folclore sadio e de nossos costumes religiosos, fomos programando a Festa de modo a associar os tesouros da vida moderna às reliquias do tempo passado. E a enriquecer os dias festivos com os ritos sagrados, que nos põem em contáto com Deus e sua Bendita Mãe, sem excluir os números interessantes que proporcionam momentos de alegria e distração, em união com os antepassados e em comunhão com os irmãos presentes. Por isto, restaurou-se o antigo e generalizado uso de trazer o Pau da Bandeira, em cortejo alvorçado só de homens, que passeiam em marcha quase marcial o soberbo caule em que tremulará a Bandeira. As músicas cabaçais, proibidas que foram de pedir esmolas de porta em porta, numa coleta que mal sobejavam das despêsas do grupo quase sempre animado pelo alcool, as zabumbas voltam, nesta hora da entrada triunfal do Pau da Bandeira, a trazer o característico de suas músicas, tão enervantes e irritantes às vezes, porém carregadas de tão vivas recordações.

Se este acontecimento, ocorrido na tarde do dia 15 de agosto, vem despertar a consciência do povo para a Festa que se aproxima, é no dia 22 que se conclama a todos com a cerimônia do Hasteamento da Bandeira, que, após uma pequena procissão, vai hasteada à altura de até cem palmos, em eucalip-tos linheiros, de cujo topo domina a sua Cidade. Em seguida, desde que se promovam quermesses nesta noite, desfilam os números tradicionais. O Maneiro pau, a dança do côco, a do

trancelim, a quadrilha, a adoração dos zabumbeiros, o reizado, tudo há sido apresentado ao público. Grande êxito anda alcançando, ultimamente, o Pastoril que, mercê da graça e louçania das Pastorinhas selecionadas entre as melhores famílias, encanta e empolga, ao apresentar suas Princesas e Noitários.

Nova atração, vai criando fama e crescendo de vulto a Vigília da Festa, celebrada com números típicos do campo, como derruba de rezes, a montagem de animais bravos, a corrida de cavalos, a conquista da argola e outras aventuras em que vaqueiros e cavalheiros provam sua habilidade e bravura.

Igualmente, volta a oferecer momentos de indescritível deslumbramento a parte pirotécnica, ultimamente aperfeiçoada pela organização geral da Festa. Os Noitários que, antanho, porfiavam numa verdadeira batalha de fogos e pistolas, tentando alcançar vitória em proveito e beleza, arrefeceram nesta emulação. Nem mais se interessam por arrebatar a Bandeira, eles que primavam em requintes de brio e competição ao «entregarem o ramo» cada noite. A Catedral, porém, vem ressuscitando as fosforescentes e rutilantes demonstrações de fogos e artificífios, com novidades surpreendentes.

Diz-se que, por muito tempo, os soldados do destamento, mesmo depois de cessado o uso dos tiros festivos, costumavam acompanhar a Imagem numa como guarda de honra. Atualmente, representações de Classes, Associações Religiosas ou Educandários formam as guardas de Honra, reservando aos Nobres Vereadores da Câmara Municipal a distinção de integrar a insigne Guarda de Honra da Padroeira.

Em tudo, porém, o que persiste mais que latente, pois que, a toda hora, se faz patente, é a serena imperturbável à excelsa Padroeira. Toda esta agitação e consequente dispersão não consegue desviar da mente e do coração do povo a fé e o amor a Nossa Senhora da Penha. À hora da Novena, impressiona e o silêncio o respeito reinantes num logradouro público, lotado de atrações e distrações. Difundidas pelo serviço de auto-falantes da Catedral ou retransmitidas pelas Rádios locais, as orações do Novenário são atentamente ouvidas e acompanhadas pelos devotos, congregados aos milhares ante a Imagem querida.

As músicas antigas exercem verdadeira fascinação sobre o coração de nossa gente, que não admite a substituição por melodias modernas. Desde tempos imemoriais, canta-se um novenário que a tradição consagrou, exclusivamente para a Festa da Padroeira. Atribue-se a sua autoria ao renomado Maestro Montezuma, do Icó, autor que foi de três novenários compostos com características próprias. Entre nós, conserva-se o n. 1, de melodia riquíssima, cheia de matizes brilhantes. Com tonalidades

em maior, proporciona lindo colorido musical, executado por instrumentação caprichosa, na qual predominam os arpejos nos cantantes e as variações, nos instrumentos graves. Empregando o si-bemol, no «Domine, ad adiuvandum», alcança um tom de grande riqueza melódica. Mas, o que a destaca é a Ladainha, que, por si só, diz do gênio e da inspiração do compositor. Seguindo as considerações tecidas pelo Prof. Pedro Teles, pode dizer-se que a Ladainha vale uma pequena sinfonia. Melodia arrebatadora. Colorido brilhante! Escrita em sol, ela conhece nada menos de 23 modulações e 7 variações, destacando-se alguns solos com acentos de rara beleza. A «Salve Regina» continua a mesma inspiração como se fora um complemento da Ladainha. Também, em três vozes, alcança arrebatamentos deslumbrantes. E, finalmente, a não falar nas demais partes, no Pater, Ave, o Salutaris e Tantum Ergo, o Novenário da Padroeira acorda ressonâncias especiais na alma do povo, com as notas lânguidas e cativantes do Hino de Nossa Senhora da Penha. Em tom menor, este Hino, cuja origem e autor se desconhecem, tem uma melodia tocante que bem demonstra a fé ardente do devoto da Mãe da Penha. Há pouco, orquestradas novamente pelo Pe. Davi Moreira, as músicas da Festa continuam a embalar a alma do povo, como se evocassem todas as vozes do passado e associassem à multidão dos presentes a outra dos que se foram para o lado de lá do horizonte, no tempo e no espaço.

De longe, chegam os devotos mais fervorosos e muitos não perdem jamais a Festa. Mesmo pessoas que residem nos sítios, cada noite, aqui estão para assistirem ao Novenário. À boca da noite, as estradas do Crato semelham caminhos de formiga, pois de todas as direções vêm vindo, aos grupos, para cultuar a Senhora da Penha.

Porfim, as pompas litúrgicas emprestam à Festa um brilho extraordinário. O novenário oficiado em plena Praça, bem que não conheça a quietude enlevante dos templos, nada perde de sua solenidade, cativando a multidão de assistentes, enquanto alternam as orações eloquentes e as músicas tradicionais. O Santíssimo Sacramento é levado da Catedral até o Palanque, acompanhado de alguns membros da Irmandade. O Tríduo final, sempre mais solene, conta com a presença de três Sacerdotes, festejando-se o Dia da Padroeira com a Missa Pontifical, na própria Catedral. À estação da Santa Missa, um celebrado Orador Sacro faz o Panegírico de Nossa Senhora da Penha, em cujo louvor costuma o Sr. Bispo dar, neste grande dia, a Bênção Apostólica. Mas, o coroamento da Festa, temo-lo na pontentosa Procissão de encerramento, que faz percorrer as principais Ruas vinte Imagens, dentre as mais queridas e veneradas de nossa

gente. Entre as alas de Associações Religiosas, representações de Educandários e devotos vestidos de branco, desfilam os Andores precedidos de sua guarda de honra; os estandartes e bandeiras; as flâmulas das Paróquias e Pavilhões Pontifício e Nacional; os grupos de Anjos e virgens coroadas, e, porfim, o magnífico Andor de Nossa Senhora da Penha. Cada ano, se renova assim uma consagrada apoteose a Nossa Senhora da Penha, na portentosa Festa da Padroeira.

FENÔMENOS PRODIGIOSOS

O segredo de todas as manifestações de piedade, magnanimidade e vibração esconde-se, naturalmente, no seio de uma profunda e forte devoção à Senhora da Penha. Ora, esta se alimenta não apenas da certeza de que a Mãe de Deus nos pode acodir, senão ainda da confiança em que, realmente, Ela nos quer valer. A confiança na proteção de Nossa Senhora da Penha, eis então o estímulo da verdadeira devoção mariana.

A segurança com que o povo recorre, confiantemente, à Mãe de Jesus, se afirma na verdade de que Maria é a Medianeira de todas as graças. E se confirma com as inúmeras graças e socorros prestados à nossa gente. De ordem espiritual ou temporal, de toda sorte, recebem-se muitos benefícios de Nossa Senhora da Penha, tão invocada nas horas difíceis e tão prestimosas nos momentos de necessidade. Cada promessa que se cumpre é um atestado do devotamento anterior à Padroeira e novo incentivo para o afervoramento do amor à Virgem da Penha.

Guardam os mais velhos a memória de alguns prodígios e, frequentemente, outras graças visitam o nosso povo.

Impossível seria fazer uma recensão dos muitos favores conseguidos por intercessão da Padroeira, já que os seus devotos a Ela recorrem em todas as angústias e precisões ou encomendam todos os interesses e conveniências. A quem se dê o cuidado e prazer de tomar conhecimento dessa crônica de gratidão e louvor, de logo se impõe a observação de que a maior valia de tão bondosa Protetora vem ao encontro dos que padecem grande aflição ou correm perigosos riscos. Tal como aconteceu nas origens da invocação e no processo de sua difusão, Nossa Senhora da Penha se apraz em atender, de preferência, aos que a invocam à hora de perigo iminente.

Escolhidos entre casos sem conto, vamos registrar dois apenas, cujo prodígio é atribuído pelo povo à augusta Padroeira do Crato. O primeiro terá acontecido noutras paragens, pois que os cratenses levam para onde vão o tesouro de sua devoção, justificando-se, dessa sorte, as visitas oportunas e as promessas custosas que, de longe, vêm fazer ou pagar. O outro

teve por cenário e testemunha a Cidade inteira do Crato, onde visceja e floresce está veneração autenticamente cristã, legítima nos seus fundamentos e pura em suas manifestações, escoimadas que são de qualquer fanatismo ou superstição.

x x x

Maria Filomena era uma criancinha de 2 anos e 4 meses apenas, filha de Mariano Basílio Gonçalves e Espedita Fernandes Machado, modestos agricultores do Município de Barros, no sul do Ceará. Certo dia, em março de 1956, a pequenina, depois de receber alguns carinhos do pai que saía para a roça, fugiu à vigilância das pessoas de casa e se pôs a caminhar na direção tomada, havia pouco, pelo seu genitor. Devagarinho, foi-se embrenhando mata a dentro, desviando-se por algum atalho e, bem cedo, perdendo-se em meio à vegetação cerrada da visinhança.

Em plena estação invernosa, as árvores cobertas de folhas verdes impedem completamente qualquer visibilidade. A família, dando pela ausência da menina, começou a procurá-la por toda parte. No terreiro, em redor da casa, pelos caminhos que dela partiam, pelas veredas que por ali cruzavam, por todos os recantos, procuraram Maria Filomena, investigando, chamando, gritando. Mas, tudo, debalde. Nem sinal da pequerrucha. Nem rastro apagado, sobre a terra molhada, por onde passaram os seus pésinhos leves. Ela se sumira por volta das 9,30 da manhã e já declinava o dia, sem que aparecesse sequer um vestígio. Os amigos e vizinhos se associaram à empresa e todos investigavam e davam buscas. Entretanto, a tarde morria, triste e descolorida, e nem um raio de esperança brilhava no coração dos pais aflitos, como no céu não cintilava nenhuma estrela. O manto das nuvens forrava o firmamento escuro e um véu de angústia e dor toldava o espírito daquela pobre gente.

E o que seria de Maria Filomena, perdida no túnel da noite fria, exposta aos rigores do tempo chuvoso, sujeita aos acidentes imprevisíveis? A fome não a estaria devorando por dentro? E se uma onça, dessas que dizem rebanhos da região, a devorasse por fora? As cobras, tão numerosas neste tempo, as guarás e os quaxinins que rondam à noite silenciosa, meu Deus! quanta desgraça se escondia no bôjo daquela noite tenebrosa, que vestia a serra do Ouricuri como numa camisa de sombras e trevas. As pedras lodosas, os grotões fundos, a correnteza vertiginosa do riacho, tanta cilada armada aos passos inocentes da criancinha... Nesta aflição dolorosa, desenganados dos meios humanos, levantaram eles os olhos e o coração para o alto e recorreram ardentemente a Nossa Senhora da Penha, a quem foi feita uma promessa.

E o poder da Mãe de Deus os valeu, realmente. Persistiram em diligências durante o dia seguinte e, já quase sem esperança de êxito, eis que se surpreendem com o encontro de Maria Filomena, no coração das matas. Era tardinha e, decorridas mais de trinta horas, a pequenina estava sorridente e bem disposta, em nada denunciando cansaço ou sofrimento. A despeito das pesadas chuvas caídas à noite, ela trazia inexplicavelmente enxutos os seus vestidinhos e até a boca se conservava com resquícios de um pedaço do bôlo que ela saíra a comer. Algo de extraordinário acontecera u'a mão poderosa se estendera sobre Maria Filomena.

Pouco tempo depois, chefiados pelo tio Joaquim Fernandes, que fizera também a promessa, comparecia ante o altar da Padroeira da Catedral do Crato, a família que vinha agradecer a grande graça. Carregando o cansaço de uma longa viagem a pé, assistiam à Santa Missa, na qual comungavam, agradecidos. E, na região da serra do Ouricuri, todos sabem e proclamam que, na verdade, este foi um milagre de Nossa Senhora da Penha.

x x x

Corria o dia 18 de setembro, normal como os dias de semana de 1935, quando o Crato foi tomado por uma grande emoção. Fechava-se o comércio para o almoço e o povo se deslocou, pressuroso e apreensivo para o local do desastre.

O Mestre Amaro continuava trabalhando numa cacimba que abria, atrás da vacaria do Sr. José Filgueiras Teles, precisamente onde se ergue hoje a casa da rua Leandro Bezerra n. 35, esquina com a Rodolfo Teófilo. Ultimava-se a parede circular, de proteção, e o proprietário prevenira aos operários tivessem cuidado, pois que o terreno parecia fender-se em derredor. O Mestre Amaro, porém, cheio de vida e mocidade, afrontava os perigos, confiado em que não corria risco, quando, de repente, a escada cedeu e o mundo se escureceu em sua vista. A queda ia vertiginosa e ele só teve tempo de apelar para os céus, num brado confiante e forte. Como num relâmpago, lembrou-se da milagrosa Padroeira do Crato e gritou com fé:

Valei-me, Nossa Senhora da Penha!

Por cima dele, porém, precipitaram-se os tijolos da parede, desmoronando-se as barreiras que pareciam se apressarem em fechar o túmulo àquele inditoso operário. Lã no seio da terra, por ele aberta para o tragar, repousaria um herói que tombou de armas na mão, ganhando a morte onde esperava ganhar a vida.

O corpo de Mestre Amaro pressionado pelo material

Continua na página 77



CONGRESSO PIONEIRO

escreve DUARTE JÚNIOR

Conta-se que certo dia, na recuada éra de 1892, os jornalistas bandeirantes reuniram-se em um recanto da capital paulista para ver funcionar, pela primeira vez, um fonógrafo—estranha e miraculosa descoberta de EDISON.

Não se descreve a emoção que produziu nos homens de imprensa aquêle «polvo mecânico», a emitir sons, vozes humanas que lhes entravam nos ouvidos através de tubos acústicos.

Era aquela «caixa falante», nada menos do que a vovó da «alta-fidelidade» que hoje fabricamos e que nenhuma surpresa desperta.

Não podiam sonhar os jornalistas daquela remota audição, que mais tarde ter-se-ia, ali mesmo, potentíssimas radioemissoras e estações como a tupi da Guanabara, com antenas no Pão de Açucar e transmissores de ondas curtas de cêrca de 100 quilowatts iguais aos mais potentes do mundo.

Não podiam sonhar com a televisão, a transmissão de imagens à grandes distâncias, de programas teleteatrais levados a todos os quadrantes da cidade, em ondas hertzianas, onde quer que se encontre um aparelho receptor, com elevadores falantes, supertráfegos em

plena Novocap, na terra dos Bororós que a mão de um mágico transformou na mais deslumbrante cidade do planeta.

* * *

Jornalistas cearenses, no primeiro mês de 1961 reunir-se-ão em congresso nesta cidade de N. S. da Penha, mas nenhuma surpresa, nenhuma «caixa falante» como aquela do inventor americano, teremos para oferecer a sua curiosidade.

Não temos atrações turísticas.

Hospitalidade e um pouco de «folclore» — músicas e danças indígenas e africanas — é só o que podemos prometer.

Crato não é ainda um grande centro, muito embora não se possa dizer dêle, como acontece com a maioria das cidades da R. V. C., que aqui divertimento é chegada de trem.

Temos duas estações de rádio, duas amplificadoras, cinemascopes e outras conquistas da moderna técnica eletrônica, associações esportivas, clubs de dança, parque municipal, parque permanente de exposição agropecuária, estação de horticultura e fruticultura, balneários, aeroporto com pista pavimentada e que é, em termos de decolagem e aterrissagem, dos melhores do Nordeste; quatro estabelecimentos bancários, duas cooperativas, inúmeros estabelecimentos de ensino primário, técnico, normal, secundário, científico e superior; escolas de datilografia e de música, bibliotecas, museu, institutos culturais, hospitais, maternidade, postos de saúde, serviço de Raio X, Associação de Empregados e do Comércio, Posto de Endemias, SANDU, IAPC, sindicatos, fábricas, a maior feira do Nordeste e a me-

lhor Banda de Música do Estado, Comarca de 4ª entrância, quatro Cartórios, dez advogados, dezoito médicos, e é sede do Bispado.

Temos correio e temos telégrafo intermitente, dependendo o seu funcionamento da vontade dos que respondem pelo reerguimento de postes caídos e esticamento de fios, já se tendo registrado períodos semestrais de isolamento postal. (!!??).

Teríamos serviço de abastecimento da água completo se não houvessem pago, com parte da verba, uma promessa em Canidé ...e temos luz e força em Paulo Afonso...

Em matéria de imprensa, nós, do bureau caririense, estamos reduzidos à circulação de um semanário, dois jornaisinhos quinzenais, um mensário e uma Revista anual — Itaytera.

Dispondo de boa equipe de jornalistas amadores, podemos dizer que somos uma realeza sem reino.

Escrevendo, vez por outra, para as folhas da capital, nós do Cariri, o fazemos como jornalistas ad-hoc, curiosos em profissão alheia.

Não seria, aliás, muito fácil, ao intelectual do sertão, da água doce, com encargos outros, acertar o passo com os profissionais militantes na imprensa da água salgada.

Médicos, advogados, engenheiros, professores, odontólogos, do interior que aos seus afazeres juntam o de jornalista, fazem lembrar aquela planta híbrida dos chineses que, por processo de enxertia, produz tomate nas ramas e batata nas raízes.

Não iremos ter, por certo, um congresso de cartola e casaca, protocolar e cerimonioso, mas um con-

gresso em mangas de camisa, sobretudo porque não dispomos de frio antes de junho, mas de calor intenso e abominável. Talvez mesmo, um congresso sem temário para ser agitado e debatido, uma reunião em que acertaremos os relógios pelo meridiano da A. C. I., um congresso alegre em que não se irá estudar, como na conferencia de cúpula de Paris, os meios de supressão da guerra fria entre o Kremlin e a Casa Branca.

Para animação teremos o nosso Ascyro que será o Paulo Gracindo do conclave, sem omissão do uisque, do arak e da vrodica que, «desde Spinosa, sempre estiveram ligados às idéas».

Crato, além de belezas naturais, oferece a sugestão fascinante de suas tradições, de episódios de sua história, não devendo escapar, por outro lado, à observação dos confrades, as peculiaridades das demais comunas caririenses.

Um passeio por todas elas, o que se faria sem o emprego de astronaves, tornaria, talvez, mais objetiva a idéia de conagraçamento jornalístico visado pelos congressistas.

O Cariri não se esgota turisticamente, em uma permanência de poucas horas na cidade princesa.

BARBALHA com o seu ambiente refinado, onde as eleições se processam sem força federal e sem o êxodo de políticos derrotados, é a Suiça da Região.

A liberdade, porém, não é ali maior do que a disciplina partidária: um grupo radical da direita, no último pleito, por obediência, deixou de balir com o rebanho verde-amarelo, para rugir com a matula vermelha, sem, entretanto, perder o seu «elan» de religiosidade e pureza ariana.

Berço de heróis, como Martiniano e Pinto Madeira, fez-se representar em todas as Assembléias Constituintes, da 1^a a terceira República, do País e do Estado.

A sua antiga imprensa, de âmbito regional, independente e honesta como a imprensa holandesa, lembra nomes do gabarito de Silvano de Souza, Joaquim Queiroz, Miguel Coelho, José Bernardino, João Viana Filgueira Sampaio, Henrique Lopes, Florencio Alencar, Silva Mariz e muitos outros.

As suas lendas, como a «Dama da Fonte» que o gênio fantasioso do povo situou no Caldas, o mais belo manancial do sopé do Araripe, das «julietas» raptadas em noites de serestas, batidas de luar, nos tempos em que as «julietas» ainda eram românticas e a lua ainda pertencia aos namorados e não era, como hoje propriedade de russos e americanos, foram rimadas por repentistas como José de Matos e Luiz Quesado.

As suas paisagens poderiam figurar entre as mais belas da coleção de Kurt Peters.

Há menos de meio século era Barbalha o Hercules do comercio da Região, perdendo o cétro com a revolução de 1914, quando foi condenada à imobilidade como o Tesêu da mitologia.

Ainda assim, os seus estabelecimentos de ensino valem tanto pela imponência e condições pedagógicas de prédios próprios, quanto pelo elevado standard da instrução ministrada.

Maior centro canavieiro do Estado, possui um Campo Experimental de Sementes que é a mais notavel obra pública do Cariri.

JUAZEIRO que é a mais populosa cidade cearense, oferece material precioso para estudos sociológi-

cos e pesquisas folclóricas. Mosáico de elementos étnicos, apresenta imensa variedade de aspectos e peculiaridades da massa nordestina. O homem das ruas, das feiras, das oficinas, numa imensa área do mais baixo padrão de vida, em chocante desproporção com uma cúpula de arquimilionários. O homem das missas, das procissões, das promessas, que tem na sala de visita, em redor do «Padrinho», as estampas de todos os santos, em alarmante desnível religioso, com o homem «soçaita» dos palacetes e clubs. Uma equipe de médicos de renome, hospitais, maternidades, laboratórios de pesquisas, alta cirurgia, ambulancias, como vanguarda assistencial e, nas subcamadas, uma rêde de profissionais de curanderia, garrafadas, rezas, cartomância. Cidade oratório com provisão de frades, de beatos, de religiosas, caravanas à base de milagres, apresenta, ao mesmo tempo, elevado standard de progresso, com Radioemissoras, clubs, cinema, aéroponto, instrução nos diversos grâus.

Como nos demais núcleos de população compacta, expande-se em mundanismo de elevada temperatura. O amor, conjugado em todos os tempos e modos nos bairros alegres é sublimado na lira galhofeira de magnifico poeta, em versos *qui faraiént rcugir un singe*, se a sua imensa veia cômica não fosse vasada em moldes parnasianos, não tivesse arte, estética, labores de joalheria.

Cidade formigueiro, Juazeiro será um centro autônomo de expansão industrial, se as torres e linhas de alta tensão de Paulo Afonso não errarem o caminho do Cariri.

x x x

Embora muito distante do litoral, desassistido e sem as graças do oficialismo, Crato é a Cidade que

maior contingente legou ao jornalismo cearense. As suas maiores figuras procedem do Cariri. Foi aqui onde João Brigido armou a sua primeira tenda e onde se fez escritor. De Crato, sem falar nos novos, nos atuais que operam aqui, em Fortaleza, no Rio e em S. Paulo, saíram Gomes de Matos, Lóiola Alencar, José Marrócos, Pes. Joaquim Peixoto, e Leopoldo Fernandes, Zuza de Figueiredo, H. Firmesa, Monte Arrais, Otacilio Macedo, Bruno de Menezes, Fernandes Távora, Manoel Monteiro e outros. Este último militou, com destaque no «Peris-Soir» de Paris foi talvez o mais elegante dos que escreveram em nossa capital. A pleiade brilhante dos que atualmente escrevem no interior, em Fortaleza, no Rio e em São Paulo, por muito numerosa, não cabe relacionada nas presentes linhas.

Crato é, por todos os títulos, a cidade indicada para a reunião de 1961 do CONGRESSO PIONEIRO.



«ESCOLA SECUNDÁRIA» E «ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI»

A bem feita revista do Rio, órgão da CADES—«ESCOLA SECUNDÁRIA», em seu número 14, à pag. 105, na secção ORGANIZE SUA BIBLIOTECA, publicou:

«Livro 13: J. de Figueiredo Filho—ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI, 1958. 74 pp. Cr. 80,00.

Tivemos a oportunidade de conhecer um engenho de rapadura caririense e, também, o autor da obra em pauta. E o livro é o retrato fiel da realidade. Em seguida à clássica introdução histórica vêm a paisagem geográfica, física e a humana; o cultivo da cana de açúcar, a vida em um engenho, seus tipos, a importância da rapadura no regime alimentar do nordestino da região semiárida e a tradição folclórica. Todos êsses assuntos são pormenorizadamente analisados por um estudioso caririense. Como complementação da obra, há referências bibliográficas, dados estatísticos (1954) e uma ligeira monografia sobre um engenho local.»

A secção é assinada pelo Professor Tharceu Nehrer que, em Janeiro de 1960, esteve, em Crato, dirigindo uma das cadeiras do curso CADES.

Apreciável o Valor Nutricional da Mangaba

A mangaba, fruta silvestre, bem conhecida como matéria-prima para sorvetes, refrescos e doces, aparece, agora, como alimento de apreciável valor nutricional, rico em ferro e vitamina C. Suas qualidades de bom alimento acabam de ser reveladas num trabalho de pesquisa, realizado na respectiva Secção do Departamento de Nutrologia de SAPS, pela nutricionista e pesquisadora Zenaide de Azevedo Tiúba, que teve como colaboradores os srs. Osmar Neves Burger, Stela Góis Duchene e Marysa Villela de Andrade, também pesquisadores.

Os resultados dessas pesquisas estão contidos no folheto «Mangaba—Composição Química e Valor Nutricional», editado pelo Departamento de Divulgação e Estatística do SAPS, que o incluiu em sua «Coleção Estudo e Pesquisa Alimentar», para distribuição gratuita aos que se interessem pelo assunto.

Pela primeira vez, levantou-se uma tabela da composição química da mangaba. O folheto referido, que está sendo distribuído pelo departamento que o editou, no terceiro andar do edifício-sede do SAPS, à Praça da Bandeira, além de suas ilustrações reproduzindo desenhos e fotos da mangabeira e da fruta, que aparece inteira e cortada longitudinal e transversalmente, apresenta a tabela e gráficos, indicando as quantidades, em gramas, de mangaba, que satisfazem as necessidades diárias de ferro e vitamina C, do organismo humano, em suas diferentes idades.

Realizou-se, também, um estudo da mangaba, que o folheto revela, em desenhos ampliados de tecidos e células de fruta.

Ext.

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

Continuação da página 68

desabado de cima não mecgulhou, todavia, na agua da cacimba. Caira sobre uma camada de tijolos desprendidos da parte central da parede e, recurvado ao pêso dos escombros, ali ficara sentado e imóvel. Um tijolo o magoava, prêso que estava entre a coxa e as costelas, mas ele não ousava mover-se, temendo maior esmagamento. Os minutos passavam e arrastavam-se preguiçosamente, como sombras de eternidade, mergulhado o corpo num pôço de trevas densas e o espírito nas trevas espessas da mais angustiante interrogação. Conversámos com o protagonista, bem como as testemunhas mais idôneas do acontecimento, e sem esforço podemos imaginar a angústia inquietante que invadia o Mestre, envolvido no chão fundo como por um golpe de jiu-jitsu mortal.

Eram 10 horas, quando a catástrofe se dera, e já uma hora passara lentamente por cima do homem soterrado, sem que nenhuma providência se tomasse. O proprietário se encontrava fora e, por isto, enquanto aguardavam a sua vinda, todos emitiam o seu parecer. O povo todo acorreu ao local, principalmente quando se fechou o comércio à hora do almôco. E uns davam a opinião de que era inútil fazer a escavação: ali ele já estava sepultado. D. Lilita, porém, espôsa do Sr. José Teles não pensava assim. Com ela concordava o Sr. Júlio Limaverde, seu tio. Também, o Prefeito Municipal Antonio Gonçalves Pinheiro.

E o diálogo travado à roda da cacimba desabada criava alternativas de esperança e de desengano na alma do Mestre Amaro. Parece, desenrolou-se em seu espírito, em poucas horas, toda a tragédia emocional que, em doze anos, vem martirizando o presidiário Cary Chessmam.

Obtemperava um, com ênfase de antoridade :

— Não adianta. Deixe logo o homem sepultado aí.

E o Mestre Amaro, ouvindo isto, se deprimia mais :

— Pronto. Estou morto, Não há jeito, não. Nossa Senhora da Penha, valei-me.

Mas. D. Lilita retrucava :

— É para cavar. Quero tirar nem que seja os pedaços.

Nascia alma nova. Nesta palavra distante que ele ouvia ao longe, pelo filtro da terra, vinha uma mensagem de vida e ressurreição.

E, assim iam os trabalhadores escavando com cuidado afim de não atingirem o corpo. A ansiedade lá dentro do chão

era algo indescritível, enquanto lá fora a agitação alvoraçava a todos. Já haviam mandado trazer a mulher do Mestre para o encontro doloroso com um cadaver que lhe daria o diploma de viúva. O Dr. Miguel Limaverde e Dr. Joaquim Fernandes Teles, conceituados e dedicados Médicos do Crato, davam assistência aos necessitados e aguardavam os acontecimentos.

Afinal, pelas 14 horas, era retirado o Mestre Amaro, entre a curiosidade e precipitação da multidão. Ele vinha banhado de suor, como se tivera saído de uma banheira, mas, para o espanto geral, estava perfeitamente ileso, a não falar numa contusão insignificante no braço. Queriam levá-lo suspenso, porém, ele insistia em caminhar com os próprios pés. Apenas um chá de laranja com canela, providenciado por Dr. Limaverde.

A aglomeração do povo na residência do Sr. José Teles foi extraordinária. Nada conseguia conter aquela gente, que invadia portas e saltava varandas. A população inteira do Crato tomou conhecimento do fenômeno excepcional, atribuindo sem discrepância à miraculosa intervenção de Nossa Senhora da Penha.

Ainda hoje, todos dão testemunho inequívoco de que, realmente, é prodigiosa a excelsa Padroeira do Crato.

CONCLUSÃO

O que levamos aqui expendido é menos uma contribuição para a história e sociologia do Cariri que uma homenagem sentida à excelsa Padroeira do Crato, de quem fomos investido, bem que imerecidamente, em Pároco Pontifício. Após sete anos de árduos trabalhos, no serviço do Senhor e em prol da causa de Nossa Senhora da Penha, sentimo-nos feliz de poder tributar à bendita Mãe de Jesus mais este preito de amor. Respigando textos dispersos, coletando informações esparsas, e reduzindo tudo à unidade de um plano, entendemos difundir um pouco mais as glórias e grandezas de Nossa Senhora da Penha. Mais conhecida, será Ela mais amada. E o louvor de Maria radundará sempre na maior glória de Deus e salvação das Almas.

A Nossa Senhora da Penha, portanto, a expressão do nosso mais vivo devotamento.

CRATO, 17 de Abril de 1960.

Festa de Páscoa.

Padre Rubens Gondim Lóssio

Cura da Catedral

FOMENTO AO TURISMO NO CARIRI

J. Lindemberg de Aquino

Ano passado, quando lançamos pelas páginas vitoriosas de Itaytera, o esquema geral do plano turístico do Cariri, jamais pensávamos, sinceramente, que nossa modesta ideia pudesse alcançar tamanha repercussão. Não dávamos para o Cariri de hoje a mentalidade tão evoluída, capaz de absorver com espírito e com curiosidade, os rápidos e bruxoleantes delineamentos de uma ideia que tende a se corporificar dentro de mais alguns anos. Mas tivemos em troca do nosso trabalho a compreensão de muitos, a compreensão de quase todos, e, o mais confortante, a palavra de estímulo de grande quantidade, que sentiu ser perfeitamente normal o que pensávamos, perfeitamente possível a realização paulatina dos nossos planos e das nossas ideias. Na imprensa, figuras como o Dr. Quixadá Felício, Dr. J. de Figueiredo Filho, Bruno de Menezes, José Jeser de Oliveira e outros, nos apoiaram e nos incentivaram, impulsionando a máquina do nosso entusiasmo e dando-nos o toque de clarim para o despertar de novos artigos sobre a mesma matéria. E se voltamos ao assunto, com bases, hoje, mais firmes, o fazemos certos de que o Cariri se constitui, em potencial, uma das mais ricas e mais promissoras zonas onde se poderá implantar um plano de aproveitamento turístico, no Nordeste do país.

Mas antes de examinarmos o Cariri, propriamente, vejamos o resultado do turismo organizado, e racionalmente explorado. Supomos que todos sabem que o turismo é hoje uma das maiores fontes de renda do mundo. Países há que vivem exclusivamente do turismo, como Mônaco e San Marino, duas nações pequeninas, menores mesmo do que muitos municípios brasileiros, mas que teem rendas nacionais de causar inveja a muitas Nações. O turismo, hoje compreendido, explorado e organizado em muitas Nações, pesa fortemente na balança das rendas nacionais, e as atrações turísticas, constantemente reparadas, melhoradas e assistidas, são objetos de cuidado extremo dos seus governos. Num dos mais recentes numeros que publicou, a vitoriosa revista PN (Publicade & Negócios), que pode

ser considerada, hoje em dia, a melhor revista do Brasil, fez uma análise, em sua secção Turismo, sobre os lugares preferidos dos turistas americanos.

O número de PN a que nos referimos é o de 19 de Setembro de 1960, e a reportagem, bem feita, e farta de clichês, nos dá uma ideia perfeita de como se gasta dinheiro hoje em dia, em turismo, no mundo moderno. Façamos nossas as palavras de PN, transcrevendo, data vênica, seus judiciosos conceitos:

«Nada menos de 6.600.000 norte americanos gastarão em viagens turísticas, até o fim do corrente ano (1960), a importância de 2 bilhões e seiscentos milhões de dólares. São esperados nos Estados Unidos, este ano, seiscentos mil turistas estrangeiros, que gastarão 335 milhões de dólares naquele país, cifra que representa um incremento de 20% sobre 1959. Durante o verão europeu, nada menos de 18 mil turistas norte americanos estarão voando *diariamente* rumo a dezenas de festivais e exposições que se realizam na Europa!»

Mais adiante diz a reportagem da grande revista dos publicitários cariocas: «Merece ainda destaque o fato de as repartições oficiais de turismo (estrangeiras) gastarem atualmente 7,5 milhões de dólares nos Estados Unidos, para promover as atrações turísticas dos seus países.

Essas informações pertencem ao estudo realizado pelo Escritório Comercial do Brasil em Nova Iorque. Em estudos, relatórios e entrevistas, o Escritório, que é chefiado pelo sr. Francisco Medáglio, tem chamado a atenção do Brasil para essa valiosa indústria, cujo desenvolvimento é seguido de perto por dezenas de países de todo o mundo». Outro trecho da reportagem de PN:

«Tão grande é a ânsia de viajar que nada menos de oito mil turistas norte americanos cruzarão o Atlântico—atualmente um voo a jato de seis horas e meia—quase diariamente, durante o verão (de Junho a Setembro), atraídos pelos Jogos Olímpicos de Roma, pelo «Drama da Paixão» em Oberammergau, pelo 37º Congresso Eucarístico em Munique, bem como pelas dezenas de feiras e festivais que se realizarão na Europa. Também em cada dia dessa estação cerca de 10 mil norte americanos estarão empreendendo viagens em redor do mundo, e dezenas de milhares se dirigirão em gozo de férias, ao México e Canadá. Na realidade, este ano, os norte americanos dispenderão mais em viagens do que em qualquer artigo estrangeiro—Mais, de fato, do que o valor total que empregarão em automoveis, tecidos e ferro de outros países».

Mas vale ainda citar, por força do assunto que ela

esplana tão bem, a revista PN: «Somente no corrente ano, cerca de 300 mil norte americanos visitarão as Ilhas de Havaí, deixando lá 140 milhões de dólares, 40% mais do que no ano passado».

Outra importante verdade está mais a diante: «Certos economistas preveem que em 1970 as despesas com viagens ao estrangeiro ultrapassarão 6,5 bilhões de dólares, quase três vezes mais de que as despesas atuais». A revista carioca, depois de muitas outras considerações e análises sobre o turismo, encerra a reportagem com as seguintes afirmações:

«Ao final de toda essa exposição percebe-se claramente, e aqui repetimos uma frase que se está tornando comum, quão lucrativa é a industria do turismo (principalmente para os países europeus). Com o nosso já decantado «extraordinário potencial turístico» bem poderíamos trazer para o Brasil alguns milhões de dólares, a exemplo do que fazem dezenas de outras nações. É tempo de incluir no plano de desenvolvimento a «meta do turismo».

Por aí veem os leitores que turismo hoje em dia não é brincadeira, não!

Ele já existe, funciona, é explorado, proporciona riqueza o progresso.

Não pensem que citamos os fatos acima porque tenhamos a pretensão de trazer para o Cariri alguns turistas norte americanos. Longe de nós tal pretensão, pois em mentalidade de turismo, no setor oficial, estamos no Cariri ainda na idade da pedra lascada...

Mas vale a publicação como um aviso, para que seja despertada a consciência dos nossos homens públicos regionais.

Evidentemente que não teríamos as condições, tão cedo, de atrair turistas estrangeiros, mas, ressalvadas as nossas falhas, teríamos com certeza, dentro do Vale do Cariri, um fluxo turístico considerável, do chamado «turismo interno» que existe no Brasil, proporcionando o deslocamento de capitais, já com grande êxito, em diversos estados.

Cuide o Cariri de planificar a sua estrutura turística, com o aproveitamento rigoroso de todas as suas possibilidades, até das menores, obedecendo ao esquema já por nós apontado, e que mereceu, de parte das pessoas de mentalidade avantajada, os melhores elogios. Porque só poderíamos partir da premissa de nos organizarmos primeiro, municipalmente, em cada cidade, para depois constituirmos a Comissão Caririense de Turismo.

Não é demais repetir que temos no Cariri excelentes condições para formar aqui o melhor turismo, no interior nordestino. Temos condições e qualidades, que se estudadas e

exploradas, poderiam constituir um acervo dos mais voliosos, para a organização de um calendário turístico, funcionando o ano inteiro, atraindo visitantes em todas as épocas e em todos os meses do ano.

Nosso comércio melhoraria, nós seríamos mais conhecidos no Brasil a fora, e cada um que nos visitasse, levando boa impressão, tornar-se-ia um propagandista certo de nossa terra, e na certa ainda voltaria outras vezes, ou trazendo seus parentes e familiares, ou estimulando a seus amigos a virem. Um circulo que iria sendo aumentado cada vez mais.

Nestas rápidas considerações sobre o turismo interno que podemos fazer no Cariri, para ITAYTERA, não queremos encerrar o assunto antes de afirmar que, por nossa iniciativa, já foi fundado no Instituto Cultural do Cariri o Grupo de Trabalho para o Turismo na Região. É uma iniciativa pioneira em nosso Estado e que já mereceu inclusive do dr. Stenio Azevedo representante do Touring Club em nosso Estado, os melhores elogios, quando visitou a sede do ICC.

Esse Grupo de Trabalho é o desdobramento das atividades do Instituto Cultural do Cariri, atividades de todos já bastante conhecidas, e que colocam o ICC como vanguardeiro das grandes iniciativas. Tudo o que sai do ICC é vitorioso. Vejam a luta pela implantação do Ensino Superior no Cariri, já plenamente vitoriosa com o funcionamento das duas primeiras Faculdades em Crato!

Pois bem, O Grupo de Trabalho para o Turismo do Cariri, como lhe competia, entrou imediatamente em funcionamento. Mantém estreita ligação com o Touring Club do Brasil, através do socio-correspondente do ICC no Rio, jornalista José Jeser de Oliveira, que ali se avista, todas as vezes que é necessário, com o Dr. Chagas Dória, secretário do T.C.B. Estamos articulando uma campanha que visa a fundação de Clubes de Turismo no Cariri. Já recebemos, inclusive, material impresso sobre isso, distribuído pelos Diarios Associados, na sua campanha de incremento ao Turismo Interno. Em 61, daremos os passos concretos para a fundação de meia duzia de clubes de turismo na zona do Cariri, os pioneiros no Ceará e talvez no Nordeste Brasileiro. É uma obra patriótica a que nos devotaremos, certos de estarmos prestando um grande serviço ao Cariri e à sua gente.





O PADRE VICENTE SOTER

Celso Gomes de Matos

Faz bem ao coração e ao espírito contar-se, de quando em quando, a história dos que viveram esquecidos.

Ainda não se fez nesta Revista a história do Pe. Vicente Soter. O nosso conhecimento com este sacerdote vem de longe. Conheci-o professor. Conheci-o Capelão. Vi-o celebrando, já homem maduro, na Casa de Caridade.

Acompanhei-o na sua peregrinação de Cura. Foi vigário de Ouricuri e Triunfo, no Estado de Pernambuco. De Jardim e de outras paróquias no Estado do Ceará. Tenho, portanto, motivos para chama-lo santo. Não santo como muitos que o mundo chama de santo, mas que não vivem segundo a lei divina.

Santos de santidade equívoca, ostentosas às vezes, a exemplo de uma Filha de Maria que vivia a rezar nas Igrejas. Mas, chega o Carnaval, parece-me que o de 1956, e ela, a dissimulada sonsa, se desmandou tanto na folia que deu letra aquela canção intitulada—**desconfiança**, que dizia em cantoria ruidosa: «Pode ser que ela seja uma santa, mas também pode ser que não seja.» Não. O meu biografado não deixou dúvidas a este respeito. Atestam sua modéstia e pureza, os atos impecáveis de sua vida pública e particular. Viveu devotada à sua missão e sem tresmalhar-se no deserto sombrio das ambições mórbidas. Trabalhos, canseiras, injustiças, tudo para êle se processava em silêncio e sem queixumes. Todos os dias, mas todos os dias, êle estava, às 5 horas da manhã, celebrando na Casa de Caridade. Ali o fui buscar, certa vez, numa quarta-feira de cinza para um batizado de hora de morte.

E se foi pronto no atender-me mais pronto foi na pressa com que os dois, eu e êle, corriamos dentro de um **Jeep** a fim de, em tempo, podermos alistar pelas águas do batismo, êle, mais um eleitor para Deus, e eu, mais um anjinho para o meu lar. Santo padre, assim o creio.

Nunca se negou a atender também a uma confissão de hora de morte estivesse o doente onde estivesse. Andava léguas a cavalo e ao sol e à chuva.

Em conversa com o venerando Monsenhor Lima, a respeito das agruras do sacerdócio, acertámos que os padres antigos trabalhavam muito. Eu lhe acrescentei: muito mais que os de hoje, os da era atômica.

Num tempo em que não se conheciam os transportes rodoviários, padres havia que andavam em burros lerdos e chotão. Padre Lima citou vários fatos, ocorrido um com êle mesmo ao fazer uma confissão.

Vale a pena citar outro sucedido com o Pe. Soter que foi chamado para confessar um doente destes que, só ao se despiderem da vida, se lembram de reconciliar-se com Deus. Foi. O cavalo era duro. Subiu e desceu montes. Era tempo de inverno, levou chuva. Com fome, comeu no caminho um pedaço de pão de milho e tomou uma xícara de café. Finalmente, ao subir uma ladeira e ao chegar em casa, qual não foi a sua surpresa quando, no alpendre da dita morada, é recebido por por um doente capaz de viajar.

Esta história que bem demonstra a abnegação dos padres antigos como por exemplo do Pe. Severiano, Pe. Quintino, Pe. Lima, Pe. Juviano e de outros, ainda não foi contada.

Estes homens que viviam segundo a lei divina, não tinham disto, não. Montavam a cavalo. Não tinham **Jeep**. Trem não havia. E, se, preciso, andava am pé. Na minha meninice, ouvia falar muito no Pe. Ibiapina, cuja personalidade ficou fixada na alma popular. Padre não tinha dinheiro. O Pe. Antônio Manoel de Sousa, famo-

so na «Guerra do Pinto,» não tinha a mínima noção do que era dinheiro.

Não cobrava, assim como não pagava. Vivia sem cogitações de acumular tesouros. E conta J. Brígido que voltando de longa desobriga, a sua empregada lhe foi às malas verificar se trazia o que comer. Nada encontrou. E visto isto, como fazer o almoço?

O Padre resolveu — mate o meu papagaio. E comeu o louro, o seu papagaio real. Os açougueiros lhe satisfaziam os pedidos, mas contas não lhe mandavam, porque, em compensação, a sua Igreja funcionava gratuitamente. Não recebia espórtulas. O Pe. Soter foi professor.

Os professores do outro tempo eram pobres. De uma pobreza tão franciscana que poderiam ser chamados para a cerimonia litúrgica do lava-pés da Semana Santa. Não se mercadejava com o ensino.

Podê-se dizer que trabalhavam de graça como relógio. O nosso Figueiredo Filho lhe deve os primeiros ensinamentos no Seminário S. José. Deixou de ensinar. Mas quando? Quando não podia mais subir a pé a ladeira do Seminário. Só na velhice entregou os pontos. Mesmo assim não terminaram aí os seus sacrifícios. Eu de mim já vou descambando para o outro lado da encosta da vida, e posso atestar que o maior mal do mundo é a velhice. Aos 70 anos o homem se apaga. Sem poder mais celebrar, aos 75 anos começou o Pe. Soter a se apagar. Não era mais visto nas ruas do Crato, nem na sua capela. Vivia recluso. Não queria mais alimentar-se. E, tal é a fraqueza humana, que êle, o mais digno dos padres, tomou-se de sérias obsessões. Como, por exemplo, pensar que não era digno de, na Consagração, receber o Pão da vida eterna.

Escravo de tão absurda cegueira, a morte foi a sua libertação. Faleceu à noitinha. Derramado na cidade a notícia do seu desenlace, a sua casa se encheu. Todos o queriam ver. E velar-lhe o corpo.

Morreu de barbas crescidas que, apesar disto, davam-lhe a moldura, de uma fisionomia serena. Vi milhares tocarem-lhe o corpo com o rosário. E se não fosse, penso eu, certa vigilância, ter-lhe-iam cortado em pedacinhos a batina para servir de relíquia.

O povo tem destes desabrimentos. E eis tudo que sei do Pe. Soter. O que escrevo para a nossa Revista não é uma biografia. A vida do Pe. Soter merecia um estudo mais profundo de alguém que pudesse salientar o conteúdo filosófico e social de sua obra. Mesmo assim difícil, se não impossível traçar-se o perfil moral de um homem que escondia com avaresa o perfume das suas virtudes.

Nem uma carta dele encontrei. Nem um documento. Tudo escondido. Até os agastamentos temperamentais que os tinha às vezes, bem como o método que adotara para dominá-lo, só ao padre Azarias confiou este segredo. Ninguém entretanto jamais escapou de lendas que correm mundo.

Pio Carvalho, cujos ditos tinham muito sal, fez graça à custa do Padre Soter. Agastado com o povo de Bodocó, atira-lhe as setas da sua mordacidade. Contava nas ruas do Crato que Padre Soter teria passado um dia inteiro entrando pela noite ouvindo de confissão aquela gente.

E já os galos ameudando e êle mesmo se sentindo cansado e sonolento, saíra para uma latada que ficava próxima. E aí julgando-se só, estirou os braços para o alto, deu um suspiro e teria dito :

— Que terra, meu Deus, p'ra ter ladrão de bode!

Esta revelação, se bem que involuntária do segredo da confissão, é uma das muito chistosas mentiras do Pio. Mas a sua piada corrobora a minha afirmação anterior.

Os padres antigos trabalhavam mesmo de dia e de noite. Para ajudá-los havia as missões, famosas como as de Frei Vidal e de outros.

O povo corria em massa atrás do Pe. Ibiapina com o fito de trabalhar nos açudes, nas Casas de Caridade e também de prover-se do batismo, ouvir missa, confessar-se e receber outros recursos espirituais.

Naquele tempo, onde chegava o sacerdote chegava o progresso.

Ali eregia-se logo uma capela e, conseqüentemente, formava-se o povoado.

Poderia citar vários exemplos de povoados que surgiram da noite para o dia. Do padre João Bandeira nasceu o Jardim — Juazeiro do Norte é do padre Pedro e do Pe. Cicero. E o Crato se originou das Missões de um Frade.

João Bandeira era respeitado pela sua reputação de homem valente. E os outros pelas suas virtudes.

O Pe. Vicente Soter passou fazendo o bem. A êle se ajustam muito as palavras das Sagradas Escrituras — *pertransit bene faciendo*.

Não é uma biografia. O que se acaba de ler são palavras de saudades àquele que nasceu no Assaré, fez seus estudos em Fortaleza e no Crato entregou o seu corpo à sepultura.

Eu continuo a julgá-lo santo. Como muitos, de santidade anônima, os quais passaram pela vida sem serem nunca lembrados.



NUMARIA — É publicação da Sociedade Numimástica e Filatélica Cearense, Foi-nos oferecido pelo nosso conterrâneo Tomé Cabral dos Santos, um de seus redatores. É ilustrada e bem confeccionada graficamente, possuindo boa matéria relativa aos assuntos que defende. O corpo de redação compõe-se: Dr. Jo.é Abreu do Nascimento, Diretor, Francisco Firmino de Araújo e o já citado Tomé Cabral dos Santos, redatores. **NUMARIA** comprova que o Ceará está bem evoluído em numimástica e Filatelia.

Esboço Histórico de Crato

A respeito da plaqueta, «ESBOÇO HISTÓRICO DE CRATO,» escrita pelo nosso ilustre e acatado sócio fundador—Cel. Raimundo Teles Pinheiro, ora servindo no Estado Maior do Exército, no Rio, e que é ótima propaganda de Crato, recebeu êle a seguinte e bem feita cartade nosso conterrâneo Luiz Gonzaga de Melo:

Crato, 10 de outubro de 1959

Prezado amigo Tenente Coronel Raimundo Teles Pinheiro:

Pela presente, quero agradecer a gentileza que teve, enviando-me um exemplar de «ESBOÇO HISTÓRICO DE CRATO», em sua segunda edição.

Sua obra teve, como não poderia deixar de ser, a mais ampla repercussão em nosso meio e—estou certo—em todo o Estado, em face do interesse do assunto e da maneira pela qual foi desenvolvido, maneira inteligente, sóbria e criteriosa. Filho dedicado desta terra, o ilustre amigo, a par da larga folha de serviços prestados ao Ceará e ao país, demonstra ser um cratense da melhor estirpe, disposto, além do mais, a divulgar os aspectos mais importantes do nosso mundo.

Não há dúvida de que o seu livro marca uma nova fase para o desenvolvimento das pesquisas sobre usos e costumes entre nós. E o seu valor foi plenamente reconhecido, como prova a grande receptividade encontrada em todas as camadas intelectuais.

Receba, mais uma vez, o caro amigo e conterrâneo meu caloroso agradecimento pela gentileza dispensada, com os melhores votos no sentido de que prossiga em sua meritória tarefa em favor da nossa terra e da nossa gente.

Com um abraço do amigo e admirador

(a) *Luiz Gonzaga de Melo*



O IDEAL—É ótimo quinzenário de estudantes, dirigido pelos jovens Jurandy Timóteo (Diretor), Antonio Nunes Vieira, José Gil Borges, Manuel Patricio e Audísio Teles. Demonstra que está bem viva, entre nós a vocação pelo jornalismo. Preocupa-se com assuntos sérios e torna-nos otimista quanto ao futuro do Brasil, pela juventude estudiosa que nele milita.

PADRE MESTRE IBIAPINA

Mons. Silvano de Souza

É o nome de um grande sacerdote que durante vinte anos, na última metade do século XIX, chamou sôbre si as atenções de grande parte do Nordeste, onde exerceu a sua missão apostólica. Há sôbre êle uma predestinação divina a que não podemos ficar indiferentes.

O seu pai: Francisco Miguel Pereira, havia sido destinado ao sacerdócio, pelos progenitores, cristãos fervorosos, residentes em Sobral, e radicados às melhores famílias, da terra. Quando já se ultimavam os preparativos para a viagem do futuro sacerdote, que iria para o Seminário de Olinda, o jovem levita não pôde resistir aos encantos da sua jovem ccterrânea Maria Teresa, e resolveu abandonar a idéia de ser padre, que os pais com grande zêlo e reta intenção lhe haviam incutido no espirito. Vendo, porém, que não podia obter o consentimento paterno, resolveu raptar a moça e casar-se, fora dos trâmites ordinários. Houve, naturalmente indignação na família: os pais não puderam assistir indiferentes a destruição de um ideal que alimentaram durante muitos anos. Era ver por terra uma esperança que os consolara nas tristezas, angústias e decepções de que se tece a vida das famílias em luta com um ambiente desfavorável.

Por mais que sentissem a separação do filho não podiam suportar em casa a presença daquela moça, que lhes devia merecer o carinho de filha, mas tornara-se indigna pela traição feita à vocação de seu filho, o futuro sacerdote que iria dignificar tôda a família.

Assim o jovem casal, sem o amparo dos pais, e mais do que isso, não podendo arrostar a má vontade e o ambiente hostil da família, abandonou Sobral e foi constituir o seu lar no arraial de Ibiapina, povoado constituído quase sômente por índios da tribo Tabajara, remanescentes do aldeamento dos Padres Jesuítas, no século XVII.

Ali Francisco Miguel Pereira estabeleceu-se como professor de primeiras letras na falta de outro meio de vida. A terra era fértil, o clima saudável e o povo acolhedor. O tempo que lhe sobrava das lides do professorado, Francisco Miguel empregava-o numa pequena cultura do campo que lhe ajudava a sobrevivência. A vida ia se passando nessa tranquilidade pacífica do campo, sem preocupações além dos doces deveres de estado,

que a sua esposa auxiliava a cumprir, suavizando-lhe as aspe-
rezas por ventura existentes.

Neste ambiente de paz e trabalho vieram-lhe os três primeiros filhos, dos quais o terceiro se chamou José, a que se juntou o cognome de Ibiapina, em memória da terra onde nasceu. Ali, naquêl clima salutar, sem o estafante calor equatorial, nem o rigor da temperatura subtropical, as crianças se desenvolviam sempre sadias e alegres como as aves naquela atmosfera sedutora.

O menino José era ainda de tenra idade, quando seu pai obteve o Tabelionato Público e seus anexos da Cidade de Icó para onde se transferiu com a família. Ali começou o filho do Tabelião Ibiapina, os seus estudos de primeiras letras na Escola do afamado mestre daquele tempo, José Felipe.

Apesar da reação que lhe produziu no organismo infantil a mudança do clima, não arrefeceu no espírito do menino o amor ao estudo. Sentiu saudades dos ares de Ibiapina com a carícia de suas brisas, a variedade de suas aves que enchiam com a harmonia dos seus cantos a solidão acolhedora daquelas alturas. O Icó era uma planície monótona, com um sol abrasador embora a corrente do rio Salgado e a abundância de suas águas, não raro sulcadas pelas canoas dos pescadores, a atividade variada do comércio e da vida social, fôsem para os estranhos um aspecto encantador de cidade. Acresce ainda o ruído das estradas trafegadas por comboieiros, que ofereciam aos *escolares* de fora um atrativo inédito. Desse modo José Ibiapina adaptou-se logo ao novo ambiente e entregou-se com uma verdadeira paixão aos seus estudos, sobretudo quando se iniciou nas primeiras lições de Latim, ao terminar o curso primário.

O cônego José Paulino Duarte da Silva, em uma monografia sob o título «Padre Ibiapina» publicada em 1915, na Paraíba do Norte, hoje João Pessoa, Tipog. Pernambucana, diz que «o aluno começou a dar provas de um talento e felizes disposições para a virtude e piedade. Desempenhava com esmero e aptidões todas as obrigações escolares, nas horas vagas eram seus melhores divertimentos ouvir missa e assistir a todos os atos religiosos que se faziam nas Igrejas, especialmente na do Senhor Bom Jesus do Bom Fim».

Em 1819, quando o talentoso e esforçado estudante continuava com muito êxito o estudo de Latim, foi o seu pai transferido para a cidade de Crato no exercício das mesmas funções de Tabelião. Já então o filho José Ibiapina cursava com grande aproveitamento o Latim e outras disciplinas exigidas para a matrícula nos Seminários de então. Infelizmente, no Crato não havia, na época, mestres daquelas matérias. José Ibiapina, muito

a contra gôsto, teve de interromper os seus estudos na esperança de outra oportunidade. Entretanto não deixou de cultivar os exercícios de piedade, sob a direção do Padre Felipe, sacerdote de alto conceito na opinião dos que o conheciam.

«Se, no dizer pitoresco do cônego José Paulino, lhe faltava o pábulo que devia alimentar a sua razão e acendê-la em vulcão benéfico, não lhe faltava o grande livro da natureza para cultivar o seu espírito penetrante e desenvolver a sua vasta inteligência.

«O jovem estudante tinha sido embalado pelas macias brisas da Ibiapaba, pelo doce sussurro de suas fontes, pelos alegres e inocentes folgares dos indígenas.

«No Crato encontrara uma natureza viril e uma verdura perpétua, uma primavera constante. As auras do Araripe lhe sorriam docemente, trazendo-lhe à memória as brisas da pátria natal. As cascatas perenes do Batateira, as límpidas e murmurantes águas do Grangeiro, a deliciosa frescura das ingazeiras que lhe bordam as margens, o continuo desafio dos sanhassus, dos cabeças-vermelhas, dos canários, e patativas, que se trava sôbre as árvores de eterna verdura, a variedade constante de flôres e frutos em qualquer estação do ano, eram outros tantos estímulos, que lhe arroubavam a alma de poeta e a extaziavam com compridas meditações; estas imagens lhe ficaram gravadas no fundo do coração, de sorte que ainda hoje, nos seus maiores arroubos de oratoria, êle descreve panéis só semelhantes às doces paisagens dêsse belo Cariri Novo».

Dois anos se passaram nessas plagas que lhe lembravam os dias descuidosos da infância em terras da Ibiapaba, que é uma espécie de prolongamento da Araripe com o Vale do Cariri, que tanto seduziram a imaginação do jovem estudante Ibiapina.

Não encontrando no Crato quem o guiasse nos seus ulteriores estudos de humanidades, passou-se para a vila de Jardim, onde um célebre educador Joaquim Teotônio Sobreira de Melo, pontificava no ensino dessa disciplina. Ali o seu anseio de aprender encontrou mestre competente, num ambiente de clima saudável e ameno.

No esforço de adiantar-se e no zêlo por estabelecer em sua alma uma atmosfera de virtude e piedade, notava-se no jovem José Ibiapina um ideal superior que transcendia a meta geral dos estudantes que porfiam por uma carreira que o projete na vida com brilho para o seu nome, além da glória para a sua família.

Êsse ideal era o Sacerdócio, que se ia radicando no seu espírito sem insinuação estranha, mas cultivado por êle mesmo, como inspiração divina que o acompanhava na vida nas horas

trágicas ou nas horas de elevação mística.

Acontecimentos, que exigiam uma decisão de graves consequências, precipitavam-se. Francisco Miguel Pereira Ibiapina, ainda nas funções de Tabelião de Crato, transferiu residência para Fortaleza por exigências políticas ou conveniências pessoais. A esse tempo o movimento da Independência processava-se rapidamente com muito entusiasmo. Infelizmente os pontos de vista dos chefes não coincidiam todos no modo como tornar a Pátria autónoma e independente do governo português. Daí surgiu a idéia da criação da República do Equador, idéia não bem amadurecida e posta em prática precipitadamente.

Nas vésperas do movimento político o estudante do Jardim, ali conhecido com o nome de Pereirinha, para se distinguir de outros Pereiras, seus condiscípulos, mais corpulentos, resolveu apressar sua entrada no Seminário de Olinda. Viajou em 1823 para a velha cidade Colonial. Mas, chegando ali sofreu uma grande decepção: o tradicional educandário eclesiástico, onde se formava a maior percentagem do clero nordestino, passava por uma grande crise em que se prejudicavam não só os estudos que baixavam de nível, mas também a moral que não estava à altura de um estabelecimento daquela ordem. Ali demorou-se pouco tempo e internou-se no Convento das Mercês, e sob a direção de mestre competente continuou seus estudos de Filosofia e de outras disciplinas.

Corre o ano de 1824. Os acontecimentos intensificam-se e explodem. Os idealistas da República do Equador fracassam na execução do seu intento. Dom Pedro I sufoca a rebelião em poucos dias. Dos responsáveis uns fogem e outros são prêsoes e condenados à morte. Entre estes estava Francisco Miguel Pereira Ibiapina, pai do estudante José Antônio Maria Ibiapina. Entregue à comissão militar de Fortaleza, foi executado no sítio onde mais tarde se construiu o passeio público, de que uma das alamedas tem o nome de Ibiapina. O filho mais velho Alexandre Raimundo Pereira Ibiapina, levado para o presídio em Fernando de Noronha, tenta escapar e morre afogado nas imediações da ilha.

Assim tôda a responsabilidade da família ficou sobre os ombros de José Antônio Ibiapina que teve de ir até o Maranhão para pôr em ordem interesses económicos ali abandonados com a morte de seu pai. De volta resolveu fixar residência em Pernambuco para não abandonar os seus estudos. Por influência do bispo Dom Tomás de Noronha frequentou o Seminário de Olinda. Mas funda-se, nesse meio tempo, o estabelecimento de Curso Jurídico de Olinda. A sua situação difícil no momento, torna-o indciso em face das ponderações de muitos amigos que

desejam que êle os acompanhe nesse curso. Sem deixar o seu ideal de futuro sacerdote, entrega o caso a Deus e matricula-se na Faculdade de Direito de Pernambuco, instado interiormente pelo ardente desejo de saber e exteriormente pela exigência amistosa dos colegas e companheiros que aspiravam a láurea da ciência jurídica.

Em 1832 formou-se em Direito, depois de um curso que revelou não só capacidade de inteligência mas ainda os grandes dotes de sua vida moral.

A forte impressão que deixou nos meios culturais da Província determinou a sua nomeação de Lente da Faculdade em que acabava de diplomar-se. No ano seguinte foi eleito 1º deputado à Assembléa Geral por Pernambuco, chefe de Polícia e Juiz de Direito de Quixeramobim. Essas distinções, prova da confiança dos seus concidadãos, punham o jovem Dr. José Antônio Ibiapina em contato com as personagens de mais destaque do Império: José Bonifácio e seus irmãos, Antônio Feijó, os Calmons, os Montizuma.

CRISE DE VOCAÇÃO

Essa visão do que lhe pederia dar o mundo, criou-lhe na alma um verdadeiro problema de ordem sobrenatural. Tinha diante dos olhos o que poderia ser: O êxito na vida pública e a vitória nos prêmios políticos, já que não lhe faltavam cultura especializada e projeção entre as grandes figuras do Império. Refletiu, recolheu-se no silêncio e na oração, e acabou, encerrando a sua luta interior, com as palavras do Evangelho: «retira-te Satanaz, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a êle servirás (São Mateus IV, 10).

Depois, sentiu-se outro homem: atirara fora o homem do mundo e revestira-se do homem de Deus. Agora a sua vocação lhe aparecia clara como um raio de luz: Seria sacerdote, missionário, um agente reformado na vida religiosa e espiritual, interessado no levante do nível econômico do pobre, do marginal de nossa sociedade egoísta que não vê em tórno de si a miséria do pobre a se esgotar em beneficio dessa minoria de vivedores sagazes e sem consciência que sabe converter em seu próprio beneficio o suor do trabalhador anônimo que se aniquila nas canseiras das funções diárias.

Começou pela reforma dos costumes privados, fazendo que a moral religiosa do indivíduo alicerçasse a vida do homem nos vários setores da sociedade. Impressionava-o de modo particular a juventude feminina da classe pobre. Criava-se sem instrução que lhe garantisse os meios de subsistência. A mulher de seu tempo, regra geral, não sabia ler. Não havia escolas ao

alcançe de tôdas, e a estreiteza de vista dos pais não fornecia a instrução para não favorecer a correspondência com os namorados. É natural que êsse conceito de algum pai não fosse muito generalizado, mas existia e prejudicava a educação das moças.

O padre mestre Ibiapina viu a extensão que podia tomar essa calamidade social e procurou remediá-la. Começou por construir Igrejas onde não havia. Queria assim, justificar a presença do sacerdote nas localidades que pudessem manter uma Casa de Caridade e atividades apostólicas a bem da Igreja e da sociedade cristã.

Começava os seus trabalhos com as missões. Antes de iniciar oficialmente a sua vida missionária, já tinha convertido, segundo informações do Cônego José Paulino, já tinha feito 1.800 conquistas no meio em que viviam. Essas conversões muito o auxiliaram no lançamento de sua campanha missionária.

Depois de ter atendido às ordens do seu Bispo aceitando as funções de Vigário Geral da Diocese de Olinda, centro donde partia a direção religiosa de Pernambuco, e a Cadeira de eloquência sagrada no Seminário Diocesano, inicia a sua grande obra de evangelização do Nordeste.

Olhou atentamente em tôrno e viu nos diversos ângulos da sociedade mulheres infelizes que desejavam reformar a vida, mas não encontravam abrigo, onde pudessem trabalhar e viver, sem se exporem à decadências morais. Viu compadecido inúmeras crianças sem roupa, a que faltava alimento conveniente e instrução. Pensou nesse angustioso e complexo problema. Resolveu fundar as Casas de Caridade que poderiam solucionar todos êsses problemas. Haveria secções especializadas para cada caso.

APOSTOLADO MISSIONÁRIO

Depois das funções que exerceu na vida civil: deputado, Juiz de Direito, Professor na Faculdade, delegado no sul da Paraíba, no Recife, foi ordenado sacerdote em 1853 com 48 anos de idade.

Não pôde entrar imediatamente no exercício de seu ideal de Missionário, porque teve de atender ao Sr. Bispo Dom João da Purificação Marques Perdigão, de cujas mãos recebera o sacro de presbiterato. O prelado exigiu que o Sacerdote recém ordenado assumisse o cargo de Vigário Geral da Diocese e aceitando o cargo de professor de eloquência Sagrada no Seminário de Olinda.

Logo que pôde obter permissões de Sr. Bispo, deixa aquelas funções, aliás honrosas, entra definitivamente no trabalho apostólico de missionário que fôra sempre o ideal de sua vida.

Para realizá-lo, deixara a Câmara dos Deputados do Império: a alta Magistratura da organização jurídica de seu Estado natal e a sua banca de advogado no Recife, que se tornou célebre e a mais procurada do tempo pela competência e brilho intelectual de seu proprietário. Resolvera, assim, a recomendação evangélica, que os que querem ser perfeitos deixem tudo e sigam o Divino Mestre.

Cheio de vida, aos 48 anos de idade, sentindo a atração poderosa da vocação radicada em sua alma, considerava-se feliz por poder, afinal, entregar-se às íntimas aspirações, em cujo cumprimento percorreria a estrada, no fim da qual esperava encontrar de braços abertos o Divino Mestre a dizer-lhe: «Vem, servo bom e fiel, entra no gôzo do teu Senhor».

Nessa ante-visão da Bemaventurança começou o Padre Mestre Ibiapina o seu apostolado no Nordeste. Percorreu cidades, vilas e povoações, e em tôdas deixou um traço marcante de sua passagem. Na Paraíba e Pernambuco ouviram a sua palavra divinamente inspirada. Areias, Alagoa Grande, Assu—R. G. do Norte, Campina Grande, Vila de Alagoa Nova, Santa Fé, Acari, Pocinhos, Barra do Juá, Pombas, Salgueiro, Cajazeiras.

Depois de percorrer essas e outras cidades das duas vizinhas províncias é que resolveu ir à Fortaleza entender-se com S. Excia. Dom Luiz Antônio dos Santos, de quem teve a mais generosa cordial recepção. O Cônego José Paulino Duarte da Silva que acompanhava o conhecido Missionário, assim diz na sua relação sobre missões «Saiu o grande Apóstolo de Jesus missionando. Dirigiu-se a Capital do Ceará, onde foi encontrado honrosamente por S. Excia. Revma. o Snr. Bispo Dom Luiz Antônio dos Santos e um numeroso concurso de homens e mulheres, e dirigiram-se à Catedral onde o virtuoso Missionário pediu a palavra a S. Excia., subiu ao púlpito e falou com grande energia e eloquência, agradecendo as honras com que foi recebido e reprovando a vaidade com que as mulheres se apresentaram ao Missionário, por trazerem vestidos indecentes de mangas curtas e decotados».

Comunicou ao Snr. Bispo que nas Províncias, onde tenho entrado como Missionário, o ordinário lhe dava faculdades para fazer tudo quanto quisesse em bem da humanidade e da Igreja. O Snr. Bispo respondeu que também lhe concedia as mesmas faculdades na Diocese do Ceará.

Saindo dali para a cidade de Sobral, pregou missões e instituiu uma Casa de Caridade. Depois foi à Santana, onde pregou o Evangelho e instituiu outra Casa de Caridade, deixando ambas em vantajosa posição e boa regularidade.

Não parece razoável, diante dessas informações do Cônego José Paulino, secretário do Apóstolo Missionário, o tópico de uma carta atribuída ao Snr. Dom Luiz Antônio dos Santos, em que o Grande Prelado respondera a uma consulta do Vigário de Barbalha, sobre como conservar a Obra das Casas de Caridade do Padre Ibiapina, diz «Aquilo que se criou sem me consultar, que se acabe sem me consultar». Parece fácil criar-se essa frase que tem um tom de irreverência que não condiz com a recepção calorosa e a espontânea concessão de tôdas as faculdades que S. Excia. Revma. entregou ao ilustre Missionário pelo tempo em que missionasse em sua Diocese.

Essa afirmação solene e publicada do púlpito da Catedral de Fortaleza resistirá a qualquer insinuação de quem venha pôr em dúvida o elevado espírito de disciplina e ordem que caracterizou a vida pública e privada do conhecido homem de Deus que foi o P. Ibiapina antes e depois de sua ordenação sacerdotal.

O PADRE MESTRE IBIAPINA E SEU CONTACTO COM AS TERRAS DO CARIRI

O seu ideal missionário não encontrava barreiras intransponíveis. Percorreu as Províncias da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e, por fim dedicou-se a sua terra natal. Como era natural, convém começar pela terra de seu nascimento, a Província do Ceará, justamente por aquela cidade de Sobral, donde eram os seus pais. Como ficou dito, iniciou ali as suas missões em terras do Ceará, fundando duas Casas de Caridade, uma com sede na própria cidade de Sobral e outra em Santana.

Voltou seu pensamento para os dias de sua infância no recôncavo de Ibiapina, onde aprendera as primeiras letras e a fagou carinhosamente a idéia de que seria mais tarde, não só um apóstolo de Jesus Cristo, um benfeitor dos seus irmãos, mas sobretudo, um educador da classe pobre, que tanto precisa do amparo da Igreja.

Assim dirigiu seus passos para regiões dos Cariris Novos. Aqui foi Missão Velha que primeiro lhe chamou a atenção.

Fundou a primeira Casa de Caridade da região, amparando-a com a criação de sociedade para sua direção interna e sustenta material. Chamou-se a Casa de Caridade dos Cariris Novos. Deu-lhe tais proporções que merecia ter no espírito a idéia de fazer de Missão Velha o Centro de suas obras de assistência social. O edificio não só ficou elegante para o tempo, mas dispunha de tôdas as comodidades: Amplo dormitório e refeitório para as órfãs, com as dependências necessárias, o

hospital para enfeŕmos internos e externos. No centro um grande jardim com uma fonte perene; um salão destinados às educandas internas. Se não fôsse com a informação escrita pelo próprio secretário do grande apóstolo, era quase inacreditável que nequeles tempos houvesse um homem de visão tão clara sôbre os problemas da educação popular. Circunstâncias alheias ao seu pensamento, e a falta de continuadores esclarecidos que amparassem a sua grande obra, fizeram que o pensamento do Apóstolo do Cariri sôbre organização social de Classe pobre, não tivesse continuidade, retardando por mais de meio século o progresso e elevação do nível social do nosso povo.

Essa grande obra da Igreja na região do Cariri, só atualmente encontrou, na Ação dos nossos Srs. Bispos Dom Quintino, Dom Francisco Pires e sobretudo Dom Vicente de Paulo Araújo Matos seu inicio e valorização na Obra educadora do P. Mestre Ibiapina.

VISÃO SOBRENATURAL DA VIDA

O Padre Mestre Ibiapina foi sempre um homem de ideal superior, em que predominava o espirito de Oração e de Confiança em Deus. Terminados os seus trabalhos apostólicos, enfrenta os sertões adustos da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e penetra de novo no Ceará, sua terra natal.

O panorama desolador que lhe ofereciam as florestas, sítios e arredores de Missão Velha, onde havia grassado intensamente o Cólera-Morbus, comoveu-lhe o coração sensível.

Subiu o púlpito, expôs a angústia daquela gente com tão forte expressão de sentimento que comoveu a grande multidão que o ouvia. O resultado foi a realização de assistência que deixou funcionando em Missão Velha.

Em tudo, isso porém, ocorreu um caso que não tem explicação natural. Enquanto o Missionário falava os seus olhos não se desprendiam do Céu. Saía-lhe dos lábios a história da visão que um homem teve: via no céu um glôbo que deixava ver em tôdas as faces a palavra eternidade tão expressiva, tão clara, tão visível que podia ser entendida por quem mesmo não soubesse ler.

O caso teria ocorrido com o próprio missionário ou com alguém convertido. O homem andava envolvido nos absorventes problemas da vida do mundo com os seus grandes interesses politicos, econômicos e sentimentais. Diante do quadro que girava no céu, o homem ^{se}voltou as costas ao mundo, e nada mais lhe interessou, senão o problema daquele quadro flutuante que lhe indicava a única coisa real na vida—a eternidade. Essa visão verdadeira ou imaginária deu-lhe uma direção interiormente no

conjunto de sua atividade. Levou-o a três anos de recolhimento no Convento das Mercês, em Pernambuco. Daí por diante a vida apareceu-lhe sob outro prisma. Abandonou todos os interesses da vida civil, política e econômica. Fêz-se sacerdote, fugiu às glórias legítimas da vocação, deixou o vigário Geral de Olinda, que lhe ofereceu o Sr. Bispo Marques Perdigão e votou-se inteiramente à vida missionária e de reformador social. É assim que depois de muitos empreendimentos em outras Províncias, penetrou no Ceará e organizou grandes realizações em Missão Velha, acima referidas e em Mauriti.

Na segunda metade do século passado, era proprietário no sítio Buriti Grande, da então freguesia de Milagres, o Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental, abastado fazendeiro que tinha a sua residência uns dois quilômetros aquém da atual cidade de Mauriti, no lugar hoje denominado Dantas. O Pe. Mestre Ibiapina, em seu apostolado missionário, foi hóspede do Capitão Miguelzinho que lhe manifestou o ideal por êle alimentado de construir ali uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Com o seu espírito de previsão, o virtuoso missionário fêz ver ao Capitão Miguelzinho a desvantagem do local para a edificação de um templo que, com toda certeza, iria se transformar mais tarde numa florescente cidade. É uma estreita faixa de terra comprimida entre um serrote de pedras e os brejais que marginam a famosa e rica lagoa do Buriti.

O Capitão e o Pe. Mestre, por sugestão d'êste último, penetraram na mata à procura de um local mais adequado. Depararam-se com uma esplanada ampla e de horizontes largos que foi indicada para assentamento da capela de Nossa Senhora da Conceição.

O Capitão Miguelzinho fêz doação do terreno para o patrimônio e logo deu início aos trabalhos. Às suas expensas e do seu cunhado Dr. Cartaxo construiu a igreja primitiva que tinha, com pequena diferença, quase as mesmas proporções da bela Matriz de Nossa Senhora da Conceição que se ergue majestosa no centro da principal Praça de Mauriti.

A benção da capela se fêz no dia do batizado da filha do Capitão Miguelzinho, que tomou o nome de Maria Carolina. É também de observar que a praça onde se assenta a igreja foi traçada juntamente com o plano da capela e o seu casarão primitivo construído pelo Capitão Miguelzinho que convidava a quem quisesse vir habitá-lo. Assim de pressa cresceu o povoado e sem detença se transformou em vila, graças à orientação do inteligente e prestigioso político, o Deputado Dr. Cartaxo.

É esta a exposição do Mons. Raimundo Augusto, neto do Capitão Miguel Gonçalves de Quental.

A sua atividade já se tinha feito sentir em Milagres onde fundara com a cooperação generosa das matronas do lugar uma Casa de Caridade, e um açude que ainda hoje serve a população local.

O CRATO E PE. MESTRE IBIAPINA

O povo e as autoridades civis e eclesiásticas da metrópole da região não podiam ficar indiferentes ao movimento religioso social que estava se operando em outras cidades e vilas dos Cariris Novos.

Assim, ficou resolvido que se convidaria o Padre Mestre Ibiapina para realizar uma missão no Crato. O convite, como era de esperar, encontrou generoso acolhimento da parte do Missionário e ainda mais, da parte da população Cratense. Calculando-se em 12 a 16 mil pessoas o número de assistentes às pregações do Missionário. O entusiasmo subiu ao ponto de exigir-se a fundação de uma Casa de Caridade, enquanto a missão prosseguia. O povo mostrou-se de uma piedade exemplar na assistência às pregações, como na frequência ao Tribunal da Penitência. O número de confissões excedeu a expectativa. A reforma espiritual seguiu-se, como era natural, um melhoramento de ordem social: a fundação da Casa de Caridade, a mais ampla e bem situada da região. Um cronista do tempo, Cônego José Paulino, já citado, registra.—A Casa levantou-se no meio de um sítio de Coqueiros, Mangueiras, Cajazeiras, fruta-pão, tendo uma corrente de água penere e mais água de rega para refrescar o sítio, de sorte que a Casa ali ficou representando um paraíso terreal.

Quando mais tarde numa outra visita, se procedeu à inauguração, o Padre Mestre Ibiapina para nadar num verdadeiro mar de alegria, conseguiu oferecer aos pobres um banquete de mil falheres, servido pelas personalidades mais em destaque do meio social.

Foi um acontecimento que marcou época nos anais de nossa vida religiosa.

BARBALHA — CALDAS

Terminou com abundantes frutos a pregação do Padre Mestre Ibiapina em Crato e o encheu de entusiasmo na continuação de sua obra de santificação do povo em outros pontos dos Cariris Novos.

Encaminhou-se para a Vila de Barbalha. Fizeram-lhe ali uma estrondosa manifestação de apreço, ao terminar o eloquente sermão de abertura da Missão sobre a tema do Amor de Deus.

De 6 a 8 mil pessoas, enchiam a pequena Vila. Era preciso terminar a cacimba do povo para fornecer água à população. Em uma semana estava concluído o trabalho. Começou-se o Cemitério dos Coléricos e dentro de poucos dias deu-se por terminado o serviço. Era preciso ajudar o Vigário na reconstrução da matriz: pediu o Missionário a cooperação do povo, e a sua boa vontade não se fez esperar: em pouco tempo tijolo, pedra e madeira estavam ao pé da obra.

A missão de Barbalha, começada sob os melhores auspícios, produziu os mais belos resultados sob todos os pontos de vista: material, moral e sobrenatural.

Havia dois vícios que o Vigário não tinha podido extirpar: a intriga e a mancebia, aliás, desordem moral muito comum na região, àquêle tempo. A palavra do Missionário enfrentou corajosamente essas duas chagas da sociedade e, se não chegou a erradicá-la, totalmente, deixou-as quase extintas.

O Secretário da missão falando das intrigas deixou escritas repetidas palavras do Missionário «Ficarei muito mal servido se souber amanhã que alguém hoje, deixou de reconciliar-se; espero nos homens de Barbalha que não me darão êsse desgosto».

Seriam 8 horas da noite e das 11 para as 12 a música percorria as ruas celebrando as reconciliações; era uma família de irmãos que se abraçavam cordialmente e lançavam no esquecimento todo o passado.

Com grande alegria para a alma do Missionário terminou assim a situação que as questões de ordem política e falta de entendimento nas principais famílias criaram no meio social de Barbalha. A eloquência do pregador, o seu espírito de oração convenceu que só a família bem organizada faz a grandeza de uma terra. A mancebia não pode honrar a sociedade. A doutrina teve eco na zona dos Cariris Novos. E se êsse desar da sociedade do tempo não acabou de todo, ficou reduzido a mínimas proporções e considerado uma desonra que depremia as pessoas de bem.

Pondo de parte êsse problema ingrato, a atenção do Santo Missionário foi despertada para um caso de ordem espiritual e científica, de grande interesse para o povo da localidade.

Da rampa onde ficou situada a Cacimba do povo, o Pe. Mestre Ibiapina contemplava a curva verde do Araripe que limita o município ao sul, e, dirigindo-se para o oeste criava a Comuna do Crato e ao leste oferecia linhas demarcatórias de outros municípios. Viu a corrente do Salamanca e o mapa verdejante que o acompanha. Interessou-se pela origem daquelas águas e soube que provinham de uma grande fonte ao sopé do

Araripe, chamada Caldas, do nome de seu primeiro proprietário, Quis ver de perto aquêlo trecho do Araripe e partiu-se para lá, acompanhado de um grupo bem informado.

Ao tempo o Caldas não era a terra devastada de hoje. A serra apresentava a selenidade da mata virgem.

O dr. Macedo, o único cientista que trata do Araripe como fenômeno geológico, explica a razão de ser dos numerosos mananciais que jorram perenemente ao pé da sua encosta, contrastando com a absoluta falta de água em seu chapadão. O sábio explica que o psamito, espécie de arenito, que constitui a parte superior de cordilheira absorve tôda água pluvial e a conserva no seu interior retida pelos abas da serra de constituição geológica diferente, oferecendo aqui e ali, aberturas por onde se escapa água em forma de fonte, das quais a maior é a do Caldas.

O Missionário ficou extasiado diante do espetáculo natural que se lhe oferecia aos olhos. Uma grande floresta de palmeiras, gameleiras, oitiseiras e outras espécies vegetais que que formavam a densa floresta.

Esperimentou as águas. Achou que se tratava de água mineral com virtudes medicinais. Cercou a fonte com altas muralhas de tijolos, com um portão cuja chave entregou a um guarda. Resolveu construir uma Igreja dedicada ao Bom Jesus.

A gente que conhecia a natureza do terreno observou ao Missionário que o terreno não se prestava a uma construção de tijolo. Em todo caso o Missionário achou que convinha experimentar. Em seis dias a construção estava no repaldo. Caiu, porém, um forte temporal à noite, com grande queda de água. A construção não resistiu. O Missionário achou que seria aconselhável fazer-se uma Igreja de taipa e mais tarde construir-se outra, a que lá está, com o seu campanário, as suas dependências tudo em perfeita ordem. Nesse grande trabalho os sucessores do Pe. Ibiapina foram diversos: Mons. Manuel Cândido, Zuca Sampaio e, ultimamente, outros. A floresta quase desapareceu; vieram casas, formando uma povoação que prosperou. Sobreveio a grande sêca de 1877. Os proprietários abandonaram os sítios e os famintos que ocupavam a chapada do Araripe, desceram, tomaram conta da Vila em formação e estragaram em parte o trabalho do Missionário ausente.

O povo continuou a pedir às águas da fonte Bom Jesus de Caldas a cura dos seus males. O Padre Mestre Ibiapina diz que uma pobre Senhora Luzia Pezinho pediu-lhe a cura de seu pé estragado por moléstia até então incurável. O Missionário mandou que tomasse banho no Caldas, três vezes. Fêz a recomendação do Missionário, ficou curada completamente e pôde

acompanhar o seu benfeitor em suas peregrinações apostólicas. É uma informação do nosso historiador patricio, Dr. Irineu Pinheiro. O Caldas continua ainda hoje, na opinião do povo a fonte dos milagres, ou uma estação de cura para certas e determinadas moléstias. Aí está o Padre Carlos, Salvatoriano, superior e sua Congregação em Barbalha que deve a sua cura às águas do Caldas. Em testemunho de sua fé e gratidão, está concluindo o Santuário do Bom Jesus, iniciado pelo Padre Mestre Ibiapina. Mais tarde os poderes públicos compreenderão que estão descurando um elemento de progresso para a região. A estação de agora de Caldas não é inferior às grandes estações de águas minerais de todo o país.

A nascente do Caldas deixou sempre forte impressão nos que a conhecem de perto e estão informados dos fenômenos de curas que ali se operam.

A fantasia criadora não esqueceu o que se atribui ao Caldas. Rodrião Barreto criou uma lenda, em forma de romance que impressionou os leitores do tempo. Infelizmente «A Dama da Fonte» não foi publicada e se desconhece o destino do original. Pode ser que se venha a descobrir o seu paradeiro. Os que leram a «A Dama da Fonte», não esquecem a boa impressão que lhes causou a leitura.

O Padre Mestre Ibiapina sempre satisfazendo compromissos anteriores, seguiu para Brejo Santo e Milagres em visita às obras ali realizadas.

É escusado dizer o entusiasmo com que o povo de Brejo Santo recebeu o Missionário: música, foguetes, vivas tornavam ruidosa a recepção. A missão seguia os trâmites de costume. Acontece, porém, que se incendiou uma nova e grande rua de palha. Chamam o Missionário que se apresenta e o fogo se apaga sem causar dano.

Contra a opinião comum traçou êle o plano da nova Igreja que seria a Matriz da futura paróquia. Tudo se fez, segundo sua previsão e hoje a Matriz de Brejo Santo está no lugar marcado pelo Padre Mestre Ibiapina e construída de acordo com o seu plano.

A Missão estendeu-se até Porteiras com os mesmos frutos espirituais. Diminuíram sensivelmente os casos de manebia que tanto impressionavam o santo pregador. Nas missões de Missão Velha, Barbalha, Serra do Mãozinha, Milagres e Crato deram-se fatos extraordinários que são difíceis explicar-se naturalmente. Na região havia crise de alimento, porque o inverno fôra escasso. Nas obras de construção de Igrejas, Cemitérios, Hospitais e Casas de Caridade, trabalhavam 50 e mais operários. A comida feita para êsses trabalhadores alimentava a mais uma centena

de famintos que recorriam ao Missionário.

No Caldas a multidão que acompanhou o Padre Mestre saciava-se das sobras dos alimentos preparados para os que trabalhavam nos vários serviços de construção.

Fatos como o daquela Senhora de Icó curada miraculosamente nas águas da fonte, multiplicaram-se: Luzia Pezinho, segundo a informação do Dr. Irineu Pinheiro a que já aludimos, curou-se misteriosamente de um defeito no pé que a impedia de andar. Outros aleijados, conforme ouvimos dos enfermeiros que os conduziam à frente, postos dentro das águas, faziam esforços, apegando-se às pedras da ribanceira, levantam-se, subiam as bordas da nascente e seguiam para casa, caminhando normalmente.

Não temos provas autênticas de que tais fatos sejam de ordem prenatal, mas impressionam e parece saírem da orbita comum dos acontecimentos ordinários.

AÇÃO E VIDA ESPIRITUAL

O que de extraordinário se nota nas atividades missionárias do Padre Mestre José Antônio de Maria Ibiapina, vem da sua profunda piedade e vida interior, aliada a um espírito de disciplina e obediência a que sempre estava submisso, quaisquer que fossem os sacrifícios. Essa verdade é uma conclusão do que se admira em toda a sua vida, desde a ordenação sacerdotal. A sua passagem pelo Vigário Geral de Olinda, o seu professorado no Seminário dessa cidade e a consequente demora em iniciar o seu apostolado missionário, foram atos de obediência que muito custaram ao seu ideal de sacerdote ao ministério da pregação e à assistência social. Martelara-lhe o espírito o desejo de elevar o nível moral e econômico das classes existentes à margem de nossa sociedade.

A êsse intento dedicou toda a sua vida de sacerdote numa inteira consonância com o pensamento dos Srs. Bispos em cujas dioceses exerceu seu santo ministério. É edificante prova dessa verdade a sua correspondência com o Exmo. Snr. Dom Luis Antônio dos Santos e com as religiosas que êle começou a formar, dando-lhes noções claras e justas da verdadeira vida espiritual. Ensina suavemente, sem cansar.

CARTAS ÀS RELIGIOSAS

Louvido seja N. S. Jesus Cristo.

Irmãs de Santa Gertrudes, e Santa Ana: O nosso bom Deus vos abençoi.

Recebi as vossas cartas, e fico ciente de que viveis cochilando na oração e em tudo quanto é espiritual. Sinto dizer-vos que o dito de S. João Evangelista vos fete: aos tibios Deus

os vomita do peito, e o que se vomita não se recebe mais. Usai de cilícios, jejum, fazei repetidos atos de Amor de Deus e de Caridade; Consagrai-vos no correr do dia ao serviço de Jesus, não vos agasalhando sem pensar nas contas que dareis a Deus pelo pouco amor que lhe tendes, ingratidão com que respondeis a tanto tempo de espera e tantos favores recebidos e auxílios de Santificação despresados.

No meu pensamento vim escrever-vos: Só é de Deus quem faz sacrifício da própria vontade e preguiça; mas quem cede à tentação, por tanto tempo, tem razão de temer porque só pode esperar quem obra para receber prêmio.

Já entendes S. Ana: abri o olho: Santa Gertrudes não te iludas, amanhã já será tarde. Sobretudo não carece ocupador de fora que já o tem em si.

Ouvi e ide vos preparar para me receberdes no confessorário. Deus vos dê as graças que deseja-vos vosso Pai Espiritual.

(ass.) Pe. Ibiapina

RELAÇÕES COM A AUTORIDADE DIOCESANA

Para manifestar o espírito de disciplina e obediência que orientou a vida sacerdotal do Padre Mestre Ibiapina, basta ver a maneira como passou às mãos do Sr. Bispo Dom Luis Antonio dos Santos a Obra social e pioneira que realizou nesta Diocese. Deixamos aqui cartas que são a expressão original de sua humildade e submissão a respeito do superior eclesiástico.

CARTAS

«Exmo. e Revmo. Snr. Dom Luis Antonio dos Santos

Prostrado aos pés de V. Excia. Revma. beijo as vossas mãos.

Exmo. Snr. Vim a êste Bispado visitar a Casa de Caridade de Missão Velha, sou solicitado para pregar o Evangelho. Conquanto tenha licença de V. Excia. para missionar em seu Bispado, entendo ser do meu dever comunicar a V. Excia. que entrarei em missões, enquanto V. Excia. não mandar o contrário. Já não posso, Exmo. Snr. entrar em grandes e longos trabalhos, por a minha idade longa e debilidade; mas quanto posso prestarei os serviços que puder a êste Bispado.

Reconheço que sem laço religioso que prenda as mesmas a Deus, não posso obter boas Irmãs de Caridade, por isso no Bispado de Pernambuco as Casas vão regularmente, com as Irmãs de Caridade, mas neste lugar, como não tenho licença para dar os Chapéus às Irmãs da Caridade nem o hábito próprio, a Casa não oferece estabilidade por êsse lado; portanto, se parecer bem a Excia. conceder-me dar hábitos às Irmãs de Caridade deste Bispado muito interessará a êstes estabelecimentos,

a que darei uma orientação como mais parecer a qualquer arbitrio de V. Excia.

Resta-me beijar as mãos de V. Excia. e pôr meus fracos serviços a disposição do Superior de quem prezo ser.

De V. Excia. sudito obediente e agradecido

Missão Velha 28 de maio de 1868

Pe. Ibiapina "

Ilmo. e Exmo. Snr. D Luis Antonio dos Santos.

Prostrado aos pés de V. Excia. peço a benção. Exmo. Senhor, no Correio de 9 bro. p. p. escrevi a V. Excia. e pedilhe me c o n c e d e s s e faculdade ou ao Padre Henrique José Cavalcante para benzer uma capela da Casa de Caridade do Crato, e que fôsse êle autorizado, como Capelão da Casa para administrar os Sacramentos às pessoas ali congregadas, onde, além de cem órfãs, as Irmãs encarregadas da direção da Casa, contamos ter recolhidas, nunca menos de 50 a 60 doentes, o que demanda pronta administração dos Sacramentos, tanto mais ficando a Casa de Caridade distante da Matriz; também propus a V. Excia. os meus embaraços em celebrar missa em tempo de missão dentro da Igreja, por não ser possível recolher aí mais de mil pessoas, dentro das Igrejas por mais espaçosas que sejam elas, e que por isso me parece, é minha humilde opinião, falho inexequível haver missão em união com essa condição, ou então que importa mais não haver missão, se o Santo Sacrificio tem a importância, que me parece ter em todo tempo, principalmente quando mais se demanda, e carece de graças para os frutos da divina palavra.

Também propus a V. Excia. que, se lhe parecesse bem estabelecesse no Cariri Novo uma Congregação de Missionários e que para isso já conto três Sacerdotes que servem para começar sendo dois Vigários e o Padre Henrique o terceiro, se V. Excia. concede licença.

Não tive resposta, e rogo a V. Excia. que se lhe merecer atenção ao que peço e proponho, me responda, certo de que, eu curvando às ordens de V. Excia. Revma. prontamente obedecerei, e cumprirei ao que me determinar. E conquanto esteja próximo a retirar-me para o novo Bispado, a instâncias urgentísimas do Revmo. Vigário de Granja, que empenha as entranhas de N. S. Jesus Cristo, para eu ir lá missionar, consentindo V. Excia. e querendo Deus, para o fim do ano, ou quando puder, seguirei por mar a missionar e aí está uma razão de mais para eu obter de V. Excia. a solução: Se missionando onde houver Igreja, sou obrigado a celebrar dentro desta, por não ser lícito celebrar em latada?

Rogo a V. Excia. por amor de Jesus Cristo que me

abençoe, e se lembre deste pobre pecador.

Barbalha, 8 de janeiro de 1868

Agora me lembro de pedir a V. Excia. a graça de benzer outra Capela da Casa de Misericórdia daqui, que estou edificando.

De V. Excia

Súdito humilde e obediente Servo

Padre José Antonio de Maria Ibiapina

Através destas notas poder-se-á ver a alma luminosa de um autêntico Apóstolo que desprezou o mundo, cuja figura sedutora passa inexoravelmente, e entregou-se todo aos preceitos do Evangelho, para realizar em sua vida tãda o que constituiu o verdadeiro Apóstolo do Divino Mestre: deixar tudo e seguir a Jesus Cristo.

O Padre Mestre Ibiapina desde que ouviu a palavra divina em sua alma convidando para associar-se à missão de salvar as almas, esclarecer o mundo e procurar uma solução para os problemas que o atormentam, não teve um só momento de espera: integrou-se na missão total. A sua palavra foi neste Nordeste a estrada luminosa que se oferecia à nossa sociedade para conduzi-la à sua verdadeira finalidade. Viver decentemente neste mundo e alcançar a vida eterna. Para influir poderosamente em todos os espíritos retos, não lhe faltavam predicados; era um santo no seu esforço de profissão espiritual, era um didata da vida sobrenatural, e sabia, ao mesmo tempo, penetrar no emaranhado de nossas questões sociais, chegando até às suas causas e apontando-lhe o remédio oportuno. Ensinou por sua vida a mística do sacerdócio e atraiu para o padre de que foi exemplar, a atenção dos homens de retidão moral que se tornavam auxiliares leigos da ação sacerdotal. Foi o pioneiro da Ação Social católica nestes Cariris Novos. Se tivesse tido continuadores, as nossas condições sociais e econômicas seriam muito mais prósperas. Quando se destrói a miséria, cria-se a fortuna. Foi o que intentou fazer o Padre Mestre Ibiapina, com os seus institutos, caridade e assistência. A sua visão de mestre de vida cristã, conheceu de perto as nossas necessidades espirituais e quis remediá-las nas classes populares, fundando uma Congregação de Padres Missionários. Dava, assim, auxiliares oficiais ao Clero paroquial, e aumentava o número dos operários do Evangelho. Capazes de fazer face à onda de mistificadores que de boa fé ou não pertubam a paz religiosa de nossa gente.

Cumpre-se um dever de gratidão quando se relembra o nome do grande Apóstolo que foi o *PADRE MESTRE JOSÉ ANTONIO DE MARIA IBIAPINA*.

CONGREGAÇÃO MISSIONÁRIA DE PADRES SECULARES

Este conceito do grande e autêntico missionário vinha, desde muito, lhe agitando a alma. A sede de verdade religiosa e virtudes cristãs constituem um substratum do espírito do nosso homem sertanejo ou cidadão. Leva consigo o desejo de conhecer a Deus e, por isso, geralmente, aceita com uma certa ingenuidade primitiva a doutrina que lhe impingem, sem, muitas vezes, indagar se é uma verdade ou um embuste. Dessa situação anômala do nosso povo, ou do nosso homem inculto, aproveitam-se os protestantes, em regra, estrangeiros americanos, que, sob o pretexto de Bíblias e Evangelhos em língua vernácula, vão incutindo no espírito simples das pessoas pouco esclarecidas, o ódio à Igreja católica, ao Santo Padre, o Papa, e aos sacerdotes, sem lhe apresentar nenhum ensinamento são, edificante e construtivo para a boa formação religiosa e moral do auditório ignaro que os ouve. Previu o notável missionário que uma congregação de Padres diocesanos seculares, conhecendo bem o seu povo e as suas necessidades, poderia melhor e com mais facilidade fechar as portas a êsses exploradores da palavra de Deus, que não fazem mistério de sua profissão regidamente subvencionados pelo espírito americanista das sociedades bíblicas. A idéia encontrou acolhimento em muitos sacerdotes, dos quais três logo se prontificaram para ser os iniciadores da grande obra apostólica.

Infelizmente a saúde precária do padre Mestre Ibiapina, a sua idade avançada e outras razões circunstantes que desconhecemos, mais ainda a grande distância da autoridade diocesana, cuja opinião devia ser ouvida com frequência, impediram o prosseguimento do plano generoso, que incendiava o coração do missionário nordestino. Não se pôde efetivar o empreendimento salvador, mas a semente ficou lançada, aguardando o primeiro idealista das missões difíceis.

Cerca de cincoenta anos depois apareceu o homem assinalado, prudente e culto, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, para ressuscitar e viver o plano da grandiosa obra idealizada pelo Padre Mestre Ibiapina.

Organizou primeiramente em linhas gerais o que seria uma Congregação religiosa de padres missionários seculares. Começou a escolher os elementos básicos, os alicerces da Obra. Apareceram, então os primeiros candidatos da futura Congregação missionária de Padres Seculares, cujo padroeiro e protetor seria São José, sendo a Congregação denominada Congregação Missionária dos Padres Josefinos. Foram escolhidos os primeiros

membros da novel Congregação: Padre Emídio Lemos, Padre Azarias Sobreira e outros. Adoece, porém, o novo iniciador. A doença é grave e leva ao túmulo o grande Bispo, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. A obra providencial ficou suspensa até que Nosso Senhor Jesus Cristo suscite um outro predestinado para realizar a obra que deverá influir através de anos ou, talvez, de séculos, na orientação religiosa do povo destes Cariris Novos, de outras dioceses do Ceará e do Brasil inteiro, se Deus o permitir.



BIBLIOTECA DO INSTITUTO—A Biblioteca do I. C. C. já atingiu a cifra de mil volumes, afora os folhetos e coleções de jornais. Recebemos remessas regulares de livros do Instituto Nacional do Livro, da Reitoria da Universidade da Bahia, da Imprensa Universitária do Ceará, Biblioteca do Exército e do Instituto Oeste Potiguar, de Mossoró. Bruno de Menezes, diretor da Fenixgráfica, no Rio, é o particular que mais nos oferta livros, de variadas espécies, chegando-nos remessa regular por via postal, quase todos os meses.

REVISTA «LEITURA». Está nos chegando regularmente, por intermédio do consócio, nosso representante no Rio, Estado da Guanabara, José Jeser de Oliveira, a bem feita revista «LEITURA» editada na VELHACAP. É repleta de últimas e oportunas colaborações, impressa em bom papel com serviço de ilustração impecável. É dirigida por Barboza Mello e tem como redator-chefe—Homero Homem. Instala-se à rua Senador Dantas, 84—F—Rio—Gb.

CONTRASTES E SEMELHANÇAS. Boonerges Facó, dos bons cronistas do Ceará, lançou em 1958, pela Imprensa Universitaria do Ceará: O livro «Contrastes e Semelhanças.»

Estude sempre, à luz de crítica sincera, bem comentada e demonstrando farta cultura geral, duas personalidades da literatura e da historia, ou acontecimento que influíram na evolução do mundo.

A leitura ilustra-nos e deleita-nos ao mesmo tempo.

REMANSO. Livro de versos, produzidos pela alma sensível de nosso conterrâneo, filho de Assaré e residente no Rio—Adauto Alencar. É impirado poeta que sobretudo honra o nome cearense, em terras cariocas. Abrams parentisis para uma de suas belas produções, do livro REMANSO, da Editora Caminho:

IMPREVIDÊNCIA

Uma ingênua borboleta
Batia contra a vidraça,
Querendo passar por onde
A luz da lanterna passa!

A bela chama a deixava
Em louca fascinação!
Queria senti-lo perto,
Prendê-la dentro da mão!

Bateu-se por todo lado
Até que, enfim, encontrou
Uma pequena abertura
Por onde então penetrou!

Mas, coitada!, ao penetrar
Naquela alcova atraente,
Caiu fulminado a pobre
Ao tocar no fogo ardente.

É assim a humanidade,
Ingênua e sem precaução:
Penetra em qualquer abismo.
Em troca de uma ilusão.

DO SONHO DE BRASÍLIA A REALIDADE DO NORDESTE—J. C. de Alencar Araripe escreveu serie de reportagens que enfeixou em livro, lançado pela Imprensa Universitária, de Fortaleza. É vibrante defesa do Nordeste, diante dos gastos com a edificação da NOVACAP. O livro transforma-se igualmente em depoimento incisivo, em linguagem candente, com bonito estilo, contra a roubalheira que se processou, no Nordeste Brasileiro, à sombra dos trabalhos de emergência, durante o calamitoso ano de 1958.

NOVO GOVÊRNO DA REPÚBLICA

Desde o dia 31 de Janeiro, que o Brasil tem novo presidente, eleito a 3 de Outubro de 1960, em movimento pleito. Trata-se de Janio da Silva Quadros que teve expressiva maioria nas urnas, prova de que o povo ansiava mudar os partidos que nos governavam ha varios anos, com o emprêgo apenas da maior arma das democracias—o voto livre. As esperanças voltam-se, portanto, para o illustre estadista que já dirigiu S. Paulo, com o máximo apurmo. O Brasil já não suporta novas decepções, pois enorme é sofrimento que o castiga, notadamente na media e na classe pobre. Temos problemas vitais a serem solucionados, principalmente neste Nordeste, tão angustiado pela incerteza do clima.

COMEMORADO O CENTENARIO DE JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR E DO CONDE DE AFONSO CELSO.—De acôrdo com o programa de veneração aos grandes vultos do Brasil, ou mesmo internacional, o I. C. C. comemorou, em sessão de 8 de Abril de 1960, os centenários, ocorridos no ano, de José Martiniano de Alencar e do Conde de Afonso Celso. O primeiro teve papel decisivo nas lutas de 1817, em Crato e foi dos maiores estadistas que o Ceará ja possuiu. É filho do Cariri. O outro é escritor primoroso, de renome nacional, tendo se dedicado à historia e ao culto da pátria que amava acima de tudo, a ponto de colocá-la em lugar preponderante no seio das outras nações.

Foi êle, com seu espirito de nacionalismo verdadeiro, tendo raises no Brasil, quem escreveu «PORQUE ME UFANO DE MEU PAÍS».

INTELECTUAIS CRATENSES VISITAM A TERRA NATAL. Durante o mês de Janeiro, estiveram, nesta cidade, em visita a parentes e amigos, os conhecidos intelectuais conterrâneos—Prof. José Denizard Macêdo de Alcântara, nosso colaborador e seu irmão Nertan Macêdo de Alcântara, atual diretor comercial do veterano órgão carioca—«JORNAL DO COMER-CIO.» O último lançou, pela editora LEITURA, o livro recorde de livraria—ROSARIO, RIFLE E PUNHAL, recebido com os unânicos aplausos da crítica nacional. Os dois illustres visitantes são vultos que honram, acima de tudo, a cultura cratense, por aí a fora.



Correção de Equívocos

A. A.

O opúsculo recentemente publicado pelo dr. Paulo Elpidio de Menezes, sob o título «O CRATO DE MEU TEMPO», contém equívocos, no capítulo «O Lameiro de «Seu» Nelson», que reclamam a devida correção.

Consta do trabalho em aprêço, a fls. 51/52, que o sítio Lameiro pertenceu a Manoel do Monte Alencar, casado com Laurentina Lima Verde, que, com filhos, o vendeu, em 1887, por três contos e quinhentos mil reis, a Nelson da Franca Alencar.

Ha duplo engano, em tal afirmativa, pois, nem o Lameiro foi adquirido por essa soma, nem ha noticia de que haja feito parte do patrimônio do precitado casal, de cuja existencia não ha noticia nos fastos da historia da terra.

Com o nome de Manoel de Monte Furtado atendia o avô materno de Nelson da Franca Alencar, o proverbial senhor da mansão do Lameiro, cujo nome o Crato inteiro ainda hoje evoca com o maior respeito e simpatia.

Tratava-se de opulento proprietario das fazendas Condamado e Marçal, no municipio de Pio Nono, no Estado do Piaui, onde residia.

Seu filho, José de Monte Furtado, dono dos terrenos do Pisa, suburbios da cidade, outrora, nela se fixou por alguns anos, transferindo-se, depois, para o sítio Cachoeira, em Missão Velha, onde faleceu.

Nem um, nem outro—pai e filho—pertencia à familia Alencar, a que se vinculou a mãe de Nelson, Maria Leopoldina de Monte, em virtude de casamento com Francisco Leão da Franca Alencar.

Foi este, realmente, o proprietario do Lameiro, falecido a 12 de junho de 1881, ano em que se realizaram o inventário e partilha de seus bens, entre os quais está relacionado o sítio Lameiro, assim descrito:

«Um sítio de terras denominado LAMEIRO, neste termo, com uma casa de moradia de tijolo e telhas, mais duas ditas pequeninas de taipa cobertas de telha, quatro de taipa, cobertas de palhas, um engenho de ferro em mau estado, com seus utensilios e mais benfeitorias, avaliado por seis contos e quinhentos mil reis».

Francisco Leão era irmão dos padres Antonino e Joaquim Pereira de Alencar, e de Antonio da Franca Alencar, de quem decende o médico-oculista, falecido Meton Alencar.

Sua mãe, Inacia Pereira de Alencar, irmã da heroína Barbara, casou-se, em primeiras núpcias, com João Pereira de Carvalho, e, em segundas, com Antonio de Leão da Franca Alencar.

De Inacia descende, também, o Almirante Alexandrino Farias de Alencar, que representou o Amazonas no Senado Federal, e foi Ministro da Marinha durante varias administrações do país.



COMPANHIA DE ELETRIFICAÇÃO DO CARIRI

Juazeiro do Norte.—Ceará

Em 4 de novembro de 1960.

Sr. Presidente:

A Sua Senhoria

o Senhor Doutor José de Figueirêdo Filho.

Mui Digno Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Crato — Ceará

Tenho a satisfação de comunicar a Vossa Senhoria que em Assemblêia Geral de Acionistas verificada no dia 28 de outubro próximo passado, foi constituída a Companhia de Eletricidade do Cariri—CELCA, ficando sediada na Praça Almirante Alexandrino, 252, nesta cidade.

Comunico também que por deliberação da Diretoria fui designado Superintendente, tendo assumido essa função na data acima, perante e Gen. Carlos Berenhauser Júnior, Diretor e substituto do Presidente da CELCA.

Esperando receber a colaboração de Vossa Senhoria no sentido de desincubir-me da missão que me foi confiada, apresento-lhe os meus protestos de estima e apreço.

Companhia de Eletricidade do Cariri

Nicodemus Lopes Pereira

Superintendente



SENADOR ALENCAR

Antonio de Alencar Araripe

Comemora se este ano o centenario do falecimento de José Martiniano de Alencar, o Senador, ocorrido, em virtude de febre de mau carater, no Rio de Janeiro, bairro de São Cristovam, chacara Maruí, onde residia, ás 4 e meia horas da manhã do dia 15 de março de 1960.

Sepultou-se ás 5 e meia horas da tarde do mesmo dia no cemiterio do Caju, onde seu túmulo tem o número 298, com a simples inscrição: O Senador José Martiniano de Alencar — 15 de março de 1960».

Nasceu a 16/10/1.794 no brejo da Salamanca, então pertencente ao municipio de Crato, sendo seus pais o português José Gonçalves dos Santos e a heroína Barbara Pereira de Alencar; Crismou-o, em 1.806, o visitador Padre José Pereira de Castro, sendo padrinho o padre Miguel Carlos da Silva Saldanha.

Estudou no Seminario de Olinda, mas ordenou-se no Maranhão quando, em 1829, estava eleito Deputado à Assembléia Geral, não o fazendo naquela Diocese porque a mesma durante anos esteve vacante.

Diacono estudante, ao irromper a revolução de 1817, da mesma participou com entusiasmo, na qualidade de membro da associação politica Academia do Paraizo, inspirada pelo sabio naturalista e pioneiro do movimento, Arruda Camara, cuja cartatamento recomenda «tudo o cuidado no adiantamento de José Martiniano de Alencar», e que «Dona BARBARA, do Crato, *deverem olha-la como heroína*».

As inspirações de seu patriotismo conduziram-no ao Crato, afim de promover o levante das respectivas populações contra o jugo português dominante, o que realmente fez, ao proclamar a Republica em frente á igreja matriz daquela cidade. no dia 3 de maio do dito ano.

Malograda a revolução, foi preso com sua mãe, irmãos e amigos, todos conduzidos sob algemas e correntes de ferro ao pescoço, para a Fortaleza, de onde prosseguiram com destino aos carceres de Pernambuco e Bahia.

Os anos de prisão, que se prolongaram até 1.821, quando regressaram ao Crato, via Aracati e Icó (ali, em tal oportu-

nidade, no dia 7 de outubro, nasceu seu sobrinho Tristão de Alencar Araripe, que veio a ser Ministro de Estado e do S. T. Federal, jurisconsulto, parlamentar e historiador), foram de martírio e heroísmo, em que sobressaíram a atitude varonil e a abnegação de sua mãe.

No carcere da Bahia tiveram por companheiro de prisão Antonio Carlos Ribeiro de Andrade, que daí em diante se tornou dileto amigo de José Martiniano. Em 1821 conseguiu eleger-se 1.º suplente de Deputado à Constituinte portuguesa e, nessa qualidade, substituiu Gomes Parente, formando em Lisboa ao lado dos parlamentares que oferecem resistencia ao absolutismo da Casa de Bragança, e que foram, por esse motivo, obrigados a exilar-se na Inglaterra.

Voltando ao Brasil, figurou entre os Deputados à Constituinte de fevereiro de 1824, violentemente dissolvida por Pedro I a 12 de novembro do mesmo ano. Tomou parte saliente no movimento da Confederação do Equador, idealizado por Pais de Andrade, Frei Caneca e outros, e por isso sofreu prisão durante varios anos.

No periodo legislativo de 1830 a 1833 novamente elegeu-se Deputado pelo Ceará, ao mesmo tempo em que o sufragaram em Minas Gerais, optando pela cadeira que lhe fora outorgada por seus conterraneos.

Presidiu a Camara dos Deputados de julho a dezembro de 1831. Eleito Senador e escolhido, em lista triplice, a 10 de abril de 1852, ocupou o lugar de 1.º Secretario do Senado de 1846 a 1847.

Esteve á frente da revolução pacifica promovida para conseguir a proclamação da maioridade de Pedro II, concertada em sua casa de residencia, e que se objetivou em projeto de lei de sua autoria.

Presidiu o Ceará por duas vezes, com brilho invulgar, sendo a primeira de 16—10—1834 a 23—11—1837, quando regressou ao Rio, viajando por terra até a Bahia, através o Crato, onde visitou parentes e deu determinações sobre propriedades, que ali possuia.

O periodo de sua segunda administração prolongou-se de 1940 a 1941.

Registram varias Enciclopedias que estabeleceu a ordem em toda a provincia, iniciou e concluiu muitas obras, pós termo a *deficit* antigo e deixou um saldo de duzentos mil cruzeiros em cofre.

A sua administração, pelo alcance e exito surpreendentes das iniciativas tomadas, consagrou-o como o maior homem

de governo, que o Ceará já teve á frente de seus destinos.

Pioneiro da açudagem, da instalação de estabelecimento bancario, da construção de rodovias ligando o Cariri e o Icó á Fortaleza, da vinda de imigrantes estrangeiros, foi bem ele, como escreve João Brigido, quem «lançou os fundamentos do progresso moral e material do Ceará, ensaiando com grande intuição do futuro quantos melhoramentos a Província mais tarde veiu a reclamar indispensaveis á sua civilisação.»

A sua ação de estadista clarividente sem par entre nossos governantes assinalam unanimemente todos aqueles que se teem dedicado á analyse dos fatos da vida politica e social do Estado.

Em seu testamento, cujo teor temos á vista, declara o Senador Alencar que «por fragilidade humana» teve com sua prima Ana Josefina de Alencar, os seguintes filhos, que legitima e reconhece: 1.º José Martiniano de Alencar Junior (o roman-cista) nascido a 1-5-1829; 2.º Leonel Martiniano de Alencar, (nascido a 5-11-1832, c) Tristão, nascido a 6-7-1838, d) Maria, nascida a 13-8-1840, e) Barbara, nascida a 7-7-1843, f) Argentina, nascida a 23-3-1850, e g) Carlos, nascido a 6-10-1853.

As atividades que o Senador ALENCAR desenvolveu no cenário da vida politica administrativa do país, demonstram que nesse sector foi o vulto de mais destacada projeção que possuímos.

Urge que em livro se perpetúe, em largos traços, a memória de sua conduta como revolucinário, homem de governo, enérgico, realizador e de idéias avançadas, de parlamentar e chefe liberal prestigioso, para exemplo das gerações presentes e futuras.

EXPERIENCIA DO SERVIÇO DE TRACOMA DE CRATO ELOGIADA NA ESPANHA

O Dr. Herminio de Brito Cande, supervisor do Serviço de Profilaxia de Tracoma, sediado em Crato, recebeu o honroso documento que transcrevemos, firmado pelo renomado oftalmologista espanhol—Dr. Arruga:

«He presenciado la aplicación del aparato de diatermia portátil del Dr. Herminio Conde, comprobando su utilidad para el tratamiento ambulatorio del tracoma»,

Barcelona 10 Agosto 1960

(à) Dr Arruga

Pasage Mendez Vigo. 3

SETE-ESTRÊLO—Milton Dias o cronista do «O POVO», no gênero é dos melhores do norte do país. Através de IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ, publicou recentemente SETE ESTRÊLO. A gente ler do começo ao fim com agrado indisível. Retrata bem os costumes do Ceará e o livro é dos reais sucessos dos últimos anos da vida literária fortalezense.

REVISTA FILOSÓFICA DO NORDESTE—Incontestavelmente o Ceará vem cada vez mais ocupando lugar de destaque no cenário da inteligência brasileira. É foco de irradiação de livros e publicações, ameaçando ultrapassar a tradicional Recife. Uma das provas dessa evolução do pensamento cearense está na REVISTA FILOSÓFICA DO NORDESTE. É dirigida por grupo de pensadores de primeira linha: Paulo Benevides, Moacir Teixeira de Aguiar e José Teixeira de Freitas.

ESTUDOS DE FOLCLORE CEARENSE. A IMPRENSA UNIVERSITÁRIA no afan de divulgar as pequenas feitas por estudiosos na terra cearense, lançou à publicidade ESTUDOS DE FOLCLORE CEARENSE, de autoria do escritor cearense, pesquisador de mérito—Eduardo Campos. É jornalista da primeira plana, dirigindo os DIÁRIOS ASSOCIADOS, de Fortaleza. No meio de múltiplos afazeres tem tempo de escrever bons estudos de folclore que o tornaram conhecido em todo o país e no estrangeiro. É presentemente dos bons folcloristas do Brasil.

BOLETIM UNIVERSIDADE DO CEARÁ—Recebemos, com regularidade, o BOLETIM UNIVERSIDADE DO CEARÁ. Através dele, comprovamos o movimento daquela instituição, em tão boa hora confiada ao Magnífico Reitor Antônio Martins Filho que tanto tem elevado o nome da terra cearense, por aí afora. É publicação em forma de revista e de caráter informativo.

Da Significação de Brasília

ASPECTO POLÍTICO E ECONÔMICO

Francisco Givaldo Peixoto de Carvalho

Brasília é hoje uma realidade. De longa data formamos ao lado dos que propugnavam pela interiorização da capital federal. É sob esse aspecto que Brasília despertou nossa atenção. Como cidade moderna, símbolo e expressão de beleza estética, nunca nos interessou—acreditamos que os brasileiros não seríamos tão levianos a ponto de construirmos uma cidade apenas, ou sobretudo, para regalo da classe dirigente, mesmo porque, sob esse aspecto, o Rio de Janeiro atendia sobejamento ao problema.

O que sempre defendemos, o que defenderam nossos maiores desde a Inconfidência e em todas as Assembléias Constituintes do Império e da República, foi a interiorização da capital federal. Apenas a Carta de 1937, na qual não colaborou a opinião pública nacional, não cogitou objetivamente do problema. Mas a idéia da interiorização, podemos afirmar, é uma idéia autenticamente brasileira e uma idéia luminar, intuitiva do senso de responsabilidade do nosso povo no seu desejo de resguardar o patrimônio territorial de que fomos legatários e de preparar ou abrir o caminho pelo qual o Brasil possa ocupar o lugar que lhe compete no concerto das nações.

Para compreender-se a importância de Brasília como cidade farol é preciso que nos familiarizemos um pouco com a evolução histórico-econômica do Brasil, tendo em vista a influência dos fatores geográficos. Diz o mestre Delgado de Carvalho, um dos luminadores da ciência geográfica entre nós, que «a geografia nada impõe, mas muito limita». Todo brasileiro devia meditar sobre a judicidade dessa asserção, pois o Brasil é antes de tudo uma complexidade geográfica. Disso tinham conhecimento os portugueses que afora as lutas que empreenderam para expulsar os invasores holandeses, franceses e em menor escala ingleses, fustigaram bravamente os espanhóis, particularmente no Sul, conservando intacto a unidade política da formidável massa de terras contínuas flanquedas ao Norte pelo Amazonas e ao Sul pelo Rio da Prata, exceção feita do bolsão do Uruguai, transformado em Estado tampão e cuja existência, evitando atritos

entre as tendências expansionistas do Brasil e da Argentina, trouxe a paz e a fraternidade na região platina.

Nós nunca pagaremos a Portugal o esforço que oficialmente despendeu na execução objetiva de sua política territorial aqui na América do Sul. Defendendo o litoral atlântico, dominando a foz do Amazonas e pressionando a embocadura do Prata, os luso-brasileiros forjaram a unidade nacional.

A interiorização da capital federal visa consolidá-la já que não podemos esquecer o fato de o Brasil ser ainda um país em formação.

Ainda ontem, no auditório do Radio Educadora, ouvindo a apologia do nordestino na palavra do Dr. Brito Conde, que carinhosamente analisava a contribuição da nossa energia regional no arrôjo da construção de Brasília, recordamos, agradecidos, o esforço dos nossos maiores na preservação da unidade política do território que habitamos. Na verdade, nenhuma força humana poderia contrapor-se à capacidade de expansão da população nordestina—os povos das regiões semi-áridas são essencialmente conquistadores, na história européia temos conhecidos conquistadores, mas não povos conquistadores, exceção talvez dos povos ibéricos—portugueses e espanhóis, povos pobres que não tinham, internamente, como os nordestinos, condições de acomodação do excesso da energia humana nacional. A expansão inglesa e holandesa não teve as características de conquista no sentido da busca do espaço vital, por escassês de recursos internos mas se processou como consequência do impulso centrípeda do nascente capitalismo europeu e se ampliou com a revolução industrial. Conquistadores autênticos foram os povos originários das estepes da Ásia central e seríamos nós, os nordestinos, se por qualquer hipótese nos opuzessem barreiras ao extravassamento espontâneo da energia humana regional. Onde a importância da unidade nacional que se procura preservar com a mudança da capital federal para o interior.

A política da interiorização da capital federal obedece a um imperativo de ordem geográfica. Basta darmos uma olhada no mapa político e demográfico da América do Sul, fruto da complexidade topográfica continental, para ajuizarmos da medida excepcional que ora se toma como o único meio de dinamizar a economia do Brasil num plano coerente com a nossa condição de país continente.

A crise nacional não é apenas a resultante do desequilíbrio econômico reinante entre as diversas regiões geográficas em que se divide o país, é sobretudo uma consequência imediata do desequilíbrio entre a economia litorânea e a economia mediterrânea. Objetivamente não temos mais do que duas regiões

econômicos — a região periférica, industrial e comercial e a região paralela interior, agro-pastoril.

A periferia econômica não é uma invenção dos brasileiros sofrem-na todos os povos sulamericanos. A América do Sul é o continente tipo de economia periférica. Não há outro exemplo que se lhe compare, pelo simples fato de a orografia mundial não contar senão com uma Cordilheira dos Andes.

Não se espantem os senhores se afirmarmos que o subdesenvolvimento dos povos da América do Sul seja uma consequência de pujança da Cadeia Andina. À primeira vista tal afirmação nos parece fora de sentido, mas não nos esqueçamos do que disse o mestre Delgado de Carvalho—«a geografia nada impõe, mas muito limita». A própria extensão territorial do Brasil nos ocorre como um exemplo a apontar. Ninguém ignora que possuímos a metade da área territorial da América do Sul e a possuímos desde os meados do Sec. XVIII como consequência de tratados fronteiriços entre as duas corôas ibéricas. Ora, os limites entre os dois reinos ibéricos no território que veio a ser o Brasil foram estabelecidos seis (6) anos antes do descobrimento do nosso país. Porque teria a Espanha aberto mão desta imensa área geográfica de 5 milhões de km² para o seu pequenino concorrente? Não nos parece difícil a resposta: a Espanha atingiu a América do Sul pela vertente do Pacífico. Logo deparou-se com a barreira andina e esta embargou-lhe o passo no sentido do Leste. A expansão espanhola se fez então no sentido dos meridianos. Por outro lado Portugal fechou-lhe a única porta de acesso à Amazônia pelo lado oriental ou atlântico que era a foz do grande Rio das Amazonas. No Sul entraram em jôgo novos fatores e a Espanha teve que fazer um esforço desesperado para conseguir uma saída para o Atlântico. É que com a pirataria organizada e afoita que se estabelecera nas Antilhas, ficou comprometida a rota do ouro e da prata que se destinava à Europa. Além disso era crescente a pressão lusa para dominar a emboadura do Prata e abrir caminho afim de associar-se aos espanhóis na saque das riquezas incaicas. Obrigada a defender-se da investida lusa, a Espanha aproveitou a oportunidade para estabelecer nova rota para a exportação dos metais nobres para a metrópole. Atingiu por fim os seus objetivos, mas ao concentrar a sua atividade na região platina abandonou aos portugueses as plagas centrais do continente—Mato Grosso e Amazonas, notadamente.

Assim, com o policiamento do litoral atlântico e dois golpes de mão, um ao Norte e outro ao Sul, e aproveitando ainda as faculdades geográficas da vertente atlântica ou oriental da América do Sul, Portugal nos legou metade do continente.

Sob o ponto de vista geopolítico as forças vivas na nação que se formavam no Brasil tiveram um grande aliado no paredão andino. O mesmo não podemos dizer se a encararmos sob o ponto de visto econômico-demográfico.

Como não podia deixar de ser a atividade econômica no Brasil colônia foi desenvolvida com a finalidade de complementar a economia lusa, como era a regra geral entre as colônias e as metrópoles, o que ainda hoje acontece.

Com o êxito da lavoura de cana na costa nordestina, estimulada pela crescente procura do açúcar no mercado europeu, que então, experimentava uma melhoria no nível de vida da população e uma revolução geral nos preços das mercadorias, provocadas pelo ouro e prata espanholas, pródigoamente derramados no financiamento da custosa política imperialista do Sáculo Império Romano Germânico, aprendemos a produzir para o mercado exterior e desde então não temos feito outra coisa, numa ingloria acomodação da nossa economia à economia colonialista internacional. Na verdade, a exportação de matérias primas continua a ser a base do nosso comércio exterior, como o foi nos tempos coloniais.

Sabemos que o pau-brasil e açúcar unificaram o litoral e que a conquista do interior foi obra no NE da expansão da pecuária e no Centro-Sul da mineração. Enquanto a riqueza pastoril era elaborada sem atenção ao valor a fronteira se deslocou para o oeste. Igualmente, ao Sul, falcando ouro, paulistas e emboabas atingiram o mesmo meridiano de afastamento do litoral. Todavia, com o desenvolvimento da economia litorânea e o crescimento dos centros urbanos, particularmente a partir da Independência, não só pela atração da côrte, como pela dinamização da atividade política que empolgou à classe senhorial, dantes enclausurada nas fazendas, o gado foi tângido de volta para o mercado litorâneo e o ouro foi exportado e não atraiu riquezas senão artigos de consumo e luxo. Quebrou-se assim o impulso colonizador e estrangulou-se o povoamento dos sertões ocidentais. Desde então o excesso de mão de obra ou da energia humana rural deslocou-se em sentido contrário ao das gerações anteriores. Não mais se falou em vanguarda colonizadora, mas em fronteira demográfica.

Enquanto marchavamos para o oeste, havia sempre a esperança de ser formado alguns núcleos econômicos semi-autônomos, além da esfera de atração da fronteira econômica do litoral e que seriam os embriões do mercado interno central, cuja existência teria atenuado, pelo transbordamento de suas riquezas para as fronteiras econômicas que se formariam ao Norte e ao Sudoeste, o grave desequilíbrio econômico que todos

lamentamos em nossa Pátria.

A função de Brasília é criar esse mercado central, desenvolver e dinamizar novas fronteiras econômicas, sem o que a inteligência humana não terá, em nosso país, forças para vencer as limitações de ordem geográfica que nos embargam o progresso.

Se não existisse, poderosa, inamistosa, a Cordilheira Andina, seriam os mercados dos diversos países limítrofes que estabeleceriam o desejado equilíbrio, pela interpenetração e mútua atração das diversas economias nacionais sulamericanas.

Por outro lado somos levados a agradecer a sua existência imponente. Sem ela não teria havido o fracionamento do império colonial espanhol e lá como aqui ter-se-ia formado um, dificilmente dois ou três países. Não gostamos sequer de imaginar um tal estado de coisas.

Quem perflustrar um pouco a História do Brasil, notadamente quanto ao aspecto da política exterior na Colômbia e no Império, pode fazer um cálculo da calamidade que resultaria para todos nós sulamericanos.

Não é segredo de ninguém que os lusos nos transmitiram a sua desconfiança congênita que alimentavam contra os espanhóis na Península Ibérica.

Basta a história da nossa fronteira platina para dar uma idéia do que seria se mantivéssemos com eles uma fronteira contínua de mais de 3 mil km² de extensão, pois se não fôsse os Andes eles teriam disputado a fronteira teórica das Tordeilhas.

Assim, de relance, exteriorizamos o nosso pensamento sobre o palpitante problema da mudança da capital federal para o Brasil Central, procurando frisar apenas a importância política e econômica da questão.

Para concluirmos, afirmamos que Brasília nasce com a responsabilidade de vencer, por um esforço e um sacrifício calculados, as limitações próprias da extensão territorial e da posição geográfica que ocupamos na América do Sul e no Mundo.

22 de abril de 1960—Crato—Ce.

Palestra proferida no Rotary Club do Crato, na data supra.



O INSTITUTO COMEMOROU A INAUGURAÇÃO DE BRASÍLIA. No dia 21 de Abril de 1960, o Instituto Cultural do Cariri esteve à frente de tôdas as comemorações que Crato prestou à inauguração oficial da NOVACAP. A zero hora organizou salva de foguetes à Praça Siqueiras Campos. Às 20 horas, promoveu magna sessão, na Radio Educadora do Cariri, gentilmente cedida pelo seu gerente—Snr. Pedro Gonçalves de Norões.

A sessão foi aberta por J. Figueiredo Filho que deu a palavra ao Prof. José Newton Alves de Sousa que saudou o novo sócio do I. C. C. Dr. Herminio de Brito Conde, o conferencista da noite e igualmente a ser recepcionado pelos seus consócios.

Em seguida, pronunciou êle magnifica palestra sôbre Brasilia, sob variados aspectos, demonstrando seu alto poder descritivo e facilidade de expressão.

Cel. RAIMUNDO TELES PINHEIRO—Em férias e acompanhado da Exma. Família, passou o mês de Dezembro, nesta cidade, o sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri,— Cel. Raimundo Teles Pinheiro, ora servindo no Estado Maior do Exército, no Rio, Estado da Guanabara. O apreciado intelectual foi alvo de expressiva homenagem de seus consócios, em sessão extraordinária, na sede do I. C. C.

Ao retornar ao Rio de lá nos enviou a bem feita revista «A DEFESA NACIONAL, órgão do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, na qual escreveu o artigo, já publicado em ITAYTERA—INVASÕES FRANCESAS E HOLANDESAS NO BRASIL., agora acrescido de outras notas e ilustrado com desenhos históricos.

OS MONUMENTOS NACIONAIS. O General J. B. Bastos está prestando imenso serviço ao Brasil escrevendo a história de seus monumentos. Agora mesmo lançou A FORÇA EXPEDICIONÁRIA NO BRONZE, da série OS MONUMENTOS NACIONAIS. Estuda com minucia e com poder descritivo que denuncia belo estilo e cultura historica, as homenagens prestadas no Brasil, através de esculturas e outros monumentos, aos bravos pracinhas que se bateram na Italia. E o livro vem ilustrado com inumeras fotografias. O General J. B. Bastos já entrou em contacto com elementos da terra para colher os dados a fim de descrever os monumentos existentes em Crato.

D. VICENTE, ESCOLHIDO TERCEIRO BISPO DE CRATO

J. de Figueiredo Filho

A Radio do Vaticano, retransmitada pela Rádio Educadora do Cariri, trouxe-nos a alvissareira noticia, no dia 28 de Janeiro, de que, fôra escolhido terceiro Bispo de Crato, o Exmo. Snr. D. Vicente de Araújo Matos. Ocupava o lugar de Vigário Capitular e Ecônomo da Diocese, desde a morte do saudoso D. Francisco de Assis Pires e fôra seu auxiliar.

A escolha não poderia ser melhor. Como Bispo Auxiliar empreendeu e executou obra gigantesca, em poucos anos, demonstrando que seu govêrno espiritual será dos mais proficuos, em todos os pontos de vista. Graças a sua iniciativa, temos, em Crato, o conjunto architectonico — «CASA DE CARIDADE» que serve de sede a série de marcantes obras de assistencia social. Num dos edificios funciona o Ginasio Madre Ana Couto para moças pobres e noutro, a Radio Educadora do Cariri, que por sua vez, dirige, através de departamento competente, o círculo de escolas radiofônicas, em número de quinhentas, devendo atingir aproximadamente à casa dos mil, no presente ano. S. Excia. é o animador do Instituto do Ensino Superior que já mantem em funcionamento a Faculdade de Filosofia de Crato, vinculada à Universidade do Ceará.

Sua ação benfazeja estende-se a tôda a Diocese que percorre constantemente, em visitas pastorais, que trazem benefícios às mais afastadas paróquias. Finalmente, D. Vicente de Araújo Matos é batalhador infatigável que

não sabe estar parado e muito já tem realizado nos mais diversos campos, pela Diocese de Crato.

Tôda a população local, principalmente a que tem amor ao progresso, ficou satisfeita com a notícia de que ficara êle no leme da Diocese. Sua experiência, dinamismo e acima de tudo, amor à causa da Igreja, garantem-lhe administração eficiente, tudo a beneficio da terra, da Diocese em peso e da Religião.

Os frutos de sua proficua atuação e intenso apostolado estão bem vivos. O terceiro Bispo de Crato não é só promessa ou esperança apenas. Será a continuação segura dos dois grandes antecessores — D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e D. Francisco de Assis Pires. A obra ciclópica que iniciou, com a Casa de Caridade e no terreno do ensino superior, tem de ser continuada, bem assim o carinho com que trata todo e qualquer recanto, por mais afastado de sua Diocese.

Crato não poderia ter presente maior neste alvorecer do ano da graça de 1961.

Crato, 3 de Janeiro de 1961

PALAVRAS DE PROTESTO E DE SAUDADE. O Senador Fernandes Tavora é das grandes vozes do Senado, sempre em vigília, em defesa da terra que o elegeu. Emerito parlamentar, faz parte da linha de frente da intelectualidade nortista. Seu espirito é perenemente moço. O Instituto Cultural do Cariri conta nêle de seus amigos de primeira linha. Há pouco tempo, enfeixou, em livro, três discursos monumentais, em defesa dos problemas da Amazônia, que conheceu de perto, outro do Ceará, sua terra natal, o qual representa com galhardia no Senado, e outro político, saudando Jânio Quadros e Milton Campos, na última campanha eleitoral. São palavras brilhantes de um homem animado de inteligência privilegiada e do mais puro idealismo patriótico. O opúsculo foi editado pelo DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL.

EM QUE PESE O ESTIGMA... ÊLES CONS- TRUIRAM E CONSERVARAM IMPE- RECIVEL MONUMENTO...

Cel. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Habitual e sedição é o menosprezar-se e criticar-se acerba e violentamente o português. Muito papel e tinta fôram gastos para o registro de páginas e páginas com más referências aos degredados impelidos, inicialmente, para desbravar e povoar terras vírgens nos «brasis»... na África... na Ásia lendária e apetecida. Que representação demográfica exprimia o pequenino Portugal dos séculos XV, XVI e XVII? Escassa e rarefeita população da ordem de 1.000.000 de habitantes, na sua grande maioria de campônios analfabetos e ignorantes. Que de perfeito imaginar-se dêsse punhado de homens simples, estuante de rígida fibra, evidentemente assinalada, a par de algumas virtudes e de inúmeros defeitos inerentes ao meio e à época ?

Contam só as deficiências e as qualidades negativas em presença?...

Sem considerar a inaceitável hipótese da superioridade e predominância de uma raça sôbre as demais, raciocinando com justiça e sensatez, reconhecendo, embora, os inúmeros desacertos, somos conduzidos a alinhar concêitos — que são motivo de orgulho — e enaltecer a valorosa gente portuguesa :

— Pela reconhecida *virilidade* e sôbre-humana *coragem* que possibilitaram, após os aperfeiçoamentos ástro-náuticos adquiridos na Escola de Sagres, singrar ignotos mares tenebrosos, descobrir e revelar novos mundos;

— Pelo *denôdo* empregado na manutenção íntegra da imensa terra de Santa Cruz, embora a capitosa cobiça dos conquistadores europeus, particularmente dos intrépidos navegadores franceses, ingleses e holandeses;

— Pelo *espírito de sacrificio* provado e comprovado na fixação, expansão e preservação da nova conquista, lutando, títnicamente, contra o sertão invio — povoado de sêres e elementos hostis — o alcantilado das ásperas montanhas, as águas caudalosas dos rios apinhados de répteis e piranhas vorazes, pelo domínio em suma, da natureza selvática, insalubre, agressiva, fantástica ;

— Pela humanitária *generosidade* nitidamente expressa na *tolerância* caracteristicamente manifestada no trato e convivência com os afro-índios, tidos como, e de fato possuidores de cultura inferior — ou culturados — com os quais cruzou, embora amoral e desordenadamente, possibilitando o fraterno «melting pot» brasileiro, e o particularíssimo e raro quadro familiar, emoldurado pela meiga e querida figura da Mãe Preta;

— Pela *cultura* que sedimentou e exaltou a perenidade do sentido humano da vida, e sublimou o espírito, como o plasmodio o Supremo Artífice — DEUS;

— Pela *religião*, a religião do CRISTO, embasada solidamente na doutrina do bem, da caridade, da justiça, da verdade, do amor a DEUS e ao próximo, sem distinção de cor e condição social, nivelando a todos nas suas aspirações e nos seus direitos;

— Pela *língua*, essa doce língua que eternizou os Lusíadas e propiciou o evidente milagre da compreensão, do entendimento e da unidade demo-sócio-política dessa imensidão geográfica, de contrastes chocantes, configurada pelo grande «coração» limitado pelos paralelos, do marco que grimpa a serra de Caboraí e da curva sul do Chuí, e os meridianos de Pontas de Pedras (no Cabo Branco) e do marco da serra de Contamana.

O consenso universal, nos tempos hodiernos, repõe no apropriado e justo lugar esses tão malsinados degredados, com a contribuição dos quais, no metabolismo violento de ações reprováveis e atos peregrinos, os diminutos gigantes e portugueses de antanho criaram e nos legaram este mundo — o BRASIL... marco-padrão do «gênio da raça»... «Talente de bien faire», como repetira frequentemente o magnífico Infante D. Henrique.

Bendita estirpe dos NUNO, dos HENRIQUE, dos JOÃO II, dos GAMA, PEDRO ÁLVARES, ALBUQUERQUE, SOUZA, SÁ, NÓBREGA, ANCHIETA... e desses degredados muita vez por «crimes» de amor ou maledicência, — afora os patriarcas JOÃO RAMALHO e CARAMURU, os demais jesuitas, capuchinhos, dominicanos, salesianos — que lhes eternizaram a monumental obra, na fabulosa extensão ecumênica das águas e margens opostas do Atlântico — Sul e do Índico!...

Rio 24 de Junho de 1960

Cel. Raimundo Teles Pinheiro

1. Congresso de Jornalistas do Interior

Sob o Patrocínio do Instituto Cultural do Cariri

13 a 15 de janeiro de 1961

Programa que foi executado fielmente

Dia 13— Às 14 horas — Sessão preparatória, no Ginásio Madre Ana Couto — Distribuição de credenciais.

Às 16 horas — Inauguração da exposição de fotografias, jornais e pinturas regionais, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia do Crato e a cargo do Sr. Edilson Rocha.

Às 20 horas — Sessão solene de instalação oficial do 1.º Congresso de Jornalistas do Interior do Ceará, no auditório da Rádio Educadora do Cariri.

Dia 14— 8 horas — Primeira sessão plenária, no Ginásio Madre Ana Couto.

13 horas — Segunda sessão plenária, no Ginásio Madre Ana Couto.

21 — horas Baile no Crato Tennis Clube.

Dia 15— 8 horas — Passeio a Juazeiro e Barbalha.

14 horas — Terceira sessão plenária, no Ginásio Madre Ana Couto.

20 horas — Sessão solene de encerramento — Leitura das conclusões; conferência do professor Alcântara Nogueira; lançamento dos «Cadernos do Cariri»; Representação folclórica; Concerto da Banda Municipal. Local: auditório da Rádio Educadora do Cariri.



PÁPI JÚNIOR — Carlyle Martins, dos bons poetas e cronistas literários cearenses, ofertou-nos a sua plaqueta, editada pela Imprensa Oficial e sob o título «PÁPI JÚNIOR» (O Homem e o romancista). É o discurso que fez na Casa de Juvenal Galeno, a 20 de Novembro de 1959, comemorando o centenário do grande vulto da literatura luso-brasileira.

DESPERTANDO

Vinha vindo,
 Marchando a esmo,
 Alheio a mim mesmo,
 O coração enfermo, as dores não mais sentindo,
 Ao destino indiferente,
 O espírito em letargia,
 De tudo já descrente,
 — Quando, uma alma nobre e santa,
 Vendo-me que sofria,
 Estendeu-me o seu manto de bondade,
 E, com a pureza de um olhar que encanta,
 É um riso sem maldade,
 Fez-me crer — que Deus existia!
 Que devia viver e sonhar!
 Desde então,
 Da letargia despertando,
 Com a alma vibrando,
 Passei a viver sonhando...
 Com a alma de ilusão a transbordar!

JOÃO DANTAS (Monteiro)

Campina Grande, 19/IX/1959

CRÔNICAS ALEGRES. É livro de crônicas, cheias de sadio humorismo que nos encanta do começo ao fim. Faz bem ao espírito e à inteligência e é leitura propícia para a gente ausentar-se momentaneamente deste mundo repleto de tragédias e de mil dissabores. Não há quem resista a ler sozinho a crônica do jaez de **CONFUSÃO TELEGRÁFICA** ou outras, sem chamar alguém para participar da alegria espontânea que provoca. É obra que exerce autêntica profilaxia no espírito contra as preocupações múltiplas da hora presente.

GÊNESE DA CIDADE DE IGUATU. É a síntese histórica, escrita com o critério de pesquisador e em linguagem agradável, pelo nosso consócio Padre Francisco de Assis Couto. É o complemento de seu opúsculo, que saiu em **ITAYTERA** foi tirado em separata — **PARÓQUIA DE IGUATU**. Padre Couto faz parte deste núcleo do Instituto Cultural do Cariri que está dando novos rumos à cultura do sul do Ceará. **GÊNESE DA CIDADE DE IGUATU** foi prefaciado em substancioso trabalho pelo Dr. Meton Vieira, causidico naquela próspera localidade.



O NORDESTE E O ORIENTE MÉDIO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Hermínio CONDE

Sumário: - a) Impressões gerais de viagem do ponto de vista social e humano; usos, costumes e contrastes dos países visitados (Espanha, Itália, Israel e Irã); b) Impressões do ponto de vista oftalmológico geral; c) Impressões do ponto de vista do tracoma, centro de interesse da viagem, visando à elucidação de aspectos controvertidos da endemia; d) Conclusões; estudo comparativo com a índole e as realidades do Brasil; sugestões.

Viajar é *avancar* no futuro, e, em certos casos, *recuar*, conforme veremos no decurso deste relato. Depois de havermos representado o nosso país, desde 1927, em numerosos certames científicos nas Américas do Sul e do Norte, e na Europa, coube-nos missão idêntica, no Congresso Médico do Irã, realizado de 1—7 outubro de 1960, com a assistência de 400 técnicos, e presidido pelo Ministro da Saúde e pelo Reitor da Universidade de Teerã. O nosso tema «Doenças oculares transmitidas ao homem pelos animais,» lido na sessão de 3 de outubro, integrou-se como parte do tema geral do concílio «Doenças transmitidas ao homem pelos animais». O objeto do certame reflete o esforço do moderno Irã na sua marcha para a industrialização.

Está provado que a terra é o reservatório máximo dos agentes patógenos e os animais que a frenquetam e convivem com o homem, transmitem a estes graves enfermidades. Ao revés, também está provado que a Máquina, cortando os élos da trans-

missão, produz, por outro lado, a angústia e as doenças degenerativas...

Do ponto de vista oftalmológico nada menos de trinta doenças oculares são transmitidas ao homem pelos animais, a começar pela mais séria, antiga e disseminada no mundo—o tracoma. Numerosos casos—direta ou indiretamente—sobretudo no Nordeste brasileiro e no Oriente Médio, se transmitem por intermédio d'uma pequena môsa, identificada pelo Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, do gênero *hipelates*.

Até então, no decurso de mais de trinta anos, havíamos percorrido as «áreas de conforto» do mundo ocidental, amenizadas pelas facilidades turísticas. Agora, deveríamos infletir para as duras zonas desérticas do sub-desenvolvimento.

A chefia d'um serviço oficial de pesquisas oftalmológicas no Nordeste, há mais de três lustros, de longa data nos havia atraído a atenção para êsses dois países, renascentes de antigas civilizações—Israel e Irã. Muito temos a observar e a aprender no intercâmbio com os povos que apresentam aspectos sociais e humanos de sub-desenvolvimento, portanto similares aos de dois terços, pelo menos, da nossa população localizada no interior.

Ao nosso vêr, apresentavam profundas analogias geoeconômicas e nosológicas—sobretudo no domínio da oftalmologia tropical com a região nordestina, na qual trabalhamos (e da qual somos filho, com aquêlê afeto redobrado, diretamente proporcional aos padecimentos do berço natal), Esta é a nossa primeira afinidade intelectual com o sábio e patriota Prof. CHAMS, de Teerã. Tornou-se um dos tracologomologistas da primeira linha do nosso tempo, no afã de aliviar os sofrimentos oculares do seu povo, há vinte e cinco séculos flagelado pela endemia do tracoma.

São óbvias as dificuldades de quem pretende, n'uma só viagem, percorrer mais de um país do Oriente Médio, nos intranquilos tempos modernos. E todas nascem da suspeita inicial da possibilidade de se achar o viajante a serviço de uma das duas concepções de vida, em inconciliável litigio, no nosso tempo. Seria imperdoável mutilação silenciar aqui e ali, ao longo dêste trabalho, aspectos sociais ou políticos, direta ou indiretamente vinculados aos problemas da prevenção da cegueira. A higiene ocular é matéria de salvação pública. Através dos olhos são adquiridos 87% dos nossos conhecimentos. Nenhum chefe militar poderia garantir a segurança nacional com um exército de tracomatosos.

O esquema dêste trabalho, numa imparcial síntese crítica, jamais omitirá aspectos importantes da vida de qualquer dos povos visitados, com reflexos favoráveis ou nocivos à higiene

ocular, pelo receio da má interpretação política ou religiosa. Fizemos uma viagem de boa vontade, desinteressada e de estudos. Visitamos quatro povos em vigorosa e construtiva fase de recuperação. Todos, ligados, como o Brasil, ao chamado *bloco ocidental*. Observaremos, entretanto, como ocorre no nosso país, que esse vínculo político está longe de se traduzir, na prática, e graças a Deus, em submissão passiva de um a outro povo, no caso, de qualquer deles aos E. Unidos.

Iniciamos a nossa jornada pela meca da Oftalmologia contemporânea, a cidade de Barcelona. Lá o gênio hespanhol se expressa através do contraste das escolas cirúrgicas de ARRUGA e BARRAQUER. Como é sabido, a diversidade inicial de uma e da outra, se manifesta na preferência sistemática da segunda pela anestesia geral em cirurgia oftalmológica. Em Nova York, na clínica CASTROVIEJO já havíamos observado a prioridade absoluta pela anestesia geral, mesmo nos casos de pequena cirurgia ocular. No final deste trabalho apresentamos a sugestão, baseada na antiga advertência de FUCHS, relativa à necessidade de um organismo internacional «centralizador das estatísticas, coordenador das normas e da racionalização das técnicas e métodos de tratamento oftalmológicos».

O progresso da Oftalmologia seria acelerado. Novos institutos, por exemplo, se o aceitassem, obedeceriam a tipos de padronização racional. Esse programa poderia ser encetado sob o patrocínio da O. M. S., incluindo o intercâmbio de técnicos de umas clínicas a estagiarem em outras.

Visitamos as duas famosas clínicas privadas de Barcelona logo à nossa chegada. Diversas em tudo, desde a arquitetura ao espírito que as dirige. É estimado em um milhão de dólares o custo de cada uma, equipada. ARRUGA, já conhecido no Brasil, *r e n o v a d o r* da cirurgia ocular brasileira, ou melhor, latino-americana, durante os anos de exílio da luta civil espanhola e através de visitas posteriores. O mesmo homem de invulgar sapiência e operosidade. Essencialmente prático, testou a aparelhagem que conduzíamos para o Irã e louvou-a em documento que nos sensibilizou. A importância desse depoimento e a significação do que ele expressa como estímulo a uma contribuição brasileira à profilaxia do tracoma, nós as destacaremos adiante, na parte relativa à surpreendente clínica do Prof. CHAMS, de Teerã.

Continuemos, pois em Barcelona, a linda capital da Catalunha, onde o homem, como o queria o filósofo, ainda é a medida de todas as coisas. Referimo-nos, está claro, à cidade, como acolhedor centro urbano de avançada civilização. Porque, ao volver à oftalmologia, ao visitarmos a clínica BARRA-

QUER — particularmente o seu espetacular *Centro Cirúrgico*— penetramos na irrealidade. Não é fácil descrevê-lo. Imaginai a *nacele*—a parte dianteira, o nariz de um avião de grande porte-pousada num salão retangular de 5 x 6 metros, com os tripulantes, sentados de costas para a assistência, operando os olhos do paciente, sob anestesia geral. Duas câmaras de televisão acompanham, no recinto e no exterior da *nacele*, a marcha da intervenção que é, simultaneamente, explicada em espanhol e em inglês. No exterior, onde se renovam oito a dez oculistas estrangeiros por dia, a penumbra, a música em surdina, o ar condicionado, aliviam a tensão do espectador. As cataratas, sob zonu-lose, extraem-se à ventosa, na *manotonia* duma rotina sem acidentes.

No pavimento inferior, no sub-solo da clínica, há verdadeira central elétrica manipulada por mecânicos-eletricistas. São os responsáveis pelo exato atendimento da complexidade de comandos dirigidos pela equipe cirúrgica, através do complicado painel de instrumentos da *nacele*. É a eletricidade na mais opulenta e ostensiva demonstração da sua aplicabilidade à medicina. A «deusa eletricidade» ali produz som e luz em gradações variadas; calor e cauterização médica, nas intensidades correspondentes aos comandos acionados. Requer habilitação prática, e, necessariamente teórica. É preciso ver-se o virtuosismo técnico daquela maravilhosa equipe, para imaginar-se as perspectivas de adaptação da mente humana ao progresso tecnológico. (Veio-nos à idéia a utilidade da ampliação ou maior ênfase ao capítulo «eletricidade» nas cátedras de Biofísica das Faculdades de Medicina. (Em oculística, há o tracoma, o desprendimento da retina, etc.) Em 1932, já a ante-visão de ABREU—FIALHO (pai) fez instalar, no seu serviço universitário, e ao nosso cargo, um gabinete de «fisioterapia oftalmológica» (médica e cirúrgica), imitado a seguir pela Universidade de Buenos Aires. Hoje, na Universidade de Upsala (Suécia) sem craneotomia, com a pilha atômica, se opêram com êxito, tumores cerebrais... Talvez venha a ser a palavra final na fisioterapia do tracoma.

Certamente vacilariamos, em aceitar quanto se faz no atraente centro cirúrgico BARRAQUER. Imaginam muitos dos que o têm visitado que 80% daquelas atividades podem ser imitadas, e 20% são pura e galharda ousadia. De qualquer modo, se o *fato político* no mundo moderno não superasse quase totalmente o *fato científico*, absorvendo os recursos financeiros das nações, seria o caso de tentar reproduzir aquele prodígio da imaginação hispânica, e, ao cabo de razoável observação medir-lhe os resultados. Nenhum oculista, a menos através de filmes, poderá ignorar as clínicas espanholas.

O primeiro retrocesso em relação ao Brasil, observâmo-lo na própria clínica Barraquer e nos balcões do comércio de óptica da cidade: a participação de optometristas na prescrição de lentes, interdita na legislação brasileira, desde 1934. Ora, da Espanha partira, em 1933, o «movimento saneador» da Óptica, sancionado pelo nosso país no ano posterior (decreto 24.492, de 28/6/34), seguido da Argentina em 1936. Parecia confirmar-se, assim, a suspeita de que forças ocultas dificultam a elaboração de leis (nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e na Alemanha) visando a situar o Óptico apenas na posição, aliás honrosa, de «farmacêutico dos vidros», conforme o Concílio Internacional de Oftalmologia de Madrid. Esta última cidade já a conhecíamos. A Catalunha nos surpreendeu pela impressão de ordem, operosidade e senso prático da população. O povo baila, como num ritual, as *sardanas* na vida pública, em horário descontraído dos hábitos brasileiros. Seguramente, é das poucas regiões do globo onde ainda se pode comprar alguma coisa com o nosso dinheiro... Daí por diante, em qualquer direção mesmo no deserto, penetramos na área proibitiva do dólar.

A Itália também já a conhecíamos, desde o Ano Santo de 1950, e agora apresentava Roma regorgitante do movimento das Olimpíadas de 1960. A diferença, para melhor, é notória, em progresso material. Infelizmente, desencontramo-nos do Prof. BIETTI, que tão bem estudou a ação da toxina do bacilo de Weeks na penetração do vírus do tracoma na mucosa ocular. A interdição da nossa aparelhagem na alfândega (construída por oficiais de elite da nossa engenharia militar) talvez devida à possível semelhança com transmissores de telegrafia sem fio, e, também, a aproximação da data do Congresso do Irã e o desejo de observar, quanto possível, a recuperação de Israel, fizermos-nos alçar, novamente, o vôo a jato, agora diretamente de Roma, em quatro horas, às praias de Tel-Aviv. Não é esta viva cidade, a capital de Israel (oficialmente acha-se a capital situada na zona hebraica de Jerusalém, a 70 quilômetros de estrada pavimentada, e a 800 metros de altitude). Por toda parte, vestígios das lutas da independência em 1948.

Praticamente havíamos lido quanto nos caíra sob os olhos relativo a Israel. A curiosidade agora poderia fartar-se. A imagem similar do Nordeste, flagelado pelas secas do último decênio (1953 e 1958) e a que assistimos pessoalmente, tornavam-nos insofrido indagador, curioso, de tudo *ver* e saber. Há muito de Fortaleza em Tel-Aviv: o movimento, a luminosidade, o vozerio...

Em Israel, até agora, há prioridade para as obras de *engenharia básica*, realmente impressionantes. Muito lucrariam

os programas brasileiros de engenharia do Nordeste, enviando técnicos em visita ao Estado de Israel, até porque, lá e aqui, se está observando *encaminhamento diverso* na solução de problema idêntico; isto, em áreas geograficamente semelhantes. A engenharia captou a água em Israel, e a têm à disposição, em adutoras de vinte polegadas, longas de quinhentos quilômetros. Há depósitos, à curta distância entre si. Os resultados são notórios, na *irrigação* e na *higiene*. Percorremos as adutoras, exteriorizadas, à beira da estrada, de norte ao sul do país, do lago Genezareth a Sodoma, no Mar Morto. Aqui, no Mar Morto, observamos o desesperado esforço da engenharia israelense na extração dos fertilizantes de *potássio*, entretanto abundantes nas opulentas jazidas de Macau, no Rio Grande do Norte. Estas associadas às de *fosforita* de Olinda, fariam renascer em poucos anos, a região realmente semi-árida do polígono das secas e que gravita para o deserto no nosso país: o sertão de Pernambuco e zonas contíguas dos Estados do Ceará, Piauí, Bahia Alagoas, e Paraíba. Ai se registra o mínimo pluviométrico de 300 a 500 milímetros anuais, que corresponde ao máximo do Oriente Médio. A *descompressão demográfica* consecutiva, do super-povoado e super-endêmico vale do Cariri, foco originário do tracoma do Nordeste, poderia ser obtida, a exemplo de Israel, com adutoras a partir do sertão pernambucano, ao longo do eixo da Rodovia Central de Pernambuco (BR). A estrada já existe e os fertilizantes (os melhores do mundo) se acham próximos, no litoral nordestino, abundantes e à mão. Da «entrada do sertão» ao litoral, na chamada «zona da mata», a estrada é pavimentada, obra intensificada há poucos anos. Resta, apenas, a continuidade administrativa do programa.

O que interessa à Medicina, no combate às doenças transmissíveis, particularmente as dos olhos é a *água captada corrente, a qualquer hora*. Isto o logrou a engenharia israelense e é a sua mais instrutiva mensagem nestes 12 anos de nação independente.

DEVE-SE CONCLUIR QUE, DO PONTO DE VISTA MÉDICO, SOBRETUDO OFTALMOLÓGICO, NÃO CONSULTA AOS NOSSOS INTERESSES SANITARIOS, A SITUAÇÃO ATUAL DAS OBRAS DE ENGENHARIA QUE SE FAZEM CONTRA OS EFEITOS DAS SECAS NO NORDESTE BRASILEIRO. Precisariamos juntar aos açudes, do Nordeste as adutoras de Israel: solução mixta...

Israel caminha para a extinção do tracoma, *em parte* devido à distribuição racional da água, mesmo no deserto.

A água, nos países tropicais suaviza os efeitos da excessiva luminosidade nos olhos. TOULANT observou na Algéria, durante muitos anos, o mesmo que ELLIOT na Índia: «O ultra-violeta solar, filtrado pela atmosfera é absorvido pela córnia, que reage como a pele, por alterações epiteliais. O endotélio corneano apresenta *edema constante*» (TOULANT, d'Alger, *Ophthalmologie des pays chauds*, página 615). O depoimento de ELLIOT é decisivo: «Só os que exerceram a Oftalmologia nos trópicos, durante muitos anos, podem fazer uma idéia do número considerável de casos de cegueira que poderiam ter sido evitados ou curados. *É uma sombra sobre o bem estar, a saúde e, mesmo, a boa utilização de milhões de seres humanos.*»

Vê-se que em Israel a Engenharia associou-se à Medicina—preventiva na manutenção do homem em estado hígido. No Brasil, segundo o relatório do Banco do Nordeste, dos dez e meio bilhões de cruzeiros despendidos no combate aos efeitos da seca de 1958, apenas 0,34% se aplicaram em atividades de *assistência social*. Não é possível maior desprezo ao elemento humano... Daí as inevitáveis implicações na incontrolável migração interna e consecutivo abandono do campo.

A contribuição de Israel para a planificação regional dos países tropicais, é, do ponto de vista oftalmológico, brilhantíssima e pioneira. Isto, do ponto de vista geral, porque, *no que tange à mais grave epidemia ocular—o tracoma—o fator água em parte declinou de importância, após a cura definitiva dos doentes por intermédio dos agentes físicos da eletrocoagulação.* (Esclareçamos, em tempo, que o êxodo de cerca de um milhão de árabes, em grande parte tracomatosos, em seguida à criação do Estado de Israel, muito contribuiu para apressar o quadro lisonjeiro, atual, lá existente, com referência às doenças transmissíveis dos olhos).

Dizíamos que o fator água baixou de interesse do ponto de vista particular do tracoma, como o veremos adiante na parte relativa ao Irã. Antes, ainda, outra pincelada no quadro geral das doenças oculares nos trópicos: é questão pacífica que se apresentam diversamente nos climas temperados ou nos quentes.

Assumem, nessas regiões excepcional virulência, cujas causas começam a ser resumidas no binômio: *radiação solar e escassez d'água*: problemas de solução a longo prazo...

Ora, se desejamos seriamente planificar a civilização no Nordeste brasileiro, no tocante à Medicina, e dentro desta em função do mais importante dos órgãos—o aparelho visual—as soluções aí estão nos exemplos apresentados pelo Estado de Israel e pelo Irã. O *primeiro* com as quilométricas adutoras de água, a fixar populações ao longo das estradas, no caso brasi-

leiro, a terem justificada prioridade as do «sertão pernambucano», e zonas contíguas, a região de condições mais próximas das do Oriente Médio, localizada no centro do Polígono das Sêcas; o próprio Cariri cearense, mesmo na sua parte nuclear, poderia se beneficiar com essas adutoras; *segundo*, pela casuística impressionante da clínica CHAMS, de Teerã — trezentos mil tracomatosos recuperados em trinta anos, pelo método de eletrocoagulação, de efeito equivalente ao duma imunização. Isto, foi igualmente comprovado no Nordeste brasileiro (Crato, Juazeiro do Norte, etc) e consta do «Plano Gradativo de Profilaxia do Tracoma do Cariri», 1959, edição do D. N. E. Rurais.

De *Israel ao Irã*, o poderoso avião a jato da BOAC saiu à meia-noite, gastou seis horas, o dôbro do necessário descrevendo imenso círculo em tórno do mundo árabe, cujo espaço aéreo é interdito às aeronaves de procedência israelense. Em Teerã, grande e modernizada cidade de mais de um milhão de habitantes e de largas avenidas, cercada de majestosas montanhas despidas de vegetação, além do clima sêco, impressionou-nos, de saída, um dos maiores e mais bem equipados institutos de oftalmologia do mundo: a clínica do Prof. CHAMS. Educado na França, serviu ao Exército, como diretor do Serviço Oftalmológico, durante três anos. A clínica, sediada em amplos pavilhões de três pavimentos custou dois milhões de dólares, incluindo o equipamento moderníssimo; especialmente construída, com a área de doze mil metros quadrados, atende a severa disciplina e racionalização dos serviços. Nestes se distribuem seis chefes e trinta assistentes, inclusive os estagiários militares e os médicos do curso especializado (de prostraduação de *três anos*). Há vinte oculistas efetivos. As enfermarias contam 200 leitos, dos quais um décimo destinado às querotoplastias, excelentes; há 1.500 consultantes diários (um terço de tracomatosos). Na capital irania registram-se cêrca de 2.700 casos novos de tracoma mensalmente, inclusive os procedentes do interior.

Problema grave, a justificar a localização prioritária do serviço de eletrocoagulação ao lado do próprio gabinete do cate-drático, Prof. CHAMS. Pela aparelhagem, volume de trabalho documentação e pesquisas de alto nível constitui completo instituto de virologia do tracoma. O número de eletrocoagulações, diariamente é considerável.

Tal como ocorreu a NATAF em Tunis, não pôde o Prof. CHAMS, até agora, preocupar-se com o aspecto, ao nosso vêr, fundamental, da padronização do instrumental diatérmico, de modo a obter resultados *constantes* e, sobretudo, acessíveis, sem riscos para os principiantes na técnica da eletrocoagulação

ocular. Certamente, provém daí o insucesso registrado em 5% dos casos no Irã, quando no Brasil as nossas estatísticas limitam-se apenas a 1%, ainda assim em tracomatosos portadores de outras alterações.

A surpresa e o contentamento do Prof. CHAMS ao operar com o nosso instrumental foram grandes e sinceros, documentando a sua satisfação, como já o fizera ARRUGA, em Barcelona, em honroso louvor à contribuição brasileira (fig).

Na Clínica CHAMS, nos últimos 27, anos, entrou na rotina do «trabalho experimental», comparativo dos resultados dos várias métodos terapêuticos (através de agentes físicos ou químicos) a inoculação em cegos, conforme o caso, de retalhos de tarso, retirados sob a pele ou de epitélio, antes e depois do tratamento. A documentação é convincente (fig).

Comprovamos que o nosso país está na *liderança técnica* da luta contra o tracoma. Esclarecemos: 1º) usamos, sem exclusivismos, todos os métodos terapêuticos aconselhados pela boa técnica; 2º) entre estes se destaca o da eletrocoagulação ocular, através de *aparelhagem especial* de fabricação brasileira, que surpreendeu pelo *inéditismo e eficácia* a sumidade do porte de Arruga na Espanha, e Prof. CHAMS, no Irã. Ambos afirmaram a sua admiração em honrosos documentos exibidos na Universidade do Brasil e na Associação Médica do Instituto Penido Burnier. «Presenciei a aplicação e comprovei a sua utilidade no tratamento ambulatorio do tracoma»—diz o primeiro: «Aprez-me afirmar que a aparelhagem especial de eletrocoagulação (brasileira) funcionou muito bem no nosso serviço, com grande êxito, no tratamento do tracoma»—declarou o Prof. CHAMS. Nesta Clínica observamos melhor coagulação e, portanto, cicatrização, com a aparelhagem brasileira.

A importância desses depoimentos consagram três decênios de perseverantes investigações em milhares de tracomatosos residentes no Nordeste brasileiro. No foco originário do Vale do Cariri, há quatro anos sob a nossa orientação, como é sabido, vários colegas do Departamento Nacional de Endemias Rurais sediados no Crato e Juazeiro do Norte, vêm comprovando as vantagens indiscutíveis desse moderno e eficiente método terapêutico (fig.)

As razões da liderança técnica atingida pelo nosso país residem: 1º) aparelhagem *original, desconhecida no estrangeiro* e fabricada pela nossa engenharia militar da Praia Vermelha; 2º) eficácia dessa aparelhagem, tanto na zona urbana como, sobretudo, nas áreas rurais. Trata-se, como vemos, de importante contribuição brasileira à solução de grave problema de âmbito mundial: há 400 milhões de tracomatosos a serem bene-

ficiados pela técnica brasileira. O Brasil e o Irã acham-se na vanguarda da luta contra o tracoma. Apenas o sábio Prof. CHAMS até agora não havia conseguido a padronização da aparelhagem. Utiliza aparelhos de várias procedências: franceses, alemães e norte-americanos. O instrumental brasileiro apresenta a vantagem inicial de haver sido rigorosamente construído atendendo à finalidade exclusiva da cauterização palpebral. Como é sabido o tracoma é devido a um vírus que se localiza internamente na palpebra superior. Foi sempre atribuída, a sua difusão, às precárias condições de higiene individuais. Ora, a observação feita no Vale do Cariri é que uma vez efetuada a cura (com uma só aplicação em cada olho), não há reinfeção. Podem persistir as anteriores condições desfavoráveis de higiene: as vias de acesso do vírus foram obturadas pela eletricidade. A intervenção é indolor e, incluindo a anestesia, tem a duração média de três minutos. Do ponto de vista econômico, o *per-capita* do custo desse método é seis vezes menos elevado do que o da ingestão de comprimidos químicos, cada ano.

A endemia, predominante no interior, particularmente entre os trabalhadores agrícolas, quase não existe no litoral brasileiro. Foi trazida para o Nordeste pelos ciganos, nos tempos coloniais; a imigração estrangeira, muito depois, a trouxe para as regiões cafeeiras, de onde se está propagando para o sul de Mato Grosso e Goiás. Caracteriza-se, inicialmente, por um discreto prurido nos olhos. Aliás, 80% dos tracomatosos, como é sabido ignoram a existência do tracoma em si próprios, daí a necessidade de inqueritos epidemiológicos para o levantamento da carta da incidência da endemia. Nêsse particular, 82 tracomólogos, percorrendo 400 municípios das áreas suspeitas, levantaram a carta brasileira já impressa e divulgada no Congresso do Irã. Compêndia o esforço contínuo de 17 anos de árduo combate ao flagelo em 15 Estados da federação brasileira. Quatro livros foram editados e numerosas monografias.

Os prejuízos originados da endemia, de ordem individual e coletiva no Brasil, são os seguintes: 1º) pessoalmente afasta o trabalhador, em semanas intervaladas da sua atividade, 2º) em casos excepcionais, de *compêso abandono*, pode produzir a cegueira até proporção de cerca de 20% em vilas, a exemplo do distrito de Araticum no município de Ubajara, no E. Ceará; 3º) coletivamente, o prejuízo anual, do ponto de vista econômico; motivado pela ausência ao trabalho agrícola, é estimada acima de *dois bilhões de cruzeiros* cada ano. É, pois, um autêntico flagelo mundial. A êle o Brasil paga pesado tributo, e, agora, apresenta os resultados das suas pesquisas bem orientadas.

Os próprios Estados Unidos contam, atualmente, 50.000

tracomatosos no Vale de Tenessee. A cooperação da Igreja no Nordeste, particularmente a Diocese do Crato, tem sido tão valiosa quanto a do Instituto Militar de Engenharia da Praia Vermelha, que fizeram situar, através da execução do Departamento Nacional de Endemias Rurais, o nosso país na liderança técnica da luta mundial contra o tracoma.

No mundo maometano, a partir de Dakar, espalhando-se pelo norte da África até a Índia (*com exceção dos hebreus de Israel*) há o *preceito religioso*, tradicional, que obriga a lavagem do rosto e dos olhos dos fiéis num depósito *coletivo* d'água, à entrada das mesquitas. Isto, em todo o desenvolvimento da linha horizontal dos trópicos, onde há escassez d'água...A consequência é previsível, e reclama a qualquer custo, se possível, a terapêutica radical, imediata do tracoma, em dose única (eletrocoagulação ocular).

Este é o aspecto fundamental que deve absorver a atenção da Comissão de Peritos de T r a c o m a da Organização Mundial de Saúde.

Os idiomas estrangeiros predominantes, nas classes cultas do Irã e de Israel são, respectivamente, o francês e o inglês.

Nota pitoresca e interessante, na diversidade do *calendário religioso* dos países visitados é que o turista, interessado em trazer lembranças para os familiares, pode-se defrontar nesta situação embaraçosa, ao volver de países situados, uns dos outros a poucas horas de avião: comércio fechado no Irã, *Sexta-feira*, dia feriado semanal no mundo muçulmano; *idem*, no dia seguinte, *sábado*, em Israel; e o mesmo, ainda no *domingo*, na Itália, na Espanha ou em Portugal, nações católicas; os tradicionais preceitos religiosos, diferentes, interferindo na vida civil, cerram as atividades comerciais em dias subsequentes...

CONCLUSÕES

1 — A contribuição da Oftalmologia na planificação dos países tropicais é importante; há, nesses países, a endemia do tracoma, atingindo quatrocentos milhões de pessoas;

2 — Considerando o avanço tecnológico da Oftalmologia nos tempos modernos, e, também a diversidade de escolas e métodos de tratamento do tracoma e outras doenças transmissíveis dos olhos, é da maior conveniência que a *Organização Mundial de Saúde* estude, como primeira etapa, a possibilidade do financiamento do intercâmbio científico, consubstanciado no estágio recíproco de assistentes com formação oftalmológica completa ou chefes de serviço, de umas em outras clínicas oftalmológicas, situadas nas zonas inter-tropicais;

3 — A segunda etapa, quando o permitirem os recursos financeiros da *O. M. S.*, será o «arrendamento» dum ou mais pavilhões destinados a pesquisas oftalmológicas, também situados em países de forte incidência do tracoma e localizados em zona inter-tropical;

4 — É recomendável, nas regiões áridas ou semi-áridas dos países tropicais, a adução d'água, segundo o modelo atual do Estado de Israel visando, entre outros propósitos, ao interesse sanitário geral e, em particular, à profilaxia das doenças transmissíveis dos olhos;

5 — Entre os principais fatores geográficos adjuvantes das epidemias oculares no Brasil figuram: a) sêcas periódicas no Nordeste, condicionando escassez d'água; b) «terra rôxa» das regiões cafeeiras, em cuja composição figura elevado teor de agressivos químicos da mucosa ocular; c) radiação solar intensa, característica dos países tropicais.

HISTORIA DA FACULDADE DE DIREITO DO
CEARÁ. Raimundo Girão, com seu estilo ameno, aliado à alma inata de pesquisador, tem feito bem enorme à historia cearense, revivendo o seu passado. Ocupa êle lugar de destaque no presente movimento intelectual que se processa em terras alencarinas. Agora mesmo, através da Imprensa Universitaria, acaba de lançar a Historia da Faculdade de Direito do Ceará. Traz à lume a sua existencia, tão cheia de beneficios à cultura, desde os seus primordios até agora, com dados precisos e bebidos em fontes puras. Reviveu assim episódios ligados a uma instituição que é dos maiores patrimônios da intelligencia cearense e ponto de partida do movimento Universitario que nos coloca em posição avançada, no seio das outras unidades federativas.

EXÉQUIAS PELA ALMA DE D. FRANCISCO. A Diocese de Crato, na manhã do dia 10 de Fevereiro, na Sé Catedral, mandou celebrar Missa de Requien e Exéquias Solenes pela passagem do primeiro aniversário de morte do segundo Bispo de Crato D. Francisco de Assis Pires, falecido na mesma data, em 1960. O comércio só abriu as suas portas, após o tocante ato religioso, ao qual compareceram autoridades civis, eclesiásticas e militares. A multidão na Sé foi avultada, prova da estima que D. Francisco desfrutava no meio. O Instituto Cultural do Cariri fez-se representar pelo seu secretário geral João Lindemberg de Aquino.

MINHA BANDÊJA É FRIA...

QUIXADÁ FELICIO

Com estas mal-traçadas, «Itaytera» homenageia um confrade aqui da taba, que a morte tragou outro dia. E eu présto homenagem a uma saudade do meu coração.

Era Aquiles Arraes. Antes tinha Antonio, que era mais um A só para coleção de documentos. Fui seu garçon. Numa pensão que meu pai montou, numa época de crise comercial, uma fortuna inteira perdida em algodão e mamona, da noite pro dia, como se acabam as fortunas deste Ceará de muita sêca ou de muita água. Era na Rua Barão do Rio Branco, um sobrado perto dos «Diarios», onde a alma de um padre aparecia ensinando o endereço de uma botija. Minha Mãe era a cozinheira de 50 bôcas. E dava na vassoura, coitadinha, lavava escarradeiras, que eram peças do uso de toda casa de respeito. Lavava coisas piores do que isso. Era uma martir. Mas, hoje está com 73, bonita, faria paixões se não fosse a serenidade natural, parece uma tentadora balzac de 40, os filhos aposentaram as mãos que as panelas queimaram. O rapaz estava chegando do Crato, onde fizêra um estagio de 4 ou 5 anos, que era a etapa obrigatoria de todo o sujeito talentoso nascido em Campos Sales, ou noutra cidadezinha aqui das beiradas. No Crato, quase imberbe, fez jornalismo. Fundou um semanario, onde fez valentias, até o dia em que um boçal de farda da Policia queria obrigar o rapaz a engulir a folha. E ainda ameaçou o escriba de mais fêias ameaças. O rapaz arrumou as málas, tomou o trem. Deve ter sido aí pelo ano de 1927. Em Fortaleza, Aquiles Arraes passou a trabalhar no comercio. E meteu-se na redação de um jornal. Se bem me lembro, co-

meçou na Gazeta de Noticias, do Drumond, onde o clima era bom pra descompor o governo. Quando botei a mala no porão de Loide, Aquiles ficou dando duro. Passei um mundo de tempo sem saber dêle. Depois, avistei-o duas o tres vezes. Sempre uns instantes ligeiros. Me dizia que estava na lúta. É a cachaça? Eu perguntava pelo jornalismo. Ele ria, tinha o mesmo riso assim de quem inchava os olhos para rir: bebendo sempre...

Nunca o vi em uisques no Ideal. Nem de smoking, no Nautico. De casaca, na posse de algum governador. Sempre o vi com as mesmas roupas. Roupas de suór desenhado nas espaduas. De sapato que caixeiro pobre calça. Chegou ao fim sem louros. E sem tostão. Lutando sempre. A batalha desigual que Deus não esquece de dar aos homens de vergonha, aos homens de inteligencia.

Ano passado, umas linhazinhas, quatro ou cinco, numa pagina que os anuncios populares tão bem sabem esconder, li que ele havia morrido. Em Campos Sales, onde foi entregar ao umbigo o resto do corpo. Eu nem sabia que ele estava doente, na sua terra de Campos Sales. Se realmente pressentiu a morte, desejou acabar onde começara. Até hoje não sei. Não apareceu um jornal pra dizer como foi que Aquiles Arraes mudou-se deste pro melhor. Se a morte aportou de-mansinho, com xunxadas doedeiras. Se, de-vez, generosa, só com a dôr de um minuto.

Fui seu garçon. Não me esquecia que a sobre-mesa que ele queria, todo o dia, era um taco de doce. E uma banana prata ao lado. Aqui estou no meu posto. Com uma alteração só. Na minha bandêja, não trago, agora, os pratinhos miudos com arroz, com um ovo estrelado, com feijão, com um bife. Minha bandêja não está mórna do pirão que minha Mãe tão amestradamente mexia. Não tem cheiro de comida. Está fria a minha bandêja. E tem odôres do céu. Só flôres viçozas, molhadas de saudades, minha bandêja traz...



— POEMAS —

José Newton Alves de Sousa

I

O SENHOR MORTO

(Tema de uma sexta-feira-da-paixão)

Sexta-Feira-Santa. Passa o Senhor Morto.
Pelas ruas claras, passa o Senhor Morto.
Vai nos ombros curvos dos senhores graves.
Vai nos olhos fundos das mãezinhas doces.

Passam passos calmos, passam passos leves,
Criancinhas tristes quase o chão não tocam.
Passa o Senhor Morto, pelas ruas claras.

Sexta-Feira-Santa. Tarde endolorida,
de almas volitantes, corações sangrando,
mãos em concha, orando, faces em silêncio.
Passa o Senhor Morto, pelas ruas claras.

Pobre Mãe aflita, vai atrás Maria,
coração à amostra, lágrimas de sangue,
rôxo véu pendido, mãos enregeladas,
pobre Mãe aflita, vai atrás Maria.

Sexta-Feira-Santa. Passa o Senhor Morto
Meu Senhor da Angústia, meu Senhor do Esquife,
dá-me a luz bendita dos Teus Olhos baços,
dá-me o fôgo vivo de Tuas Mãos geladas,
dá-me a sinfonia dos Teus olhos mudos.

Virgem Dolorosa, Mãe do Senhor Morto,
leva-me ao Calvário, onde o céu se abriu,
leva-me ao Sepulcro, donde a vida exsurge,
põe sobre os meus olhos os Teus Olhos tristes.

Mãe do Senhor Morto, Virgem Dolorosa,
mata-me de amor.

II

P E S C A R I A

Vela alvíssima no mar...
Sôbre a face reflexiva,
desenha-se o pescador.
Silêncio mole das águas :
A linha esquiua do anzol.
E na tremura suave
da superfície inconsútil,
o indicativo impalpável
do submarino mistério.

Lá longe, alveja o poema
de alguma praia despida.

O sol é rei nas alturas.
E tudo é paz, tudo é vida.

III

S A V E I R O S

Por sôbre o mar, ao longe, êles apontam.
Da fluência dos rios cantadores,
êles partiram, prenhes e empinados.
Quanto sol no rebôjo do velame !

Quanta espuma nas trilhas soluçantes !
A manhã, como um fruto amadurado,
entrega-se-lhes, clara e apetecente.
E, à tardinha, eis que surgem a dançar
filhos das águas, filhos das ondas, filhos do mar...

Que vem nêles e quem lhes dá o norte ?
Que fundo olhar pervaga pelas ondas,
ou rressonda o cordão dos belos montes ?

Sáudo-vos, saveiros benfazejos,
que as cidades mantendes em fartura,
sendo luz para os olhos sonhadores.

IV

NOTURNO PENINSULAR

Bate, lento, o mar, na praia.
Luz, no céu, macia, a luz.
Corta o vento, fino e frio.
Cai a noite sôbre a rua.

Dormem barcos fatigados.
Peixinhos brincam nas águas.
Os flamboyants, pensativos,
esgalham-se em flor e mágoas.

E as luzes tremeluzentes
alongando-se, alongadas?
— São luzes de Plataforma, (1)
são luzes sacrificadas.

Passam, remando em surdina,
barquinhos de pescadores.
— Jogai as rêdes a jeito,
Pescai os peixes em flor.

Meu coração vai às ondas.
Meu coração vai ao mar.
Meu coração adormece
em noite peninsular...

V

S Ã O J O Ã O

A noite é fria, o mar escuro.
— Quantos balões há no céu?
— Quantos balões há no mar?

Ribombam bombas.
traquinam traques,
choram chuvinhas,
lucilam lágrimas.

(1) Plataforma ou Almeida Brandão — Suburbio bahiano, frente a Itapagipe.

Felicidades derramadas pelos olhos,
alegria é fogueteira no São João.
Alegria não suporta estar fechada.
Alegria vai ás ruas soltar fogos,
e é riso e é luz e é som e é fogo.

E os balões enchem o céu:
E os balões enchem o mar.

Pelas mesas, a fartura brasileira.
E os balões sobem.
E os balões queimam,
pelo espaço
pelo ar,
clareando a noite,
clareando o mar...



LANÇADOS OS «CADERNOS DO CARIRI»

Durante a Sessão Magna de encerramento do primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, na Radio Educadora, foram lançadas solenemente a coleção de livros «Cadernos do Cariri». Usou da palavra, naquela ocasião, o conhecido e apreciado homem de imprensa—Dr. Quixadá Felício. O primeiro livro a abrir a série, é de autoria do Prof. José Newton Alves de Sousa e foi editado artisticamente pela Tipografia e Papelaria Cariri, de Crato, com o título: «Novos Poemas de Beira-Mar.» São bonitas e emotivas poesias modernistas, sob a inspiração do mar, na tradicional e sugestiva Salvador.

Cadernos do Cariri é iniciativa da direção da Faculdade de Filosofia de Crato e do Instituto Cultural do Cariri e abrange assuntos vários, a cargo de «autores caririenses de nascimento ou de coração». Os seguintes intelectuais firmarão os próximos «Cadernos», em ordem variável: Quixadá Felício, Herminio de Brito Conde, J. de Figueiredo Filho, Monsenhor Silvano Sousa e Francisco S. Nascimento.

Trata-se de feliz iniciativa que, cada vez mais coloca a cidade de Crato, em lugar de vanguarda, na interlândia nordestina.

O Sentimento Nativista e a Independência

Jurandy Temóteo

Foi logo após a vitória obtida pelos colonos—quase sôzinhos—sobre os holandeses, que começou a despertar em nosso país, o sentimento nativista. Fatos outros contribuíram, grandemente, para aumentá-lo ainda mais. De grande importancia foi igualmente a cresente urbanização da vida colonial, sobretudo após as descobertas das minas, para onde ocorreu grande número de forasteiros que, sequiosos de ganho fácil e rápido, aglomeravam-se em tôrno das jazidas formando vilas e cidades, sendo consequentemente obrigados a contactos mais constantes, uns com os outros.

Os primeiros movimentos nativistas não tinham o real sentido de independência. Existia, no entanto, qualquer coisa diferente de Portugal, qualquer coisa mais intima, mais próxima.

Com o correr dos anos e dos acontecimentos, houve vários movimentos, destacando-se entre êles: A guerra dos Mascates, a dos Emboabas, a revolta de Felipe dos Santos em 1720 e a «Inconfidência Mineira.»

Em Pernambuco deflagou-se a revolução de 1817, com a adesão de várias provincias do Nordeste, inclusive a do Ceará, representada pela cidade de Crato e Jardim, tendo mesmo o diacono José Martiniano de Alencar, lido eloquente discurso, por ocasião da missa dominical, a 3 de maio.

Nêste movimento já se falava claramente em Independência.

A consciência nacional já estava portanto difinitivamente formada; o Brasil marchava, embora a passos lentos, para a sua emancipação. Com o bloqueio Continental feito por Napoleão contra a Inglaterra e seus aliados, e na iminência de ser Portugal invadido pelo exercito francês, partiu para o Brasil a familia real e, aqui chegando, graças à intervenção do Visconde de Cairú, foram abertos os portos nacionais, para o commercio, com as nações do globo.

O Brasil tomou novos impulsos; fundou-se a Imprensa

Régia, apareceu a Gazeta do Rio de Janeiro, criaram-se cursos de medicina e cirurgia, a biblioteca, o Museu Nacional, o Banco do Brasil, o Jardim Botânico, etc.

O Rio de Janeiro ficou sendo a sede do governo, melhorando grandemente com o abastecimento de água, iluminação e calçamento.

A exportação cresceu enormemente; o Brasil progredia em ritmo acelerado; de simples colônia passou a ser, a partir de 16 de Dezembro de 1815, Reino Unido ao de Portugal e Algarves.

Foi o primeiro passo decisivo para nossa libertação!

D. João VI cria que em breve o Brasil tornar-se-ia livre do domínio português. Era êle realmente o grande amigo do Brasil e dos brasileiros. Seus feitos o provam mais que as palavras.

Quando partiu do Brasil para Portugal, recomendou, pouco antes de embarcar, ao seu filho; Pedro, se o Brasil se separar, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para alguns dêsses aventureiros.

D. Pedro seguiu à risca as ordens de seu pai, pois a 7 de Setembro de 1822 às margens do Ipiranga, depois de vários acontecimentos tumultuosos, foi proclamada a Independência do Brasil.

Hoje, decorridos 138 anos daquele feito memorável, sentimos como que, uma fagulha de eletricidade em nossas almas envolvendo-nos sentimento de admiração e respeito pelos que souberam fazer do Brasil uma nação livre, de um passado glorioso e,—tudo indica—de um futuro brilhante perante o mundo.



ARRECAÇÃO ESTADUAL DE CRATO

Total da arrecadação estadual em Crato, em 1959:
.Cr\$ 31.614,753,50

Total da arrecadação estadual em Crato, em 1960:
.Cr\$ 54.605,541,00

Aumento da renda de um ano para outro:
Cr\$ 22.990.787,50.

A renda de 1961 deverá se aproximar da casa dos 65 milhões.

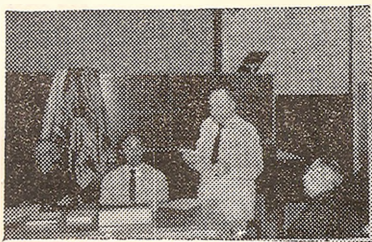
Só Parangaba (cancela, entrada de Fortaleza) é que tem, no interior, renda estadual maior do que o CRATO.

PADRE ANTONIO VIEIRA ESCREVE UM LIVRO. O Cronista do «O POVO» — Pe. Antônio Vieira, vigário do Icó e dos mais apreciados jornalistas cearenses, do presente, está escrevendo livro sôbre o companheiro inseparável do rurícola nordestino — o juumento. A fim de fazer obra, a mais completa possível, dirigiu carta-circular a diversas pessoas e entidades culturais do Ceará, pedindo dados ligados ao importante assunto que escolheu. Fazemos apelo aos leitores de ITAYTERA para que dêem a sua cooperação ao escritor Padre Antonio Vieira, contando-lhe algum fato, ligado ao jerico nordestino.



3º Convívio Universitário, vendo-se o Pe. Antonio Gomes de Araújo, Vice-Presidente do I.C.C. a presidí-lo. O Prof. Júlio Macêdo a fazer conferencia em

francês, sôbre Paul Claudel e o diretor da Faculdade de Filosofia de Crato, Prof. José Newton Alves de Sousa. Os convívios, organizados na Bibliotéca



da Faculdade de Filosofia de Crato, muito elevam o nível cultural do meio.



CRATENSE SE DESTACA NA MARINHA

Registramos, com satisfação, a expressiva vitória obtida na Marinha brasileira, no início de sua carreira de oficial, pelo jovem cratense Gilberto Alves Rangel, filho do Snr. Francisco Rangel e esposa residentes em nossa cidade. Gilberto, no ano passado, conquistou o primeiro lugar em sua turma, recebendo espadim na Escola Naval, entrando, assim, galhardamente, na oficialidade da Armada Brasileira.

JORNADA FINAL

Luiz Sampson

Na cidade dura e estéril
inútil interrogar-me,
que agora é tarde para recompor
angústias e alegrias de ontem
e a verdadeira paisagem
consumiu-se para sempre.

Impõe-se a obrigação de perder
a noção de coisas e seres antigos.
A memória morrerá com os sentimentos
e ignorarei árvores, bois,
canaviais, rios e terra.

Separem-se os dois mundos (dois pelo menos)
que todos conduzimos no peito e na carne.
Agora é seguir, como se tudo o que me cerca
fôsse um convívio dileto.

A cara (algumas rugas) soltará seu riso,
não muito claro, mas convincente.

Embora pesadas, as pernas me levarão
não importa aonde.

Decerto pensarão
que eu guio um destino certo
e penetro caminhos ricos e insuspeitados.

Enxugo o suor da testa e vou seguindo,
como se a vida estivesse à minha espera.

Adeus, seres e coisas de antigamente!

A partir de hoje é proibido recordar.

Caminho, e sou um homem falso, triste e só
sobre o asfalto.



Socio Correspondente do ICC eleito Presidente da Academia Cearense de Letras

Foi eleito e empossado Presidente da Academia Cearense de Letras o ilustre intelectual, sócio correspondente do Instituto Cultural do Cariri, Dr. Renato Braga, Vice Reitor da Universidade do Ceará. Figura das mais importantes dos círculos culturais do Estado, escritor de nomeada, sua eleição foi recebida entre aplausos por todo o Ceará. O Dr. Renato Braga virá ao Crato, brevemente, a convite do ICC, para pronunciar conferência.

A UNIVERSIDADE QUE MAIS CRESCE NO BRASIL

F. S. Nascimento

No desfile de abertura dos III Jogos Universitários deste ano, os seus participantes ostentaram, em grande manchete, o distico: «A Universidade que mais cresce no Brasil». Efetivamente, ninguém poderá negar o expressivo avanço da Universidade do Ceará nos mais diferentes setores da educação, da ciência e da tecnologia, isso apenas dentro de um período de pouco mais de 5 anos. Instalada oficialmente em 25 de julho de 1955, a nossa Universidade partiu da estaca zero, em matéria de organização universitária, para transformar-se nessa instituição de conceito nacional, admirada por quantos vêm de perto o alcance da sua obra renovadora.

Nota-se, a essa altura, que se encontra generalizado, Brasil afora, a opinião de que a Universidade do Ceará vem cumprindo, realmente, uma política educacional da mais alta significação, cujos resultados começam a observar-se, não somente no processo de evolução cultural do nosso povo, como sobretudo no trabalho que se avulta e cresce, dentro do seu organismo, tendente à recuperação econômica do território cearense, e até mesmo do Nordeste.

Opiniões confirmadoras

Por ocasião de sua visita à Fortaleza, o escritor Umberto Peregrino, ex-diretor da Biblioteca do Exército, teve então as seguintes palavras de admiração, pelo que se realiza no seio da nossa entidade universitária: «Na verdade é impressionante o que se faz no ambiente da Universidade do Ceará, além do ensino de rotina nas suas unidades escolares, a que o Magnífico Reitor procura dar instalações sempre melhores e mais condizentes com as peculiaridades de cada uma». E, continuando as suas observações, disse ainda o autor de «3 Mulheres»: «Permito-me assinalar, num relance, os trabalhos de pesquisas que se

desenvolvem nos Institutos de Química e Tecnologia, de Matemática, de Tecnologia Rural, de Medicina Preventiva e, sob a orientação do sábio Prof. Thomas Pompeu Sobrinho, no Instituto de Antropologia, ao qual foi incorporada a biblioteca do Prof. Artur Ramos e a sua valiosa coleção de peças folclóricas».

Mais recentemente, o grande jurista e sociólogo Joaquim Pimenta reafirmou aquela impressão do romancista Umberto Peregrino, escrevendo no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro: «Não queremos estabelecer paralelos entre a Universidade do Ceará e as demais existentes no país, algumas em Estados mais economicamente ricos ou industrialmente desenvolvidos; mas quem conhece de perto o que ali se vem realizando (...), não hesitará em dizer, como eu afirmo, que ela é um exemplo de trabalho dinâmico, heróico, construtivo, e um modelo a servir de padrão nessa jornada tão cheia de tropeços, que é a de dotar o Brasil de uma cultura universitária capaz de o situar dentro da área de civilização das grandes nações, neste tão desigual e borrasco século XX».

A atuação da Universidade em 1960

O plano de atividades da Universidade do Ceará para esse ano de 1960, constitui, sem dúvida, um passo decisivo para a vida universitária cearense. Sem quebrar a necessária continuidade do seu programa de aparelhamento material, demonstrou a Universidade o seu empenho em concentrar a maior parte das suas possibilidades, na promoção de iniciativas notadamente de ordem pedagógica, científica, artística e cultural, com vistas unicamente ao desenvolvimento da área geográfica do Ceará e do Nordeste.

Do esquema de trabalho a que se propôs cumprir a Universidade do Ceará, no decorrer de 1960, vale ressaltar aqui os seguintes empreendimentos: realização do II Seminário Anual dos Professores, como medida inicial para o estabelecimento de um plano a longo prazo das atividades da Universidade; criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em cuja estrutura se pretende atribuir o necessário relêvo aos cursos de ciências; instituição de prêmios científicos, visando a fomentar estudos e pesquisas originais; intensificação do programa editorial da *Imprensa Universitária*; instituição e funcionamento do Instituto de Pesquisas Econômicas, afora inúmeras outras realizações, também de apreciável vulto, que se encontram em andamento no seio da nossa Universidade.

A finalidade do II Seminário

O II Seminário Anual dos Professores universitários, realizado este ano, teve a finalidade precípua de elaborar e discutir um plano de trabalho para as atividades universitárias, dentro do período de 1961 a 1966, tendo surgido das discussões em torno desse planejamento novas diretrizes para a Universidade do Ceará, tendentes a disciplinarem todas as suas realizações, em proveito de suas unidades escolares, seus departamentos e Institutos.

A redação final do documento que encerra todos os aspectos básicos do planejamento para seis anos, ou do plano sexenal, demonstra, em todas as suas linhas, a importância da sua elaboração, constituindo-se então o *vade-mecum* para todos



Flagrante da instalação solene da Faculdade de Filosofia do Crato, quando falava o Prof. Jurandy Lodi, representante do Ministro da Educação e Cultura. Ladeando o orador, vê-se o Magnífico Reitor Antônio Martins Filho e outras expressivas figuras presentes ao ato.

os empreendimentos da Universidade do Ceará, no espaço de 1961 a 1966. Por isso, ao ratificar a consubstanciação desse planejamento, o Magnífico Reitor Martins Filho simplesmente confirmou a impressão atualmente generalizada, de que «de agora em diante, onde quer que se trabalhe na Universidade, o agente desse trabalho não estará apenas repetindo

uma rotina incômoda, porque estará sobretudo criando algo de novo e de seu; e como todos são a Universidade do Ceará, estará êle, em última análise, contribuindo concientemente para recriar constantemente a sua Universidade».

Objetivos do Plano Sexenal

Dentre os objetivos do plano de seis anos, podem-se destacar, logo à primeira vista, trabalhos do mais elevado alcance educacional, a serem realizados pela Universidade do Ceará, tais como a formação de pelo menos 3.300 novos profissionais; elevação da qualidade do ensino de formação; aumento e correção da matrícula geral, de modo a ser alcançado no ano de 1966 um mínimo de 6.500 inscrições; implantação e desenvolvimento progressivo da pesquisa científica, acentuadamente tecnológica; irradiação das atividades universitárias a setores cada vez mais amplos das populações do Estado e, subsidiariamente, do Polígono das Sêcas, afora inúmeras outras medidas tendentes a solucionar, gradativamente, os problemas de vida e de trabalho desta extensa área geográfica do Nordeste brasileiro.

Iniciativas da Universidade

As iniciativas da Universidade do Ceará, a serem cumpridas no período de 1961-1966, chegam a atingir o expressivo número de 97 itens, sendo dignas de notas, neste passo, as seguintes providências: criação e instalação da Rádio Universidade do Ceará, funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, instalação final da Imprensa Universitária, criação do Teatro Universitário e da Orquestra Sinfônica da Universidade, criação e funcionamento do Museu de Arte, que terá a finalidade de prestigiar e preservar o patrimônio artístico do nosso povo e, finalmente, para mais não citar, tenciona a Universidade constituir um grupo de trabalho, a ser integrado por representantes de todos os órgãos que se dedicam a pesquisas sociais, com a missão específica de unificar essas pesquisas no âmbito da Universidade e, se possível, do Estado.

Penetração da Universidade no Interior

Uma das tendências mais louváveis da política adotada pela Universidade do Ceará é a que diz respeito à sua penetração rumo ao interior, que vem comprovar a positivação do seu slogan: — *o universal pelo regional*. A instalação da Faculdade de Filosofia do Crato, ocorrida a 15 de maio deste ano, e o seu interesse de ampliar a cadeia do ensino superior em nossa interlândia, é uma prova cabal da marcante atuação da nossa instituição universitária, em todos os setores da nossa vida educacional.

Graças a êsse espírito de pioneirismo da Universidade do Ceará, outras escolas superiores surgirão, em breve, no interior cearense, podendo citar a Faculdade de Filosofia D. José, em Sobral, a Faculdade de Ciências Econômicas do Crato e também a Faculdade de Odontologia desta mesma cidade, que embora venha dependendo dos esforços de uma sociedade constituída de homens do Cariri, da Universidade tem partido a melhor da boa vontade, a fim de que seja realizado o sonho dos odontólogos caririenses.

Atividades culturais e artísticas

Outra preocupação da Universidade do Ceará tem consistido no incremento às nossas atividades culturais e artísticas, como fator de grande importância na aculturação do nosso povo. Nêsse sentido, tem a nossa instituição universitária patrocinado diversas exposições de arte, e trazido ao nosso meio conferencistas ilustres, artistas consagrados, grupos teatrais e famosos conjuntos, a exemplo do Coral da Universidade de Howard.

Exposição de Sérvulo Esmeraldo

Sob os auspícios da Universidade do Ceará, foi realizada, êste ano, uma exposição de pinturas e gravuras de Sérvulo Esmeraldo, jovem artista caririense que atualmente reside em Paris. Essa amostra constituiu se, então, um verdadeiro acontecimento artístico na capital cearense, tendo ocorrido ao local inúmeros artistas da terra, professores, jornalistas, críticos e admiradores da arte pictórica. Na oportunidade, o Vice-Reitor Renato Braga fez elogiosas referências ao já consagrado pintor caririense Sérvulo Esmeraldo, ressaltando sobretudo a importância da escola seguida por êsse jovem artista, que tanta honra tem carreado para o seu Estado natal.

Conferências de Koellreutter

No decorrer d ê s t e ano de 1960, a Universidade do Ceará procurou intensificar as visitas, à capital cearense, de grandes conferencistas nacionais e estrangeiros, no sentido oferecer ao nosso povo e, de modo especial, aos professores e estudantes universitários excelentes e proveitosos contactos com aqueles que conhecem, mais de perto, a realidade cultural e artística dos nossos dias. A curta permanência do Prof. H. J. Koellreutter em Fortaleza teve, por isso, uma significação uma mensagem artística, tendo as suas conferências agradado plenamente a quantos se interessam pela arte musical, no Ceará.

Outros Conferencistas

Levando muito além o seu plano cultural dêste ano, a Universidade do Ceará procurou trazer à Fortaleza outros conferencistas, dêles até de renome internacional, sendo dignos de destaque os seguintes: Prof. Renzo Piccinini, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, do Conselho Nacional de Pesquisas; Dr. José Smith Braz, Diretor do Serviço de Economia Rural, do Ministério da Agricultura; Jean Binon, Conselheiro Cultural da Embaixada Francêsa no Brasil; Philippe Greffet, Secretário Geral das Associações de Cultura Francêsa do Brasil; Herman Goergen, deputado federal alemão; Marechal Juarez Távora, Djacir Menezes e, por último, Jean Paul Sartre, cognominado de «papa do existencialismo».

Curso de Arte Dramática

Preocupada com o ensino artístico em nosso meio, a Universidade do Ceará instalou, êste ano, o seu curso de Arte Dramática, em combinação com a Campanha Nacional do Teatro, do Ministério da Educação e Cultura. Destinado não somente aos estudantes universitários, como a todos aqueles que se interessam pela arte teatral, referido Curso vem obedecendo à orientação do teatrólogo B. de Paiva, que já deu sobejas amostras do seu talento, oferecendo ao nosso público, em tempo recorde, apresentações como o «Auto da Compadecida», de Ariano Suassuna, e «Boa Noite... Dr. Schweitzer», afora a sua participação em «Êsquina Perigosa», peça levada à cena pelo Teatro Escola do Ceará.

Panorama Geral

Num plano geral, a Universidade do Ceará tem demonstrado ser uma das mais dinâmicas entidades públicas com ação no território cearense, sendo responsável pela nova fase que atravessamos, notadamente nos setores do ensino pedagógico, da ciência, da tecnologia, da arte e da cultura em seu mais amplo sentido. Por outro lado, o seu plano de obras vale como um testemunho eloquente dêsse fenômeno de renovação, pois é nêsse âmbito da nossa instituição universitária que vamos encontrar realizações como o Hospital das Clínicas, a Concha Acústica e Auditório Martins Filho, o imponente edificio anexo à Faculdade de Direito, as recentes edificações levadas a cabo na Escola de Agronomia e, em fase de construção, o *Gymnasium* Universitário, a séde definitiva da Imprensa Universitária, afora inúmeras outras obras em andamento no seio da Universidade.

Ressalte-se, todavia, o espirito de luta e de trabalho do

Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, a quem devemos a formação desse clima de remoçamento e pioneirismo, que se estende interior a dentro, graças a aplicação de uma política de expansão regional sem precedentes na história do ensino universitário brasileiro. E é justamente pelo vulto das realizações que se nos deparam, em todas as unidades universitárias cearenses, que sentimos o valor da obra que vem realizando o Prof. Antônio Martins Filho, no decurso de apenas cinco anos, daí porque julgamos imprescindível a sua presença, ainda nesses próximos anos, à frente dos altos destinos da Universidade do Ceará.



TROVAS

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO

Quando os teus olhos não vejo,
Quando me fogem teus olhos,
Minha alegria se oculta
Na tristeza, nos refolhos.

A tua face é corada
Quase passando à vermelha,
Parece rubra papoula
Exposta aos beijos da abelha.

O riso meigo que esboça
O lábio teu de coral,
Tem certo quê que dá vida
Tem certo fluido letal.

Quando sorrindo tu fazes
Duas covinhas no rosto,
Por não enchê-las de beijos
Fico a morrer de desgosto.

Esse perfume que exala
A negra trança que tens,
É mais suave que o cheiro
De cravos, lírios, cecens.

A tua cutis mimosa
De aveludado sutil,
Tem o corado da rosa
Aberta em manhã de Abril.

ATIVIDADES DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

1º Semestre:

Junho—

- 11 — Recepção a S. Excia. Rvma. Dom Vicente de Araújo Matos, dd. Vigário Capitular e Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri.

Julho—

- 11 — Inauguração da Biblioteca: Oradores: Prof. José Newton Alves de Sousa, abrindo a sessão; Maria Neyde Esmeraldo Barreto, pelo Corpo discente; Prof. Dr. Francisco Givaldo Peixoto de Carvalho, pela Congregação; Dom Vicente de Araújo Matos, que presidiu e encerrou a solenidade.

- 15,16 e 17—Conferência do Rvmo. Pe. Alberto de Figueiredo Silva, Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica de Pernambuco, respectivamente sobre HUMANISMO, GRAFOLOGIA e FAMÍLIA.

- 24 — Abertura da exposição de pintura de José Fernandes.

27 — CONFERÊNCIAS

- a) — Prof. Alfonso Trujillo—da Fundação Escola de Sociologia de S. Paulo, sobre IMPLICAÇÕES CIENTÍFICAS NA PESQUISA SOCIAL.
- b) — Prof. Aurelius Motgner, Diretor da Escola de Pos-Graduados da Universidade de S. Paulo, sobre ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO.

Agosto—

- 1º de agosto—1º Convívio Universitário—Apresentação de Rubén Dario—Profa. Maria dos Remédios de Moura Leal.

- 22 — Festa Folclórica

- 22 — 1ª Prova Parcial

Setembro—

- 2 — Início do 2º Semestre letivo.

- 3 — 2º Convívio Universitário—Apresentação de Agostinho Gemelli—Prof. Pe. Gino Moratelli, S.D.B.

- 7 e 8 — Conferências do Rvmo. Pe. Francisco Luz:

- a) A Bíblia

b) Origem do mundo e da humanidade segundo a Biblia.

25 a 30 — Semana da Biblia

Outubro—

8 — 3º Convívio Universitário—Apresentação de Paul Claudel—Prof. Júlio Macêdo Costa.

Novembro—

7 a 9 — Curso de INTRODUÇÃO À PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE—ministrado pelo Prof. Pe. Pedro Esmeraldo de Melo, S. J., Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Católica de Pernambuco.

22 — 4º Convívio Universitário—Apresentação de Edith Stein— Prof. Pe. Francisco Xavier Nierhoff, M.S.F.

Dezembro

1º— Início da 2ª Prova Parcial.

12—Curso de Matemática, de Físicas e Ciências, ministrados pelo Rvmo. Pe. José Nogueira Machado, Professor da Escola de Engenharia da Universidade de Pe. Curso de Filologia Portuguesa e Cultura Religiosa, ministrados pelo Rvmo. Pe. Annibal de Melo, Professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco.

14 — Conferência—Pe. José Nogueira Machado sobre ASTRONÁUTICA E PROBLEMAS CORRELATOS.

16 — Exames finais.

22 — Festa de Encerramento do ano letivo.



RONDÓ — Livrinho de trovas singelas que encantam a alma da gente, de autoria de Augusta Campos, uma poetiza que tem sentimento espontâneo. Vale a pena a gente conhecer, ao menos, algumas de suas quadrinhas:

Esperar em vão é triste,
causa mágoa, faz chorar.

Maior tristeza consiste
em nunca, nunca esperar.

Lágrima—expressão sublime
da febre que não se acalma,
da mágoa que não se exprime,
da dor que se esconde na alma.

O QUE O MARIDO ESPERA DA ESPOSA — Opúsculo escrito pelo Prof. José Newton Alves de Sousa e editado pela IMPRENSA LORETO, de Salvador. Está prefaciado também por outra pena brilhante e autoridade em assuntos de família — Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira. O Autor faz estudo sucinto dos deveres matrimoniais, em linguagem agradável, com seu estilo simples e empolgante e todo bebido à luz da doutrina segura da Igreja. Apesar dos conceitos sérios emitidos e dignos de reflexão do leitor, seu estilo é poético, por demais ameno. Há parte, do encantador livrinho, escrito em versos. Vejamos ALVORADA a página 36:

Após a noite de angústia,
Surgiu a luz do Levante,
Tôda a incerteza ferina
tornou-se em calma envolvente.
Tôda a fração em procura
se completou no mistério.
A dor da espera floriu.
Os corações se aninharam,
Sôbre as mãos esponsalícias,
a benção desceu fecunda.
E se éramos dois ainda há pouco,
somos, agora, só um.



VIDA E CULTURA — É atraente revista mensal, editada em João Pessoa, com a direção de Coelho Filho. Possui ótima colaboração, honrando a cultura paraibana. É de orientação católica.



VOZ DE SANTA TERESA — É a bem confeccionada revista, editada em Fortaleza, orientada pelas Filhas de Santa Teresa, que têm a casa mãe em Crato. Dirige-a Madre Rosália, é secretariada pela Irmã Aurélia e tem na gerência — Madre Esmeraldo.



A VOZ DO AGRESTE — Circula em Caruaru, a próspera cidade do agreste pernambucano. Órgão de boa apresentação, dirigido pelo jornalista Tabosa de Almeida, é seu gerente — Giovanni Mastroianni.



Um Túmulo Que Se Abre Sôbre a História

JOAQUIM PIMENTA

Muitas vêzes é preciso que a morte abra uma sepultura para que, desta se eleve e se projete, em tôda a sua real majestade, o vulto de um grande homem.

Quando vivo e no desempenho de altos postos de influência e de mando no govêrno do país, há os que o endeusam e lhe exageram as qualidades e as virtudes, e há os que o detestam e não exageram menos os defeitos que tem e os erros que comete. Se perde a posição e o prestígio, passará a ser um homem como outro qualquer, sem mais adoradores, sem mais inimigos que o insultem, quando não lhe acontece ver que, no fastígio, os que eram capazes de lhe beijar os pés, na adversidade lhe mordem as mãos que os acolheram e ampararam.

Dêsse grande morto que é Osvaldo Aranha, agora redivivo na alma e no culto da Nação que o perdeu, com o fulgor do seu renome projetando-se da sombra de um sepulcro sôbre o mundo que o teve entre os artífices da paz internacional, não sei, nem me interessa saber, quantos o incensavam na sua vertiginosa e olímpica ascensão aos postos de alto relêvo, na política, no govêrno e na diplomacia; mas sei, e todo o país sabe, que, não fôsse tão forte, tão eminente e inconfundível a sua personalidade, teria submergido, medíocre e apagado, no isolamento ou quase ostracismo em que viveu nestes últimos anos, quando o Brasil, mais do que nunca, estava a exigir o seu indispensável concurso, a sua longa

experiência, a sua indiscutível autoridade, que não eram solicitados, como deviam ser, na solução de graves problemas que afligem o povo brasileiro.

Com a sua têmpera de homem de ação e o cérebro privilegiado que a natureza lhe deu, tanto a idade não era motivo, nem outro que se invocasse, para afastá-lo de tão valiosa cooperação em serviços do Estado, que veio a morte surpreendê-lo quando ia ser o seu nome indicado para candidato à vice-presidência da República, na chapa do Marechal Henrique Teixeira Lott, já com prenúncios de vitória certa, no pleito de 3 de outubro.

Infelizmente, na sua cega brutalidade, não o quis a morte, triunfante nas urnas, mas com horas fúnebres de chefe de Estado, e, numa sagração póstuma, o seu nome em uma das novas avenidas da Capital da República, onde não há um beco, sequer, que assinale e lembre aos poucos ou raros transeuntes que por êle passam, o que foi a sua grande vida e o renome que conquistou, servindo ao Brasil.

Conheci Osvaldo Aranha em 1929, quando o Rio Grande do Sul, aliado a Minas Gerais e à Paraíba, empenhava-se em conduzir pelas urnas, mas que só foi possível pelas armas, as candidaturas de Getúlio Vargas e João Pessoa à Presidência e Vice-Presidência da República.

O nosso primeiro encontro foi em uma visita que me fez no Grande Hotel, em Pôrto Alegre, gentileza que culminou em um convite, em seu nome e de sua digníssima espôsa, a mim e a minha senhora, para um churrasco na sua chácara, em Tristeza, pitoresco subúrbio da capital gaúcha.

À medida que outros encontros se foram tornando mais freqüentes, irmanados, como estávamos, por uma causa comum, fui observando a personalidade daquele homem, ainda jovem, com cicatrizes de bala no corpo, por duas vêzes ferido gravemente, quando dois partidos políticos, tradicional e radicalmente inimigos, em constantes pejejas, ensopavam de sangue fraterno e solo ancestral dos pampas.

A alma de guerreiro precoce ou adolescente explicava o homem que apenas substituiu o trabuco das cochilas pela tribuna de praça pública; ou que, na liderança de um movimento cívico de massas, iria converter a palavra em veículo de ação.

No cargo de secretário do Interior do governo rio-grandense, sob a presidência do dr. Getúlio Vargas, assumira o

pôsto de coordenador dos entendimentos políticos que congraçavam, sob a bandeira da Aliança Liberal, o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba e, nos outros Estados, núcleos de adesão, que surgiam e se multiplicavam, às duas candidaturas de oposição às dos drs. Júlio Prestes e Vital Soares, patrocinados pelo Catete.

Apesar de ter ativamente participado de toda a campanha eleitoral, em comícios e pela imprensa, tendo atraído para as nossas fileiras a quase totalidade dos estudantes da Faculdade de Direito do Recife, da qual era professor, não obstante tudo isso, a verdade é que não me alistei eleitor, para votar nos candidatos da Aliança Liberal. A posição desta no pleito jamais a considerei em condições de alcançar a vitória pelas urnas. Bastava comparar, em bloco, as forças eleitorais de que pudessem dispôr o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba juntando-se a elas a maioria do eleitorado do Distrito Federal, com o eleitorado de São Paulo, Bahia, Pernambuco e dos demais Estados, em número de quatorze, todos, com os seus governadores apoiando a candidatura do dr. Júlio Prestes.

Por outro lado, ninguém sabia se era pensamento dos líderes de maior responsabilidade, senão do próprio candidato, se derrotado e tida a eleição por fraudulenta, o que seria, aliás, inevitável, estariam dispostos a resolver o problema da sucessão, pela força ou revolucionariamente. Pelo menos, dos drs. Antônio Carlos e Getúlio Vargas, talvez nem mesmo os que privassem de sua intimidade, soubessem ou adivinhassem qualquer coisa em tal sentido. Mas não era preciso ser observador perspicaz para medir o fôssco que cada vez mais se abria entre povo e governo, podendo conduzir à cratera de um vulcão; porém êste talvez não chegasse a romper a crosta, ou não passasse de algumas chamas, logo extintas, como foi o motim militar de Copacabana, no governo de Epitácio Pessoa, ou de lavas mais densas e encadescentes, mas removidas e dispersas, como foi a «revolução» de São Paulo, no governo de Artur Bernardes; destruçãda, fragmentada, até desaparecer com a desarticulação e desbarato da Coluna Prestes. Porque, realizado o pleito e atribuída a vitória aos candidatos do Catete, todo aquele entusiasmo popular, espontâneo, veemente, ruidoso, com que eram acolhidas, por todo o país, as caravanas da Aliança Liberal, não tardou em ceder a um estado de marasmo, de atonia coletiva, que podia ser de esgotamento, de cansaço, transitório, ou de desolação, de desencanto; ou êsse mortal ceticismo em que, muitas vezes, a alma de uma geração, duramente açoitada pela sorte adversa, como que se transforma em árido descampado, e com ela se esvai e seca a fonte vital da sua fé em um grande sonho...

Só mesmo um acontecimento imprevisto e brutal, que tivesse o efeito de um raio partindo, ao meio, um rochedo, ou um terremoto virando pelo avesso cidades e aldeias, seria capaz de sacudir outra vez e fazer vibrar a sensibilidade de um povo, como o nosso, tão pronto e decidido a abraçar uma coisa, quanto não menos apressado em debandar e esquecer-la com os primeiros revezes.

Esse acontecimento, em tôda a sua imprevisão e brutalidade, não há dúvida que foi o assassinato de João Pessoa. Foi o tremor de terra que abalou a alma nacional; o raio que fendeu o rochedo; o lençol de fogo que fêz explodir o vulcão.

Como vaticinei, no Recife, em um discurso com que consegui fazer retroceder imensa multidão enfurecida, em marcha com o cadáver, em direção ao Palácio do Govêrno, o sangue do bravo paraibano ia ser a seiva rubrade uma revolução— fonte mística brotando do ladrilho de uma confeitaria, onde tombara, para jorrar em cascatas de fogo e cair em turbilhões na alma de um povo...

O mártir transfigurava-se em herói e assumia o comando supremo de uma nação, na mais dramática e fulminante arrancada de tôda a sua história.

Mas, por impossível o milagre de uma ressurreição corpórea, seria preciso que alguém o reencarnasse e tomasse a iniciativa de coordenar forças, de vencer resistências, hesitações, temores, no próprio seio da Aliança Liberal; de estimular, de reanimar o espírito dos céticos, dos incrédulos no êxito do que bem poderia ser uma perigosa aventura fadada ao fracasso. Esse alguém ou o homem que surgiu para cumprir tão alta missão ou sentença selada sôbre a lápide de um túmulo, foi Osvaldo Aranha. O jovem guerreiro das cochilas renascia e assumia, numa reencarnação heróica do Grande Morto, o supremo comando de uma epopéia cívica diante da qual as nossas «revoluções», no passado, se reduziam a pequenos episódios regionais, sem, entretanto, perderem para aquela, em idealismo e heróicidade.

Foi Osvaldo Aranha, como de público proclamou o bravo e saudoso Flôres da Cunha, «o coração e o cérebro da Revolução de 1930».

Instalado, definitivamente, o govêrno provisório, sob a chefia do dr. Getúlio Vargas, foi Osvaldo Aranha nomeado ministro da Justiça e Negócios Interiores, promovendo e conseguindo o apaziguamento de competições ou de ambições, aliás, inevitáveis, logo nos dias que se seguem a uma revolução vitoriosa, com a disputa de cargos e postos entre correligionários, cada qual mais cioso ou exigente em reclamar recompensa por

serviços prestados, reais ou imaginários...

Da sua pasta saíram os dois decreto-leis criando o Ministério da Educação, escolhido seu titular, o professor Francisco Campos, um grande nome na cultura jurídica do país, e o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, chamado «Ministério da Revolução», designado para ocupá-lo o dr. Lindolfo Color, outro grande nome do jornalismo e na política riograndense do sul.

Do Ministério da Justiça passou Osvaldo Aranha para o Ministério da Fazenda, iniciando uma política financeira, levando a bom termo, de soerguimento econômico do país, estimulando a lavoura e a indústria, reduzindo a dívida externa e flutuante, além de outras medidas orçamentárias, criando para o Tesouro uma situação de maior desafogo.

Foi membro da comissão que elaborou o anteprojeto da Magna Carta de 1934, e líder da Maioria, na Assembléia Constituinte que o discutiu e votou.

Nomeado embaixador, em Washington, promoveu a realização entre o governo norte-americano e o brasileiro de acordos econômicos e financeiros que permitiram a construção de Volta Redonda, a eletrificação da Central do Brasil e outros empreendimentos de real proveito para o Brasil.

Na carreira diplomática não demorou em conquistar inconfundível destaque, já como nosso embaixador em Washington já como nosso representante na ONU, centro de gravidade das relações internacionais, pacíficas ou em conflito; por duas vezes, sucessivas, eleito seu presidente. Tão alto nível de confiança e prestígio, se, por ventura, refletia o nome de um país tradicionalmente amigo da paz, resultava, ainda mais evidente, do valor pessoal do estadista, investido em um posto que soube desempenhar, norteando e conduzindo, com inflexível e serena imparcialidade, a solução de problemas em que se ocultavam ou se ostentavam interesses em choque cu se debatiam reivindicações, algumas das quais com o seu rubro colorido de origem... Basta salientar como foi benéfica e decisiva a sua atuação, na presidência das Nações Unidas, de cujo seio surgiu uma nação livre, antes ou milenarmente dispersa pelo mundo, para constituir-se em Estado Soberano—o «Estado de Israel».

Explica-se, por outro lado, que a sua formação democrática muito há de ter influido para que se tornasse amigo íntimo de Franklin Roosevelt, o maior estadista deste tumultuoso e sangrento século XX, hoje, talvez, mais necessário à civilização e ao mundo do que quando sobre cidades em ruínas e campos devastados erguia a voz de grande líder da paz universal.

Além de outras missões diplomáticas, desempenhadas

com a mesma elevação e o mesmo brilho, Osvaldo Aranha foi, em 1938, nomeado ministro das Relações Exteriores, com a condição de se manter alheio à política interna, ou só cuidando de assuntos peculiares ao exercício da pasta, demitindo-se por haver discordado do fechamento, pela Política, da sociedade «Amigos da América». Mas tal atitude não afrouxou o vínculo de profunda afeição que sempre existiu entre êle e Getúlio Vargas, ou desde quando, mui jovens, se uniram à sombra do mesmo partido, que era o Republicano, sob a chefia de dr. Borges de Medeiros. Basta recordar que, quando o saudoso presidente aguardava, sereno, de arma em punho, um assalto ao Catete, para depô-lo, preferindo o suicídio para não sacrificar amigos, não menos dispostos a lutar e morrer, entre êstes, encontrava-se Osvaldo Aranha. E ninguém mais do que êle sofreu com o estampido daquele tiro que iria, também, ferir o coração de todo Brasil.

Afastado das lides partidárias, entretanto, jamais lhe arrefeceu ou estêve sempre alerta o patriótico interesse de intervir, desde que se tornasse necessário ou oportuno, no debate para a solução de problemas de política interna ou externa, cada vez mais entrelaçados, por envolverem, simultâneamente, principios de paz coletiva e de soberania nacional. Mas, ao que me conste, nesse sentido, uma cooperação ampla, efetiva, permanente, nunca lhe foi solicitada com empenho ou exigida pelo Governo, embora lhe não faltasse talento, cultura, experiência, autoridade moral, e com esta, independência e sobranceira no seu modo de agir; tanto assim que, sem temer a inevitável reação de entreguistas e de ultramontanos, não hesitou em advertir, com veemência, o Governo, o Congresso, a Nação, que o Brasil era, dos grandes povos, o único que não mantinha relações diplomáticas com a Rússia; gesto de altivez que, comentei (GI-GANTE COM CÉREBRO DE CRIANÇA) nostêrmos que se seguem, atualíssimos, para serem reproduzidos na íntegra:

«Aliás, não me causou estranheza a atitude do grande líder da Revolução de 1930, nem me surpreenderá, por sua bravura congênita de homem dos pampas, que venha para a liderança de uma jornada, prolongamento daquela, por identidade ideológica, porém de raízes muito mais profundas, porque, enquanto ontem eram erros e vícios de govêrno, que procurá-mos corrigir, hoje, é a soberania de uma nação, reduzida a trapos ou librê de povo escravo, que é preciso reconquistar, dignificar e impor perante o mundo. Para tanto contará com o velho soldado das fileiras de 1930».

Infelizmente não quis o destino que se cumprisse êsse

vaticínio, que eu, em outro artigo, converti em veemente apêlo para que viesse formar ao lado da candidatura do Marechal Henrique Teixeira Lott, e que assim terminava:

«Um passado de trinta anos nos reuniu em uma dramática encruzilhada de nossa história; passado que nos prende a uma cadeia, que êle mesmo fundiu, de compromissos de consciência, que nos arrastaram até às armas, na pugna por um Brasil melhor; e que, agora, nos arrastarão até às urnas, na pugna por um Brasil maior; rico, livre, forte, poderoso. Um Brasil realmente soberano perante o mundo».

Setembro de 1960.

Esperar em vão é triste,
causa mágoa, faz chorar,
Maior tristeza consiste
em nunca, nunca esperar.

Ê triste uma ave sem ninho,
ê triste uma haste sem flor,
Muito mais triste ê, sozinho,
um coração sem amor.

Augusta Campos

SYMPOSIUM — Ê que honra a cultura católica de Pernambuco. Ê dirigida pelos jesuitas: Padres Aluisio Moscado Carvalho, Antonio Abrantes e o nosso conterrâneo Padre Pedro de Mello. Ê órgão trimestral, repleto de trabalhos oportunos, ligados à ciencia, letras, artes e filosofia, firmados por bons colaboradores. Edita-a a UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO.

A VOCAÇÃO PARA EDUCAR — Ê a Oração de paraninfo pronunciada às professorandas de 1960 da Escola Normal do Ginásio Bom Jesus, da cidade de Salvador, a 10 de Dezembro, no salão nobre de Forum Ruy Barbosa. Ê lição em frases bem feitas e bem orientadas às paraninfadas, ministrada pela bebida na melhor escola de pedagogia de todos os tempos — a Igreja, pelo Prof. José Newton Alves de Sousa, atual diretor da Faculdade de Filosofia de Crato e das mais robustas inteligências do Ceará atual. Ê membro do I. C. C.

CARLYLE MARTINS ENALTECE NOVO LIVRO DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

O novo Livro de J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, continua recebendo os maiores louvores da crítica literária cearense e mesmo de outros estados.

Trata-se de ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI, nos estudos sociológico sobre a vida de engenhos de nossa região inserida na série Documentários da Vida Rural Brasileira, editada pelo Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura.

As Palavras de Carlyle Martins

O festejado poeta e crítico literário cearense Carlyle Martins, na sua apreciada colunas Impressões de Leitura, publicada na imprensa de Fortaleza, disse, na edição de O ESTADO, o seguinte, a respeito do livro do escritor conterrâneo:

Como publicação do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, circulou «Engenhos de Rapadura do Cariri», da autoria de J. Figueiredo Filho, em que nos habituamos a admirar uma das inteligência mais robustas da terra cearense.

«Engenhos de Rapadura do Cariri», com capa e ilustrações de Perci Lau, é livro que retrata aspectos do grande vale e delinea paisagens da vida do cabloco do sul do Estado, «forte como a peroba e ágil como o vento», como o diria Menotti del Picahia.

Há no volume capítulos movimentados e curiosos, tais como «Cambiteiros», «O Corte de Canas», «Trocando o Laço pela Enxada» e «Engenhos d'Água», subdivisões de «A Vida no Engenho de Rapadura», sobressaindo também «Velhos Engenhos de pau que já se foram», «Engenhos Tupinambá» e «Folgedos Populares dos Sítios Caririenses».

J. de Figueiredo Filho mostra finas qualidades de observação e conhecimento dos usos e costumes das populações da região que lhe tem merecido tantas páginas meritórias e verídicas.

Escrito numa linguagem simples e harmoniosa, sem falsos artificialismos, mas elegantes e atraentes, o novo trabalho de J. de Figueiredo Filho é dos que honram a bibliografia cearense, por ser o fruto amadurecido e aveludado do espirito de um homem cuja existência há sido voltada para o culto do trabalho e do dever, do estudo e da pesquisa.

«Engenhos de Rapadura do Cariri» merece ampla divulgação, por ser o documentário valioso e honesto de um galhardo garimpeiro das letras cearenses.

De «A AÇÃO» de 14-1-61.



Encaste de Duas Pérolas

José de Morais Holanda

Tapetada pela flora de esmeraldínica exuberância, ante o albor da manhã radiante e refulgente de esplendor, qual fôra uma taça ilibada de efusão e amor, toda a Natureza envolvente saudava o arrebol.

Feérico o céu e a terra fundiam-se numa aquarela de deslumbramento ao alvorecer de um dia rêgiamente asculado pelo sol desperto em miríades régios ráios policromados, assemelhando-se a uma tela de universal grandeza vivificando um mundo edênicamente encantado.

Crato, a cidade louçã e eufórica, inda com os olhos sonolentos, súbito eclodia inebriada com a atmosfera a preparar-lhe sutis emoções ao fulgir de uma nova aurora recém coroada na orla oceânica, entre dunas e areais do mar de Iracema, cuja lenda de imortal poema Vanda Lúcia herdara para proclamar a hegemonia da geração hodierna.

Dir-se-ia ter a virgem alencaria transplantado a sua taba para as plagas das siderais regiões de interior cearense, fixando-a no extremo sul encastelado do estenso ubérrimo vale alcantilado da imponente bacia serrana dos cariris, depositando sua flexa, o facho e o cetro em mãos de sua lídima herdeira.

Aquelas horas matutinas pairava em tudo radical transformação, plasmando uma feição multiforme e multicolorida, sublimada de expectativas e emotividades irrefreáveis, face a ansiedade de todos, à curiosidade ingente e ao desejo de cada um de ver Vanda Lúcia em desfile, e a vontade clandestinamente ambicionada de senti-la junto ao coração.

Vê-la não só, mas abraçá-la, cingí-la, afagá-la, apertando-a de encontro aos seus anseios, rendendo o calor de sua homenagem à excelsa juventude de suas flóridas primaveras, adormida as de sonhos no crisol dos seus insondáveis múltiplos enleios de paradisiacos ideais.

Por toda a parte transparecia em cada fisionomia a excitação do momento em suspense, aguardando em sófrego inquietude a ocasião de sua passagem na paisagem do ambiente febril de animação que circundava a imensa passarela das artérias

urbanísticas da Cariricap, decantada Princesa dos rincões araripenses.

Crato, engalanado de realza, cedia o trono à mais garbada e onómicamente linda Alteza de sua sociedade de escol, elevando ao pedestral da glória a mulher cearense em sua auréola de rainha, deusa e fada da mocidade feminina em adolescência, titular que fôra do Concurso de Miss Ceará, no magno certame de concorrentes ao título de Beleza Universal.

Vandinicamente Vanda vandinizou-se vandinizando o Cariri, estentando em toda sua plenitude de menina-moça o vulto esbelto do seu porte aristocrático, numa odisséia de singeleza e graça, sorrindo o seu sorriso áureo aflorada, perene como a ninfa cristalina das fontes, de todos os mananciais araripinos, transbordando os seus helênicos encantos nos seus menores gestos de fidalguia.

Erguida e endeuzada num carro alegórico, qual icaro sonho alado, sua imagem, toda a sua silhueta ereta, onimoda e onírica, era um só clarão olímpico dardejando sois de ouro e opala, personificando a encarnação palpitante de vida e seiva de uma raça, vestida com as vésteas de uma Vestal.

Sua figura, o seu semblante, toda a sua impregnante personalidade e elegância dimanava eflúvios de iridescência e manitude incomparável, dando-nos a nítida impressão de uma miragem simbolizando a divindade do Templo de Cupido, adorada em genuflexa admiração pelos vassalos dos seus idílicos dotes esculturais.

A cidade cratense, heróica bandeirante das bandeiras de sua evolução econômico-sócio-cultural, agigantava-se ao desfraldar a flâmula eugênica dos seus filhos no píncaro de uma nova era de feitos memoráveis em sua jornada edificante de empreendimentos nos setores vários de sua existência prolifera.

O bêrço de Bárbara de Alencar viveu e viverá e não olvidará jamais tão expressiva manifestação popular quando, abrindo os seus portentosos braços, recebia e aconchegava num efusivo amplexo de alegria a sua noiva radiosa e divinal, a bel e estonteante Cinderela dos seus palácios suntuosos, numa apoteótica saudação de fogos e ovações de sua gente à entrada triunfal de sua Eleita.

E ao calor dêsse afogo Vanda Lúcia sentiu vibrar no âmago do seu ser todos os sinos festivos do altar do seu coração transmitindo a todos e a tudo o cântico harmônico das cordas líricas do seu afeto, tangidas pelos seus enlevos d'alma, volatizados pelas quebradas sensíveis dos corações, em dulcidas melodias.

Jóia dos mais fino lavor, flor das flores, pétalas das

Engenhos de Rapadura do Cariri

Mauro MOTA

Uma das melhores iniciativas editoriais brasileiras é a da série «Documentário da Vida Rural», do Ministério da Agricultura. Pelas intenções e pela dignidade com que as efetiva, longe de facciosismos regionais e sempre buscando fixar o característico das mais diversas regiões do país, através de especialistas identificados com elas pelo conhecimento e pela convivência.

Dentro desse critério, já tivemos o Engenho de Açúcar do Nordeste, Fazenda de Café em São Paulo, Fazenda de Gado no Vale do São Francisco, A Estância Gaúcha, O Seringal e o Seringueiro da Amazônia, O Vale do Itajai, Fazendas de Cacau na Bahia, Garimpos da Bahia, Tradições Populares de Pecuária Nordestina, Fazendas de Gado no Pantanal Matogrossense, Jangadeiros, Ervais do Brasil e Ervateiros e Lavoura Caiçara.

A esse conjunto de monografias, do maior interesse geográfico e sociológico, em muitos casos revelando facetas de relações das comunidades com o meio, antes só conhecidas pela superfície, vem juntar-se agora Engenhos de Rapadura do Cariri, de José de Figueiredo Filho, com, não constitui exagêro dizer-se, a «descoberta» de um dos aspectos mais típicos da atividade nordestina. Pois, naturalmente para os habitantes de outras áreas, o Cariri não passa de uma «ilha» fértil no mapa, favorecida pela inclinação da chapada do Araripe que, através de suas



pétalas, crisálida borboleta multicolor, Vanda Lúcia traduzia em síntese a luz, o sol, o fulgor, o manto estelar e a glorificação do seu povo, na translúcida encandescente beleza dos seus admanes.

Crato e Miss era mduas pérolas engastadas a elo inseparável a se entreolharem, admirando-se mutuamente na esfera empírea de cristal a indagar em tácita contemplação qual das duas a mais Bela.

Crato, em 6 de Junho de 1960.

numerosas fontes, elimina o problema das sêcas do lado cearense e confere ao vale possibilidades de culturas e criação permanentes, inexistentes em terras circunvizinhas; ou não passa de Juazeiro do Norte, por causa da influência do Padre Cicero na formação da cidade e entre os grupos fanáticos, influencia continuada com tôdas as vivências ainda hoje, vinte e cinco anos depois da sua morte.

José de Figueiredo Filho ultrapassa, e em muito essas limitações, retirando os biombos do vale e mostrando-o em tôda a «extensão», a começar dos privilégios climáticos e abrangendo a paisagem, os métodos de trabalho e o homem ainda fiel, e com vantagem, por contraditório que pareça, a hábitos primitivos, mas responsáveis pela sua resistência e superioridade na média de vida em confronto com populações regionais mais «civilizadas», particularmente as do litoral.

E' o caso de um hábito alimentar, o da rapadura na alimentação sertaneja, mencionado no capítulo VII:

«Há centenas de anos, o sertanejo se alimenta de rapadura, preferindo-a ao mais refinado açúcar branco. Dá muito mais sustança do que o mais puro produto das usinas de Pernambuco. Na rapadura, conservam-se intatos todos os sais minerais, substâncias pépticas e açucares invertidos da cana. Torna-se assim mais nutritiva e de digestão mais fácil que seu similar, de superior qualidade». E' consumida em várias associações (café, doces, farinha, carne, leite, queijo e frutas) e indispensável ao vaqueiro pois representa «a melhor ração que êle recebe para fornece-lhe as calorias nos grandes dispêndios musculares.» Dai a sextilha popular:

Neste mundo de meu Deus
Foi boa a repartição:
Piaui prá criar gado;
Pajeú pra valentão
Cariri prá rapadura,
Rio Peixe prá algodão.

O trabalho, ilustrado com fotografias e desenhos, estuda o solo e as condições do plantio de cana, os labores agricola e



«O excessivo temor ao poder conduz à excessiva submissão. Não deixará isso de ser um abrir de portas ao abuso à tirania.»

«A igualdade absoluta é um ideal utopico; aliás, não seria nunca atingido, sem o sacrificio da liberdade.»

Eduardo Girão

pastoril, o laço e a enxada, os diversos tipos de engenhos do Cariri, os de força motriz, os de bois, os d'água e os de pau. Estuda as atividades profissionais de lavradores, cambiteiros, cortadores e metedores de cana, mestre de rapadura, tirador de bagaço, etc. Estuda ainda os folguedos populares e a integração do homem nêsse ambiente rural formado de onze municípios, onde o Crato aparece como uma espécie de pequena metrópole, o ponto de causar êste anseio a um caboclo:

Se eu fôsse podre de rico
não morava aqui no mato,
morava mais a Lorinda
ali na rua do Crato.

Como se vê, José de Figueiredo Filho apreende também o espírito da gente do Cariri na sua monografia que, pelas informações e pela linguagem, logo se incorpora ao que existe de mais vivo e mais atual na bibliografia do Nordeste.



JOSÉ JESER DE OLIVEIRA NA INAUGURAÇÃO DA PONTE BRASIL-PARAGUAI — No dia 28 de Fevereiro de 1961, o Presidente Juscelino inaugurou a ponte internacional de Iguacu, ligando as duas nações amigas Brasil e Paraguai. Na qualidade de representante do veterano órgão da imprensa carioca — JORNAL DO COMÉRCIO, estêve ali o nosso socio fundador, residente na VELHACAP — José Jeser de Oliveira que já se ensaia, galhardamente, na grande imprensa brasileira.

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE CRATO — No dia 29 de Dezembro de 1960, por ato do então presidente da Republica Juscelino Kubitschek, foi autorizada a funcionar a Faculdade de Filosofia de Crato. Será oficialmente instalada, em principio de Março de 1961. Seu diretor é Dr. José Lacerda e nasceu da iniciativa do Reitor Martins Filho, do Vice-Governador Wilson Gonçalves, Pedro Felício Cavalcanti e Prof. Antônio Barbosa.

A VIDA DO PADRE CÍCERO — Por todo o decorrer de 1961, sairá o esperado livro do nosso antigo Secretário Geral—Capitão Otacilio Anselmo e Silva. Será editada por PONGETTI do Rio. Trata-se de obra completa, produto da observação direta de um estudioso que bebeu também em muitas fontes. O livro está sendo aguardado com maior ansiedade e será lançado simultaneamente no Cariri e em Fortaleza.

O MUSEU DE CRATO AUMENTA DE DIA PARA DIA — O Museu de Crato, na sede o I.C.C., à rua Lima Verde, 2, apesar de confinado em salões que se tornaram restritos, aumenta cada vez mais, com valiosas e espontâneas ofertas. Possuimos lembranças preciosas e há pouco tempo, o Exmo Snr. D. Vicente de Araújo Matos e Madre Paiva ofertaram-nos muitos objetos e idumentária que pertenceram ao saudoso D. Francisco de Assis Pires. Por sua vez, o Prof. Joaquim Costa Carvalho, catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina da Universidade de Pernambuco, doou-nos duas cadeiras do século XVIII, ora em poder de seu genro — Dr. Caubi Pequeno de Figueiredo que se encarregará de enviá-las para esta cidade. O Brigadeiro José Macedo, igualmente, em bonito gesto, ofereceu-nos tôdas as suas condecorações, ganhas em sua brilhante carreira que foi das mais movimentadas do Brasil, pois realizou ele feitos que ficaram na história da aviação, a exemplo do raid em tórno das Americas. Falta-nos apenas recebê-las e colocá-las em vitrine especial. Se recebermos a subvenção federal que o deputado Alencar Araripe, incansável amigo do I.C.C. nos arranjou, o Museu ficará dos melhores do interior.



BORRACHA, OURO BRANCO — Crato, de dia para dia, transforma-se em centro de cultura dos mais em evidência da interlândia nortista. Os lançamentos de livros editados aqui ou por pessoas filhas da terra, são constantes. Os proprios estudantes lançam livros, como sucedeu com BORRACHA, OURO BRANCO, bem feito trabalho efetuado por equipe de alunos de curso científico do Colegio Diocesano. São êles: Aristides C. Felicio, Carlos Édison F. de Araújo Costa, Dieulafoy F. de Araújo Costa, J. Valdesley A. de Sousa, Luciano L. Macêdo, Ozéas Duarte de Oliveira e Wellington A. de Sousa. Foi ilustrado por Francisco de Aguiar Bezerra.

EFE MÉRIDES DO CARIRI — Encontra-se em poder da IMPRENSA UNIVERSITARIA DO CEARÁ, o livro inédito e póstumo do escritor cratense — Irineu Pinheiro, primeiro Presidente do Instituto Cultural do Cariri. Espera-se que seja logo editado, pois, é trabalho de história que muito contribuirá para os conhecimentos de certos pontos ainda discutidos do passado. Urge o seu breve aparecimento uma vez que, no próximo ano, teremos na Faculdade de Filosofia do Crato, a cadeira de HISTÓRIA DO CEARÁ E DO CARIRI e sôbre esta região há pouca coisa ainda publicada. Será também dos pontos de partida da HISTÓRIA DO CARIRI, obra que será escrita por equipe de estudiosos do Instituto Cultural.



Fato Inédito na Vida Política do Cariri

OTACÍLIO ANSELMO

Já se tornou lugar-comum destacar o Cariri pela uberdade do solo, evocando a Serra do Araripe de onde brotam fontes perenais que banham os vales, nutrindo vergêis, sustentando canaviais.

Farta e bela região, sem dúvida, em que se descortina os mais lindos panoramas do Nordeste, desde os campos verdejantes aos píncaros topetando às nuvens.

Mas êsse é apenas um aspecto fisiográfico da amada gleba, às vésperas duma nova era de prosperidade que aí vem com o advento da energia de Paulo Afonso.

Anunciado para os meados do próximo ano, êsse auspicioso acontecimento nada mais é do que uma resultante da força renovadora de que é dotada a brava gente do Cariri e que há impulsionado o progresso da terra em todos os setores de atividades, sobretudo no campo social e político.

Com efeito, foi no terreno político que essa força renovadora deitou raízes mais profundas, motivo por que o Cariri antecipou-se ao resto do Ceará na Revolução de 1817, na consolidação da Independência não só no Estado, mas também no Piauí e Maranhão, e no movimento de adesão à Confederação do Equador.

Daí o pendor pela liberdade e a ânsia de renovação de costumes que de vez em quando repontam na área do Cariri, numa demonstração inequívoca de que a sementeira deixada pelos Alencares, à frente José Martiniano, continua germinando, para dar ao famoso rincão a sua mais apreciável característica.

Essas reflexões vêm a propósito de um acontecimento dos mais significativos da história política do Cariri, ocorrido no limiar da segunda década d'êste século.

O cenário é o Município de Jardim, velha cidade de tradições revolucionárias em cuja Câmara Municipal, a exemplo do Crato, drapejara a bandeira republicana de 17, erguida por LEONEL da Franca ALENCAR.

Decorria o ano de 1911. Era a época em que a liderança político-administrativa das comunas sertanejas estavam sob o domínio dos mais poderosos e turbulentos coronéis matutos, uma vez que se achava concluída a série de deposições pelas armas que tanto inquietaram e enlutaram o Cariri.

Um regime de terror permanente dominava os sertões, pois o Governador, na condição excepcional de chefe exclusivo da política Estadual, havia estabelecido a seguinte norma: feita uma deposição, o Governo abandonava o chefe vencido e passava a apoiar o vencedor. Dentro desse critério, o Dr. Nogueira Acióli só nomeava prefeito do Município o chefe que dispusesse não de mais eleitores, mas sim de maior número de cangaceiros como acentuava João Brígido.

Em Jardim, a exemplo dos demais Municípios, havia duas alas do Partido Republicano Cearense, ambas irreconciliáveis. Uma era chefiada pelo Coronel Napoleão FRANCO da Cruz Neves, e outra, pelos Coronéis ROMÃO Pereira Filgueira SAMPAIO e Joaquim Alves ROCHA, que foi Deputado Estadual.

Sobre esta facção, cujo principal chefe era Romão Sampaio, recaíram as graças do velho Governador Acióli, ficando relegada ao desprestígio a ala do Coronel Franco.

Homem bravo e de caráter nobre, Franco reagiu com aquela dignidade dos antigos varões sertanejos: abandonou definitivamente a política e, através da imprensa, explicou num manifesto as razões do seu gesto.

Mas não ficou aí o incidente, porquanto, naquela época, não havia somente um cidadão de tamanho gabarito moral na área do Município de Jardim.

Conhecida a atitude varonil do Coronel Franco, os seus amigos e correligionários, exatamente cento-e-quarenta, dirigiram ao poderoso oligarca um memorando cujo teor é o seguinte:

«Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Nogueira Acióli.

D. Presidente do Estado.

Nós, abaixo assinados, eleitores governistas neste Município, tendo tido sempre por nosso diretor político neste colégio eleitoral o nosso preclaro e distinto amigo Coronel Napoleão Franco, cidadão emérito, de nobres e elevados sentimentos de ordem, de paz e de justiça, urbano no trato e de mãos sempre

estendidas ao povo, que sempre ocupou em nosso Partido um lugar de destaque, e a quem V. Excia. nunca quis considerar, tendo se retirado da política pelos motivos expostos em seu manifesto político, publicado no jornal «Cetama», por dever de amizade, gratidão e lealdade política, vimos ante V. Excia. declarar que, desta data em diante, também nos considere eliminados do vosso Partido, visto também não queremos servir ao vosso Partido sob a chefia dos senhores coronéis Rocha e Romão Sampaio, a cuja direção política não nos sujeitamos; mesmo porque êsses senhores não precisam de eleitores senão para mencionarem nas atas falsas de eleições simuladas, o número dos eleitores qualificados neste colégio eleitoral, embora mortos, mudados e de viagens fora do Município, como se tem feito em todas as eleições que se tem procedido neste Município, desde o advento da República, e como acaba de dar-se na última eleição para um senador federal, convocada por V. Excia. para o dia 28 de fevereiro último, eleição que não se procedeu e que, no entanto, consta-nos se ter remetido atas falsas, simulando a.

E a vista do que, Exmo. Sr., para que nos serve os nossos títulos de eleitor se não se procedem eleições e não podemos usar do nosso direito de voto?

Se os poderes constitucionais fôsem, efetivamente, declarações da soberania do povo, como serão as constituições—federal e do Estado—certo não nos retirariamos do partido por V. Excia. chefiado, e nem deixaríamos de usar do nosso direito de voto.

Mas com os diretores políticos que V. Excia. tem mantido e continua a manter neste Município contra a vontade do povo, fabricantes de atas falsas, de eleições simuladas, e que declaram, alto e em bom som, não precisarem de eleitores para fazerem eleições, não podemos continuar a servir ao vosso Partido.

Despedindo-nos de V. Excia., desejamo-vos saúde e ventura.

Jardim, ... de março de 1911.

(aa) Manuel Rodridues da Silva Lima, Tristão Lopes da Silva Barros, Antônio da Costa Bezerra, Alberto Alves de Barros Luz, José Dias do Nascimento, Francisco de Barros Ferreira, José de Barros da Silva, Enock Elias de Barros, Antônio Gomes de Barros, Manuel Lino da Silva, Severiano Fernandes de Sousa, Antônio Juvenal Pereira da Silva, Reinaldo Peixoto do Rêgo, Antônio Reinaldo Peixoto, Cicero Barbosa de Sousa, Manuel Andrelino da Silva, Anselmo Ferreira Leite, Rufino Saraiva de Moura, Aleixo de França Ribeiro, Cláudio Pereira da Silva, Manuel Cláudio da Silva, Porfírio José da Silva, Antônio Andrelino dos Santos, Antônio Luis do Nascimento, João Pereira

da Silva, João Gonçalves de Sá, Manuel Pereira da Silva, José Pereira de Carvalho, João Batista Ferreira, Antônio Gomes da Silva, Anselmo Teles de Carvalho, Pedro da Cruz Neves, Osório Gomes de Farias, Antônio João Massaranduba, Manuel Antônio de Lima, Manuel Aduchi de Lima, Vicente Dias de Lemos, José Pedro de Farias, João Monteiro dos Santos, Manuel Messias da Silva, Salustriano da Rocha Lima, José Paz dos Santos, José Aristides Pereira da Silva, João Bento da Silva, Luís Paz dos Santos, Antônio Júlio Pereira, Manuel Renovato de Sousa, Antônio do Amaral Lisboa, Manuel Fernando de Sousa, Antônio Paz do Nascimento, José Quirino Paz dos Santos, Manuel José Florêncio, Afro Leandro de Medeiro, João Paz dos Santos, Joaquim Paz dos Santos, Juvino Ferreira Maciel, José Vicente Ferreira, Antônio Galdino de Lima, José Alves dos Santos, José Rufino da Cruz, João Rufino da Cruz, José Vicente da Ressurreição, Joaquim Sabino Maciel, Cirilo Leite Rangel, Antônio Alves David, Joaquim Leite Rangel, Manuel Raimundo de Lemos, Mariano Antônio dos Santos, Miguel Ribeiro dos Santos, Antônio Conrado do Nascimento, Joaquim Aleixo de Sousa, Joaquim Luz da Cruz, Henrique Rodrigues de Alencar, Simpício Pereira da Silva, Casimiro de Sousa Araújo, Izael Vieira da Silva, Francisco Pereira do Nascimento, Israel Firmino da Silva, Antônio Narciso Rodrigues, Antônio Guedes da Cruz, Manuel Francisco da Luz, Antônio Jesuino de Andrade, José Pereira de Sousa, Agostinho Pereira de Sousa, Joaquim Manuel de Sousa, Manuel Francisco de Sousa, João Pereira dos Reis, Antônio Xavier de Sousa, Joaquim Pereira dos Reis, Antônio Pereira dos Reis, José Pereira dos Reis, Antônio Bernardo de Sousa, João Marcolino dos Santos, Amâncio da Cruz Neves, João Belarmino Sobrinho, José Rodrigues da Silva, Luís Joaquim de Sousa, José Xavier de Sousa, Miguel Pereira de Sousa, ... Rosa Vieira dos Santos, Francisco Rufino da Rosa, Petronilo Alves de Araújo, Antônio Pedro Gonçalves, José Gomes de Melo, Raimundo Marcolino do Nascimento, José Raimundo Feitosa, Antônio Marcolino dos Santos, Raimundo Soares dos Santos, Domingo Lopes Machado, Antônio Geraldo de Sousa, José Geraldo de Sousa, Felizmino Luís de Sousa, Antônio Felizmino de Sousa, Henrique Lopes de Figueiredo, Manuel Raimundo dos Santos, Manuel de Sousa Monteiro, Manuel Xavier de Sousa, Pedro Ludgero de Caldas, Manuel Alves Monteiro, Firmino Lopes Frazão, Antônio de Montes Pereira, Raimundo Pereira de Sousa, José Aleixo de Sousa, Mariano Daniel de Farias, José Benedito da Silva, Francisco Silvestre Vieira, Joaquim Lucas de Oliveira, Antônio de Oliveira Rangel, Alexandre José de Oliveira, Fernando Lóssio de Almeida, André Lopes Machado, Severiano Lopes Machado, Raimundo Lopes Machado, Cícero Vieira dos Santos, João

Vieira dos Santos». (†)

Nêsse documento, extraordinário para o tempo e o meio, não avultam apenas a estima pessoal e a lealdade partidária, nem tampouco a destemor dos signatários em homologar o ato de bravura cívica do chefe e guia.

Nêsse manifesto, talvez único na história política do Cariri, o que mais admira é o considerável grau de politização atingido pelo povo jardinense, cujo protesto contra a fraude e a corrupção não poderá ser esquecido pelo futuro historiador do Cariri, sobretudo por haver sido formulado numa época de despotismo e subserviência.

(†)—Publicado em «O Rebate», de Juazeiro do Norte, edição de 28 de maio de 1911. Ao pé das assinaturas havia esta «observação» com vistas ao Diretor do supracitado jornal: «Não mandamos reconhecer as nossas firmas por Tabelião Público, por termos mandado publicar êste manifesto político pela imprensa, para não supor V. Excia. ser algum ato simulado, como se tem feito tôdas as eleições dêste Município, do que damos público testemunho, para descrédito do regime republicano em nosso País./ Jardim, 8 de maio de 1911».



Premiado a tese do Jornalista Júlio Braga

Durante as sessões plenárias do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, realizadas no Ginasio Madre Ana Couto, desta cidade, foram apresentadas e discutidas numerosas teses de periodistas cearenses. Seu julgamento foi confiado ao Instituto Cultural do Cariri, que nomeou para isso, os intelectuais conterraneos: Dr. Quixadá Felício, Pe. Antônio Gomes de Araújo, Prof. José Newton Alves de Sousa e Pe. Irineu Lima Verde. Após examiná-los, minuciosamente, foram êles unanimes em conferir o primeiro lugar a tese, apresentada pelo jornalista, da Delegação de Iguatú—Snr. Júlio Braga. Terá êle portanto, como merecimento pela Vitória, o «Prêmio Figueiredo Correa,» conferido à melhor tese do Congresso de Jornalistas, ocorrido entre 13 a 15 de Janeiro, pela Secretaria de Educação do Ceará. Já foram expedida pelo I. C. C. officios de comunicação do Secretario de Educação e à Secretaria Metropolitana dos Jornalistas do Interior.

ALMANAQUE DO CARIRI. O Dr. Francisco de Assis Leite, sócio do I. C. C. e Juiz de Direito concursado, recommençar a publicar, do corrente ano em diante, o seu conhecido ALMANAQUE DO CARIRI, interrompido ha algum tempo. Será ótima propaganda desta região, como sucedeu com os primeiros numeros. Já tem êle percorrido parte importante do Vale e adjacências a fim de nos oferecer trabalho completo e de acôrdo com a evolução caririense.

Durante o Congresso de Jornalistas, o Dr. Francisco de Assis Leite, que é antigo militante da imprensa, ofertou aos periodistas interioranos, bela flâmula, alusiva ao conclave e ao primeiro numero do Almanaque que tanta repercussão obteve.



PRINCIPAIS COOPERADORES FINANCEIROS DO CONGRESSO DE JORNALISTAS. Para o êxito do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Cearense, contou o Instituto com a valiosa contribuição de autoridades e representantes do povo em Camaras Municipais e estadual. Destacamos: Vice-Governador Wilson Gonçalves, Prefeito José Horacio Pequeno, Secretario da Prefeitura de Crato—Dr. Otacilio de Macêdo, deputado estadual Padua Campos, vereadora Mirtes Campos, de Fortaleza, vereador local—José de Paula Bantim, e o Prefeito de Piquet Carneiro (contribuição enalhada no correio, ainda não recebida). Faltou o auxilio da Prefeitura fortalezense, mas esperamos que o atual dirigente da capital cearense, General Cordeiro Neto, pelo seu espirito esclarecido ainda nos liberte a verba, a fim de publicarmos os ANAIS DO CONGRESSO. Foi valiosa igualmente a dadiva, em publicações, da Universidade do Ceará.



FOLCLORE CARIRIENSE.—J. de Figueiredo Filho escreveu dois livros, em tórno do rico folclore caririense e já em poder da IMPRENSA UNIVERSITÁRIA, para a devida publicação, possivelmente no decorrer de 1961. Trata-se do FOLCLORE NA REGIÃO CARIRIENSE e COLGUELOS INFANTIS CARIRIENSES, da coleção «DOCUMENTÁRIO DO CARIRI».

NOMES DE ALGUMAS ÁRVORES NOS TABOLEIROS E NA SERRA DO ARARIPE, ANOTADAS PELO DR. PH VON LUETZELBURG

Coletados por Hermogenes Martins

No estudo feito pelo Dr. ph. vom LUETZELBURG, na região do Cariri anotou em seu trabalho as árvores abaixo, dando-lhes os nomes vulgar, científico e a família de cada uma delas. Trabalho feito com meticulosidade e paciência, Esse trabalho de classificação, entregou ao colega Dr. K. Suessonguth, da Universidade do Muenchen, Repartição Botânica. Este incubiu-se de seleccionar o material colecionado, separando-o afim de entregar familias especificas a especialistas como por exemplo: as de Euforbiáceas ao Professor Pax, em Breslau, os fétos ao Professor Copeland, as Verbenécias ao Professor Moldenko. Os professores Loesenor, Diols, Pilger, Harms, Geopinger, Conselheiro Niodenzu, (Malpigiúceas) encarregadas das classificações mais delicadas nas respectivas especialidades. A senhorita Dra. Schneider ajudou muito o professor Suessonguth nêsse trabalho árduo de classificação exatas dessas especies vegetais.

NOME VULGAR	NOME CIENTIFICO	FAMÍLIA
Cafistula (Canafistu- la)	Cassia, diversas es- pecies	Caesalpiniceas
Carrancudo	Maytenus obtusifoli- us, Mart	Colastráceas
Cipaúba	Thiloa glaucocarpa, Eichl	Combretáceas
Imbirida assú	Colubrina cordifolia, Reiss	Ramnáceas
João Vermelho	Colubrina spoc	Ramnáceas
Craíba	Simaruba versicolor, St. Hil	Simarubáceas
Açoita Cavalos	Luhea divaricata, Mart. et Suc	Tiliáceas
Páu Lacre	Vismia guyanesis	Gutíferas
Páu Lacre	Vismia Martiniana, Reich	Gutíferas

Nome vulgar	Nome científico	Família
Páu Lacre	<i>Vismia</i> aff. <i>guyamensis</i>	Gutíferas
Cedro	<i>Cedrella glaziovii</i> , Cas DC.	Meliáceas
Cajú bravo	<i>Rapanea guyanensis</i> , Aubl	Mirsináceas
Romã brava	<i>Sweetia dasycarpa</i> , Benth	Papilionáceas
Balsamo	<i>Myrosporum</i> aff. <i>toluiferum</i> , DC	Papilionáceas
Faveiro	<i>Dimorphandra</i> <i>Gardnorianana</i> , Tul	Caesalpiniáceas
Melosa	<i>Cassia hispida</i> , Vahl. var. <i>fagonioides</i> , Veg, Benth	Caesalpiniáceas
Canafistula do Boi	<i>Cassia ferruginea</i> , Scrad	Caesalpiniáceas
Canafistula da Serra	<i>Cassia</i> aff. <i>ferruginea</i> Scrad	Caesalpiniáceas
Coração do Negro	<i>Machaerium acutifolium</i> , Vog	Poiigonáceas
Coassú	<i>Coccolobua polystachis</i> , Wedd	Papilionáceas
Tingui	<i>Magonia pubescens</i> , St. Hil.	Sapindáceas
Mutamba	<i>Guazima ultifolia</i> , Lam	Sterculiáceas
Castanheta	<i>Sterculia stricta</i> , St. Hil.	Sterculiáceas
Murici branco	<i>Styraz</i> spec	Stiráceas
Páu jangada	<i>Apoiba Tibourbou</i>	Tiliáceas
Mama de cachorro	<i>Vitex Pausheana</i> , Moldenke	Verbenáceas
Páu terra	<i>Qualea parvifolia</i> , Mart.	Voquisiáceas
Cajú	<i>Anacardium occidentale</i> , L.	Anacardiáceas
Páu branco	<i>Auxemma</i> spec	Borragináceas
Gargaúba	<i>Cordia pubescens</i>	Borragináceas
Grão de galo	<i>Cordia platyphylla</i> , Steud	Borragináceas

Nome vulgar	Nome científico	Família
Frei George	<i>Cordia Gerascanthus</i>	Borragináceas
Louro preto	<i>Cordia</i> , spec.	Borragináceas
Jatobá de veado	<i>Hymenaea eriogyne</i> , Benth.	Caesalpiniáceas
Mororó	<i>Bauhinia spec</i>	Caesalpiniáceas
Mororó de espinho	<i>Raunhinia aculeta</i>	Caesalpiniáceas
Gonçalo Alves	<i>Astronium graveo-</i> <i>lens</i> , Jacqu.	Anacardiáceas
Pinha brava	<i>Aboromea furfuracea</i> (St. Hil) Baill.	Anonáceas
Araticum	<i>Anona spec.</i>	Anonáceas
Páu d'arco rosa	<i>Tecoma impetigiono-</i> <i>sa</i> , Mart.	Bignoniáceas
Páu d'arco amarelo	<i>Tecoma achrolenca</i> , Cham.	Bignoniáceas
Caroba	<i>Jacaranda Brasiliana</i> , Pohl.	Bignoniáceas
Páu de oleo	<i>Copaifera effcindis</i>	Caesalpiniáceas
Páu d'oleo (outro)	<i>Copaifera Lagsdorf-</i> <i>fii</i> , Desf	Caesalpiniáceas
Carrap dos cavalos	<i>Krameria tomentosa</i> , St. Hil.	Caesalpiniáceas
Carrasquim	<i>Cassia curvifolia</i> , Vogel	Caesalpiniáceas
Piquí vermelho	<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm. fa. <i>parvifolias</i>	Cariocaráceas
Piquí branco	<i>Caryocar coraiceum</i> fa. <i>grandifolium</i>	Cariocaráceas
Sacatinga	<i>Licania aff. Turiuva</i> , Cham etSchecht	Crisobalancáceas
Mofumbo	<i>Combretum lepresum</i> , Mart.	Combrotáceas
Cipaúba rasteir	<i>Combretum anfractu-</i> <i>soum</i> , M.	Combrotáceas
Araticum	<i>Anona coriácea</i> , Mart.	Anonáceas
Mucunã verde	<i>Cratylia floribunda</i> , Benth	Papilionáceas
Quina-quina	<i>Roupala rhombifolia</i> , Mart.	Proteáceas
Espinho de Judeu	<i>Xylesma cilintifolium</i> (Oleos) Eichl	Flaceutiáceas
Imbiriba	<i>Casearia brasiliensis</i> (eich)	Flacourtiáceas

Nome vulgar	Nome científico	Família
Imbiriba	<i>Casearia dentata</i> , Eich	Flacourtiáceas
Imbiriba preta	<i>Piparea spec</i> , Benth	Flacourtiáceas
Cravo de Urubú	<i>Parophyllum ruderale</i> , Cass.	Compostas
Maniçoba	<i>Maninhot trifoliata</i> , Ule	Euforbiáceas
Maniçoba (outra)	<i>Maninhot microdon-</i> <i>dron</i> , Ule	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton glandulosum</i> , L. var <i>hirtus</i> (L. He- rit) Muell. Arg.	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton Kletschii</i> , Mu- ell. Arg.	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton lobarus</i> , L	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton tenuifolius</i> , Pax et K. Hoffmann	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton Luetzelburgii</i> , Pax et K. Hoffmann	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton acradenius</i> , Pax et K. Hoffmann	Euforbiáceas
Velame	<i>Croton lobaut</i> , L. var <i>genuinus</i> Muell. Arg.	Euforbiáceas
Sambaiba	<i>Curatella americana</i>	Dileniáceas
Carrancudo	<i>Erythroxylum testa-</i> <i>ceum</i> , Peyrich	Eritrosiláceas
Romã	<i>Lafoesisia replicata</i> , Polh. <i>Lafoensia pacari</i> , St. Hil	Litráceas
Gitó	<i>Guarea spec</i>	Meliáceas
Orelha de onça	<i>Cissampelos ovalfolia</i> DC.	Menispermáceas
Barbatimão	<i>Stryphnodendron ro-</i> <i>tundifolium</i> , Mart	Mimosáceas
Visgueiro	<i>Parkia platycophala</i>	Mimosáceas
Tamboril, Tambaúba	<i>Enterobulium Timba-</i> <i>úva</i> , Mart.	Mimosáceas
Páu amarelo	<i>Piptadenia spec</i>	Mimosáceas
Carrancudo	<i>Piptadenia minilifor-</i> <i>mis</i> , Benth	Mimosáceas
Cajuizinho	<i>Ouratea parvifolia</i> (St. Hil) Engl	Ocnáceas
Ameixa	<i>Ximenia americana</i> , L.	Oláceas

Nome vulgar	Nome científico	Família
Páu cachão	<i>Brodemeyera florinbunda</i> , Willd	Poligaláceas
Almocego	<i>Talinum triangulare</i> , Willd	Portuláceas
Congonha	<i>Roupala spec</i>	Protzáceas
Páu de leite	<i>Plumiera drastica</i> , Mart.	Mimosáceas
Catanduba	<i>Piptadenia moniliformis</i> Benth.	Mimosáceas
Espinheiro	<i>Acacia glomerosa</i> , Benth.	Mimosáceas
Unha de Gato	<i>Acacia paniculata</i> , Benth.	Malváceas
Malva rosa	<i>Pavonia malacophylla</i> , Gardn.	Rubiáceas
Genipapim	(<i>Tocoyena formosa</i> Cham. et Schldl) K. Schum	Papilionáceas
Mangerioba	<i>Sesbania exasperata</i> , HBK	Papilionáceas (id)
Cabola brava	<i>Zephyranthus Chamissonis</i>	Liliáceas
Malicia de Boi	<i>Mimosa asperata</i> L.	Mimosáceas
Massambé	<i>Cleome spinosa</i> , L.	Caparidáceas

Pelo exposto observa-se que o eminente professor foi de uma meticulosidade a toda prova, nos estudos feitos na zona do Cariri, principalmente na parte que se relaciona com a serra.

Para êsse estudo media êle 15 metros em quadro, igual a 225 metros quadrados e fazia os estudos das condições edáficas, onde estava localizada a região estudada, vegetação e às especies nela encontradas.

Dessa maneira estudou 28 quadros de prospecção, sempre com o mesmo empenho, e com a mesma abnegação de cientista.

Anotou algumas árvores nos taboleiros e na serra do Araripe a respeito do seu carregamento de frutas. Eis, os resultados destas notas :

ESPÉCIE	Frutas por galhe	Sementes por fruto	Totalidade de galhos por árvore	Número Total das sementes
Minguiriba	210	1	56	11.760
Pau d'óleo	87	1	23	2.001
Gonçalo Alves	5	97	14	6.790
Caroba	7	140	16	15.680
Banha de galinha	11	1	19	209
Jatobá	22	8	41	7.216
Cipaúba	78	1	64	4.992
Cedro	87	12	68	70.992
Pau terra	37	8	89	26.344
Castanheta	15	7	44	4.620
Tingui	14	26	32	11.648
Pau d'arco	46	64	94	276.736
Pau Jangada	9	185	25	41.625
Angelim	56	11	86	52.976
Pau amarelo	73	14	68	69.496
Inharé	58	1	57	3.306
Piqui	48	1	176	8.448
Timbaúba	98	9	146	129.872

Catalogou 200 espécies diferentes, entre elas algumas sem classificação científica, devido não ter o material completo para esse fim.

Depois dele ninguém mais procurou interessar-se sobre o assunto.

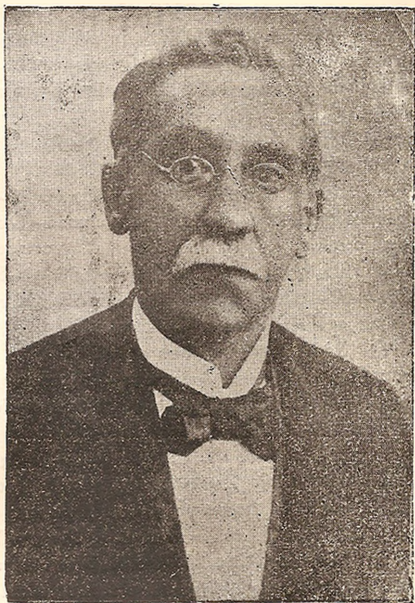
Foi mais além, procurou saber a altitude da serra do Araripe e assim é que se expressa. «Essa alteração topográfica — geológica formando esse vale achatado e largo é a unica irregularidade que se pode assinalar nesta enorme planura araripana sedimentário — arenítica cuja regularidade continua é tão pronunciada que entre o extremo cearense e o pernambucano há somente 0,73² ms. de diferença de altitude, acusando a orla cratense (Ladeira de Belmonte) 961,479 ms., e a extremidade da serra do lado pernambucano somente 962,209 ms.»

Crato, 26 de Abril de 1960.

HERMÓGENES MARTINS

NOTA: As notas acima foram colhidas no trabalho publicado no «BOLETIM» órgão da Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas, do Ministerio da Viação e Obras Publicas, volume 9 — Numero 1 — Ano de 1938 — Páginas: 65, 66, 67 e 69 e outros dados em páginas incertas.

O jornalista João Brígido dos Santos, fundador do «O ARARIPE», em 1855, o primeiro jornal do interior cearense editado, em Crato. Teve depois atuação



JOÃO BRÍGIDO DOS SANTOS

das maiores, na imprensa fortalezense. Foi o Patrono do Primeiro Congresso de Jornalistas do Interior Nordeste, patrocinado pelo Instituto Cultural do Cariri e conclave vencedor, em tôda a linha.

PARTICIPANTES DO PRIMEIRO CONGRESSO DE JORNALISTAS DO INTERIOR

- Jeremias Catunda —Diarios Associados—Ipueiras
 José Itamar Morais — “ “ —Campos Sales
 Julio M. Braga —O POVO—Iguatu
 Walter Menezes Barbosa—O POVO—Juazeiro do Norte
 Manoel Luis Fernandes—O POVO—Quixeramobim
 Acyro de Alencar—D. Associados—Barbalha, agora em Quixadá
 Raimundo Moura Sales—Tribuna do Ceará—Capistrano
 Nilo Alves de Oliveira—Diarios Associados—Aracoiaba
 José Gomes Junior—Diarios Associados—Cariús
 Augusto Fernandes de Oliveira—Diarios Associados—Itapipoca
 Rubens Linhares da Pácoa—Gazeta de Quixadá—Quixadá
 José Teúnas Ferreira de Andrade—Diarios Associados—Acarau
 Wellington Lobo de Mesquita—Diarios Associados—S. Quitêra
 José Dannyllson Teixeira—Diarios Associados—Trairi
 Felipe Humberto—Radio Iracema—Sobral
 Firmino Alves—Radio Iracema—Sobral
 José Gerardo Monte—Diarios Associados—Meruoca
 Djalma Tomás—Corresp. do Correio da Semana—Nova Russas
 Edmundo Soares Sá—Diarios Associados—Membraça
 Antonio Alcantara Nogueira—Diarios Associados—Iguatu
 Antonio Gomes da Penha—Diarios Associados—Pentecostes
 J. Ciro Saraiva—Diarios Associados—Quixeramobim
 F. de Assis Carvalho—Diarios Associados—Piquet Carneiro
 Luciano Maciel Mamoria—Diarios Associados—Acarape
 Francisco de Paiva Lima—Diarios Associados—Massapê
 Paulo de Melo Jorge—Diarios Associados—Tauá
 Almir Angelim—Radio Iracema—Sobral
 José Alves Ferreira—Santuário de S. Francisco—Canindê
 Pe. Antonio Vieira—O POVO—Icó
 Sebastião Regino—Diarios Associados—Viçosa
 Geraldo Menezes Barbosa—O Estado—Juazeiro do Norte
 Clérigo José Olavo Rodrigues—A Fortaleza
 Manoel Eduardo Bezerra—Iguatu
 Vicente Sales Gomes—Luta Trabalhista—Caucaia

Frassinetti B. Santos - Diarios Associados - Aurora
Comendador Ananias Arruda - A Verdade - Baturité

Como é natural—e como cidade-sede do conclave, Crato, foi quem compareceu ao mesmo com a maior delegação. Ei-la :

Dr. J. de Figueiredo Filho (O POVO) J. Lindemberg de Aquino (Radio Araripe) Celso Gomes de Matos (Diarios Associados) Dr. Quixadá Felicio (O POVO) João Mouzinho de Queiroz (O Estado) Pedro Gonçalves de Norões (Radio Educadora) Huberto Cabral (Radio Educadora do Cariri) Jurandir de Oliveira Nunes (ICC) Dr. José Newton Alves de Souza (A Ação) Jurandy Temotheo de Souza (O Ideal) Pe. Tiburcio Alves Grangeiro (A Ação) Pe. Irineu Lima Verde (A Ação) Francisco de Assis Leite (Almanaque do Cariri) Welington Alves de Souza (O Nacionalista)



A DIFUSÃO DAS COISAS DO CARIRI — O Instituto Cultural do Cariri constituiu-se em autêntico departamento de cultura e propaganda do vale, por aí afora, especialmente de Crato. Em suas fileiras aglomeram-se publicistas que disseminam notas, reportagens e crônicas na imprensa falada e escrita de Fortaleza, Recife, Rio e S. Paulo. Até a Agência *Transpress* é representada por membros do Instituto. O melhor, entretanto, é que nossa entidade custeia sêlos de correio e material para correspondência a todos os seus associados militantes na imprensa. Só isso é folha de serviço inestimável que prestamos a toda a região caririense, merecendo por isso as atenções das autoridades que dirigem as diversas comunas nesta importante zona do Ceará.



«ITAYTERA» — O escritor Mozart Soriano Aderaldo, da primeira linha dos intelectuais cearenses, em artigo no «UNITARIO», ao concluir a sua lisonjeira apreciação do quarto número da revista oficial do I.C.C., assim se expressou :

«Numa região em que, apesar de seus múltiplos aspectos positivas, enfrenta grandes dificuldades de outra ordem, «Itaytera» afigurara-se-nos um milagre. Um milagre de fé nos valores espirituais da humanidade, em época de tanto endeusamento da matéria. Um milagre de perseverança e persistência, em um mundo marcado pela improvisação e irresponsabilidade.»

A Família do Páu-Sêco

Antonio de Alencar Araripe

As informações genealogicas, que abaixo se veem, constam do arquivo que ha varios anos organizo com os subsidios necessarios para a elaboração de projetado livro sobre A FAMILIA ALENCAR.

1) Tronco originario

Pelos anos de 1.655 e 1.660 aportou em Sergipe um navio, que vinha de Portugal para o Brasil. Nesse navio passava uma familia, que na America vinha buscar fortuna.

Fazia parte da familia uma rapariga, da qual na viagem se agradou o capitão do navio, o qual regressou a Portugal e depois veio casar com a mesma, apenas ela se tornou nubil.

O novo casal estabeleceu-se em Sergipe, dedicando-se ao trabalho agricola, e teve cinco filhos: ANTÃO, JOSÉ, BEATRIZ, MARIA e IZABEL.

De IZABEL, casada em 1.680 com o portuguez Antonio de Oliveira, troncos conhecidos da familia do PAU-SÊCO, provieram cinco filhos: JOÃO, APOLONIA, DESIDERIA, LUIZA e BARBARA. (1)

2)

Por motivos ignorados a familia mudou-se de Sergipe para o rio São Francisco, acima da então vila de Penedo, na era de 1.698; vivia ainda o velho capitão de navio, já decrepito.

Ali morava a familia de Antonio de Oliveira, marido de Izabel.

Residia por esse tempo no Cariri um portuguez de nome José Pereira Aço, protegido de José Gomes de Moura, rico possuidor de toda a ribeira dos Carás, com suas vertentes até a serra do Araripe, morando êle no sitio Boqueirão, centro de suas terras, que de ribeira abaixo chegavam até Cabeça da Vaca.

Pelos serviços recebidos de José Pereira Aço, o possuidor destas terras lhe cedera na cabeceira da dita ribeira uma situação no lugar denominado CORRENTE GRANDE, de que o concessionario fez a sua residencia.

José Pereira Aço vivia de negocios, era conquistador de indios escravizados, e costumava dispor de seus generos mercan-

tis no Penedo, pois no Ceará era minimo o commercio, e nem estradas regulares existiam.

Em uma das suas excursões comerciais adoeceu, acontecendo ser tratado da molestia em casa de Antonio de Oliveira, genro do velho capitão de navio.

Restabelecido o enfermo, pediu em casamento uma das filhas do casal, e foi dada a de nome APOLONIA, cujo consorcio se realizou na vila de Penedo em 1.702.

3) Descendencia de Izabel e Antonio de Oliveira :

João não teve filhos. De Apolonia, casada com José Pereira Aço procede o Pe. José Ferreira Lima Sucupira, ordenado depois de viuvo.

De Desideria, casada com João Gonçalves Diniz, procede a familia do Pau-Sêco e a do coronel José Vitoriano Maciel. De Luzia faltam informações.

De Barbara Oliveira : Antonio de Leão da Franca Alencar, pai de Antonio da Franca Alencar e dos padres Antonio Pereira de Alencar e Joaquim Pereira de Alencar. (2)

4) Descendencia de Desideria Maria do Espirito Santo e João Gonçalves Diniz :

Tiveram quatro filhos: a) José Gonçalves Diniz, de quem procede a familia do Olho Dagua: b) Germana, mãe do cel. José Vitoriano Maciel, c) Tereza, casada com Alexandre Leite, o qual no momento de morrer declarou ser jesuita egresso, d) Maria José de Oliveira, casada em 1.758, na vila do Crato, com o portuguez José Cardoso Botelho, natural da cidade de Braga.

Maria José faleceu em 1.808, com mais de 80 anos, e José Cardoso Botelho finou-se em novembro de 1.809, com perto de cem anos de idade.

5) Descendencia de Maria José e José Cardozo Botelho :

a) José Cardozo, b) Manoel Cardozo, c) Antonio Cardozo, d) Maria, casada com Francisco Ferreira da Silva, e) Luiza, casada com Manoel Pereira Façanha, f) Helena, casada com Domingo Leite, g) Clemencia, casada com José Vitoriano Maciel, h) Tereza, falecida solteira, i) Francisca, falecida solteira, j) Desideria, casada com Joaquim Ferreira Lima, natural do Cariri, nomeado Capitão-Mor das entradas por patente do Governador de Pernambuco de 14 de janeiro de 1790, tendo exercido os

cargos de governador e procurador do Conselho da vila do Crato.

Desideria faleceu em junho de 1.838, com 78 anos de idade, e Joaquim Ferreira Lima em 1.813, com 56 anos, José Cardozo Botelho, depois de casado viveu no sitio Cabreiro por algum tempo, mas, em 1.785 passou-se para o sitio Pau-Seco; daí vem a denominação de família do Pau-Sêco dada aos seus descendentes.

6) Descendencia de Desideria Maria do Espirito Santo, casada com Joaquim Ferreira Lima :

- a) Manoel Ferreira Lima; (3)
- b) Joaquim Ferreira Lima, Sacerdote;
- c) João Franklim de Lima, casado com Maria Brasilina de Alencar; (4)
- d) Antonio Ferreira Lima;
- e) Vicente Amancio de Lima; (5)
- f) Maria, casada em 1.800 com Antonio de Macedo Pimentel, natural do Crato, e falecido em agosto de 1.848, com 76 anos de idade;
- g) Ana, casada com Tristão Gonçalves de Alencar Araripe;(6)
- h) Izabel, faleceu solteira em Fortaleza, a 17 de Fevereiro 1.897.

7) *Descendencia de João Franklim de Lima*, casado com Maria Brasilina de Alencar, ele falecido a 8 de junho de 1871, e ela a 12 de abril de 1874: (7)

- a) Candida, falecida ainda criança;
- b) Argentina, casada com Tristão de Alencar Araripe, ela falecida a 27 de janeiro 1904, e ele a 4 de julho de 1908; (8)
- c) Bolivia Franklim de Alencar Lima, casada com João Leonel de Alencar, faleceu sem descendencia;
- d) Liberalina Franklim de Alencar Lima, solteira;
- e) Cicero Franklim de Lima casado com Maria de Macedo Lima, ele falecido a 30/12/1906; (9)
- f) José Franklim de Alencar Lima, tratado por Zumba, casado com Etelvina Moreira de Alencar Lima, faleceu no Rio a 21/11/1901;

- g) Euclides Franklim de Alencar Lima, casada, em primeiras nupcias com Neutel Norston de Alencar Araripe, e em segundas com José Amancio de Lima, falecida em Rio Branco, Amazonas; (10)
- h) Maria Franklim de Alencar Lima (Maróca), casada com o dr. Praxedes Teodulo da Silva, natural do R. G. do Norte, ela faleceu em Pacatuba a 9/1/1897. (11)
- i) Tristão Franklim de Alencar Lima casado com Maria Nogueira Jaguaribe, sua prima, filha do Senador Visconde de Jaguaribe, no dia 2 / 2 / 1877; faleceu no Rio a 16/10/1905; (12)
- j) Ana Franklim de Alencar Nogueira, casada com Paulino Nogueira Borges da Fonseca (desembargador), falecida em Fortaleza a 21/5/1888. (13)

7)

Descendencia de Maria de Macedo Pimentel, casada em 1800 com Antonio de Macedo Pimentel:

- a) Marcos Antonio de Macedo, nascido a 18/6/1808, faleceu na Europa a 15/12/1872; (14)
- b) Antonio de Macedo;
- c) José Onorio de Macedo;
- d) João de Macedo Pimentel;
- e) Raimundo de Macedo;
- f) Joaquim de Macedo Pimentel casado com Maria Dorgival de Alencar Araripe, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, falecida a 31/12/1887. (15)

Ana Porcina de Lima, nascida a 16/2/1789, e falecida a 15/10/1874, casou-se com Tristão Gonçalves a 11/7/1810 no Crato, Tristão nasceu a 17/9/1789 e faleceu a 31/10/1824, quando foi assassinado pelos imperialistas.

(1)

A parte principal desses apontamentos genealogicos consta de apontamentos deixados por meu tio-avô, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, neto da heroína Barbara, jurisperito, parlamentar, presidente dos Estados do R. G. do Sul e do Pará, Ministro da Justiça e da Fazenda, no governo de Deodoro da Fonseca, e do Supremo Tribunal Federal, em que se aposentou.

(2)

Tambem era neto de Barbara de Oliveira, Francisco Leão da Franca Alencar, falecido a 12/6/1881, c. Com Maria

Leopoldina do Monte, de quem é filho o cel. Nelson da Franca Alencar, do Lameiro, e neto o sr. José Horacio Pequeno, atual prefeito de Crato. Antonio de Leão era casado com Inácia, irmã da heroína Barbara e bisavô do Almirante Alexandrino de Alencar.

Dessa linhagem procedem os doutores Meton (avô, pai e filho) e famílias.

(3)

Manoel Ferreira Lima, conhecido por Maninho, c. com Maria Alves Feitosa, neta do coronel Francisco Alves Feitosa.

De seu filho Vicente Alves de Lima, c. com Izabel Batista de Lima, filha de Antonio Romão Batista (tio do pe. Ciccero), procede Pedro Alves de Lima, avô do jornalista e escritor José Figueiredo Filho, autor do «Meu Mundo é uma Farmacia», «Engenhos de Rapaduras do Cariri», e outros trabalhos.

(4)

Maria Brazilina um dos doze filhos de Leonel Pereira de Alencar (Seu Dão) e Maria Xavier da Silva. Ele foi barbaramente assassinado em Jardim, a 28/9/1824, por uma orda de facinoras comandados por Antonio Francisco, procurador da camara. Em livro de notas do 1.º Cartorio daquela cidade encontram-se procurações em que ele é tratado por «Capitão Comandante», e a mulher, se bem que oriunda da familia Carvalho, tem o sobrenome acima indicado (fls. 46/, 133v, atos de 16/7/1817, e 29/1/1818). Entre os seus descendentes ilustres destaca-se OTTO Alencar, professor da Escolha de Engenharia, talento genial.

(5)

Vicente Amancio de Lima casou-se, a 1.a vez, com Tereza Augusta de Lima, com quem teve 11 filhos; a 2a. com Clara Vitoria de Macedo, que deixou 3 filhos.

No testamento, com que faleceu, confirma a paternidade acima indicada. (Ato de 13/9/1857). Seu filho, Ernesto, casou-se com Barbara da Franca Alencar, irmã do cel. Nelson, deixando numerosa familia, em maior parte residente em Santana do Cariri e Nova Olinda.

(6)

Ana Porcina, depois que seu marido foi barbaramente assassinado, a 31 de 1824, pelos asseclas dos imperialistas, em Santa Rosa, manteve-se em rigoroso luto e passou a assinar-se ANA TRISTE DE ARARIPE. Com o novo sobrenome figura no livro «Heroínas do Brasil», do marechal Carlos Augusto Campos.

Por decreto da Regencia, de 20/6/1833; foi-lhe concedida uma pensão anual de 400\$000, em vista «dos relevantes serviços prestados por seu marido, com singular patriotismo, a bem da liberdade e independencia do Imperio, em diferentes provincias, com total prejuizo da sua fazenda e ultimo sacrificio de sua pessoa».

(7)

A escritora Rachel de Queiroz pertence à familia Alencar, por duplo laço de origem. Sua mãe Clotides, é filha de Rufino Franklim de Lima, neta de Cicero Franklim de Lima, e bisneta de João Franklim de Lima e Maria Brasilina de Alencar. Como Cicero Franklim casou-se com Maria de Macedo Lima, filha de Maria Dorgival de Alencar Araripe, mulher de Joaquim de Macedo Pimentel, segue se que Rachel é tetraneta de João Franklim e quarta-neta de Tristão Gonçalves.

Descende de dois filhcs da heroína Barbara, sua quinta-avó: Leonel e Tristão.

(8)

Argentina nasceu em São José da Muritiba, do municipio de Cachoeira, da Bahia, onde seu pai estava refugiado, devido aos sucessos politicos de 1817. Casou-se com Tristão a 12-6-1847. Entre os filhos do casal, encontra-se o escritor e jurista Araripe Junior.

(9)

Cicero Franklim nasceu a 16/12/1832. João Brigido, em artigo inserto no UNITARIO de 2 de janeiro de 1.908, noticia seu falecimento referindo que, por bravura, voltou do Paraguai; como Alferes do Exercito que pertencia a «duas grandes e poderosas familias do sul do Ceará»; que era otimo engenheiro mecanico e exerceu muitos cargos de eleição e nomeação.

Conclui afirmando ser «um homem muito de bem: viveu e morreu em paz com sua consciencia». Deixou interessantissimos «A p o n t a m e n t o s Biograficos», a que brevemente darei publicidade.

10

Neutel é filho de Tristão Gonçalves e casou-se tres vezes: a 1a. com Umbelina de Lima Sucupira, a 2a. com Leopoldina de Lima Sucupira, e a 3a. com Euclides. Do 1º casamento procede Matildes Umbelina de Araripe Sucupira, professora publica, que meu pai, Otaviano Cicero de Alencar Araripe, desposou em primeiras nupcias; do 2º nomeiam-se; entre os descen-

dentes: o cel. Tristão Sucupira, morto em Canudos, a mulher do general Claudio Rocha Lima, o Gen. Tristão e o cel. aviador Adalberto Araripe, o gen. Mario Velasco, o desembargador Arnaldo de Alencar Araripe.

(11)

Filho do casal: Major Praxedes Teodulo da Silva Junior, que foi professor do Colegio Militar de Fortaleza.

(12)

O dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, que teve o titulo de Visconde de Jaguaribe, foi deputado, senador e Ministro de Estado no Imperio. Exerceu o cargo de Juiz de Direito de Crato, e casou-se com Clodes, filha de Leonel Pereira de Alencar, de Jardim.

(13)

Paulino Nogueira foi deputado geral, magistrado, historiador, homem dotado de exceptionais virtudes morais. Seu filho o engenheiro João Franklim de Alencar Nogueira seguiu a mesma admiravel linha de correção na vida publica e particular.

(14)

De Marcos Antonio de Macedo diz João Brigido, em artigo inserto no UNITARIO (ns. 938/939) que «foi um homem dos mais notaveis do Ceará, a cuja historia ligou seu nome com muito lustre». Foi Juiz de Direito de Crato e Vassoura, Deputado Geral pelo Piauí e Presidente dessa Provincia. Homem de ciencia e letras, deixou trabalhos publicados de notavel relevo, que ainda hoje são citados com proveito.

(15)

Desse casal ha descendencia numerosissima, a que pertencem, ou estão vinculados: o Brigadeiro Joelmir Campos de Araripe Macedo, seu irmão o Contra-Almirante Zilmar, o General Francisco Benevolo, seu genro desembargador Sales Andrade, o professor de engenharia Mario Verneck de Alencar, o Cel. José de Araripe Macedo, professor do Colegio Militar, o General Francisco de Araripe Macedo, os engenheiros architectos irmãos Ila, Rub e Luiz Schucler de Araripe Macedo.

ANA TRISTE

Outra heroica e veneranda figura de mulher é a de d. Ana de Alencar Araripe, esposa do bravo e legendario chefe da Confederação do Equador, no Estado do Ceará, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

Já em paginas anteriores fizemos o historico do que foi esse patriotico e admiravel movimento democratico de 1824, do qual resultou a proclamação immediata da chamada Confederação do Equador, que estabeleceu, embora efemeramente, a republica federativa na vasta zona do territorio brasileiro, occupada pelos atuais Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraiba, Rio Grande do Norte e Ceará, devendo estender-se mais tarde até ao extremo norte, bem assim ao centro e mesmo ao sul do Brasil, apesar das provincias desta ultima porção do nosso territorio terem aderido á dissolução da Assembléia Constituinte e jurado a Constituição outorgada por D. Pedro I.

O fim supremo da Confederação do Equador era formar o primeiro e principal nucleo de Estados federados, para firmar o novo regime e organizar a administração pública em geral, conseguindo-se logo a união dos cinco Estados já mencionados, tendo Pernambuco por centro com o governo constituido na sua capital, sob a presidencia de Manoel Carvalho Paes de Andrade, o heroico proclamador da Confederação. Obtido isso, o mais viria pouco a pouco, porque era preciso sustentar o movimento com as armas na mão, proseguindo-se na luta iniciada contra as tropas imperiais, que buscavam contrastar e sufocar os ideais republicanos, em via de realização pratica.

O brilhante movimento politico e social, qual é sabido, triumphou do primeiro golpe no Recife, onde se originára. Dai irradiou subitamente, como um rastilho de polvora, para as Alagoas, para a Paraiba, para o Rio Grande do Norte, para o Ceará.

Nesta ultima provincia foi ele patriotica e entusiasticamente abraçado por Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, por toda a sua familia e pela multidão de seus partidarios.

Alencar Araripe era então, talvez, o homem de maior destaque do Ceará, pelo seu character e suas grandes virtudes civicas. Cidadão qual pela sua ilimitada filantropia, pessoalmente bravo, energetico e decidido, fanatizava geralmente os conterraneos,

que ainda o amavam e se lhe devotavam incondicionalmente pelo seu rijo e intransigente espirito nativista, muitissimo apreciavel e louvavel sobretudo nessa época da formação de nossa nacionalidade, em que era forçoso e indispensavel abrasileirar inteiramente a patria, ainda sob os usos e costumes atrasadissimos dos colonizadores, dos portuguezes, os quaes, apesar de feita a Independencia, se consideravam—e quase o eram de facto—senhores absolutos da terra, dominando e enfeudando tudo discrecionalmente, entronados em todas as posições, especialmente nas politicas e administrativas...

Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, apenas teve noticia da proclamação da República em Pernambuco, a 2 de julho de 1824, poz-se corajosa e decisivamente à frente de seus partidarios e da maioria do povo cearense, depondo o governo provincial e sendo aclamado seu principal chefe.

Mas algumas forças imperiais foram enviadas imediatamente para o Ceará, afim de restabelecerem o regime monarchico. Urgente se tornou então preparar ali, por toda a parte, a resistencia. E Alencar Araripe não perdeu tempo, desenvolvendo a maxima atividade e energia nesse sentido.

Enquanto se demorava em Fortaleza a organizar o governo e a dar uma forma nova e democratica às coisas públicas, às finanças, fez partir para o interior, para o sertão, para as cidades e vilas mais importantes, os seus melhores auxiliares, a levantarem patriotas que pudessem sustentar a nova ordem de coisas e enfrentar firmemente a luta prestes a travar-se.

Em tudo isso teve a secundá-lo, a animá-lo e ampará-lo sempre afetiva e moralmente o espirito de d. Anna, a dedicada e incomparavel esposa, cuja energia, atividade, entusiasmo e denodo pela causa pareciam um perfeito desdobramento dos dele. Mas a sua intervenção no movimento não se limitava sómente a essa influencia, o que aliás já bastante significava e valia. Ela ia e foi muito mais longe, encarregando-se de certas missões de sigilo e confiança entre o marido e os sub chefes da revolução.

Para o desempenho cabal dessas missões, teve de deixar, por varias vezes, o lar, onde a sua presença era indispensavel e preciosa à familia, aos filhos, um dos quais amamentava ainda. Mas o seu ideal de patriotismo, de nativismo, de democracia, ela o superpunha a tudo—e marchava leguas a pé, sozinha, por invios e desertos caminhos, durante dias e noites, entre a Fortaleza e os locais onde se achavam as falanges republicanas. E não regressava nunca sem que houvesse cumprido plena e eficazmente a sua missão. Nessas ocasiões falava aos revolucionarios, exortando-os à luta, a cumprirem o seu dever, a darem a

vida pela Liberdade, pela Republica, pelo Brasil.

Quando o marido, depois de organizar a administração cearense e entrega-la a um de seus amigos e partidarios tido por homem firme e de confiança, o cidadão José Felix de Azevedo e Sá (que aliás mais tarde lamentavelmente defeccionou diante de Cochrane, que bloqueava por mar o Ceará) partiu a assumir o comando geral das forças republicanas e acudir a este e aquele ponto, onde a pugna o reclamava,—ela o acompanhou sempre, de perto ou de longe, conforme as circunstancias, encorajando-o, concitando-o incessantemente a manter «quand même» as posições e não ceder um passo ao imperialismo, ao absolutismo de Pedro I, senão quando a morte o fulminasse, e deixasse estendido no campo.

Dir-se-ia uma spartana.

Efetivamente, quando os combates com os imperialistas se pararam tremendos, irresistiveis, e já na capital, o presidente interino Azevedo e Sá, cedendo à intimação de Cochrane, mandava rearmar em palacio a bandeira monarchica, e, no Icó, José Pereira Filgueiras, em ultimo extremo, abatera armas as hostes monarchicas—Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, com os seus derradeiros e dedicados camaradas republicanos, resistia ainda, até que pereceu, com a maior parte deles e com a Confederação do Equador, no renhidismo e memoravel encontro de Santa Rosa...

D. Anna cobriu-se então de luto, entregando-se exclusivamente, daí por diante, ao culto da memoria do marido e à educação dos filhos, procurando e conseguindo reconstituir, no decorrer de alguns anos, pelo trabalho ingente e honesto o primitivo conforto do seu lar e uma parte dos haveres que a revolução lhe levava no seu medonho torvelinho.

Nunca mais, desde então até sua morte, tirou os pesados crepes do seu luto, nem nunca mais externou uma alegria. A sua face austera espiritualizara-se numa eterna expressão de tristeza e de dôr. Daí o significativo e merecido cognome de «Ana Triste», que lhe deu o povo, e pelo qual se tornou conhecida.

D. Anna de Alencar Araripe era mãe do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, que foi, muitas vezes, durante o segundo imperio, deputado geral pelo Ceará, presidente de varias provincias, entre as quais Pernambuco e Rio Grande do Sul—os grandes baluartes do espirito republicano no Brasil, desde os mais antigos tempos—ministro da Fazenda no governo do marechal Deodoro e ministro do Supremo Tribunal Federal, em

cujo cargo se aposentara, falecendo nesta capital, aos 82 anos de idade, em 1909.

A ilustre heroína era avó do eminente escritor Araripe Junior, membro da Academia Brasileira, que faleceu em 1912 no alto posto de consultor jurídico da Republica, e que foi um dos nossos maiores criticos literarios, tendo deixado sobre o assunto numerosissimas e valiosas obras.

(Do Livro «HEROINAS DO BRAScL»)

DO REITOR MARTINS FILHO AO PADRE GOMES

O historiador cratense Padre Antônio Gomes recebeu o seguinte telegrama:

Acuso recebimento exemplar «ITAYTERA» contendo seu magnifico trabalho sobre meus ancestrais et colaterais qual revela mais uma vez excepcionais qualidades emérito pesquisador e ressalta sua valiosa constante colaboração sentido divulgar fatos que contribuíram para formação social região sul cearense p agradecendo honrosas referencias minha pessoa envio condial abraço prezado eminente amigo pt MARTINS FILHO—Reitor.

AGROPECUÁRIA E DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE — O Prof. F. Alves de Andrade Catedrático de Iotecnia Espectral da Agronomia da Universidade do Ceará é dos agrónomos que mais trabalha para o alevantamento do nivel de cultura agricola e de pecuária, no Ceará. É professor de cadeira especializada, formando tecnicos em agricultura e sua brilhante pena consagra-se inteiramente à difusão do ensino moderno dos métodos de cultivo do solo e da criação, sob moldes racionais. Sabe êle que para o combate à calamidade das sêcas não precisamos unicamente de açudes. O homem é fator indispensável nessa luta gigantesca. Agora mesmo lançou «Agropecuária e Desenvolvimento do Nordeste.» É livro de ensinamentos, escrito por um perfeito didata. A obra, de mais de duzentas páginas, editada pela Imprensa Universitária do Ceará, é tambem enriquecida com fotografias expressivas e gráficos da região.

— Município Padrão —

Antônio C. Coelho

Crato bem pode ser um município «padrão», até mesmo para todo o território brasileiro.

Com os seus 984 quilômetros quadrados, as suas terras variadas oferecem boas condições para a agricultura e pecuária. Há zonas apropriadas à cultura de cana-de-açúcar, arroz e frutas em geral; existem outras que se prestam para o algodão, milho, feijão e mandioca. A pecuária pode ser praticada em qualquer parte do território. Além destes produtos considerados os principais, existem vários outros com influência na economia municipal: café, amendoim, côco da hahia, côco babaçú, macaúba, pequi, noqueira, cebola e alho. No reino mineral, já se conhece a existência, em larga escala, de gesso, xisto betuminoso, lages e pedras calcáreas, devendo haver outras importantes reservas minerais, sobretudo nas regiões de pés-de-serras. Talvez em todo o nordeste brasileiro não haja um outro município com a variedade de produtos agrícolas e diversidade de fontes de riqueza do Crato.

Se é assim o seu território, muito mais temos o que ver na sede municipal. A cidade cresceu de modo uniforme, num progresso ajustado em todos os seus aspectos. Desenvolveram-se o comércio e a indústria, mas, ao mesmo tempo, evoluíram a instrução — ao ponto de faculdades, o campo assistencial — ao nível de bons hospitais, maternidade e abrigos, a cultura intelectual — ao ponto de institutos de cultura, a imprensa — à altura de duas boas rádios emissoras, jornais e revistas, o setor diversional — através de excelentes clubes e cinemas e, finalmente, o plano material — com importantes edifícios e bonitos e elegantes bairros residenciais.

Difícilmente se encontra um município assim, sobretudo nas regiões norte, nordeste e leste do país. Mesmo lá para as bandas do sul, cujas terras são privilegiadas pela natureza e pela ação governamental, as cidades crescem vertiginosamente, deixando, porém, muito a desejar, ora no campo cultural, ora no setor social. No norte, o que as comunas têm é vastidão territorial. No nordeste, com exceção das capitais e de um reduzido número de umas cinco cidades interioranas, há muito é atraso.

Crato se apresenta com uma boa vastidão de terras produtivas e dadas, ao mesmo tempo em que a sua sede muni-

cial se constitui de uma importante cidade, progressista, simpática, hospitaleira e alegre, com agradáveis peculiaridades e características já conhecidas no Brasil inteiro. É um notável centro urbano, num magnífico território.

Crato é um Município Padrão.

* * *

A seguir, alguns informes estatísticos que atestam bem o grau de progresso desta boa terra :

POPULAÇÃO :		GADO ABATIDO PARA O CONSUMO PÚBLICO: (1960)	
Situação - Recenseamento 1950 - Recenseamento 1960		Espécie	Quantidade
Cidade	15.470 27.649	Reses	6.569
Vilas	1.312 1.659	Suínos	4.913
Zona rural	<u>29.626</u> <u>30.156</u>	Ovínos	651
Total	46.408 59.464	Caprínos	1.478

RENDAS PÚBLICAS EM 1958./1960:			
Repartição	1958 (Cr\$)	1959 (Cr\$)	1960 (Cr\$)
Prefeit. Municipal	9.490.887,50	14.668.147,20	19.645.242,90
Coletoria Estadual	23.898.524,00	31.614.753,50	54.605.541,00
Coletoria Federal	4.388.966,20	9.693.576,70	14.020.204,40

ENSINO E EDUCAÇÃO 1961 :			
Espécie do Estabelecimento	Quantidade	Estudantes	Quantidade
Colégios e ginásios	5	No ensino primário	7.816
Escola de Comércio	1	No ensino médio	1.823
Seminários (ens. religioso)	2	No ensino superior	47
Escolas Domésticas	3	TOTAL	<u>9.686</u>
Escolas de Datilografia	3		
Grupos Escolares	5		
Escolas Primárias Isoladas	240		
Liceu de Artes e Ofícios	1		
Instituto Brasil-E. Unidos	1		
FACULDADES	2		

ÍNDICE

Foram Múltiplas as Atividades do Instituto Cultural do Cariri, nos Últimos Mêses	Pag.	3
Mitos e Realidades		
Pe. Antonio Gomes de Araújo	«	7
Nossa Senhora da Penha de França		
Pe. Rubens Lóssio	«	17
Congresso Pioneiro		
Duarte Junior	«	69
Fomento ao Turismo no Cariri		
J. Lindemberg de Aquino	«	79
O Padre Vicente Soter		
Celso Gomes de Matos	«	83
Padre Mestre Ibiapina		
Mons. Silvano de Souza	«	89
Correção de Equívocos		
A. A.	«	111
Senador Alencar		
Antônio de Alencar Araripe	«	113
Da Significação de Brasília		
Fco. Givaldo Peixoto de Carvalho	«	117
D. Vicente, Escolhido Terceiro Bispo de Crato		
J. de Figueiredo Filho	«	123
Em que Pese o Estigma... Eles Construíram e Conservaram Imperecível Monumento		
Cel. Raimundo Teles Pinheiro	«	126
O Nordeste e o Oriente Médio		
Herminio Conde	«	129
Minha Bandêja é Fria		
Quixadá Felício	«	141
Poemas		
José Newton Alves de Sousa	«	143
O Sentimento Nativista e a Independência		
Jurandy Temoteo	«	147

Jornada Final	Luiz Sampson	Pag. 150
A Universidade Que Mais Cresce no Brasil	F. S. Nascimento	« 151
Trovas	José Alves de Figueiredo	« 157
Um Túmulo Que Se Abre Sôbre a História	Joaquim Pimenta	« 161
Encaste de Duas Pérolas	José de Moraes Holanda	« 169
Engenhos de Rapadura do Cariri	Mauro Mota	« 171
Fato Inedito na Vida Política do Cariri	Otacilio Anselmo	« 175
Nomes de Algumas Arvores nos Taboleiros e na Serra do Araripe	Hermógenes Martnis	« 181
A Família do Pau-Sêco	Alencar Araripe	« 190
Ana Triste	(Transcrição)	« 197
Município Padrão	Antônio C. Coelho	« 201



Composta e impressa
na
Tipografia de «A Ação»





BANCO DO CARIRI S. A.

Praça Siqueira Campos, N. 2

Prefira, para todas as suas operações bancárias,
esta antiga e tradicional instituição de crédito.

BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

(SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA)

Rua Dr. João Pessoa S/N.

CRATO — CEARÁ

CAPITAL Cr\$ 5.192.900,00

RESERVAS Cr\$ 2.022.286,20

Operações de Crédito Ativo

Empréstimos populares avalizados, Descontos de notas promissórias, de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas. etc.

Empréstimos agrícolas,—financiamentos de entre-safra

Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES.

DEPÓSITOS POPULARES.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO.

Operações Acessórias

Cobranças de conta alheia

Transferências de fundo.

Ordens de pagamentos etc.